

RAYMOND WILLIAMS

O CAMPO E A CIDADE
NA HISTÓRIA E NA LITERATURA

Tradução:
PAULO HENRIQUES BRITTO



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © Raymond Williams 1973
Published by arrangement with Chatto & Windus Ltd., London
Proibida a venda em Portugal

Título original:
The country and the city
Publicado pela Chatto & Windus, Londres, 1973,
e The Hogarth Press, Londres, 1985

Capa:
Ettore Bottini
Sobre *O campo de trigo* (datado 1826),
de John Constable, e no detalhe
o Palácio do Parlamento, Londres

Preparação dos originais:
Mário Vilela

Índice remissivo:
Elvira da Rocha

Revisão:
Denise Santos
Eliana Antonioli

1989

Editora Schwarcz Ltda.
Rua Tupi, 522
01233 — São Paulo — SP
Fones: (011) 825-5286 e 66-4667

SUMÁRIO

Agradecimentos	9
1 Campo e cidade	11
2 Um problema de perspectiva	21
3 Bucólico e antibucólico	27
4 Idades do Ouro	56
5 Cidade e campo	69
6 Assim escolhem seu próprio destino	80
7 A ética do melhoramento	88
8 Os fios da Natureza	97
9 Criado para ser lavrador	124
10 Cercamentos, terras comunais e comunidades	137
11 Três escritores da região de Farnham	152
12 Vistas agradáveis	167
13 A linguagem verde	177
14 Transformações na cidade	199
15 Gente da cidade	214
16 Comunidades cognoscíveis	228
17 O campo em segundo plano	249
18 Wessex e a fronteira	269
19 Cidades de trevas e de luz	291
20 A figura humana na cidade	314

21 O homem do campo de hoje	334
22 De novo a fronteira	356
23 A cidade e o futuro	366
24 A nova metrópole	374
25 Cidades e campos	387
Apêndice	411
Referências	413
Bibliografia seleta	427
Índice remissivo	435

GENTE DA CIDADE

A cidade de Dickens era Londres, e Londres, como já vimos, embora dominasse tanto o desenvolvimento nacional quanto o urbano, era sob muitos aspectos excepcional: e estes aspectos têm muito a ver com a forma específica de realização artística de Dickens. Quando contemplava o outro tipo de cidade, mais novo ainda — o centro industrial de Coketown (Preston), em *Hard times* —, ele fazia uma observação enfática mais simples e mais retórica. Coketown era um “triunfo do real”; nela não se via nada “que não fosse estritamente funcional”. Era

uma cidade de tijolos vermelhos, ou que seriam vermelhos se a fumaça e as cinzas o permitissem; tal como era, porém, a cidade tinha tonalidades artificiais de vermelho e preto que lembravam um rosto pintado de selvagem.

Dentro desta visão, a cidade era uniforme em suas paisagens humana e física:

Continha algumas ruas grandes, todas muito parecidas, e muitas ruas pequenas, ainda mais parecidas, habitadas por pessoas igualmente parecidas, que chegavam e saíam todas nas mesmas horas, fazendo o mesmo som nas mesmas calçadas, para fazer o mesmo trabalho, e para quem todos os dias eram iguais à véspera e ao dia seguinte, e todos os anos eram a imagem do ano anterior e do subsequente.¹

Porém, adequada ou não, esta visão uniforme de uma ordem industrial nova e antinatural contradizia implicitamente a maneira característica de Dickens ver as pessoas e seus atos. De fato, tal perspectiva é tacitamente abandonada em *Hard times*, em todo o resto do livro, pois os personagens claramente não são “igualmente parecidos”; são justamente as diferenças e contrastes acentuados

entre eles que terminam constituindo o fator organizador decisivo do romance.

Esta contradição nos traz à mente a confusão que se fazia na época de Dickens — e continuou a se fazer depois — entre a idéia de cidade e a idéia de indústria. A identificação entre elas, cuja base social era a existência das novas cidades industriais, era sob certos aspectos importantes enganadora, tanto em termos gerais quanto, especificamente, para se compreender Dickens. Ele era capaz de repudiar e denunciar Coketown, mas seu envolvimento com a experiência urbana, no sentido mais integral, se dava com Londres, uma realidade muito diversa, e era para Londres que seu interesse e seus talentos estavam realmente voltados.

Pois uma cidade como Londres, conforme já vimos, não podia ser captada com facilidade num gesto retórico de uniformidade repressiva. Pelo contrário, a heterogeneidade, a variedade e a aglomeração, a movimentação aleatória, eram seus aspectos mais evidentes, especialmente quando vista de dentro.

É verdade que, em última análise, essa realidade heterogênea e aleatória continha um sistema: um sistema negativo de indiferença; um sistema positivo de diferenciação, em termos de direito, poder e controle financeiro. Mas o que caracterizava Londres — capital de uma economia e uma sociedade complexas, nacionais e transnacionais — era o fato de que essa realidade não se evidenciava fisicamente de modo direto. A ordem e o sistema de Coketown, mesmo após descontados os exageros retóricos da descrição, estavam realmente bem visíveis em sua superfície. As ruas e casas, construídas num período curto de expansão acelerada em torno do que até recentemente fora uma aldeia ou um pequeno centro comercial, eram sistematizadas e uniformizadas de modo muito diferente do que se via na maioria dos bairros da Londres dos tempos de Dickens. As novas cidades industriais organizavam-se em torno dos lugares de trabalho — normalmente uma espécie única de trabalho —, uma situação que jamais existira nem viria a existir em Londres. Assim, embora Dickens fosse afetado pelas imagens gerais da cidade como uma nova espécie de ordem social, e no caso de Coketown e alguns outros, de importância reduzida, em outras obras suas, realizasse projeções diretas dessa imagem, sua reação à nova experiência urbana era basicamente mais diversificada e, a meu ver, mais arguta. Sob este aspecto, Dickens está bem mais próximo da visão de Blake e da de Wordsworth do que das visões posteriores, mais globalizantes, que surgiram a partir de 1870. Mas o que ele

viu, e o que aprendeu a incorporar a um novo tipo de romance, atingiu o âmago do problema. Pois o que Londres tinha a mostrar, mais fundamentalmente, até mesmo para a experiência moderna, do que as cidades uniformes do início da Revolução Industrial, era uma contradição, um paradoxo: a coexistência entre, de um lado, a variação e a aleatoriedade aparente e, de outro, algo que, em última análise tinha de ser visto como um sistema determinante — os fatos individuais visíveis, mas, para além deles, muitas vezes ocultos, a situação e o destino comuns.

A criação do novo romance dickensiano — uma realização criadora que teve muitas hesitações no início, sofreu muitos deslizamentos, mas terminou revelando-se decisiva — pode ser diretamente relacionada ao que deve-se ver como uma dupla situação: o aleatório e o sistemático, o visível e o oculto, aquilo que constitui o verdadeiro significado da cidade e, especialmente nesse período da capital, enquanto forma social dominante.

Assim, a essência da visão dickensiana de Londres não pode ser ilustrada por dados topográficos nem exemplos locais. Ela reside na forma de seus romances: no tipo de narrativa, no método de caracterização, na facilidade de tipificação. Tanto faz dizer uma coisa ou seu oposto: a experiência da cidade é o método da ficção; o método da ficção é a experiência da cidade. O importante é que a visão — e não se trata de uma visão única, e sim de uma dramatização contínua — é a forma da escritura.

Isto pode ser demonstrado primeiramente de um modo decisivo. Quando relembramos um romance de Dickens, o movimento geral que nos vem à mente — o movimento característico — é um fluxo apressado, aparentemente aleatório, de homens e mulheres, cada um dizendo uma determinada frase fixa, sendo visto numa expressão fixa: uma maneira da rua de ver homens e mulheres. No princípio, sente-se falta do tipo de conexão e exposição que se espera encontrar. Essas pessoas não chegam exatamente a se relacionar, porém passam umas pelas outras e às vezes se chocam. Também não é frequente que conversem de modo normal. Elas apenas dirigem palavras a outras pessoas, ou nem isso, preocupadas acima de tudo em definir através das palavras a própria identidade e realidade; em autodescrições fixas, as personagens falam alto e com ênfase, para serem ouvidas em meio a outras vozes semelhantes. Contudo, à medida que a ação se desenrola, relacionamentos desconhecidos e não reconhecidos, conexões profundas e decisivas, admissões e reconhecimentos explícitos e comprometedores são, por

assim dizer, impostos à força à consciência. São esses os relacionamentos e conexões reais e inevitáveis, os reconhecimentos e admissões necessários em qualquer sociedade humana. Mas são de um tipo que é obscurecido, complicado, mistificado pela pressa, pelo barulho, pela heterogeneidade dessa nova e complexa ordem social.

Essa criação da consciência — de reconhecimentos e relacionamentos — pode, portanto, ser encarada como o objetivo da ficção madura de Dickens. A necessidade dessa criação ocupa uma posição central na visão social e pessoal do autor:

Quem dera uma alma boa arrancasse os telhados das casas, com mão mais forte e benigna que a do demônio manco da lenda, e revelasse a uma gente cristã as formas sombrias que emanam de seus lares, para aumentar as legiões do Anjo Destruidor que caminha entre eles. Quem dera tornarem-se visíveis, ainda que por uma noite apenas, os espectros pálidos que se elevam dos cenários de nossa negligência prolongada, e do ar espesso e pesado onde o Vício e a Febre propagam-se juntos, chovendo as tremendas punições sociais que não param de cair em grandes bategas, cada vez mais. Bendita e luminosa a manhã que raiaria após esta noite; pois os homens, não mais entravados por obstáculos de sua própria feitura, que não passam de grãos de poeira no caminho que os leva à eternidade, então se entregariam, como criaturas de origem comum, devendo a mesma obrigação ao Pai de uma mesma família e aspirando a um mesmo fim, à tarefa de fazer deste mundo um lugar melhor. Não menos bendito e luminoso seria este dia para despertar aqueles que jamais contemplaram o mundo de existências humanas a sua volta para a consciência de sua própria relação para com ele, e torná-los cientes de uma perversão da natureza em suas simpatias e juízos, tão grande, e no entanto tão natural em seu desenvolvimento, uma vez iniciada, quanto a mais vil degradação que se conhece. Porém um dia assim jamais raiara para o sr. Dombey e sua mulher, e o caminho de cada um deles estava traçado.²

Esta mão forte e benigna, que levanta os telhados das casas e mostra as formas e espectros que emanam da negligência e da indiferença; que limpa o ar para que as pessoas possam ver e reconhecer umas as outras, vencendo aquela contração da solidariedade humana que vai contra a natureza, esta mão é a mão do romancista — é Dickens que vê a si próprio. É significativo que este trecho apareça no contexto de uma descrição da cidade, no capítulo 47 de *Dombey and son*. O autor está descrevendo, com a imagem de uma nuvem escura e densa que paira sobre a cidade, as consequên-

cias humanas e morais de uma sociedade indiferente e "antinatural". É uma imagem à qual ele recorre com frequência: a obscuridade, a escuridão, a névoa que não nos deixa ver uns aos outros com clareza, nem enxergar as relações que há entre nós próprios e nossos atos, nós próprios e os outros.

Pois este é o outro aspecto da originalidade de Dickens. Ele consegue dramatizar as instituições sociais e suas conseqüências que não se revelam à observação física comum. Ele as toma e as apresenta como se fossem pessoas ou fenômenos naturais. Às vezes como a nuvem negra ou a neblina em meio à qual as pessoas andam tateantes, umas procurando outras. Às vezes como o Departamento de Circunlóquios, ou o Pátio da Comiseração, onde uma forma de vida ganha corpo físico. Às vezes como se fossem personagens humanos, como as Ações em *Our mutual friend* e, naturalmente, as Grandes Esperanças. O sistema judiciário, o serviço público, a bolsa de valores, as instituições financeiras, os estabelecimentos comerciais se revelam, desse modo, as forças "impessoais" — as forças humanas alienadas — que de fato são.

Essa visão está ligada à prática dickensiana de dar aos personagens nomes que evoquem sua dimensão moral: Gradgrind, McChoakumchild, Merdle. Mas está ligada também, de uma maneira menos óbvia, a um tipo de observação que, mais uma vez, tem a ver com a cidade: a percepção, pode-se dizer, de que os habitantes mais visíveis das cidades são os prédios e que há ao mesmo tempo uma conexão e uma confusão entre as formas e aparências dos prédios e as formas e aparências das pessoas que neles vivem.

Veja-se esta passagem de *Little Dorrit*:

Sobre esse digno solar, o solar dos Merdle em Harley Street, Cavendish Square, não se projetava nenhuma sombra que não fosse de solares igualmente dignos do outro lado da rua. Como pessoas de linhagem irreprochável, as fileiras de casas que se defrontavam em Harley Street eram muito severas umas com as outras. De fato, as mansões e seus habitantes eram tão semelhantes quanto a este aspecto que as pessoas muitas vezes se emperdigavam em lados opostos das mesas de jantar, à sombra de sua própria magnificência, olhando para a frente com o mesmo ar enfatiado das casas.

Todos sabem como se assemelham à rua essas fileiras de comensais que nela se alinham. As vinte casas uniformes, sem expressão, a cujas portas se bate da mesma forma, às quais se tem acesso por idênticas escadinhas insossas, todas cercadas por

grades do mesmo desenho, com as mesmas escadas de incêndio impraticáveis, as mesmas instalações inconvenientes, e tudo, sem exceção, a ser altamente estimado — quem nunca jantou com gente assim? A casa terrivelmente necessitada de uma reforma, uma ou outra janela saliente, a casa revestida de estuque, a casa de fachada recém-reformada, a casa de esquina em que todos os cômodos são angulosos, a casa em que os estores das janelas estão sempre baixados, a casa onde há sempre um brasão de pessoa recém-falecida exibido na fachada, a casa onde o cobrador foi trocar dois dedos de prosa e não encontrou ninguém em casa — quem nunca jantou com gente assim?

A casa que ninguém quer, que pode ser comprada por uma pechincha — quem não a conhece? A casa ostentosa que foi alugada por toda a vida pelo cavalheiro desapontado, que é totalmente inadequada para ele — quem não conhece essa habitação mal-assombrada? ³

Temos aqui uma descrição formal que leva às últimas conseqüências a analogia entre casas e pessoas, terminando com humor. Porém esta analogia reaparece em contextos mais particularizantes, nos quais a casa e a vida que se leva dentro dela são indistinguíveis (o trecho abaixo também é de *Little Dorrit*):

A velha casa debilitada na cidade, envolta em seu manto de fuligem, pesadamente apoiada nas muletas que estavam tão decrepitas e gastas quanto ela, jamais conhecera um momento de saúde ou alegria, acontecesse o que acontecesse. Naquele lugar melancólico encontravam-se chuva, granizo, geada e gelo derretido depois de já terem desaparecido dos outros lugares; e, quanto à neve, ela permanecia por lá durante semanas, muito tempo após ter seu tom amarelado se transformado em negro, lentamente esvaindo-se em lágrimas sujas. Nada mais permanecia ali por muito tempo. Os ruídos da rua, que apenas passavam pelo portão e logo saíam no instante seguinte, faziam com que a sra. Affery tivesse a impressão de que estava surda e só recobrava a audição por lampejos momentâneos. O mesmo se dava com os assobios, as cantorias, as conversas, os risos e todos os sons humanos agradáveis: saltavam por cima daquele vácuo por um instante e logo se iam. ⁴

Mais um exemplo:

Já era verão; era uma tarde cinzenta, quente, poeirenta. Foram até o início de Oxford Street, e, lá saltando, mergulharam nas grandes ruas imponentes e melancólicas, e as ruazinhas que tentam ser tão imponentes quanto aquelas, mas só conseguem ficar

mais melancólicas que elas; há um verdadeiro labirinto dessas ruazinhas perto de Park Lane. Uma selva de casas de esquina, com pórticos e apêndices bárbaros, monstruosidades criadas por alguma pessoa equivocada numa época equivocada, ainda exigindo a admiração cega de todas as gerações subsequentes e decididas a continuar a fazê-lo até desmoronarem, contemplavam carrancudas o crepúsculo. Casinhas parasitas, transidas de câimbras, enfileiradas nas colinas, entristeciam a tarde. Moradias frágeis, de requinte inquestionável, porém pequenas demais para nelas caber com conforto algo mais que um cheiro ruim, pareciam o produto final de muitas gerações de endogamia entre as grandes mansões; e, com seus arcos e sacadas suplementares sustentados por finas colunas de ferro, pareciam apoiar-se, escrofulosas, em muletas. Aqui e ali um brasão de pessoa recém-falecida, com toda a ciência da heráldica nele estampada, contemplava a rua, como um arcebispo fazendo um sermão sobre a vaidade. As lojas, que eram poucas, não esboçavam nenhuma ostentação, pois eram de todo indiferentes à opinião das gentes.⁵

Este método é realmente notável. Naturalmente, baseia-se em certas propriedades do idioma: percepções de relações entre pessoas e coisas. Mas em Dickens ele tem uma importância crucial. É uma maneira consciente de ver e mostrar. A cidade aparece ao mesmo tempo como fato social e paisagem humana. O que é dramatizado nela é uma estrutura de sentimentos muito complexa. Assim, Dickens exhibe uma reação emocional à multiplicidade de movimentos e cores do comércio de rua:

Os escritórios do sr. Dombey ficavam numa praça onde existia na esquina, ali instalada havia muito tempo, uma barraca de frutas seletas: onde perambulavam vendedores de ambos os sexos, oferecendo, a qualquer hora das dez às cinco, chinelas, carteiras, esponjas, coleiras para cães, sabonetes e, de vez em quando, um *pointer* ou um quadro a óleo.

O *pointer* vinha sempre tendo em vista a Bolsa de Valores, onde a mania das apostas (que começou com apostas de chapéus novos) anda muito em voga.⁶

É característico que, quando o sr. Dombey chega, nenhuma dessas mercadorias lhe é oferecida. O tipo de comércio que ele pratica, que se reflete em sua casa — sua “sede” —, é mais frio, mais estabelecido, mais distante; e então evidencia-se outro aspecto da cidade:

A casa do sr. Dombey era grande, situada no lado onde não batia sol de uma rua alta, escura, terrivelmente elegante, naquela

região entre Portland Place e Bryanstone Square. Era uma casa de esquina, com grandes áreas contendo porões, que enfrentavam a desaprovação de carrancudas janelas trancadas e o olhar debochado de portas vesgas dando para latas de lixo. Era uma casa de uma imponência sombria, de fundos circulares, com uma série de salas de estar que davam para um pátio de cascalho, onde duas árvores macilentas, de troncos e galhos enegrecidos, rangiam mais do que farfalhavam, tão secas estavam suas folhas devido à fumaça. O sol estival jamais batia na rua senão pela manhã, por volta da hora do desjejum, chegando junto com o aguadeiro, o belchior, os vendedores de gerânios, o consertador de guarda-chuvas e o homem que fazia soar o sininho do relógio holandês enquanto caminhava. Logo desaparecia, para não voltar mais até o dia seguinte; e as bandas de música e os espetáculos de marionetes que as seguiam a deixavam entregues ao mais melancólico dos realejos e aos camundongos brancos; havendo de vez em quando um porco-espinho, para variar; até que os mordomos das famílias que estavam jantando fora começavam a aparecer às portas das casas, no crepúsculo, e o acendedor de lâmpões fracassava, como ocorria todas as noites, em sua tentativa de alegrar a rua com a luz de gás. A casa era tão inexpressiva por dentro quanto era por fora.⁷

O contraste entre a residência sombria e a animação heterogênea da rua é bem claro. Mais uma vez, há uma troca de características entre casas e pessoas:

porões, que enfrentavam a desaprovação das carrancudas janelas trancadas e o olhar debochado de portas vesgas.

Esta transposição de detalhes pode então ser extrapolada — mais uma vez, com uma certa base na tradição — a uma visão da cidade como um animal destruidor, um monstro, que transcende por completo a escala do indivíduo humano:

Ela muitas vezes contemplava com pena, nesses momentos, os viandantes que chegavam a Londres, pela estrada real ali perto, e que, cansados, de pés doloridos, e olhando com temor para a enorme cidade a sua frente, como se anteverassem que ali sua infelicidade seria apenas uma gota d'água no oceano, ou um grão de areia na praia, seguiam em frente encolhidos, protegendo-se da inclemência do tempo, com rostos de quem se sente rejeitado até pelos elementos naturais. Dia após dia passavam viajantes assim, pé ante pé, porém — pensou ela — iam sempre na mesma direção — sempre em direção à cidade. Engolidos por um ou outro trecho daquela imensidão, rumo à qual parecem ser impe-

lidos por um fascínio desesperado, jamais voltavam. Pasto dos hospitais, cemitérios, prisões, rios, febre, loucura, vícios e a morte — eles seguiam em direção ao monstro que rugia ao longe, e se perdiam.⁸

Esta é uma visão possível: a visão totalizadora e retórica de quem está de fora. Dickens, no entanto, caminha com mais confiança ainda nas próprias ruas: mergulhando naquela vivência das ruas — das multidões de desconhecidos — com a qual muitos de nós agora já estamos acostumados, mas que Blake e Wordsworth vêem como algo estranho e ameaçador. Dickens recria e amplia essa experiência, numa nova gama de sentimentos, quando Florence Dombey foge da casa escura do pai:

A alegre perspectiva da rua longa, engalanada de luz matinal, a amplidão do céu azul com nuvens etéreas, o frescor vigoroso do dia, tão róseo e corado com a conquista da noite — nada despertava qualquer sentimento em seu peito magoado. Algum lugar, qualquer lugar, onde pudesse esconder o rosto! Algum lugar, qualquer lugar, para lhe servir de refúgio, de onde ela nunca mais voltasse a ver a casa da qual fugira!

Mas havia gente indo de um lado para o outro; havia lojas abrindo e criados parados às portas das casas; ouviram-se os ruídos discordantes, cada vez mais altos, da luta do dia. Florence via surpresa e curiosidade nos rostos que por ela passavam rapidamente; via sombras alongadas voltando pela calçada; e ouvia vozes que lhe eram estranhas a perguntar-lhe onde ela ia, o que acontecera; e, embora essas vozes de início aumentassem seu medo mais ainda, elas tiveram o efeito positivo de fazê-la cair em si até certo ponto, tornando-a consciente da necessidade de manter a compostura.

Aonde ir? Sempre a algum lugar, qualquer lugar! sempre adiante; mas aonde? Pensou na única vez anterior em que se vira perdida na grande selva de Londres — se bem que não tão perdida quanto agora — e seguiu naquela direção.⁹

Esta rua da cidade é vista de maneiras muito específicas. É um lugar de atividades cotidianas, que em si não chega a ser assustador, mas o efeito geral de seus componentes é o de uma “grande selva”. É um lugar tão difícil de enfrentar quanto a “casa fechada” de Florence. Porém uma nota diferente se faz ouvir: um efeito físico que é também uma fato social, visto com nitidez: o mesmo fato social em oposição ao qual Dickens faz constantes tentativas de reconhecimento e generosidade:

os ruídos discordantes, cada vez mais altos, da luta do dia.

O único companheiro que ela encontra é seu cão, e Florence segue com ele:

Com esse último seguidor, Florence foi seguindo depressa, pela manhã cada vez mais clara, com o sol cada vez mais forte, em direção à City. O ruído aumentava, os passageiros tornavam-se mais numerosos, as lojas mais cheias, até que ela se deixou levar por uma correnteza de gente que seguia naquela direção e fluía, indiferente, passando por mercados e mansões, prisões, igrejas, feiras, riqueza, pobreza, bem e mal, como o rio largo que corria paralelamente a ela, despertado de seus sonhos de juncos, salgueiros e musgo verde, e seguindo, turvo e turbulento, entre os trabalhos e cuidados humanos, rumo ao mar profundo.¹⁰

Aqui, o que se salienta não é apenas o ruído, a atividade cotidiana; não é apenas a heterogeneidade — “prisões, igrejas” —, mas sim, em meio a tudo isso, a indiferença, no sentido geral de ausência de vontade:

uma correnteza de gente que seguia naquela direção e fluía, indiferente.

Mais uma vez, não se trata de uma questão de atos ou personagens específicos. É um fenômeno geral — uma correnteza, uma forma de vida. É nela que mergulham Arthur Clennam e sua mulher, em *Little Dorrit*, tendo descoberto, dolorosamente, uma ligação humana precária; mas mesmo assim inviolável:

Desceram silenciosos para a rua barulhenta, inseparáveis e abençoados; e, enquanto passavam pelo sol ou pela sombra, os barulhentos, os ansiosos, os arrogantes, os teimosos e os vaidosos impacientavam-se, e esperneavam, e faziam sua barulheira de sempre.¹¹

As qualidades morais individuais, ainda vistas com nitidez, são ouvidas como que coletivamente, na “rua barulhenta”. Trata-se de um ganho de consciência que se manifesta diretamente como uma mudança de método ficcional.

Pois temos de relacionar essa visão não apenas com a descrição — a descrição animada — mas também com o poder de dramatizar um mundo social e moral em termos físicos. Em Dickens, o mundo físico jamais está desligado do homem. É o homem que o cria, que o fabrica, que o interpreta. Por isso é tão importante a forma que ele lhe dá.

Neste aspecto, o método de Dickens está intimamente relacionado a sua época histórica. Foi justamente por causa dessa capacidade de refazer o mundo, do processo que resumimos com o termo "Revolução Industrial", que os homens chegaram a essa crise de escolha, da forma humana que deveria estar por trás da criação física. Num extremo, Dickens é capaz de encarar essa situação com humor:

A Terra existia para Dombey & Filho nela negociarem, e o sol e a lua existiam para lhes fornecerem luz. Os rios e mares foram criados para serem singrados por seus navios; os arco-íris davam-lhes a promessa de tempo bom; os ventos sopravam contra ou a favor de seus empreendimentos; as estrelas e os planetas moviam-se em suas órbitas para preservar a inviolabilidade de um sistema cujo centro eram eles.¹²

Neste trecho, Dickens está zombando de uma autoconfiança típica de comerciantes, mas de forma alguma o faz em nome da preservação da natureza intata. Trata-se, na verdade, de uma maneira de ver o tipo de sistema que é imposto, que é *tornado* central. É ressaltada, precisamente, por outros tipos de existência física e confiança em que os homens constroem seus próprios mundos, levando-os consigo em meio ao barulho e à multidão. A questão é apenas a ambigüidade do poder — o poder de criar mundos novos. Há também uma escolha: a escolha da forma humana no novo meio social e físico. Ou então pode haver uma escolha — *podemos* estar em condição de escolher — se virmos, física e moralmente, o que está acontecendo com as pessoas nessa época de transformações sem precedentes:

O primeiro choque de um grande terremoto tinha, justamente nessa época, rasgado todo o bairro, até o centro. Havia sinais de sua trajetória por toda parte. Casas estavam derrubadas; ruas interrompidas; buracos e valas profundas escavadas no chão; enormes montes de terra e lama acumulados; prédios abalados, trêmulos, apoiados em grandes vigas de madeira. Aqui, um caos de carros, revirados e amontoados ao pé de uma ladeira anormalmente íngreme; ali, um tesouro confuso de ferro criando ferrugem no fundo de algo que se transformara em poça d'água por acidente. Para todos os lados viam-se pontes que não levavam a lugar algum; avenidas completamente intransitáveis; torres de Babel de chaminés amputadas pela metade; casas e abrigos improvisados de madeira, nos lugares mais improváveis; carcaças de cortiços miseráveis, e fragmentos de paredes e arcos inacabados, e pilhas

de andaimes, e uma selva de tijolos, e formas gigantescas de guindastes, e tripés pairando acima de coisa alguma. Havia centenas de milhares de formas e substâncias incompletas, caoticamente arrancadas de seus lugares, de cabeça para baixo, enfiadas na terra, elevando-se no ar, apodrecendo na água, ininteligíveis como cenas de sonhos. Fontes de águas termais e erupções de fogo, que sempre acompanham os terremotos, davam sua contribuição à confusão geral. Água fervente silvava e transbordava de paredes dilapidadas, das quais vinham também o brilho e o rugido de línguas de fogo; e montes de cinzas bloqueavam as passagens, alterando completamente os direitos e costumes do bairro.

Em suma: a ferrovia, ainda inacabada e por inaugurar, estava em andamento; e justamente do centro de toda esta terrível desordem emergia tranqüila, seguindo seu caminho poderoso de civilização e melhoramento.¹³

Aqui a perturbação imediata é percebida, porém Dickens vai além disso e enxerga o que, em última análise, é mais importante: não a desordem das mudanças, e sim a espécie de ordem nova que dela haverá de emergir:

O lamentável terreno baldio, onde antigamente o lixo era despejado, foi engolido e desapareceu; e em lugar daquela sujeira viam-se fileiras de armazéns, cheios de produtos nobres e mercadorias dispendiosas. As velhas ruelas agora fervilhavam de passageiros e veículos de todos os tipos; as ruas novas que antes paravam, desanimadas, na lama e nas marcas de rodas de carroças, formavam agora cidades autônomas, gerando confortos e serviços que pertenciam a elas próprias, jamais experimentados nem sequer concebidos antes de surgirem. Pontes que antes não levavam a parte alguma agora davam acesso a solares, jardins, igrejas, salubres alamedas. Os esqueletos de casas e inícios de novas avenidas haviam brotado ao longo da ferrovia, com a velocidade do vapor, e disparavam em direção ao campo, num trem monstruoso.

Quanto ao bairro que de início relutara em aceitar a ferrovia, ele tornara-se ajuizado e penitente, como o faria qualquer cristão em tais circunstâncias, e agora gabava-se daquela sua parenta próspera e poderosa. Havia tecidos com estampas que imitavam trilhos nas lojas de fanceria, e periódicos ferroviários nas vitrines dos jornaleiros. Havia hotéis, escritórios, pensões ferroviárias; plantas, mapas, vistas, papéis de embrulho, garrafas, caixas de sanduíches e tabelas de horário da ferrovia; pontos de carruagens de aluguel perto da estação ferroviária; ônibus, ruas e prédios para servir a estação ferroviária; frequentadores e parasitas da ferrovia, bem como bajuladores de todos os tipos. Havia até mes-

mo relógios que assinalavam os horários da ferrovia, como se o próprio sol tivesse se submetido a ela. Entre os conquistados contava-se o mestre limpador de chaminés, que já vimos descrente em Stagg's Gardeins, e agora morava numa casa de três andares, com acabamento de estuque, e apresentava-se, numa tabuleta envernizada cheia de floreios, como empreiteiro para limpeza à máquina de chaminés ferroviárias.

Dia e noite, sem parar, correntes humanas palpitantes iam e vinham do coração desta grande transformação, incessantemente, como sangue vital. Multidões de gente e montanhas de mercadorias, partindo e chegando dezenas e dezenas de vezes a cada 24 horas, produziām numa fermentação naquele lugar sempre em atividade. Mesmo as casas pareciam prestes a fazer suas malas e viajar. Maravilhosos parlamentares, que pouco mais de vinte anos antes haviam se divertido com as teorias ferroviárias malucas dos engenheiros, atormentando-os em tantos interrogatórios, agora iam para o norte de relógio na mão, tendo antes mandado avisar, por meio do telégrafo elétrico, que estavam vindo. Dia e noite as locomotivas conquistadoras roncavam ao longe, ou, chegando tranquilas ao final da viagem, e deslizando como dragões mansos para dentro de seus abrigos milimetricamente calculados para recebê-las, lá ficavam, fervilhantes e trêmulas, fazendo as paredes estremecerem, como se palpitassem com a consciência secreta de grandes poderes ainda insuspeitos e tremendos objetivos ainda não alcançados.¹⁴

A complexidade deste sentimento é uma decorrência da complexidade da percepção. Todo o orgulho inspirado pelo poder — o novo poder da Revolução Industrial — está expresso na linguagem: a circulação de pessoas e produtos na ferrovia é como o sangue. Contudo, encontramos também o reconhecimento do fato de que esse poder sobrepuja todos os outros costumes e objetivos humanos. Esse reconhecimento se confirma, mais tarde, no

poder que se impôs a seu modo férreo, desafiando todos os caminhos e estradas, perfurando todo obstáculo até seu âmago e arrastando consigo seres vivos de todas as classes, idades e condições sociais.¹⁵

A ferrovia é ao mesmo tempo "sangue vital" e "o monstro triunfante, a morte". E nessa dramatização Dickens exprime as reais contradições — o poder de dar vida ou destruí-la, de desintegrar, impor ordem ou uma ordem falsa — das novas forças sócio-econômicas de seu tempo. Sua preocupação é sempre no sentido de manter vivos o reconhecimento e a bondade humanos, apesar dessas

transformações sem precedentes e dentro dessa paisagem irreconhecivelmente alterada.

Mesmo as casas pareciam prestes a fazer suas malas e viajar.¹⁶

É esta a mobilidade, a mobilidade crucial, que estava alterando o romance. É também a alteração crucial sofrida pelo relacionamento entre homens e coisas, do qual a cidade é a personificação social e visual mais evidente. Ao ver a cidade, tal como faz neste trecho com a ferrovia, com a consequência ao mesmo tempo empolgante e ameaçadora de uma nova mobilidade, como não apenas um sistema alheio e indiferente mas também o somatório desconhecido, talvez incognoscível, de tantas vidas diversas, acotovelando-se, entrechocando-se, perturbando, ajustando-se, reconhecendo, estabelecendo-se, mudando-se novamente para novos espaços, Dickens atingiu o âmago dinâmico dessa experiência social de transformação.

COMUNIDADES COGNOSCÍVEIS

Em sua maioria, os romances são, num certo sentido, comunidades cognoscíveis. Faz parte de um método tradicional — uma postura e abordagem subjacentes — o romancista se propor a mostrar pessoas e relacionamentos entre elas de modos essencialmente cognoscíveis e comunicáveis. O gênio de Dickens só pode ser apreendido em sua totalidade na medida em que percebemos que para ele, na experiência urbana, muito do que era importante, e mesmo crucial, não podia ser conhecido nem comunicado de maneira simples, mas, como já afirmei, tinha de ser revelado, imposto à força à consciência. E, desse modo, seria possível estabelecer um contraste entre a ficção da cidade e a ficção do campo. No tipo urbano, a experiência e a comunidade seriam essencialmente opacos; no tipo campestre, essencialmente transparentes. Como abordagem inicial, este contraste tem certa utilidade. Não há dúvida, por exemplo, de que a identidade e a comunidade tornaram-se mais problemáticas, em termos de percepção e avaliação, à medida que foram aumentando a magnitude e a complexidade da organização social característica. Até aquele ponto, a transição de campo para cidade — de uma sociedade predominantemente rural para uma predominantemente urbana — é um processo de transformação e um processo significativo. O crescimento das cidades, em particular das grandes cidades e de uma metrópole; a divisão e a complexidade do trabalho, cada vez maiores; as modificações sofridas pelas relações cruciais entre classes e no interior das classes: no contexto de transformações como essas, qualquer pressuposto de uma comunidade cognoscível — uma comunidade inteira, inteiramente cognoscível — torna-se cada vez mais difícil de sustentar. Contudo, a situação não se resume apenas a isso, e mais uma vez, ao nos conscientizarmos da nova realidade da cidade, precisamos ter o

cuidado de não idealizar nem a velha nem a nova realidade do campo. Pois o que é cognoscível não é apenas uma função dos objetos — do que há para ser conhecido —; é também uma função dos sujeitos, dos observadores — do que é desejado e se precisa conhecer. E o que temos de ver então, como sempre, na literatura rural, não é apenas a realidade da comunidade rural: é também a posição do observador nela e em relação a ela; uma posição que faz parte da comunidade que se quer conhecer.

Assim, ainda se afirma com frequência — sob a pressão da experiência urbana e metropolitana, e como resultado de um contraste direto, até mesmo convencional — que a comunidade rural, mais especificamente a aldeia, é o epítome dos relacionamentos diretos: dos contatos face a face nos quais podemos encontrar e valorizar a verdadeira substância dos relacionamentos pessoais. Sem dúvida, tem importância este aspecto imediato da diferença entre a cidade ou subúrbio e a aldeia: esta é menor; seus habitantes são mais facilmente identificáveis e interligados; a estrutura da comunidade é, sob diversos aspectos, mais visível. Mas uma comunidade cognoscível, no campo tanto quanto em qualquer outro lugar, é uma questão de consciência, e de experiência prolongada, além da cotidiana. Na aldeia, como na cidade, existe divisão do trabalho, existem contrastes entre as diferentes posições sociais, e, portanto, há necessariamente pontos de vista alternativos. É para-esses pontos de vista, no romance campestre do século XIX, que precisamos voltar nossa atenção agora, pois, se o contraste entre campo e cidade é intenso e importante, os complexos processos ocorridos na vida e na literatura do campo são também imprescindíveis e significativos.

Voltemos, por um momento, à comunidade cognoscível de Jane Austen. Aqui os relacionamentos são claramente do tipo face a face; as crises, físicas e espirituais, se expressam justamente nestes termos: olhares, gestos, esgares, confrontos; e pôr trás de tudo isso, o tempo todo, a romancista está observando, fisicamente registrando e refletindo. Nisso se resume toda a sua postura — a gramática de sua moralidade. No entanto, embora seja uma comunidade inteiramente conhecida, nos termos essenciais do romance, trata-se de uma comunidade concreta, escolhida de modo muito seletivo. Em Jane Austen, os vizinhos não são as pessoas que moram mais perto; são pessoas que moram a uma distância um pouco maior e que, em termos de reconhecimento social, podem ser visitadas. O que ela vê em todo o campo é uma rede de casas e famílias de proprietários,

e nos buracos dessa rede fechada situa-se a maioria das pessoas concretas, que simplesmente não são vistas. Estar face a face nesse mundo já implica pertencer a uma determinada classe. Nenhuma outra comunidade, em termos de presença física ou de realidade social, é cognoscível sob qualquer aspecto. E não é apenas a maioria da população que desaparece, numa convenção estilizada tão precisa quanto a de Ben Jonson. É também a maior parte do campo, o qual só se torna real na medida em que está relacionado às casas que constituem os nódulos verdadeiros; pois o resto do campo resume-se a tempo bom ou mau ou a um lugar para passear.

É apropriado levantar a continuidade da análise moral de Jane Austen a George Eliot, porém isso só pode ser feito com inteligência se reconhecemos o que mais está acontecendo nesse processo literário: um reconhecimento de outros tipos de gente, outros tipos de campo, outros tipos de ação aos quais é necessário dar uma ênfase moral. Pois, do mesmo modo como a diferença entre Jonson e Crabbe não reside no advento histórico dos “pobres nativos trabalhadores”, e sim numa mudança de orientação literária que permite que eles de repente passem a ser vistos, assim também a diferença entre Jane Austen e George Eliot, e entre estas duas escritoras e Thomas Hardy, não é a súbita desintegração de uma ordem rural tradicional, e sim uma mudança de orientação literária, focalizando um distúrbio rural persistente que antes era excluído ou permanecia indistinto.

Assim, George Eliot situa a ação de *Adam Bede* na época de Jane Austen: a passagem do século XVIII para o XIX. O que ela vê, é claro, é muito diferente: nem tanto por ter o campo mudado, mas por ter a autora uma tradição social diferente a sua disposição.

O germe de *Adam Bede* foi um incidente que me foi relatado por minha tia Samuel, que era metodista [...] um incidente que ela própria vivera. [...] Posteriormente comecei a pensar em combinar esse episódio com outras recordações de minha tia em uma mesma história, com alguns detalhes tirados da juventude de meu pai e de sua personalidade.¹

Dessa forma, a casa da família de proprietários continua aparecendo, a dos Donnithorne. Agora, no entanto, vemos a família trabalhando para garantir sua renda, lidando com os arrendatários:

— Uma beleza, esta velha cozinha! — disse o sr. Donnithorne, olhando à sua volta com admiração. Sempre falava no mesmo tom calculado, bem-talhado, polido, fossem suas palavras adocica-

das ou venenosas. — E a senhora a mantém tão limpa, sra. Poyser. Sabe, gosto desta casa mais do que de qualquer outra da propriedade.²

Já encontramos antes este jeito de falar “calculado, bem-talhado, polido”, mas agora ele não está sendo usado para se dirigir a uma pessoa relativamente do mesmo nível social que o falante, assim como o modo de olhar do velho proprietário agora não é apenas um detalhe de caracterização, e sim da caracterização de um relacionamento social preciso e dominante. Conforme a sra. Poyser comenta, “é como se a gente fosse um inseto, e ele fosse cutucar a gente com a unha”.

A proposição expressa por meio da polidez é, na verdade, uma reorganização do arrendamento, por interesse do proprietário, que vai retirar da posse dos Poyser as plantações de cereais; vem acompanhada de uma ameaça: pois o provável novo vizinho, “que é homem de posses, gostaria de arrendar as duas fazendas, já que seria muito conveniente trabalhar com as duas juntas. Mas não quero abrir mão de um arrendatário antigo como o senhor”.³

Não se trata de um evento particularmente dramático, porém é o reconhecimento crucial de uma experiência cotidiana que sempre existiu, só que agora está sendo examinada de um ponto de vista modificado. A polidez do melhoramento tem como contraponto necessário a dura realidade do poder econômico, e uma ênfase moral diferente torna-se inevitável. Em seguida, faz-se uma extrapolação. O jovem proprietário está ansioso para melhorar as terras — do ponto de vista dos arrendatários, “haveria uma abundância de porteiras novas, cal e lucros de 10%” — e contrata Adam Bede como administrador dos bosques. Mas, dentro de uma visão essencialmente idêntica, ele toma Hetty Sorrel como namorada e termina por desgraçá-la. A tendência a usar as pessoas conforme seus interesses é um aspecto de um caráter pessoal — esta ênfase não é diminuída —, mas é também um aspecto de relações sócio-econômicas específicas. De qualquer modo, observa George Eliot ironicamente:

Seria ridículo querer esmiuçar e analisar em tais casos, como quem investiga o caráter de um secretário. A respeito de um jovem bem-nascido e rico, usamos qualificativos vagos, gerais, apropriados a um cavaleiro.⁴

Jane Austen esmiuçara e analisara, sim, mas só dentro de um grupo limitado de pessoas, na medida em que se relacionavam umas com

as outras. Agora, a análise é feita sem limitações de classe; as relações sócio-econômicas são necessariamente consideradas elementos — e muitas vezes elementos determinantes — da conduta.

É mais importante enfatizar este aspecto da contribuição de George Eliot ao desenvolvimento do romance do que a inclusão por ela feita de novas experiências sociais, em termos de documentário. Certamente é importante ver fazendeiros e artesãos, e quase trabalhadores, como personagens importantes da ação. Porém temos aqui algumas dificuldades significativas. Com freqüência se diz que os Poyser em *Adam Bede*, ou os Glegg e os Dodson em *The mill on the Floss*, são composições maravilhosas (ou humanas, ou vivas, ou encantadoras). Mas o que tal comentário faz é apontar para um problema recorrente da consciência social da escritora. As relações de George Eliot com os fazendeiros e artesões — suas relações enquanto Mary Ann Evans * — transparecem repetidamente na fala de tais personagens. Caracteristicamente, a autora os apresenta acima de tudo através do diálogo. Mas, se em termos de fala estes personagens formam uma comunidade, basta realizarem alguma ação significativa para sofrerem uma mudança qualitativa. O que Adam, Dinah ou Hetty dizem quando estão agindo enquanto indivíduos não é particularmente convincente. Num romance ainda fundamentado na análise da conduta individual, os fazendeiros e artesãos podem ser incluídos como “gente do campo”, porém já não é tão fácil tratá-los como indivíduos que vivem ativamente experiências pessoais. Quando Adam, Dinah e Hetty falam em momentos supostamente de crise pessoal — ou, mais tarde, num exemplo mais gritante, quando Felix Holt fala —, caímos no nível das atitudes generalizadas ou da retórica. Em outras palavras, podemos dizer que George Eliot, embora recoloca os habitantes verdadeiros da Inglaterra rural em seus lugares, numa paisagem até então socialmente seletiva, não vai muito além de recolocá-los como elementos de uma paisagem. Começam a falar, como que coletivamente, formando o que alguns críticos de classe média anda chamam ingenuamente de “uma espécie de coro”, como se numa balada tradicional. Mas, enquanto indivíduos, só têm presença social e só adquirem consciência pessoal por meio de atitudes e idéias formuladas externamente.

Não quero fazer desta observação uma acusação, pois trata-se

(*) O nome verdadeiro da escritora cujo pseudônimo é George Eliot. (N. T.)

de uma dificuldade séria. É uma contradição intrínseca ao romance, tal como George Eliot o herdou e o desenvolveu, o fato de que a ênfase ética dada à conduta — e portanto a estratégia técnica de unificar os tons narrativo e analítico — deve necessariamente revelar-se incompatível com qualquer sociedade — a “comunidade cognoscível” do romance — na qual a orientação ética foi extrapolada para relações sociais substanciais e antagônicas. Não gostaríamos de abrir mão dos Poyser, dos Glegg e dos Dodson, mas é significativo que possamos falar deles assim, no plural, enquanto a direção emocional do romance é no sentido do indivíduo separado. Uma comunidade cognoscível pode ser, como acontece em Jane Austen, socialmente selecionada; nesse caso, o que lhe falta em abrangência social lhe garante uma unidade em termos de linguagem em todas as suas utilizações principais. Contudo, basta ler um romance de George Eliot para perceber a dificuldade da coexistência, dentro de uma mesma forma, entre um observador da conduta, com consciência analítica e com um vocabulário analítico desenvolvido, e pessoas representadas como personagens que vivem e falam seguindo basicamente fórmulas costumeiras; pois o que predomina não é a precisão da observação detalhada, e sim a maneira inclusiva, socialmente atraente, frouxa e repetitiva. Há um novo tipo de ruptura na textura do romance, uma evidente falta de continuidade entre a linguagem necessária do romancista e a linguagem reproduzida de muitos dos personagens.

Não se trata, cabe enfatizar, de um problema factual. A consciência dos fazendeiros e comerciantes era tão forte e tão desenvolvida quanto a dos proprietários estabelecidos e manipuladores do mundo de Jane Austen; essas pessoas também são — e inclusive são mostradas como tal — socialmente atraentes, frouxas e repetitivas; é uma maneira comum de falar em qualquer época. Mas, enquanto em Jane Austen o idioma da romancista está ligado ao idioma dos personagens, em George Eliot a descontinuidade é o fato mais evidente, e a própria romancista é quem mais tem consciência disso. Em Jane Austen, fala, narrativa e análise estão ligadas por uma convenção literária. Enquanto o idioma “calculado, bem-talhado, polido” é produto de uma formação específica e dos relacionamentos ociosos e dominantes aos quais essa formação servia, ele é também idealizado, convencionalizado; os poderes da romancista para criar efeitos e observar com precisão são atribuídos sem hesitação aos personagens, porque, apesar de todas as discriminações éticas individuais, sehte-se que autora e personagens pertencem

ao mesmo mundo. Nos momentos de crise emocional e confronto isto se torna particularmente óbvio, e é a romancista quem exprime uma experiência individual, de certo modo em favor de seu grupo, e para lhe conferir um idioma. Mas então fica claro que George Eliot não está *com* ninguém neste sentido exato: o próprio reconhecimento do conflito, da existência de classes, divisões e contrastes entre modos de sentir e falar, torna impossível uma unidade de idioma. George Eliot empresta sua própria consciência, muitas vezes disfarçada em dialeto pessoal, aos personagens com quem se sente realmente solidária; mas a artificialidade do recurso costuma transparecer — em Adam, Daniel, Maggie ou Felix Holt. Para os outros personagens, ela estende uma espécie de afeto generalizante que pode chegar a uma acuidade generalizante (comparem-se os Poyser com os Glegg e os Dodson), mas que não chega a reconhecer existências individualmente estruturadas a partir de uma origem comum; na verdade, como se diz no tipo de elogio ingênuo que já mencionamos, os personagens são “composições”. Pois nos romances de George Eliot muitas vezes chega-se a um ponto no qual a autora torna-se consciente de que os personagens que está descrevendo são “diferentes” de seus prováveis leitores; então ela se propõe a conhecê-los, e a torná-los “cognoscíveis”, de um modo nada autêntico, porém socialmente eficaz. Com base na própria dificuldade que sente, George Eliot utiliza a fórmula complacente que se revelou tão poderosa no romance inglês: os personagens rurais “nobres”, “adoráveis”, de fala pitoresca e vida honesta. Embora observe com muita nitidez a condescendência do poder econômico — “calculado, bem-talhado, polido” no exercício de seu controle ostensivo —, ela cai, sem querer, num outro tipo de condescendência: pois, as pessoas que respeita em conjunto (e, naturalmente, por bons motivos), essas ela não consegue respeitar suficientemente, a menos que lhes empreste partes de sua própria consciência. Temos, então, três idiomas, combinados de modo pouco homogêneo: o poder analítico integral, freqüentemente irônico; um meio-termo entre este poder, de um lado, e, do outro, ou sentimentos intensos de inquietação ou uma situação de força moral; e o pano de fundo do bom camponês, conscientemente generalizante.

Identifico-me suficientemente com os problemas enfrentados por George Eliot a ponto de me sentir capaz de expô-los a ela pessoalmente; mais, a ponto de sentir que é isto que estou fazendo, de certo modo, já que a forma específica de inteligência e de estrutura de sentimentos que ela representa ainda existe e é relevante.

Alguns anos atrás, um crítico ligado ao Conselho Britânico qualificou George Eliot, Thomas Hardy e D. H. Lawrence como “nossos três grandes autodidatas”. Foi um desses momentos intensamente reveladores que ocorreram na história cultural da Inglaterra. Pois estes três escritores tinham um interesse ativo no saber e, embora fizessem muitas leituras por conta própria, não eram pessoas desprovidas de instrução formal. Seus pais eram, respectivamente, um meirinho, um empreiteiro e um mineiro. George Eliot cursou a escola até os dezesseis anos e só a deixou porque sua mãe morreu. Hardy cursou a escola secundária de Dorchester até a mesma idade e posteriormente completou sua formação profissional de arquiteto. Lawrence completou a sexta série da escola secundária de Nottingham e, após um intervalo, cursou uma instituição de ensino superior; o Nottingham University College. A questão não é apenas que, pelos padrões das épocas em que viveram, tais níveis de instrução devam ser considerados elevados: o fato é que, na Inglaterra de hoje, 80% da população não tem esse grau de escolaridade.

Assim, a condescendência expressa pela qualificação destes escritores como “autodidatas” só pode remeter a um fato: o de que nenhum dos três freqüentou colégio interno e em seguida foi para Oxford ou Cambridge, a trajetória educacional que, na virada do século, já era considerada não apenas um tipo de instrução, mas o único tipo de instrução merecedor do nome: quem não passasse por esse circuito não podia ser considerado “instruído”. Em outras palavras: a instrução “padrão” era a recebida por 1 ou 2% da população; todo o resto deveria ser considerado pessoas “sem instrução” ou “autodidatas”; naturalmente, os excluídos também eram vistos ou como ignorantes ridículos ou, quando tinham pretensões intelectuais, como indivíduos desajeitados, exageradamente entusiasmados ou fanáticos. Esse fato veio a ter efeitos profundos sobre a imaginação inglesa.

Mas para muitos de nós, agora, George Eliot, Hardy e Lawrence são importantes porque estão diretamente ligados ao tipo de educação e formação que tivemos. Fazem parte de uma tradição cultural muito mais antiga e mais central, na Inglaterra, do que o circuito relativamente recente e deliberadamente exclusivo das chamadas *public schools*.* E a questão é que, vistos dessa forma, estes escritores continuam a ser relevantes mesmo num período

(*) As tradicionais escolas particulares que formam alunos para as universidades de Oxford e Cambridge. (N. T.)

posterior, quando alguns de nós estudamos em Oxford ou Cambridge; para mim, por exemplo, tendo estudado em Cambridge e atualmente ensinando lá. Pois o que está em questão não é a instrução formal, a inteligência desenvolvida; quantas pessoas, no Conselho Britânico ou em qualquer outra instituição, poderiam resistir a uma comparação com George Eliot no nível estritamente intelectual? O que está em jogo é a relação entre instrução — não as notas e os diplomas, e sim a substância de uma inteligência desenvolvida — e as vidas concretas de uma maioria de nosso povo: pessoas que não são, por nenhuma fórmula, objetos de estudo, documentação ou investigação, mas que são, específica e literalmente, nossos familiares. George Eliot é o primeiro romancista maior em quem esta questão está ativa. É por isso que agora falamos dela com um respeito fruto da relevância, e com uma dureza — uma espécie de franqueza em família — que aprendemos com nossa própria experiência individual e comum.

O problema da comunidade cognoscível é, portanto, sob um novo aspecto, um problema de linguagem.

Ao se escrever a história de famílias comuns, tende-se a assumir um tom enfático que está muito longe de ser o tom adotado na sociedade elegante, na qual os princípios e crenças são não apenas extremamente moderados como também são sempre pressupostos, só sendo admitidos assuntos que possam ser abordados com uma ironia leve e graciosa. Mas a sociedade elegante tem seu clarete e seus tapetes de veludo, seus compromissos de jantares com seis semanas de antecedência, sua ópera e seus salões de baile feéricos; espanta o *ennui* montando cavalos puros-sangues, espreguiça-se no clube, tem de esquivar-se de torvelinhos de crinolina; deixa a ciência a cargo de Faraday; a religião, do alto clero que frequenta as melhores casas: como querer que ela tenha tempo ou necessidade de se envolver com crenças e ênfases? Mas a sociedade elegante, que voa com asas diáfanas de ironia leve, é de produção muito dispendiosa, exigindo nada menos que uma extensa e árdua vida nacional condensada em fábricas malcheirosas e ensurdecedoras, espremida em minas, suando em fornalhas, moendo, martelando, tecendo sob a opressão maior ou menor do gás carbônico — ou, então, dispersa em pastagens, espalhada em casas e cabanas solitárias em plantações de solo barrento ou gredoso, onde são melancólicos os dias chuvosos. Essa extensa vida nacional baseia-se inteiramente na ênfase — a ênfase na necessidade, que instiga todas as atividades indispensáveis para a manutenção da sociedade elegante e da ironia leve. [...] ⁵

Este parágrafo notável, extraído de *The mill on the Floss*, é ao mesmo tempo o problema e a solução. A ênfase na necessidade sem dúvida ocupa uma posição central em George Eliot, e neste trecho ela vê o trabalho tal como ele é, sem qualquer contraste sentimental entre o trabalhador rural e o urbano. A ênfase é um sentimento de classe: é isto que ela reconhece e aceita. Neste ponto, porém, percebe-se que ela escreve sobre isto com seu próprio estilo de ironia; ela fica na defensiva e constrangida no próprio ato de demonstrar a ênfase, de modo que nessa estrutura de comunicação os muito pobres se tornam as “famílias comuns”. A seriedade fundamental da autora, convivendo com sua consciência aguda de outras atitudes, com as quais muitas vezes tem afinidade, dá origem ao que, ao mesmo tempo, é um paradoxo de linguagem e de comunidade. É o que encontramos novamente em duas passagens características de *Adam Bede*:

Pintem para nós, se puderem, um anjo com um manto violeta esvoaçante e um rosto palidamente iluminado pela luz celestial; pintem também, com mais frequência ainda, uma madona, o rosto suave virado para o alto, os braços abertos para receber a glória divina; porém não nos imponham regras de estética que expulsem da região da Arte aquelas anciãs ralando cenouras com as mãos gastas de trabalho, aqueles labregos pesadões espairocendo numa taverna imunda, aquelas costas recurvadas e rostos boçais, enge-lhados de sol e frio, que sempre se debruçaram sobre a pá e fizeram o serviço pesado do mundo — aquelas casas com panelas de latão, com jarras pardas, cachorros ordinários e réstias de cebola. Neste mundo há muitas pessoas assim, vulgares e grosseiras, que não sentem melancolias sentimentais e pitorescas. É muito importante que nos lembremos da existência delas. [...] ⁶

Não tenho vergonha de homenagear o velho Kester: eu e você muito devemos às mãos duras de homens assim — mãos que há muito tempo já se confundiram com o solo que lavram com tanta fidelidade, aproveitando ao máximo os frutos da terra e recebendo um quinhão mínimo como salário. ⁷

Mais uma vez, trata-se de uma declaração séria, mas a quem a autora se dirige na súplica ansiosa: “não nos imponham regras de estética que expulsem [...]”? Quem fez o acordo entre “eu e você”? Quem é que deve tanto àquelas mãos? Quem, por fim, provocou a consciência que torna necessária a admissão “não tenho vergonha” e o tipo de linguagem a ela associada, que inclui termos como “labregos” e “rostos boçais”, estranhamente combinada com

a lembrança carinhosa de cozinhas e a verdade a respeito dos salários, a firme rejeição das “melancolias sentimentais e pitorescas”?

Em passagens como estas, e nos romances nos quais aparecem, George Eliot vai mais longe do que Crabbe em *The village* e, no entanto, é mais constringida, mais apaziguadora e suplicante em relação ao que parece ser a imagem dominante de um tipo específico de leitor. A comunidade cognoscível é essa vida comum que ela tem prazer em retratar, com uma ênfase necessária; mas a comunidade conhecida é coisa bem diversa — um contrato incômodo, na linguagem, com um interesse diferente e uma sensibilidade diferente.

O que é verdade em relação à linguagem também o é quanto à ação. George Eliot amplia as tramas de seus romances de modo a incluir nelas fazendeiros e comerciantes, bem como os desvalidos. Mas, do mesmo modo como acha difícil individualizar trabalhadores — o que a faz apelar para uma espécie de coro, a fazer descrições generalizantes ou atribuir a tais personagens uma tradução pouco feliz de sua própria consciência —, ela também tem dificuldade em conceber ações globais que decorram da substância dessas vidas e possam ser desenvolvidas até o fim em relação aos interesses delas. *Adam Bede* é o romance que mais se aproxima disso; contudo, no final um interesse externo se impõe: Hetty vive aquele último instante na estrada antes de abandonar seu bebê; mas após aquele momento ela se torna objeto de confissão e conversão — de atitudes em relação ao sofrimento. É esta a diferença essencial entre esse livro e *Tess of the D'Urbervilles*, de Thomas Hardy, que tem força para manter o mesmo tema até o final. *Adam Bede* e *Dinah Morris* — ou seja, a dignidade do trabalho honesto e o entusiasmo religioso — acabam se revelando mais importantes. Até mesmo Arthur, mudado e arrependido, é mais importante do que a jovem, que a romancista abandona num gesto moral mais decisivo que o próprio gesto confuso e desesperado de Hetty ao abandonar o próprio filho.

Não obstante, a história que ela escreve é ativa: trata-se de encontrar continuidade na tensão dos sentimentos aprendidos. *The mill on the Floss* é a crise desse desenvolvimento e dessa tensão. É uma ação escrita a partir da ênfase da necessidade: mas agora a necessidade não é algo que leva ao trabalho comum, e sim à privação humana; nos rituais feios e cautelosos a que a sobrevivência leva os pequenos fazendeiros, os Dodson; na independência imprudente de Tulliver, destruída pelas complicações legais e pressões econômicas que ele não compreende. Para George Eliot, a

plenitude da vida não pode ser alcançada através de nenhuma dessas maneiras, porém não há outra saída: apenas as fugas imaginadas, a leitura e a história, e então a fuga involuntária e provisória da viagem no rio — uma fantasia de consolo. Tudo que pode ocorrer no final é uma volta à infância e ao rio; uma volta que libera sentimentos, mas enquanto morte e não vida. A partir da história social, concebida como uma força estritamente determinante, há uma diminuição da solidariedade com o indivíduo desprotegido e isolado, no qual se localiza a única ação de valor, de sentimento humano integral. E então aquilo que em *The mill on the Floss* é um isolamento ativo e desesperado se transforma, dentro de uma visão nova, em uma triste resignação.

Pois nas obras subseqüentes, apesar dos sinais de maior maturidade e maior controle — um controle baseado precisamente na resignação triste; uma maturidade entendida exatamente como este sentimento —, as ações tornam-se mais externas em relação àquele mundo comum no qual a ênfase da necessidade fora vista como algo decisivo. Como se derrotados pelo peso morto dos interesses de uma classe isolada de proprietários, os enredos formais das obras posteriores se passam num mundo social diferente. *Felix Holt* gira em torno da herança de uma propriedade, uma capitulação crucial aos interesses típicos da imaginação da classe média no século XIX. Naturalmente, Esther rejeita a herança no final; a ênfase moral de George Eliot é genuinamente a favor de uma atitude de melhora-mento, de uma vida construída pelo próprio sujeito, e ela não poderia deixar que Esther aceitasse a herança e encontrasse a saída costumeira. A corrupção daquele mundo de heranças, no qual o preço da segurança é a intriga, é enfaticamente demonstrada na sra. Transome e em Jermyn. Mas agora a ênfase da necessidade é concentrada em Felix Holt: no indivíduo desprotegido, isolado, potencialmente móvel. Isto faz parte de um processo histórico crucial no desenvolvimento do romance, no qual a comunidade cognoscível — o mundo ampliado e enfático de uma Inglaterra real, inicialmente rural e em seguida industrial — passa a ser conhecida basicamente como um problema de relacionamento ambivalente: a questão de como a indivíduo isolado, com a consciência dividida entre pertencer e não pertencer, cria sua própria história moral.

É esta a fonte da perturbação, do mal-estar, da estrutura dividida dos últimos romances de George Eliot (à exceção de *Meddle-march*, não por acaso mais um romance sobre uma comunidade única, uma cidadezinha pouco antes da ocorrência das grandes

transformações históricas). Mas basta comparar George Eliot com seu contemporâneo, Anthony Trollope, para perceber a importância dessa perturbação. Trollope, na série de romances situados no imaginário condado de Barseshire, está bem à vontade com intrigas de heranças, com a interação de classes e interesses, com acasos felizes e casamentos com pessoas ricas. A única coisa que o interessa é saber como as coisas acontecem, como elas são feitas. Um tom narrativo uniforme e fácil, com um mínimo de análise aprofundada, dá conta de tudo que se exige dele: uma observação acompanhada de uma explicação no nível da mecânica social. Ler *Doctor Thorne* em contraposição a *Felix Holt* é não apenas encontrar tranquilidade em Trollope onde há perturbação em George Eliot; encontrar um nível de interesse correspondente ao enredo em vez de esforçar-se no sentido de livrar-se de uma complicação externa mantida por obrigação; encontrar o *happy end* convencional em que a propriedade e a felicidade podem coexistir e ser celebradas, em vez de uma resignação constrangida, obstinada, implacável. É também, evidentemente, ver a fonte dessas diferenças numa história social concreta.

Perto do começo de *Doctor Thorne*, Trollope proclama, com uma confiança característica, o estado da Inglaterra rural que ele conhece:

As verdes pastagens, os triguais ondulantes, os caminhos remotos e ensombrados e — acrescentemos — sujos, as estradas, as igrejas rurais, pardacentas e sólidas, as alamedas ladeadas de faias, e as inúmeras mansões em estilo Tudor, as freqüentes caçadas, o refinamento e a atmosfera de clã que há por toda parte, tudo isso faz com que o campo seja, para seus habitantes, uma verdadeira terra de Gessen. É puramente agrícola: agrícola em seus produtos, em sua pobreza e em seus prazeres.⁸

Neste trecho, o realismo limita-se à admissão de que os caminhos rurais são sujos. No mais, o que se vê é uma estrutura social com adornos bucólicos. A pobreza rural é colocada com facilidade entre os produtos e os prazeres. E, enquanto vigora esse relacionamento fácil, não há nenhum problema moral sério que perturbe a estrutura uniforme e aprovadora.

A Inglaterra ainda não é um país comercial, no sentido em que esta qualificação lhe é atribuída; e esperamos que não se torne tal coisa tão cedo. Certamente ela poderia ser chamada de feudal, ou cavalheiresca. Se há na Europa ocidental civilizada uma nação

na qual vivem senhores de elevada dignidade, em que os proprietários da terra são os verdadeiros aristocratas, a aristocracia em que se confia como a melhor e a mais competente para exercer o poder, esta nação é a inglesa.

Como descrição da Inglaterra em meados do século XIX, isto é ridículo; mas, como uma maneira de vê-la sem questionamento, é perfeito. O que se faz é assumir os valores sem questioná-los e, em seguida, examinar com uma precisão persistente as dificuldades internas da classe, especialmente o problema da relação entre as famílias de proprietários por direito de herança e os militares e profissionais liberais em ascensão. Trollope está interessado em entrar para esta classe, o que é o objetivo final da trama da herança na maioria das vezes, e ele sabe descrever os processos em questão sem nenhuma ilusão adicional, uma vez aceita a ilusão básica de ver os proprietários rurais como uma aristocracia. George Eliot, em contraste, questionando de modo profundamente ético as relações verdadeiras e fingidas entre propriedade e qualidade humana, aceita a ênfase dada à herança como ação central e, em seguida; tem de torná-la externa, contraditória e por fim irrelevante, à medida que seu interesse verdadeiro se desloca para o indivíduo isolado e desprotegido — o qual se torna tristemente resignado ou, então, é obrigado a ir embora. O que acontece com a terra dos Transome em *Felix Holt*, ou com a de Grandcourt em *Daniel Deronda*, não é mais decisivo; mas é em torno das complicações motivadas por esses interesses que gira boa parte de cada um destes romances. Neste sentido, os romances de George Eliot representam a transição entre a forma que terminava numa série de acomodações, em que as soluções sociais e econômicas situavam-se na mesma dimensão das realizações pessoais, e a forma que, ampliando, complicando e por fim destruindo esta dimensão, termina com uma pessoa isolada indo embora sozinha, tendo conseguido realizar seu crescimento moral distanciando-se ou desvincilhando-se. É um caso de consciência dividida entre fazer ou não fazer parte de um mundo; pois as soluções sociais ainda são levadas a sério até o último momento de crise pessoal, e o que é então realizado como desenvolvimento moral individual tem de se exprimir através de alguma forma de renovação física ou espiritual — um afastamento, ao mesmo tempo resignado e esperançoso, do que fora proposto como um mundo social decisivo.

As complicações da trama da herança, com seu pressuposto de uma relação definida entre propriedade e qualidade humana,

na verdade já haviam sido utilizadas num romance notável, o qual, significativamente, é baseado numa ação integral e não na análise individual. *Wuthering Heights*, de Emily Brontë, é notável porque aborda a crise da herança em seu valor humano integral, sem deslocamentos para as atitudes externas e representativas de classes incorpóreas. Há um contraste formal de valores entre as duas casas, *Wuthering Heights*, vulnerável e sustentada pelo trabalho, e *Thrushcross Grange*, protegida e vivendo de aluguéis; e as complicadas relações entre as famílias são sempre determinadas pelo poder e pela resistência de *Wuthering Heights*. No entanto, a criação é tão global que se transcende o mecanismo da herança. Considerações de classe social e propriedade afastam *Heathcliff* de *Cathy*, e é com a alteração positiva dessas relações que se chega a uma solução na geração seguinte. Mas em momento algum a solução humana é vista em termos de mudança social. O que é criado e mantido é uma espécie de conexão, de intensidade humana que constitui a base sobre a qual a vida continua. Sem ser afetada pelas soluções de acomodação, ela sobrevive a estas e, dentro de uma ênfase trágica tradicional, sobrevive e é reaprendida através da morte. Esta separação trágica entre intensidade humana e qualquer acomodação social possível é aceita desde o início, em toda a concepção e o idioma do romance. A complicação da trama é então mantida por um sentimento único: o ato de transcendência. George Eliot, em contraste, atuando num mundo mais criticamente realista, concebe, mas não consegue manter, soluções sociais aceitáveis; assim sendo, termina não na transcendência, e sim na resignação melancólica. Historicamente, as duas soluções têm importância decisiva, pois ambas são retomadas, uma pelo sucessor de George Eliot, outra pelo de Emily Brontë: Thomas Hardy e D. H. Lawrence.

A ação rural do *Daniel Deronda* de George Eliot transcorre em Wessex. Mas, se o Loamshire e o Stonyshire de *Felix Holt* faziam parte da Inglaterra de George Eliot, o Wessex de *Daniel Deronda* podia bem ser o Hampshire ou o Derbyshire de Jane Austen: as grandes casas e as casas não tão grandes, e a "comunidade cognoscível" escolhida, tal como reaparecerá depois em Henry James e outros romances situados em mansões rurais de nosso século. *Daniel Deronda* foi concluído em 1876, mas a essa altura já havia um novo Wessex no romance: a terra de Hardy. Passar de um para o outro é repetir, com ironia, a passagem do mundo dos arredores de Chawton para o mundo de *Adam Bede*: um reaparecimento,

um refazer da vida geral, com sua comunidade conhecida e sua dura ênfase na necessidade.

Pois George Eliot, ao escrever seu único romance passado em sua própria época, havia se afastado muito do mundo completo e conhecido de suas obras anteriores. Ela tinha bons motivos para isso. Se a história realmente decisiva era a do caráter e da frustração dos impulsos humanos num mundo inaceitável, porém inevitável, ela não precisava criar senão as condições para esse tipo de história moral, intelectual e ideal. As condições sociais que permitiram uma história de valores mais gerais estavam, em todos os sentidos, no passado.

E é esta, a meu ver, a maneira correta de apresentar a questão das importantes atitudes de George Eliot em relação ao passado, especialmente o passado rural. Em *Adam Bede*, por exemplo, ela havia olhado com um afeto generalizante para os primeiros anos do século XIX, "aqueles velhos tempos sem pressa", e concluíra:

O lazer desapareceu — desapareceu onde não há mais rodas de fiar, nem burros de carga, nem carroças lerdas, nem mascates vendendo pechinchas às portas em tardes ensolaradas. Talvez haja filósofos engenhosos que afirmem que o grande feito da máquina a vapor seja o de criar lazer para a humanidade. Não acreditem neles: ela cria apenas um vácuo rapidamente preenchido por pensamentos ansiosos. Até mesmo o lazer é ansioso agora — ansioso por entretenimento: propenso a passeios de trem, museus de arte, periódicos e romances empolgantes; propensos até mesmo a teorizações científicas e olhadelas rápidas no microscópio. O velho Lazer era um personagem bem diverso: lia apenas um jornal, virgem de editoriais, e desconhecia aquela periodicidade de sensações que denominamos "hora do correio". Era um cavaleiro meditabundo, um tanto corpulento, cuja digestão era excelente — cuja percepção tranqüila não padecia do mal da hipótese: feliz em sua incapacidade de conhecer as causas das coisas, preferindo a elas as coisas em si. Morava principalmente no campo, entre vivendas e propriedades agradáveis, e gostava de perambular por entre as árvores frutíferas, inalando o odor dos damascos aquecidos pelo sol matinal, e de abrigar-se sob os ramos das árvores ao meio-dia, quando caíam as peras no verão. Jamais ouvira falar em ir à igreja nos dias de semana, e não tinha queixas do sermão dominical se este lhe permitia dormir desde a passagem das Escrituras até a bênção — preferindo a todos os outros o culto vespertino porque nele as orações eram mais curtas, o que admitia sem vergonha alguma; pois tinha uma consciência relaxada e alegre, tão corpulenta quanto ele próprio, capaz de agüentar

grandes quantidades de cerveja e vinho do Porto — livre das dúvidas e escrúpulos e elevadas aspirações que tornam outras consciências melindrosas. Para ele a vida não era uma tarefa, e sim uma sinecura; ele apalpava os guinéus em seu bolso, fazia suas refeições e dormia o sono dos irresponsáveis; pois não fazia ele jus a seus direitos indo à igreja nas tardes de domingo?

Ah, velho Lazer! Não sejam severos com ele, nem o julguem por nossos padrões modernos; ele nunca foi a Exeter Hall, nem ouviu um pregador popular, nem leu *Tracts for the times* ou *Sartor resartus*.^{9*}

A passagem é escrita num tom bem leve; é uma ruminacão irônica sobre o passado, que chega a ser uma espécie de história; uma personificação, um dos recursos mais simples da ficção, significativamente muito diferente das personificações ativas de Dickens: corporificações de forças contemporâneas. O velho Lazer é história, uma época; mas, com seus damascos e seu pomar, seu jornal único, seu vinho do Porto e seus guinéus no bolso, representa uma classe que pode se dar ao luxo de perambular, que tem lazer ao preço do suor de outros homens. Esta redução, esta seleção, esta indulgência especial são todas características do que veio a se tornar uma das principais formas modernas da retrospectiva rural.

No entanto, por ser expressa num tom leve, por comunicar uma imagem clara e, ao mesmo tempo, estar sempre disposta a fazer ressalvas, a sorrir e seguir em frente, esta retrospectiva parece protegida contra precisamente aqueles sentimentos — inclusive a ênfase da necessidade — que ela tem o efeito de mediar e ocultar. Pois não foram os *Tracts for the times*, nem o *Sartor resartus*, nem os jornais, nem a ciência que perturbaram o velho Lazer a apalpar seus guinéus. Foi (mas como dizê-lo em meio a uma reminiscência sorridente?) a existência de homens que, nessa mesma época, estavam sendo destruídos pelo trabalho incessante e pela falta de pão; o velho Lazer desempregado, o velho Lazer com o P de “pobre” estampado nas costas, o velho Lazer no asilo como recompensa por cinquenta anos de trabalho no campo. Porém, há ao mesmo tempo um outro lazer, uma tranquilidade, de alguns dias na infância, com o pai dormindo numa tarde de domingo, que pode de repente,

(*) Os *Tracts for the times* eram publicações do Movimento de Oxford, uma tendência pró-católica e antiprotestante dentro da Igreja Anglicana; *Sartor resartus* é uma obra de Thomas Carlyle, de cunho autobiográfico, na qual o autor relata sua conversão religiosa. (N. T.)

por desatenção, transformar-se em todo um passado, toda uma visão da história.

A retrospectiva rural mais extensa de George Eliot — importante por ser apresentada não como um sonho ao pé da lareira, e sim como uma interpretação histórica consciente — é a introdução de *Felix Holt*. É mais persuasiva e mais substancial do que o sonho do velho Lazer, mas em toda a sua estruturação revela com mais clareza ainda a estrutura de sentimento que estava sendo imposta ao campo. A descrição de prados e sebes tem o toque afetivo da observação e da memória; é a linguagem verde de Clare. Mas o passageiro na boléia da diligência, por cujos olhos somos convidados a ver, é mais que um poeta da natureza; juntamente com estas percepções ele possui, de modo natural, por assim dizer, um conjunto sólido de pressupostos sociais. Quando vê o pastor “de passos lentos e ombros caídos”, ele sabe, por meio de alguma alquimia, que o pastor não sente “nenhum ressentimento senão para com os trabalhadores indigentes e o azar responsável por estações más e doenças de carneiros”.

Que ressentimento para com os “trabalhadores indigentes”? O temor de vir a se tornar um deles, o que era sempre possível e até mesmo provável? Ou era porque eles incomodavam os que pagavam seus impostos? Neste momento de contemplação, em que a paisagem silenciosa é de “uma imobilidade imutável, como se o próprio Tempo fizesse uma pausa”, e em que “era fácil para o viajante imaginar que cidade e campo não tinham nenhum ritmo em comum”, há uma súbita fusão, a formação de um estereótipo dos “ingleses do campo”, para quem a “Reforma” era uma mistura confusa de queimadores de medas, sindicatos e arruaças em Nottingham, e, de modo geral, tudo aquilo que obrigasse à convocação da milícia”.

Quem, pois — o viajante poderia perguntar durante a pausa do Tempo —, a milícia era convocada para enfrentar? Quem, sempre em algum outro lugar, estava queimando medas ou unindo-se ante a ameaça de degredo? Estes outros, com a fusão no estereótipo de “ingleses do campo”, são efetivamente abolidos.

(*) O processo de ampliação do sufrágio, mediante a redistribuição de distritos eleitorais e concessão do direito de votos a categorias de cidadãos antes excluídos, através de três leis (as *Reform Acts*), promulgadas em 1832, 1867 e 1884. (N. T.)

O passageiro na boléia percebia que essa era uma região de otimistas convictos, certos de que a Inglaterra era o melhor de todos os países possíveis e que, se havia quaisquer fatos que lhe tinham escapado à observação, seriam fatos que não valia a pena observar: o distrito de cidadezinhas comerciais, limpas, sem fábricas, de gordos benefícios eclesiásticos, clérigos aristocráticos e baixas taxas de assistência à pobreza.¹⁰

E esta, portanto, não é a comunidade conhecida, e sim a cognoscível: uma sociedade selecionada por um ponto de vista selecionado. As baixas taxas de assistência à pobreza — um índice da ênfase da necessidade — representam uma ironia um ou conforto? Pois quando os pobres se fazem presentes de repente, não é como pessoas, e sim como “um pauperismo vigoroso, a procriar incessantemente” — a palavra “procriar”, que George Eliot usa com tanta frequência quando se refere aos pobres, como se fossem animais; em todo caso, não como homens, mas como uma doença, um “ismo”. E “vigoroso”? — engordando e criando músculos, sem dúvida, graças às taxas de assistência à pobreza.

Então, de repente, revela-se o sentido dessa ilusão voluntária: são a indústria e as ferrovias que estão destruindo essa velha Inglaterra. O mito moderno entra em foco, em sua totalidade.

O hálito da cidade industrial, que nublava o dia e gerava uma escuridão avermelhada à noite no horizonte, espalhava-se por toda a região, enchendo o ar de uma intranquilidade ansiosa. Aqui havia uma população que não estava convicta de que a velha Inglaterra era a melhor possível.

A intranquilidade — ou seja, um produto da industrialização —, ao ser posta ali, após o idílio campestre, pode ela própria ser colocada e rejeitada na íntegra. Assim, o que está sendo adquirido desta perspectiva da boléia é um conforto político: uma posição que reconhece um conjunto de causas do radicalismo, porém dentro de um contraste confortável com o conteúdo estabelecido da velha ordem rural. A posição social do observador está, então, bem clara: toda uma realidade é admitida nas regiões industriais; apenas uma realidade seletiva no meio rural.

Após sacolejar sobre as ruas de uma cidade industrial, cenário de arruaças e reuniões de sindicatos, a diligência o levaria, em dez minutos, a uma região rural, onde a proximidade da cidade só se percebia nas vantagens de ter à mão um mercado para trigo, queijo e feno, e onde homens com polpudas contas bancárias costumavam dizer que “nunca se metiam em política”.

É claro; porque a intranquilidade visível da cidade, numa ação global, é comparada não com a totalidade da comunidade cognoscível da região rural, e sim com a situação e o ponto de vista dos “homens com polpudas contas bancárias”. Agora, uma ilusão voluntária e tranquilizadora da tradicional vida campestre rendia seus dividendos políticos. Uma natural tranquilidade campestre é contrastada com uma antinatural intranquilidade urbana. O “mundo moderno”, tanto em seu sofrimento quanto, de modo crucial, em seu protesto contra o sofrimento, é mediado pela referência a uma situação perdida que é melhor que ambos e que pode situar ambos: uma situação imaginada a partir de uma paisagem e de uma observação e uma memória seletivas.

É essa, pois, a estrutura sobre a qual devemos fixar nossa atenção, pois ela está ligada de forma crucial ao desenvolvimento de George Eliot. Uma sociedade que atribui valores, a situação comum de uma comunidade cognoscível, idealmente pertence ao passado. Pode ser recriada lá para uma ampla gama de ações morais. Porém o passo decisivo que se tomou foi no sentido de recuar de toda e qualquer resposta integral a uma sociedade existente. O valor está no passado, como uma situação retrospectiva geral, e só aparece no presente como uma sensibilidade individual e privada, a ação ética individual.

A combinação dessas duas conclusões veio a ser tremendamente poderosa; moldou e formou toda uma tradição literária. É este o significado do Wessex de George Eliot, no único romance situado na época da autora: limitar as pessoas e situações àquelas que são capazes, em termos tradicionais, de se limitarem a uma ação ética individual; apagar todas as outras, do mesmo modo como a maioria da população do campo era apagada da perspectiva da boléia; recriar, após toda a ênfase da necessidade das obras anteriores, uma Inglaterra de mansões senhoriais, uma Inglaterra clássica na qual apenas algumas histórias têm importância, e à qual a sensibilidade — amarga e franca — do observador moral isolado pode tornar-se apropriada. A autora consegue conscientemente estreitar seu âmbito de interesses porque a comunidade mais ampla, a cotidiana ênfase da necessidade, é situada num passado já desaparecido com a velha Inglaterra. Tudo que resta é uma série de relacionamentos pessoais e de observações intelectuais e morais, numa história que, para todos os fins de atribuição de valores, terminou, desastrosamente.

Compreendemos então por que o sr. Leavis, o mais notável

expoente dessa estrutura de sentimento, persiste no delineamento da grande tradição, de George Eliot a Henry James. Há uma transição óbvia da Inglaterra das mansões senhoriais retratada em *Daniel Deronda* (naturalmente, com extensões referentes à Europa continental e a idéias, como o sionismo de Deronda, a respeito de outros lugares) para a Inglaterra das mansões senhoriais que se vê em James. Mas o desenvolvimento importante que ocorreu no romance inglês não é o que se dá em James, e sim naquele mesmo Wessex, na volta a uma história geral e inevitável, o que leva aos romances de Hardy.

17

O CAMPO EM SEGUNDO PLANO

Examinando a verdadeira Inglaterra rural do início do século XIX, sem dúvida é fácil ver-se uma forma antiga de vida colocada em segundo plano pelo desenvolvimento tumultuado do novo sistema industrial. As forças decisivas da economia nacional eram o desenvolvimento geral, industrial e financeiro, e as crises do comércio. De certo modo, a Inglaterra rural foi o lugar onde os últimos choques foram sentidos e o preço final foi pago. Mas isso não se deu por estar a agricultura, enquanto atividade isolada, em declínio. Ainda na década de 1830, época em que a população nacional estava crescendo rapidamente, a agricultura doméstica abastecia bem mais do que 90% da demanda de cereais, e a produção de alimentos de modo geral deu continuidade ao prolongado processo de expansão iniciado com os melhoramentos do século XVIII. Contudo, o que aconteceu com os trabalhadores e os pobres nas aldeias a partir de 1815 foi tão ruim quanto o que houve em qualquer outro período nos longos séculos de exploração e degradação. Para a maioria dos observadores da época, era pior do que tudo que eles já haviam visto antes.

É realmente muito difícil determinar as causas fundamentais desse aparente paradoxo. Basicamente, a pobreza e o sofrimento que atingiram níveis críticos após 1815 foram consequência do estabelecimento de uma ordem capitalista na agricultura: aquele longo processo de transformação que já se estabelecera em caráter definitivo em meados do século XVIII. Desde então, tivemos vivência suficiente da economia capitalista para sabermos que não é paradoxo nenhum, dentro de uma ordem capitalista, o aumento da produção coexistir com desemprego generalizado e miséria substancial. Pois, ao submeter a economia às disciplinas do trabalho assalariado e do mercado, o capitalismo expõe o homem a novos

tipos de perigo, com crises de crédito e de preços. Porém sempre houve uma contradição no capitalismo agrário inglês: sua economia era a de uma ordem mercantil; sua política era a de uma oligarquia de aristocratas e proprietários rurais, que exercia disciplinas e controles "tradicionais" bem diferentes. Essa contradição (segundo Hobsbawm e Rudé)¹ seria a explicação mais convincente do famigerado sistema Speenhamland e seus efeitos. Esse sistema, implementado em 1795, foi uma última — e desastrosa — tentativa de preservar a ordem social das aldeias, subsidiando os salários mais baixos com fundos provenientes das taxas de assistência à pobreza, segundo uma escala calculada em função do preço do pão e do número de filhos. Era uma reação política em termos de um tipo mais antigo de sociedade — o "direito à vida" derivado do próprio fato de se estar vivo e pertencer a uma comunidade, ainda que com um *status* subordinado. Quanto a suas intenções, o sistema tem bastante mérito, quando comparado, por exemplo, com a Lei de Assistência da década de 1830, de caráter especificamente capitalista. Porém, era um reflexo ético que vinha após um evento claramente imoral: uma tentativa de garantir o sustento de todos aqueles trabalhadores e pobres que — devido a uma longa seqüência de iniciativas de uma mesma classe de proprietários, que aumentaram a produção, as propriedades fundiárias e os aluguéis — haviam perdido suas moradas e agora estavam desprotegidos. Não é necessário idealizar a situação anterior do trabalhador para compreender o alto preço que então ele teve de pagar pela confusão dos senhores. Em todas as situações prévias, o trabalhador arcara com o custo real da expansão e do melhoramento; mas agora ele o fazia, cada vez mais, na condição de indigente, de objeto de caridade: uma situação que já fora antevista nesse ou naquele lugar, nesse ou naquele período, havia muitas gerações, mas que agora, com o agravamento da crise, veio a se configurar como uma espécie de sistema. E enquanto isso, aos trabalhadores sem terra, aos que haviam perdido suas cabanas, vinham somar-se os pequenos arrendatários que perdiam as terras com o prolongado processo de concentração de propriedades e aumento dos aluguéis. Com a elevação dos preços durante as guerras napoleônicas, muitos desses pequenos fazendeiros haviam sobrevivido. Com a depressão do pós-guerra, milhares deles faliram, e o número de pessoas sem terra e de migrantes desesperados aumentou muito depressa.

Tornar pobres e dependentes milhares de homens e depois lhes oferecer auxílio pode parecer uma atitude humanitária. Não

obstante, a classe dos proprietários exigia a dependência, tanto em termos sócio-políticos quanto em termos diretamente econômicos. Lentamente, durante esse período, foi surgindo em muitas aldeias um conflito político direto. O estabelecimento e controle do auxílio à pobreza se deu paralelamente ao aumento de importância das leis de regulamentação da caça. A figura do *poacher* (caçador clandestino) torna-se característica. O direito de propriedade sobre a natureza, os animais selvagens agora "preservados" como "reserva de caça", era direta e repetidamente desafiado por homens que viviam e encontravam seu sustento em sua própria terra, mas que agora, pela arbitrariedade da lei, foram transformados em criminosos, ladrões, marginais.

A história das leis da caça, e dos homens que as desafiaram, é um elemento central da luta de classes na sociedade rural do século XIX. Dentro das visões ortodoxas, a moralidade e a estética dos chamados proprietários, que justamente nessa época criaram seus elaborados rituais de tiro e caça, foram amplamente divulgadas, e muito mais tarde — quando a questão já não tinha mais importância — chegou a haver uma espécie de culto ao *poacher* enquanto "personagem"; o malandro vagabundo e simpático. Mas havia sempre uma outra moralidade, que me lembro de ter ouvido em conversas de pequenos agricultores e trabalhadores. A imensa presunção desse direito de propriedade sobre coelhos, peixes e aves —

E todos os bichos da Criação
Ofereceram-se em multidão^{2*}

— era ao mesmo tempo violentamente afirmada e habilmente contestada. Ouvia meu avô falando do "jantar de trabalhador" num tom que, na época, me parecia — e ainda hoje me parece — de um orgulho compreensível: um coelho apanhado atrás da sebe, uma rutabaga arrancada da beira do caminho — uma refeição para oito crianças. Se agora alguém lamenta o desaparecimento da velha vida campestre, que lamente a sorte dos *poachers* quando eram apanhados e barbaramente punidos, até que uma nova consciência urbana começasse a exercer algum controle. E, se há quem queira atacar aqueles que destruíram os costumes do campo,

(*) "And every beast did thither bring/ Himself to be an offering."

que ataque os ladrões que transformaram em roubo a prática de procurar comida.

É difícil dizer isto, mas, apesar de tudo o que se fala a respeito da degeneração do trabalhador (e as condições objetivas a ele impostas eram, fora de qualquer dúvida, o que hoje em dia entendemos por “desumanizadoras”), o que mais vejo, nesse período terrível, é um desenvolvimento de fibra e habilidade. Com frequência afirma-se que, com o processo de industrialização e urbanização, todas as pessoas capazes foram para as fábricas e para as cidades, ou resolveram emigrar, restando apenas os lerdos, os incapazes e os ignorantes. Até historiadores radicais falam do “bravo campesinato” do século XVIII e do “desalentado proletariado rural” do século XIX. Sem dúvida havia homens arrasados e desalentados, muitos milhares deles. Eles tiveram antecessores, ao longo dos séculos. Mas onde poderemos encontrar, no século XVIII, homens com a força e o caráter daqueles que organizaram as campanhas de queima de medas do Capitão Swing, os confrontos de “pão ou sangue”, as destruições de debulhadoras ou o sindicato de Tolpuddle?

A história do campo no século XIX é, com frequência, vista por uma perspectiva liberal e condescendente: é a única alternativa aparente à visão reacionária que idealiza o campo e o contrapõe à cidade. Mas, embora o sofrimento e a pobreza fossem intensos e duradouros, havia mais ânimo, mais organização autônoma e, em última análise, mais realizações entre os trabalhadores rurais do que houve no tempo da maioria de seus antecessores, supostamente em melhor situação. Creio que o problema é a imagem das medas sendo incendiadas. Ato desesperado de homens desesperados e ignorantes! Tenho minhas dúvidas quanto a isso. Esses homens recebiam salários de fome. Viam muita riqueza a seu redor, e viam que a lei protegia essas desigualdades gritantes. Eles queriam ter o bastante para garantir-lhes a existência, “e por bem ou por mal vamos conseguir”. O que mais me impressiona, pelo espírito criativo, é a coragem e a disposição de agir, encontrando ações que teriam algum efeito, no sentido de aliviar a miséria e a fome extremas, uma causa que agora (mas agora não interessa; os filhos desses homens estavam passando fome na época) seria defendida por qualquer um.

Agora vocês não lidam com uma gente tão submissa quanto antes.³

É um consertador de rodas que fala, dirigindo-se a magistrados na década de 1830. Sua voz é a voz de muitos e tem de ser respeitada. A violência não resolve nada? A submissão também não resolvia nada. Os lordes da época aceitavam a deferência com um aceno e acrescentavam mais uma ala a suas mansões.

Se não fossem as queimas, a gente estaria ganhando no máximo dez xelins por semana; agora estamos ganhando onze.

Foi o que concluíram os trabalhadores de Norfolk. Um cura de Kent registrou uma frase corrente em sua aldeia:

Aquelas arruaças e queimas foram muito boas para os pobres.⁴

Sem dúvida que foram boas, mas não conseguiram o bastante, quando se tem uma perspectiva histórica mais abrangente. A campanha do Capitão Swing e os tumultos do “pão ou sangue” foram apenas o começo do que seria necessariamente uma longa campanha, contra a ganância dos proprietários e as condições aparentemente objetivas de um sistema agrícola que sofria crises recorrentes. No tempo do Capitão Swing, os homens que trabalhavam na terra já eram, em sua maioria, trabalhadores sem terra: cinco sem-terra para cada dois que ocupavam roças. A população havia aumentado nos condados rurais: duplicara entre 1750 e 1830, sendo que o processo fora particularmente rápido nos anos de crise que culminaram em 1830. As falências e confusões da sociedade rural haviam gerado desemprego generalizado, e nesse período a taxa de emigração era bem inferior à taxa de crescimento natural. Das 686 mil famílias de trabalhadores rurais, cerca de 300 mil pessoas, na década de 1830, estavam recebendo auxílio à pobreza. Os que estavam empregados recebiam salários que variavam muito, por vezes — ironicamente — em função da distância entre as aldeias onde moravam e as novas fontes de trabalho urbano e industrial: por semana, ganhava-se de catorze xelins, nas fazendas da região industrial de West Riding, a não mais de sete xelins — raramente nove — nos condados ainda inteira ou basicamente agrícolas do sul e do oeste.

Eram essas as verdadeiras condições de vida da maioria das famílias na “velha Inglaterra”. Acima delas, a estrutura social do capitalismo agrário continuava a desenvolver-se. O trabalho agrícola continuava em expansão, se bem que numa proporção cada vez menor diante de uma população total que aumentava muito

rapidamente. Quanto aos padrões de posse da terra, havia uma tendência geral, se bem que lenta, no sentido de predominarem as grandes fazendas. Metade dos fazendeiros ainda cultivava suas terras exclusivamente com o auxílio de seus familiares. Em 1851, as fazendas com mais de 120 hectares já ocupavam mais de um terço da terra cultivada, enquanto as fazendas com menos de quarenta hectares ocupavam apenas um quinto. Ao mesmo tempo, continuava a existir a tradicional gradação de classes rurais intermediárias: pequenos fazendeiros (até quarenta hectares), 134 mil famílias; fazendeiros médios (de quarenta a 120 hectares), 64 mil famílias; grandes fazendeiros (mais de 120 hectares), 17 mil famílias. De todos esses agricultores, os proprietários residentes em suas terras ocupavam cerca de 20% da terra no início do século XIX; no final do século, cerca de 12%.

No ápice dessa estrutura ficavam os grandes proprietários. No século XVIII, cerca de metade das terras cultivadas pertenciam a 5 mil famílias, e quase um quarto delas estavam nas mãos de apenas quatrocentas famílias. Em 1873, o mesmo tipo de predominância era evidente: metade do país estava nas mãos de cerca de 7 mil pessoas, numa população rural de aproximadamente 10 milhões. No decorrer do século XIX, com as reformas eleitorais, o poder político dos proprietários diminuiu, se bem que essa perda de poder só tenha sido decisiva na década de 1870. Ao mesmo tempo, porém, a estrutura social da Inglaterra rural não podia mais ser isolada da estrutura social do país como um todo. Isso é verdade na medida em que, após a Revolução Industrial, a agricultura, embora não decaísse, passasse a constituir uma parcela muito menor do total da economia. No início do século XIX, ela era responsável por 40% do produto nacional; em meados do século, 20%; no final, menos de 10%. No início do século, um terço de todos os trabalhadores atuavam na agricultura; em meados do século, um quinto; no final, menos de um décimo; porém, mais uma vez, em termos de números absolutos a mudança não foi acentuada (os dados referentes a 1801 e 1881 — 1 700 000 trabalhadores rurais — são idênticos). Dentro desse processo, no entanto, não podemos estabelecer uma distinção nítida entre uma classe de industriais e outra de proprietários rurais no sistema capitalista emergente. Já no século XVIII, os proprietários rurais estavam envolvidos nas indústrias extrativas e manufatureiras. Durante o século XIX, as rendas dos proprietários rurais provenientes de outras fontes —

títulos do governo e ações de bancos, participação acionária em canais e ferrovias, aluguéis de terrenos urbanos, mais os lucros e direitos de exploração de instalações portuárias e minas de diversos tipos, pedreiras, fundições, olarias e outros empreendimentos⁵

— foram se tornando cada vez mais importantes. E esses proprietários rurais não formavam uma classe exclusiva. Como já vinha ocorrendo desde o século XVI, havia um intercâmbio constante entre propriedade fundiária e outros tipos de propriedade e renda. O historiador da sociedade dos proprietários rurais ingleses no século XIX, F. M. L. Thompson, observou que a absorção de outros tipos de homens e de propriedade na classe dos proprietários rurais

deve ser considerada um dos fatores fundamentais que impediram que se formasse entre os capitalistas e os proprietários rurais um fosso intransponível.⁶

As complicações desta interação, que vêm à tona, por exemplo, na controvérsia a respeito das Leis do Trigo,* tornam impossíveis as concepções de uma "Inglaterra rural" única que se contraponha a uma "Inglaterra industrial" única. Pelo contrário, justamente devido à natureza de seu próprio desenvolvimento em direção a um capitalismo agrário, a agricultura, ao mesmo tempo em que conservava muitos interesses específicos que se opunham a outros tipos de produção e, naturalmente, continha conflitos entre interesses específicos diferentes (como o que havia entre a pecuária e a cultura do trigo), não constituía uma base para o estabelecimento de um contraste entre duas formas de vida diferentes. A crise social da Inglaterra do século XIX tinha seus aspectos específicos e suas questões específicas no meio rural; tratava-se, no entanto, de uma crise geral, devido às intrincadas interconexões entre propriedade rural e propriedade urbana, produção industrial e produção agrícola, e entre mão-de-obra e padrões de habitação na indústria e na agricultura. A crise da Inglaterra rural oitocentista assumiu inúmeras formas: o prolongado conflito referente a valores e prazos dos contratos de arrendamento, entre proprietários e arrendatários; o prolongado conflito a respeito de preços, e a relação entre produção nacional e exportações, numa economia livre-cambista em desen-

(*) Leis que regulamentavam a importação e a exportação de cereais (basicamente trigo). Foram abolidas em 1846, favorecendo os industriais e prejudicando os proprietários rurais. (N. T.)

volvimento; o prolongado conflito entre a demanda de mão-de-obra barata e os direitos dos homens, mulheres e crianças, especificamente o direito à educação. Cada um desses conflitos se deu dentro das estruturas sociais da Inglaterra rural, mas a questão não é apenas que cada um deles se situou no contexto da sociedade e da economia como um todo, sofrendo as pressões intrínsecas a elas, mas também que cada conflito representava uma forma de vida na sociedade e uma economia especificamente capitalistas, e cada vez mais era encarado nestes termos.

Assim, toda a situação foi profundamente afetada pela diminuição da importância da agricultura no quadro geral da economia, conforme já observamos. Contudo, a relação-chave, na conseqüente interação entre a Inglaterra urbana e a rural, a industrial e a agrícola, era sem dúvida o mercado. Mais para o final do século, chegou-se a um ponto em que o desenvolvimento da produção industrial e as conseqüentes mudanças na política econômica nacional levaram a uma situação em que se exportavam bens manufaturados e se importavam produtos alimentares estrangeiros a preços baixos. Naturalmente, essa situação jamais se configurou de modo total. Em 1868, cerca de 80% dos alimentos consumidos na Inglaterra ainda eram de produção nacional. As importações passaram a crescer rapidamente a partir da década de 1870, porém no contexto de um mercado ainda em expansão, tanto em termos de população geral quanto de aumento da demanda de carne e laticínios em relação ao de pão, reflexo do aumento do padrão de vida geral. Esse processo teve importantes efeitos globais sobre a agricultura e acelerou seu declínio relativo. Mas não foi um processo simples. Os efeitos mostraram-se mais acentuados na produção de cereais (afetada pela abertura das pradarias norte-americanas, bem como pelos navios a vapor e estradas de ferro) do que na de carne e laticínios, caso em que a demanda estava aumentando e os preços nacionais caíam muito menos. Houve então variações regionais de importância crucial nos efeitos dessas alterações do mercado: os condados triticultores do sul e do leste se viam numa situação muito diferente da dos condados do norte e do oeste, onde predominavam as pastagens; além disso, devido a pressões do mercado, houve um movimento geral no sentido de favorecer a pecuária em detrimento do cultivo de cereais. A grande depressão iniciada na década de 1870, que perdurou até a década de 1890, à qual se dá tanta importância na historiografia tradicional, foi um fenômeno muito complicado, no qual, em termos gerais, os produtores de

cereais perderam sua vantagem e os pecuaristas (em parte por causa da expansão do mercado e em parte por causa da queda do preço da ração, por sua vez causada pela própria perda dos produtores de cereais) saíram ganhando. O que aconteceu com essa mudança do mercado foi um redirecionamento da produção agropecuária, e isso, por sua vez, se deu no contexto da crise sócio-econômica de uma sociedade rural inserida numa Inglaterra capitalista.

Assim, os ganhos e perdas no mercado, que tiveram um efeito diferenciado sobre a agricultura como modo de produção capitalista, terminaram por afetar toda uma estrutura sócio-econômica, na qual os problemas clássicos da Inglaterra rural — propriedade da terra, meios de produção, posse e função do capital para investimentos e os problemas persistentes de salários, habitação e educação — eram também os problemas predominantes da sociedade como um todo. Num certo sentido importante, algumas estruturas sociais rurais, já estabelecidas havia muito, impediram a comunhão dos problemas dos trabalhadores rurais e urbanos. Não obstante, uma certa ligação entre eles acabou por se fazer. Da década de 1850 à de 1890, intensificou-se a migração das aldeias para as cidades, especialmente em certas partes do país. Estritamente falando, não houve um esvaziamento do campo, se bem que alguns condados sofreram perdas absolutas permanentes. De modo mais geral, o que aconteceu foi que a população rural não cresceu, enquanto a população urbana continuou a se expandir de modo extraordinário, no contexto de um aumento geral da população, ao mesmo tempo em que a emigração para outras terras sofreu um aumento notável.

É significativo que as famílias que abandonaram as aldeias nesse período fossem, em primeiro lugar, de trabalhadores sem terra e, em segundo lugar, de muitos dos artesãos mais antigos, os quais estavam sendo prejudicados por novas formas de produção industrial. Assim, a estrutura vigente de propriedade fundiária revelou-se, sob um aspecto importante, no caráter da migração. O que ficou evidente, de modo gritante, quando a população começou a abandonar o campo, foi a maneira como as terras estavam até então distribuídas.

No entanto, ao final do século XIX havia mais gente vivendo nos distritos rurais do que em todo o país apenas um século antes. E, apesar de todas as mudanças, essas pessoas ainda viviam numa ordem rural capitalista: uns poucos proprietários, muitos arrenda-

tários e trabalhadores sem terra. Esse sistema vigorava na "idade do ouro" que foi da década de 1850 até o início dos anos 1870; vigorava também durante a "grande depressão" dos anos 70 e 80. Períodos de vantagens comerciais e de catástrofes no comércio eram ambos filtrados através desse sistema dominante. Por fim — o que chega a merecer uma certa comemoração —, muitos dos proprietários foram embora, mas isto só se deu no século XX; a maior onda de transferência de propriedades para os agricultores ocorreu após 1914: num período de treze anos, um quarto das terras da Inglaterra e do País de Gales passaram das mãos de grandes proprietários para agricultores que trabalhavam suas próprias terras. Isso, contudo, foi feito a um certo preço, é claro; na verdade, o capital foi convertido em moeda para ser investido em coisas mais lucrativas.

E, durante todo esse processo de transformação, os trabalhadores rurais estavam presentes: agora representavam uma proporção muito menor do total da população operária, à medida que aumentava o número de empregos industriais e urbanos, mas em termos absolutos eram tantos no final do século XIX quanto haviam sido no início. Eram eles que apareciam na literatura com o nome "Hodge".*

Ouvimos alguns deles conversando em *Whistler at the plough*, obra de Alexander Somerville publicada em 1862. Somerville era filho de um trabalhador escocês: ordenhava as vacas, empurrava carrinhos; fazia parte de uma família de pequenos agricultores, trabalhadores, artesãos; as mulheres trabalhavam ao lado dos homens. Sua *Autobiography of a working man* (1848), em que relata sua juventude, é um clássico: não apenas por seus detalhes — os pais do autor possuíam uma pequena vidraça e a levavam, para utilizá-la como janela, para cada choupana onde iam morar — mas também pela descrição daquele mundo instável de trabalho árduo e marginal. O destino pessoal de Somerville foi extraordinário: após anos vivendo como trabalhador e *poacher*, tornou-se soldado, para escapar do desemprego, e após alistar-se escreveu a um jornal dizendo que os soldados não iriam reprimir uma manifestação a favor da Lei de Reforma. Foi descoberto e barbaramente açoitado. Tornou-se um herói nos meios radicais, mas acabou virando delator. *Whistler at the plough* foi escrito, em prol da Liga

(*) O equivalente ao "Jeca Tatu" brasileiro. (N. T.)

Anti-Lei do Trigo.* Posteriormente, Somerville emigrou para o Canadá.

A trajetória de Somerville por si só já é significativa, e exemplifica a ambigüidade de alguns dos observadores mais conscientes da vida dos trabalhadores rurais. Como os "poetas camponeses", dependiam de protetores para publicar suas obras e arranjar empregos; na única ocasião em que manifestou sua opinião de modo totalmente independente, Somerville foi brutalmente castigado. Porém o que ele e outros documentam, apesar das dificuldades que enfrentam, ajuda a demolir o mito do "velho Lazer" ou da "velha Inglaterra", reduzindo-o a detalhes duros e reais. O medo experimentado numa situação de dependência vergonhosa é algo que nunca pode ser esquecido. É o que vemos neste relato, no qual Somerville apresenta um trabalhador falando em Wiltshire:

Perry me parecia ter cerca de 35 anos de idade. Era de estatura mediana, usava um chapéu de palha, um lenço vermelho no pescoço e um casaco de fustão. [...] De início estava um tanto agitado, e hesitava tanto que alguns de seus vizinhos gritavam: "Não tenha medo de falar, William". Foi em resposta a tais gritos que ele disse não ter motivo para ter medo de falar [...]

[...] Tinha cinco filhos, o mais velho com dez anos, os outros com oito, seis, quatro e três. Ganhava sete xelins por semana para sustentar sua família. [...] Naquele dia havia caminhado três milhas e meia para ir ao trabalho. Levou um pedaço de pão consigo e bebeu um pouco d'água; e bebeu mais um pouco ao chegar em casa. ("Todos nós sabemos que isto é verdade." Uma voz: "Por que você treme tanto?") Respondeu Perry: Se em casa eu tivesse feito uma boa refeição acompanhada de uma boa cerveja, eu não estaria tremendo.⁸

Outro trabalhador, vizinho de Perry, disse lamentar que o proprietário local não tivesse ainda adotado a política de preservação da caça; se tivesse, "a gente não estaria tão mal de comida".

"Mas e a cadeia?", disse eu. "Neste caso, vocês poderiam parar na cadeia, não é?"

"Ora", responderam eles, "a cadeia não é tão ruim quanto o asilo; e qualquer coisa é melhor que passar fome".

(*) Organização que representava os interesses da burguesia industrial contra os dos proprietários rurais, visando à abolição dos impostos sobre a importação de trigo. (N. T.)

Quando, mais tarde, Somerville visitou Perry, soube que o fazendeiro para quem Perry trabalhava dissera à esposa deste que, embora ela tivesse tantos filhos pequenos, ela teria de ir trabalhar no campo, porque ele estava "precisando de gente no feno". O fazendeiro disse também que

"queria saber quais de seus homens haviam sido os primeiros a falar na reunião: ele daria um jeito de fazê-los se arrependem".

Porém Perry não se opôs a que Somerville publicasse seu relato.

Eles achavam que pior do que estavam não podiam ficar.⁹

Este depoimento mostra não apenas as condições de vida, das quais é necessário que nos lembremos, mas também o fortalecimento do ânimo de tantos homens simples. Já ouvi tantas histórias semelhantes, contadas inclusive por gente da geração de meu pai, que acredito ser isso uma verdade fundamental. Certamente, devemos enfatizar o sofrimento dos trabalhadores e suas famílias, mas estaremos sendo extraordinariamente injustos com eles se aceitarmos a visão ortodoxa de que eles eram pessoas derrotadas e ignorantes. Conheci meu avô paterno muito bem. Quando foi expulso de sua cabana, antes de 1914, ele contou o que lhe havia ocorrido numa reunião da aldeia, e meu pai me disse o quanto ficou atônito quando, ouvindo aquele homem duro e forte falando, viu-o de repente ser dominado pela emoção e chorar. Houve muitos William Perry, antes e depois de seu tempo.

Pensemos em Joseph Arch, nascido em 1826; seu pai com frequência ficava desempregado, e sua mãe, como tantas, havia trabalhado como criada e agora sustentava a família lavando roupa para fora, cortando fatias de pão de cevada para as crianças. Não havia como obter carne fresca senão através da caça clandestina: "não é exagero dizer que metade dos homens que se conhecem são *poachers*", e Arch os defende. Em 1872, Arch, juntamente com outros, fundou o sindicato:

Subi em meu banco e falei alto e bom som em favor do sindicato.¹⁰

Arch acabou sendo eleito para o Parlamento, pelos votos dos trabalhadores de Norfolk, depois da última lei de extensão do sufrágio masculino. Muito de seu ânimo inicial terminou manipulado e canalizado, como aconteceu com a maioria dos representantes dos trabalhadores urbanos. Mas quando Arch escreve, em sua autobio-

grafia, sobre seu trabalho de organização do sindicato, seus discursos, o modo como resistiu às ameaças, ele revela uma força extraordinária.

Ou então pensemos em Joseph Ashby de Tysöe, cuja memória foi conservada admiravelmente por sua filha, M. K. Ashby. Nascido em 1859, filho ilegítimo de uma criada, Ashby trabalhou em sua aldeia e seu distrito não apenas com força e coragem, mas também com uma inteligência notável e um autodidatismo impressionante. Sua coleção de documentos históricos locais faz parte dessa cultura mantida em segundo plano; e seu pendor democrático também é extraordinário. Nas aldeias, como nas cidades industriais, havia muitos homens como Ashby: inteligentes, autodidatas, fortes e honrados. Dedicando suas vidas inteiras a um trabalho árduo e mal-pago, cada um deles viveu uma segunda vida, dedicada a sua gente.

Precisamos manter em mente tais homens quando nos defrontamos com Richard Jefferies, que — de modo bem diverso — também entrou para a tradição literária. Quando Joseph Arch estava criando o sindicato, em meio a intensa polêmica nacional, o *Times* publicou três cartas de Richard Jefferies, de Coate Farm, Swindon, e o jornal as elogiou num editorial. O que diziam as cartas?

Jamais, em toda minha experiência, ouvi um trabalhador fazer um agradecimento; e, no entanto, posso afirmar com certeza que não há nenhuma classe de pessoas na Inglaterra que receba tantas atenções e benefícios de seus superiores quanto a dos trabalhadores do campo.¹¹

Era o tipo da coisa que se queria ouvir em oposição a Arch. Mas quem escrevera estas cartas?

Jefferies nasceu em 1848, em Coate, perto de Swindon. Seu bisavô era moleiro e padeiro em Swindon e, em 1800, comprou cerca de dezesseis hectares de terra a uns quatro quilômetros da cidade. O avô de Richard assumiu a empresa de Swindon em 1816, mudando-se de Londres para lá. Em 1822 foi construída em Coate uma casa que permaneceu vazia por alguns anos. Escreveu o pai de Richard mais tarde:

Eu fui o primeiro a morar nela, depois que larguei a escola aos catorze anos — minha irmã mais velha trabalhava com governanta e ordenhadeira para meu pai.

Mais tarde, a respeito da descrição de Coate feita por Richard, seu pai comentou:

Como é que ele pôde descrever Coate como um lugar tão agradável, não consigo imaginar, aliás nada que ele menciona fica exatamente em Coate e lá em Coate não tem nada que preste Snodshill era o nome de minha carroça, ele chamou de Coate Farm [Fazenda Coate] aquilo não merecia o nome de fazenda, não tinha quarenta acres [dezesseis hectares] de terra.¹²

Cinco hectares e meio dessa terra precisaram ser vendidos no final da década de 1860, e em 1878, alguns meses antes de Jefferies começar a escrever *Hodge and his masters*, seu pai vendeu o resto da terra e mudou-se para Bath, onde passou a viver de biscates como jardineiro.

Quando Richard tinha quatro anos, foi morar com uma tia em Sydenham. Lá ficou até completar nove anos; todos os anos vinha passar um mês de férias em Coate. Quando voltou a morar com os pais, passou a estudar em pequenas escolas particulares em Swindon. Aos dezesseis anos, com um primo, ele fugiu de casa, passou uma semana na França, acabou preso pela polícia em Liverpool e foi levado de volta para Swindon. Seu primeiro emprego foi de repórter, no *North Wiltshire Herald*, um novo jornal conservador de Swindon, em caráter irregular, entre 1866 e 1868; mais tarde, trabalhou no *Wiltshire and Gloucestershire Standard*, também de forma não regular, até 1873. Em 1874 casou-se com a filha de um fazendeiro vizinho e mudou-se para Swindon. Suas cartas para o *Times* lhe trouxeram mais oportunidades de escrever artigos sobre agricultura e vida campestre, e ele passou a maior parte do ano de 1875 morando em Surbiton, com a tia com quem havia morado quando pequeno. Mudou-se com sua família para Swindon em 1877, e foi lá que escreveu *Hodge and his masters*. Na década de 70, além de inúmeros artigos, publicou três romances, *The scarlet shawl*, *Restless human hearts* e *World's end*, e mais três livros sobre o campo, *The gamekeeper at home*, *Wild life in a Southern county* e *The amateur poacher*. Jefferies escreveu *Hodge and his masters* numa época em que estava adquirindo certa reputação como escritor, após anos de pobreza e incertezas. Nos anos 80 continuou a produzir artigos e publicou muitos livros: *Wood magic* e *Bevis*; *Nature near London*, *The life of the fields*, *The open air*; *Greene Ferne Farm*, *The dewy morn*, *After London*,

Amaryllis at the fair, *The story of my heart*. Mas havia adoecido na juventude, e a partir do início da década de 80 sua saúde foi piorando cada vez mais. Mudou-se para Sussex e morreu em Goring, a 14 de agosto de 1887. Oficialmente, a causa de sua morte foi “consumpção fibrosa crônica — exaustão”. Tinha 38 anos.

Vale a pena lembrar essa trajetória social e pessoal quando tentamos compreender o caráter e o desenvolvimento de sua obra. Jefferies deu uma importante contribuição à história social da Inglaterra rural. No entanto, trata-se de uma história social que é, explícita e implicitamente, uma obra de arte, escrita — como, sintomaticamente, tantas vezes acontece — por um homem cuja relação com seu material é, sob certos aspectos, marginal e paradoxal. Existe um mito Jefferies, e os livros ajudam a criá-lo: o homem que viveu a vida toda no campo, descendente de gerações de pequenos agricultores, imbuído da suposta “importância moral do padrão agrícola atemporal subjacente”. A realidade é outra, e é mais interessante. O escritor e jornalista suburbano, recriando o campo de sua adolescência numa pequena propriedade que mal consegue sobreviver; o homem doente, talvez o mais brilhante observador imaginativo das árvores, dos animais, das flores e do tempo de todo o século, observando e escrevendo até afirmar, no fim: “nada há para o homem na natureza [...] a menos que ele possua o Além”; ou, em seu último ensaio: “talvez com o tempo eu também termine constatando, após minha morte física, que na verdade a Terra jamais existiu”; o jovem ambicioso e trabalhador, defendendo em seus escritos os interesses dos proprietários rurais e dos empregadores, afirmando, em suas cartas ao *Times*, que “as afirmações feitas pelo ‘Filho de um trabalhador de Wiltshire’” só podiam despertar nele “ressentimento em nome dos fazendeiros deste condado”, de “Coate Farm”, Swindon.

A realidade social é igualmente significativa. Trata-se da região do norte de Wiltshire e sul de Gloucestershire, onde uma debulhadora portátil fora inventada e onde trabalhadores rebelados, pouco depois da mudança do pai de Jefferies para Coate, haviam lutado contra a milícia local; onde em Swindon, bem perto dali, estava sendo construída uma oficina ferroviária — a cidade cresceu rapidamente por ser um entroncamento e um centro de reparos —; lá, no tempo em que Jefferies estava começando a trabalhar como repórter, o longo período de depressão agrícola iniciava-se. O próprio Jefferies escreveu:

As mudanças que se acumularam nos últimos cinquenta anos foram tão numerosas e tão importantes que seria quase razoável supor que, por agora, já se atingiu o limite, e que as próximas gerações já encontrarão ocupação suficiente em assimilar as novas condições da existência. Porém, muito pelo contrário, todos os fatos atuais apontam inevitavelmente para a conclusão de que a era de desenvolvimento está apenas começando.¹³

A maior parte do material contido em *Hodge and his masters* foi absorvida por Jefferies quando ele era um jovem repórter do *Wiltshire and Gloucestershire Standard*, no início dos anos 1870: é este o "velho jornal" mencionado no capítulo três do segundo volume, do mesmo modo como "Fleeceborough" é Cirencester e os arredores de Badminton. Jefferies não era considerado particularmente bom como repórter, mas o fato é que ele estava observando as coisas por conta própria, seguindo seus próprios interesses. Nele encontramos desde a observação precisa de um efeito de luz sobre uma paisagem, como na brilhante descrição logo no início de "Hodge's fields", ou de incidentes como o do leite sendo levado até o trem em "Haymaking", ou a descrição de uma estação de província em "Mademoiselle, the governess"; passando por observações mais gerais que dão o quadro de toda uma instituição, como em "The solicitor" ou "The bank"; até uma espécie de observação global, que abarca personagens individuais e toda uma forma de vida, como em "Leaving his farm", "Going downhill", "An ambitious squire" ou "Hodge's last masters". Em cada uma dessas formas seu gênio se evidencia, e na última, em particular, Jefferies está trabalhando essencialmente como romancista. É sintomático que ele se dispunha a publicar *Amaryllis at the fair* ou como "romance" ou como "cenas da vida rural". Aqueles elementos que, nas suas obras explicitamente apresentadas como ficcionais, ele acrescentava à força imaginativa, à percepção aguçada das conexões entre personalidade, sociedade e meio físico, reveladas em seus ensaios e crônicas, evidenciam tanto as deficiências da forma romance em sua época quanto uma deficiência pessoal sua, uma certa propensão a uma forma diluída e tardia de idealização, e romantismo pré-rafaelistas. Por outro lado, quando lemos a frase inicial de *Hodge and his masters*, à porta da "estalagem Jason em Woodbury", sentimos o vigor da tradição do romance realista.

As limitações se manifestam nas leituras subsequentes, e uma delas, em particular, pede uma definição. Apesar de se dizer um "espírito justo e imparcial", Jefferies não era um observador neu-

tro. Eventualmente era um escritor engajado, que conhecera a fundo toda a crise dessa civilização rural e tinha compromissos firmes e nítidos. Mas também era, às vezes, um repórter a serviço de uma classe, até mesmo pau-mandado de um partido, como se vê no servilismo desagradável das últimas páginas de "Fleeceborough", na linguagem bombástica e mesquinha do final de "A winter's morning", nos estereótipos fáceis de "The cottage girls". De vez em quando, durante uma crise social, fica bem claro que ele está dizendo o que seus leitores querem ouvir, do mesmo modo como suas cartas ao *Times* foram um ataque a Arch e ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O que seus leitores viam, e ele próprio via às vezes, não eram homens e mulheres caracterizados (como ele próprio enfatizava, no caso dos fazendeiros) para "individualidade de caráter", e sim a figura simplista, a abstração, do Operário, ou de Hodge.

Para compreender este processo, as ilusões evidentes e por vezes patéticas, as simpatias contraditórias, ainda que frequentemente enfáticas, devemos compreender a ambigüidade da posição social de Jefferies: filho de um pequeno proprietário obrigado a vender sua terra e virar trabalhador diarista; aquela insegurança social que tantas vezes gera o tipo de bajulação das camadas superiores da sociedade e a tendência a estereotipar e denegrir as classes inferiores que, na cidade, seriam rotuladas de atitudes pequeno-burguesas. Porém é preciso ver também, tal como no caso de Lawrence, o jovem talentoso que utilizava a literatura como uma maneira de sair de toda aquela situação, necessariamente por intermédio dos que lhe eram socialmente superiores, e que sofria uma diversidade de pressões severas e constantes.

Pois Jefferies não terminou onde começou. Em seus últimos ensaios (e a mesma trajetória é visível em Lawrence) manifesta-se uma posição diferente.

Vale a pena possuir dinheiro ganho por meio de tanto esforço? Veja-se o braço de uma mulher que trabalha na colheita — fino, musculoso, rijo, quase negro, produto da faina constante. Depois de muito tempo trabalhando assim, ela se deforma, o pescoço perde o contorno arredondado e os tendões se destacam, o peito se aplaina. [...] Há muita coisa no trigo, muitos volumes de meditações; ele fala ao coração. Por trás desses aspectos belos aparece a realidade do trabalho humano — horas e horas de calor e esforço; a realidade de uma vida rude, em que, no final, pouco se ganha. O trigo é belo, mas a vida humana é trabalho.¹⁴

A este reconhecimento humano Jefferies acrescentava — e não admira que isto tenha sido tão pouco enfatizado — uma perspectiva econômica e política cada vez mais dura. Em *Thoughts on the labour question*, especialmente na segunda seção, "The divine right of capital", ele vai além da constatação de que o trabalho é árduo.

"Mas eles são pagos para fazê-lo", diz a Respeitabilidade Acomodada. [...] Pois vá você mesmo descer às minas. [...] Por que eles o fazem? Porque são impelidos pela Fome e pela Sede: são estes os temíveis flagelos, os açoites piores que o cnuete, que estão por trás do Capital e lhe dão poder.¹⁵

Observando as conseqüências políticas da extensão do sufrágio, Jefferies relembra o antigo sistema e as opiniões que dele têm os trabalhadores:

Falando às claras, o poder do pároco e do senhor, do arrendatário e do guardião de pobres,* atualmente inspira-lhes repugnância. É-lhes preferível ir embora.

Defendeu a democratização do campo:

A total ausência de qualquer autoridade, de qualquer centro comum, tende a fomentar o que parece ser total indiferença.

Porém

o espírito de independência só pode surgir quando a aldeia governar a si própria através de seu próprio conselho, sem depender do pároco, do senhor, do arrendatário nem do guardião de pobres.¹⁶

Um conselho paroquial, uma sala de leitura, um ginásio, cabanas construídas pelo conselho, um instituto de mulheres: eram estes alguns dos meios para se atingir uma nova independência no meio rural.

Trata-se de um reconhecimento crucial. Está ligado a minha própria opinião, formada no seio de uma família que viveu toda essa experiência, de que há mais espírito comunitário verdadeiro na aldeia moderna do que em qualquer época passada de que se tenha memória. As mudanças que ocorreram, através da democratização e das lutas econômicas, suavizaram e purificaram a velha

(*) Membro de um conselho eleito para administrar as leis de assistência à pobreza num distrito ou paróquia. (N. T.)

ordem. Mas apegar-se a essa realidade é reconhecer uma extensão, um vínculo, pois, no sentido estrito, não se trata de uma visão rural. Ou, pelo menos, não parece, quando comparada com aquela estrutura de sentimentos que, de certa modo, é derivada do primeiro Jefferies.

Fui obrigado a fazer este levantamento em minha mente, numa espécie de auto-análise, e Jefferies, mais do que qualquer um, proporciona um meio de fazê-lo. Nele encontramos a intensidade, uma intensidade solitária, de seus sentimentos em relação ao mundo físico: a linguagem verde que o vincula a Clare e Lawrence. Contudo, o mundo do trabalho rural, onde é mais comum encontrar as experiências físicas, está indubitavelmente mudando. Os trabalhadores estão firmemente a favor das mudanças. Nesse contexto, um equívoco pode ocorrer, uma falha na estruturação da mente. A defesa do "campo ameaçado de extinção" — do "ar livre", da "vida rural" — pode se confundir com aquela defesa da velha ordem agrária que é feita pelos proprietários, os *rentiers* e os literatos a serviço deles. A aversão física ao barulho e à pressa da cidade pode se transformar — tal como se dá em *After London*, de Jefferies — na visão impressionante, porém acrimoniosa, da metrópole sendo devorada pelo pântano e do reaparecimento de uma sociedade feudal e silvestre (o equivalente "rural" do "medievalismo" de William Morris). Assim, estranhamente associada ao amor às árvores, flores e pássaros, encontramos uma extensão praticamente inconsciente dos valores e das simpatias de uma sociedade injusta e arbitrária. "Foram-se as sebes, foram-se os proprietários": já ouvi esta frase textualmente, como se se tratasse de um único processo. As raízes desta confusão ainda hoje permanecem, teimosamente emaranhadas.

Jefferies não viveu o suficiente para chegar a resolver esta dificuldade. Podemos senti-la com toda a força, tendo em mente a estrutura social comum das "defesas do campo" da época, lendo um de seus últimos ensaios, *Primrose gold in our villages*,¹⁷ no qual ele descreve, com raiva, as novas formações políticas conservadoras da Inglaterra rural: os herdeiros daqueles que haviam lutado contra a extensão do sufrágio aos trabalhadores agora se mudavam para o interior para organizar, com muita habilidade, esses novos votos. "*Primrose gold*" (ouro de primulas): expressão é exata. A flor singela como símbolo da manipulação política; o amarelo da flor e do dinheiro que é a verdadeira fonte de poder;

a inocência natural, o domínio político: tudo isso está expresso nela.

Flores e privilégio; fumaça de fábricas e democracia. Esta imagística estava sendo formada, num campo relegado ao segundo plano, à sombra do desenvolvimento da indústria e das cidades. É uma imagística persistente; porém havia sempre uma outra tradição: Cobbett, Arch; o último Jefferies; Thomas Hardy.

18

WESSEX E A FRONTEIRA

Thomas Hardy nasceu a alguns quilômetros de Tolpuddle, poucos anos após a deportação dos trabalhadores rurais que haviam se reunido para organizar um sindicato. Esse fato deveria bastar para nos lembrar que Hardy veio ao mundo numa sociedade rural em processo de transformação e conflito, e não naquele fim-de-mundo retrógrado e imutável ao qual ele é tantas vezes relegado. Lembra-nos também que ele escrevia numa época na qual, embora ainda houvesse comunidades locais, havia também a rede visível e poderosa de uma sociedade global: o sistema judiciário e o econômico; as ferrovias, os jornais e os correios; um novo tipo de educação e um novo tipo de política.

A terra de Hardy, como se sabe, é Wessex: ou seja, basicamente Dorset e os condados vizinhos. Mas a verdadeira terra de Hardy, conforme veremos em breve, é aquela terra fronteiriça em que muitos de nós vivemos: entre a tradição e a instrução, entre o trabalho e as idéias, entre o apego ao torrão natal e a vivência das mudanças. Não há como questionar o compromisso de Hardy com sua terra e, por uma associação natural, com o passado dela, como indica a escolha do nome Wessex.* Porém seus romances, principalmente os últimos, tematizam a questão das mudanças. São situados num período que vai desde logo antes da época em que ele nasceu até o momento em que estava escrevendo: os últimos romances, os mais profundos, *Tess* e *Jude the obscure*, são, sintomaticamente, os mais contemporâneos. Neles há sempre a presença acentuada de um velho mundo rural: velho em seus costumes e

(*) Os romances de Hardy se passam numa região da Inglaterra onde, na Idade Média, ficava o reino de Wessex, e Hardy utiliza o nome antigo. (N. T.)

na memória, mas velho também num sentido relativo aos novos tempos de educação formal, velho enquanto parte da história, e mesmo da pré-história: a consciência da transformação adquirida através da instrução. Nos grandes romances de Hardy, de vários modos diferentes, a experiência da mudança e a da dificuldade da escolha são centrais, até mesmo decisivas.

É essa centralidade da mudança, e das complicações por ela acarretadas, que omitimos quando vemos Hardy como escritor regionalista, o cronista inigualável de seu Wessex, última voz de uma velha civilização rural. Este reconhecimento, mesmo quando feito com intenção de elogio, é acompanhado da idéia de que sua obra está cada vez mais distante de nós: de que Hardy não pertence ao nosso mundo, nem mesmo ao século XIX, mas é apenas o último representante da velha Inglaterra rural ou do campesinato.

Os sentimentos e idéias de grande complexidade que se manifestam nos romances de Hardy, inclusive os referentes à vida e à gente do campo, fazem parte de um mundo que não morreu. Hardy escreve, com mais consistência e profundidade do que qualquer outro romancista inglês, a respeito de algo que ainda está muito próximo de nós, onde quer que moremos: algo que pode ser expresso abstratamente como o problema da relação entre a vida regida pela tradição e a orientada pela instrução formal; entre os sentimentos e pensamentos ligados aos costumes e os que são frutos da educação. É este o problema que vimos em George Eliot e que voltaremos a ver em Lawrence. É a base da ligação significativa que há entre estes escritores.

A maioria das pessoas, antes de adquirir qualquer educação literária, aprende a conhecer e dar valor à vida tradicional — bem como a sentir as tensões por ela impostas. Vemos e aprendemos com base no modo como nossas famílias vivem e se sustentam; um mundo de trabalho e costumes locais, e de crenças tão profundamente dissolvidas nas ações cotidianas que de início nem sequer sabemos que são de fato crenças, passíveis de mudança e questionamento. Muitas vezes, a educação que recebemos nos fornece uma maneira de encarar essa vida que nos permite enxergar outros valores alheios a ela: foi o que Jude viu quando olhou para as torres de Christminster, além de sua terra. Muitas vezes sabemos, bem no fundo de nós mesmos, o quanto são necessários esses valores advindos da instrução, esses interesses intelectuais, nos lugares onde tradição equivale a estagnação, ou onde velhas ilusões continuam a ser repetidas como se fossem verdades atemporais. Sabemos,

em particular, o quanto tais valores são necessários para que se possa entender a mudança — a mudança ocorrida no coração daqueles lugares onde vivemos, onde trabalhamos, onde fomos criados.

As idéias, os valores, os métodos instruídos, naturalmente, podem ser adquiridos se conseguimos chegar a um lugar como Christminster — se, ao contrário do que aconteceu com Jude, somos admitidos ali. Mas, juntamente com a oferta, vez após vez surge uma outra idéia: a idéia de que o mundo do trabalho comum e das famílias comuns é inferior, distante; de que, agora que conhecemos esse mundo de saber, não podemos sentir respeito — nem, naturalmente, afeto — por aquele outro mundo, que ainda nos é tão familiar. Se ainda conservamos por ele algum afeto, o mundo de Christminster tem um nome para designá-lo: nostalgia. Se conservamos algum respeito, Christminster também nos dá um nome: política, ou, pior ainda, “sociologia”.

Porém a questão é mais do que aprender termos e tons; é o que acontece conosco, o que realmente acontece conosco, quando tentamos atuar como mediadores desses mundos em contraste: quando nos colocamos na posição de um Jude que teve permissão de entrar; ou quando voltamos para nosso lugar de origem, nossa família, e percebemos, em termos de idéia e de sentimento, o que significa a expressão “a volta do nativo”.* Isso tem uma importância especial para uma geração específica, de pessoas que vieram de famílias comuns, chegaram à universidade e têm de descobrir, durante toda uma existência, o que representa esta experiência. Mas tem também uma importância muito mais geral; pois na Grã-Bretanha, de modo geral, o que vem acontecendo é isto: velhos costumes, lugares, idéias e sentimentos são abandonados; descobrem-se no novo certos problemas imprevistos, crises inesperadas e muito agudas, conflitos entre desejos e possibilidades.

Nesse mundo característico, arraigado e móvel, conhecido e no entanto só recentemente tornado consciente e autoconsciente, a figura de Hardy se destaca como um marco. Não é de um velho mundo rural nem de uma região remota que Hardy agora se dirige a nós, e sim do âmago de uma experiência ainda ativa, do conhecido e do mutável, que podemos apreender enquanto idéia mas que, em última análise, é importante no que se manifesta como pressões pessoais — relacionamentos que se formam e que fracassam.

(*) Título de um dos romances de Hardy, *The return of the native*. (N. T.)

sam, crises da personalidade física e mental —, os quais o romanista Hardy ao mesmo tempo relata e dramatiza.

Mas é claro que não vemos nada disso, ou, se vemos, não sabemos como falar a respeito nem como lhe dar valor, se aprendemos a encarar Hardy com o tom de condescendência que é agora tão comum.

Quando as senhoras se retiraram para a sala de estar, vi-me sentado ao lado de Thomas Hardy. Lembro-me de um homenzinho com rosto de camponês. Apesar do traje a rigor e da camisa engomada, havia nele um estranho ar telúrico.¹

Temos aqui uma das típicas narrativas pós-prandiais de Somerset Maugham. Talvez Hardy jamais devesse ter se aproximado desse mundo, se exposto a ele. Mas o tom e a atitude são significativos, na distância revelada entre aquela sala de jantar e aquele “ar telúrico” de um mundo rural longínquo. A distância que, para alguns, os separa da terra, do trabalho, que se faz presente na ponta do garfo sob forma de legume, ou do trabalhador que se apresenta em meio àquela gente civilizada com seu “rosto de camponês”. É o que vemos, mais uma vez, quando Henry James fala no “pequeno Thomas Hardy, tão bonzinho”, ou quando F. R. Leavis diz que *Jude the obscure* possui lá seus méritos apesar do que tem de “desajeitado”.

Um tom de condescendência social, fundamentado em suposições simplistas e diretas com base na origem geográfica, vem associado, de modo interessante, a um tom de condescendência literária e a uma intenção desabonadora, com uma forte suposição preconceituosa acerca da substância da ficção de Hardy. Se ele era um homem do campo, um camponês, então é este o ponto de vista, o ponto de vista literário essencial, de seus romances. Ou seja: a ficção é não apenas a respeito de camponeses de Wessex como também é obra de um deles, o qual, naturalmente, conseguiu obter alguma instrução (se bem que não suficiente). Por conseguinte, torna-se necessário fazer certas discriminações em termos de atitudes e de fatos.

Em primeiro lugar, é melhor abandonar o termo “camponês”. Na região em que Hardy vivia e trabalhava, como na maioria das outras regiões da Inglaterra, conforme já vimos, praticamente não havia camponeses, embora o termo “campesinato” ainda fosse utilizado pelos escritores para se referirem, de modo genérico, aos

habitantes do interior. Na realidade, essas pessoas eram proprietários, arrendatários, comerciantes, artesãos e trabalhadores, e essa estrutura social — que constitui, no sentido social, a matéria-prima dos romances — é radicalmente diferente, quanto a sua variedade, suas nuances e muitas de suas atitudes humanas básicas, da estrutura de um campesinato. Em segundo lugar, Hardy não pertence a nenhum desses grupos. À parte seu trabalho de escritor, ele era um dos muitos profissionais liberais que trabalhavam nessa estrutura social, muitas vezes sem saber com certeza se realmente faziam parte dela. Uma sutil gradação de classes é uma característica do capitalismo em qualquer lugar e é claramente visível no capitalismo rural também. O pai de Hardy era um empreiteiro que empregava seis ou sete trabalhadores. Hardy não gostava que chamassem sua casa de cabana, porque tinha consciência de que seu pai era um empregador. A casa é de fato bem pequena, mas no fundo dela há uma pequena janela através da qual os empregados recebiam seu pagamento, e as outras habitações da rua são certamente menores. Ao mesmo tempo, quando caminhava para a escola, Hardy via a mansão de Kingston Maurward (agora felizmente transformada em faculdade de agronomia), na qual seu pai fazia algumas obras, e isto revelava um desnível social que fazia as outras distinções parecerem relativamente pequenas, se bem que não insignificantes. Ao tornar-se arquiteto e fazer amizade com a família de um pároco (aliás, sua mulher também vinha de uma família desse tipo), Hardy passou a ocupar uma posição diferente na estrutura social, ligada à classe dos instruídos, mas não à dos proprietários, porém mantendo ao mesmo tempo, através de sua família, as ligações com aquele grupo de pequenos empregadores, comerciantes, artesãos e sitiantes que nunca se distinguiam completamente dos trabalhadores.

Como escritor, sua posição é semelhante. Hardy não é nem proprietário nem arrendatário, nem comerciante nem trabalhador, e sim observador e cronista, muitas vezes, mais uma vez, sem saber exatamente qual é sua situação. Além disso, não escrevia para a gente do campo, mas sim sobre ela; seu público era basicamente metropolitano, sem vínculos com o meio rural. Esses dois fatos ressaltam a necessidade de voltar a atenção para o que realmente importa: a tentativa de Hardy no sentido de descrever e valorizar uma forma de vida que ele conhecia bem, mas com a qual tinha vínculos incertos, e os métodos literários decorrentes da

natureza desta tentativa. Como é tão comum acontecer, quando os estereótipos sociais atuais são removidos, o problema crítico adquire uma clareza nova.

Trata-se do problema crucial de boa parte da ficção inglesa, a partir da mobilidade social ambígua do século XIX, concreta e ao mesmo tempo incompleta. E é tanto uma questão de substância quanto de método. É comum reduzir a ficção de Hardy ao impacto de um elemento urbano estranho sobre o "padrão atemporal" da vida rural inglesa. No entanto, embora este dado esteja por vezes presente, o mais comum é a relação entre a natureza cambiante da vida rural, determinada tanto por suas próprias pressões internas quanto pelas vindas "de fora", e um ou mais personagens que em maior ou menor grau separaram-se dela, porém permanecem inextricavelmente envolvidos por causa de algum vínculo familiar. É neste ponto que os valores sociais são dramatizados de uma maneira muito complexa, e é aqui que parece surgir a maioria dos problemas do texto de Hardy.

Podemos ilustrar esta argumentação com dois exemplos, um menor e outro maior, em caráter preliminar. Quase todos os leitores tendem a encarar Tess como simplesmente uma jovem camponesa passional, seduzida por um forasteiro; contudo, é surpreendente constatar que, bem no início do romance, tem-se uma explicitação inequívoca de uma experiência clássica de mobilidade social:

A sra. Durbeyfield costumava falar em dialeto; sua filha, que havia concluído a sexta série na Escola Nacional com uma professora formada em Londres, falava duas línguas: o dialeto em casa, mais ou menos; o inglês comum fora de sua casa e com pessoas de maior distinção.²

Grace, em *The woodlanders*, e Clym, em *The return of the native*, representam essa experiência de modo mais completo; mas, seja como for, trata-se de um tema constante, num nível muito mais importante do que o das trivialidades de sotaque. E, quando levamos tal fato em conta, torna-se desnecessário fazer o que fazem tantos críticos contemporâneos, que isolam *Jude the obscure* como um tipo de romance totalmente diverso.

Exemplo mais notável do que representa esse tipo de separação, e do que ela envolve, vamos encontrar numa descrição de Clym em *The return of the native* que se enquadra muito bem na argumentação por mim apresentada em *Culture and society*:

Yeobright adorava gente como ele. Estava convicto de que o que a maioria dos homens precisava era de um tipo de conhecimento que leva à sabedoria e não à riqueza. Queria elevar a classe em detrimento dos indivíduos, e não os indivíduos em detrimento da classe. Mais ainda, estava disposto a ser imediatamente a primeira unidade sacrificada.³

A idéia de sacrifício vem associada, em toda a trama, ao velho tema da vocação frustrada ou prejudicada por um casamento equivocado; teremos de voltar a examinar, mais adiante, este impasse característico da obra de Hardy. Mas está associada também ao tema geral da mudança social, cuja presença é uma constante. Como sempre ocorre na ficção realista séria, a qualidade e o destino dos indivíduos e a qualidade e o destino de toda uma forma de vida são vistos na mesma dimensão, e não como questões separadas. É como observador que Hardy prepara esse contexto para um fracasso individual:

Na passagem da vida bucólica para a intelectual, as etapas intermediárias são, normalmente, no mínimo duas, e com frequência bem mais numerosas; e uma delas é invariavelmente a ascensão mundana. É quase impossível imaginar a placidez bucólica transformando-se em metas intelectuais sem haver uma fase de transição de metas sociais. A peculiaridade local de Yeobright era o fato de que, ao almejar pensamentos elevados, ele ainda se atinha a uma vida austera — mais ainda, a uma vida sob muitos aspectos agreste e pobre, e ao convívio fraterno com labregos. Era um João Batista cujo bordão era o enobrecimento e não o arrependimento. Mentalmente, vivia num futuro provinciano; ou seja, em relação a muitas questões estava à altura dos principais pensadores citadinos de seu tempo. [...] Devido a essa posição relativamente avançada, Yeobright poderia ser considerado infeliz. O mundo rural não estava preparado para ele. Um homem só deve estar parcialmente à frente de sua época; estar completamente na vanguarda em suas aspirações é fatal para a fama. [...] Aquele que advoga o empenho estético e despreza o esforço social normalmente só é compreendido por uma classe para a qual o empenho social é uma questão já morta. Tentar defender a possibilidade de a cultura vir antes do luxo perante o mundo bucólico pode ser uma posição correta, porém é uma tentativa de perturbar uma seqüência à qual a humanidade há muito se habituou.⁴

A sutileza e a inteligência desta argumentação, desenvolvida no final da década de 1870, provêm de uma mente acostuada com o relativismo e o pensamento histórico, não apenas em termos

abstratos, tal como lhe fora ensinado por Mill e Darwin, mas no ato de observar uma experiência pessoal de mobilidade social. Aqui, o que está em questão não é a oposição entre campo e cidade, nem mesmo, em termos simples, entre tradição e inteligência consciente. Trata-se de um processo histórico, mais complicado e mais urgente, no qual a instrução está ligada à ascensão social no contexto de uma sociedade de classes, de modo que se torna difícil — salvo no caso de uma excêntrica demonstração pessoal — comprometer-se ao mesmo tempo com a instrução e com a solidariedade social (ele “queria elevar a classe”). É também o processo por meio do qual a cultura e a prosperidade passam a ser reconhecidas como metas incompatíveis, seja qual for o prejuízo para ambas, e o reconhecimento cínico de que, em qualquer mundo real, a segunda meta será sempre a primeira prioridade.

Assim, a relação entre o migrante e seu grupo de origem será excepcionalmente complicada. Sua lealdade o leva a fazer coisas que o grupo considera insensatas, já que os valores explícitos do grupo sustentam a associação entre instrução e ascensão pessoal que seu novo grupo forjou mas que, por isso mesmo, o migrante não pode aceitar.

— Estou abismado, Clym. Como é que você pode querer coisa melhor do que o que você já tem?

— Mas eu detesto esse meu trabalho. [...] Quero fazer algumas coisas meritórias antes de morrer.

— Depois de tudo que se faz para lhe dar uma ajuda inicial, quando tudo que você precisa fazer é seguir em frente até ficar rico, você diz que... Fico perturbada, Clym, ao saber que você voltou com essas idéias. [...] Jamais me passou pela cabeça que você pudesse querer andar para trás por livre e espontânea vontade. [...]

— Não posso fazer nada — disse Clym, num tom intranquilo.

— Por que você não pode... ter sucesso como os outros?

— Não sei, só sei que há muitas coisas a que as outras pessoas dão valor, e eu não dou. [...]

— E, no entanto, você bem que podia ter enriquecido se tivesse perseverado. [...] Pelo visto, você vai acabar como seu pai. Como ele, você está enjoando do sucesso.

— Mamãe, o que é o sucesso?⁵

A pergunta é bem conhecida, mas mesmo depois de tantos anos não há outra mais relevante nem mais radical. Dadas estas pressões complexas, a volta do nativo tem uma certa nulidade inevitável, e

as únicas ações concretas que estão a seu alcance parecem meros frutos do espírito de contradição. Assim, a necessidade de identificar-se socialmente com os trabalhadores gera a característica identificação negativa de Clym com eles; Clym acaba ele próprio tornando-se trabalhador, e seu objetivo original fica muito mais difícil de alcançar: “a monotonia de seu trabalho o tranqüilizava, e era ela própria um prazer”.

Hardy entende e controla tudo isto, mas a pressão tem outros efeitos, menos conscientes. Em *Ana Karenina*, a opção de Levin pelo trabalho braçal inclui algumas motivações semelhantes; em última análise, contudo, representa a opção pelo homem em oposição a uma Natureza abstrata — a opção por trabalhar com homens em vez de se perder numa força natural. Porém esta distinção crucial é obscurecida pelas tradicionais discussões a respeito do apego de Hardy à vida campestre, que funde numa massa indiferenciada os urzais e bosques “atemporais” e os homens que neles trabalham. O impulso humanitário original — ele “adorava gente como ele” — pode certamente tornar-se anti-humano: os homens podem passar a ser vistos como criaturas que rastejam nesta imensidão atemporal, o que é sugerido de forma poderosa pelas imagens dos urzais e do trabalho de Clym nesta paisagem. Trata-se de uma transição muito comum na literatura desse período, mas Hardy nunca se sente muito à vontade com ela, e o impulso original, tal como se dá em *Jude the obscure*, insistentemente reaparece e estabelece identificações mais precisas.

Ao mesmo tempo, o nativo que voltou não está separado apenas dos padrões do mundo instruído e próspero “de fora”. Está também — o que é em certo grau inevitável — separado das pessoas que não seguiram a mesma trajetória que ele; ou, mais freqüentemente, trata-se de uma separação que pode se disfarçar de apego romântico a uma forma de vida na qual as pessoas são meros instrumentos: figuras numa paisagem ou, quando o tom literário falha, numa balada. Torna-se fácil, então — num enfoque aparentemente afetuoso —, observar, para divertir uma platéia urbana, a rudeza e as limitações, mas também o lado pitoresco, o humor grosseiro, a inocência rústica do “bucólico”. A complexidade da ficção de Hardy se revela simplesmente no fato de que ele cobre toda a gama de enfoques que vai da observação externa de costumes tradicionais, modulada por um afeto claramente condescendente (como em *Under the greenwood tree*); passando por uma identificação muito positiva entre, de um lado, as intuições da

natureza e os valores do trabalho compartilhado e, de outro, a profundidade e a fidelidade humanas (como em *The woodlanders*); até a percepção humanitária, bem mais notável, porém muito mais difícil, das limitações que não podem ser resolvidas pela nostalgia, pelo charme, nem pelo misticismo simples da natureza, mas que são vivenciadas por todos os personagens, na vida real da qual todos fazem parte, as limitações dos instruídos e ricos estando organicamente relacionadas às dos ignorantes e pobres (como se dá em trechos de *Return of the native* e em *Tess e Jude*). Mas, para fazer estas distinções e observar as variações entre as diferentes reações com a clareza necessária, precisamos ir além dos estereótipos de autodidata e camponês e ver Hardy em sua identidade verdadeira: ao mesmo tempo observador instruído e participante apaixonado, numa época de transformações gerais e radicais.

A escrita de Hardy — ou, para fazer uma abstração, seu estilo — é evidentemente afetada pela crise que venho descrevendo, a da volta do nativo. Sabemos que ele se preocupava com a forma de sua prosa e que era levado, pelos pressupostos comuns às pessoas instruídas da época, a estudar Defoe, Fielding, Addison, Scott e o *Times*, como se eles pudessem ajudá-lo. Sua complexa posição como escritor, escrevendo a respeito da vida rural para um público que, quase invariavelmente, via o campo ou como natureza vazia ou como o lugar onde trabalhavam aqueles que eram socialmente inferiores foi, de qualquer modo, crítica em relação à questão da linguagem. Aquelas qualidades que costumam ser apontadas como suas virtudes — a narrativa em forma de balada, a imitação literária prolongada de formas tradicionais de fala — a meu ver são basicamente deficiências. Esse é o tipo de coisa para o qual seus leitores estavam preparados: uma “tradição” em vez de seres humanos. Fosse como fosse, esses recursos não poderiam servir a suas obras maiores, nas quais era precisamente a perturbação, e não a continuidade, que tinha de ser comunicada. Seria fácil relacionar o problema do estilo de Hardy às duas línguas de Tess: a conscientemente instruída e a inconscientemente costumeira. Mas esta comparação, ainda que sugestiva, não é adequada, pois na verdade nenhuma das duas serviria para comunicar a experiência de Hardy, já que em última análise ambas eram insuficientemente expressivas: a instruída, muda em termos de intensidade e limitada em termos de humanidade; a costumeira, cerceada pela ignorância e tornada complacente pelo hábito. Sem dúvida, encontramos em Hardy momentos em que ele se rende a uma ou outra, mas o grosso

de sua obra madura representa um experimento mais difícil e complicado. Por exemplo:

A estação desenvolvia-se e amadurecia. Mais uma cota anual de flores, folhas, rouxinóis, tordos, tentilhões e demais criaturas efêmeras que vinham assumir seus postos em lugares onde apenas um ano antes outras haviam estado, quando estas de agora ainda não passavam de germes e partículas inorgânicas. Os raios do sol nascente faziam brotar rebentos e os esticavam em longos caules, puxavam para cima a seiva em fluxos silenciosos, abriam pétalas e arrancavam odores em invisíveis jatos e hálitos.

Os rapazes e raparigas da leiteria de Crick seguiam suas vidas confortáveis, plácidas, até alegres. A posição que ocupavam na escala social era talvez a mais feliz de todas, estando acima da linha onde termina a necessidade e abaixo da outra em que as *convenances* começam a estorvar os sentimentos naturais e a tensão das vaidades baratas começa a transformar o bastante em insuficiente.

Assim passava o tempo das folhas, em que a arborescência parece ser o único objetivo do mundo exterior. Tess e Clare inconscientemente se examinavam um ao outro, sempre equilibrados na beira de uma paixão e, no entanto, aparentemente conseguindo não cair nela. E enquanto isso convergiam, seguindo uma lei inexorável, exatamente como dois riachos num mesmo vale.⁶

Este trecho não representa nem o melhor nem o pior de Hardy, mas revela as inúmeras e complexas pressões atuantes no interior do que necessariamente parecia uma intenção única. “O tempo das folhas, em que a arborescência...” é um exemplo de estilo “instruído” pomposo, porém a utilização de “*convenances*”, que pode parecer simples modismo, exprime um sentimento preciso. “Cota” e “efêmeras” também são termos utilizados com precisão, numa frase que revela principalmente a força do que deve ser qualificado como ponto de vista instruído. A consciência do processo natural, em “germes e partículas inorgânicas” (certamente ele aprendera isto com Darwin, o qual, juntamente com Mill, era sua principal influência intelectual), é, para os objetivos de Hardy, um acompanhamento necessário das descrições mais diretas e aprazíveis da natureza na primavera. Temos uma perda, e não um ganho, quando Hardy cai na abstração mais simples e mais grosseira de “os rapazes e raparigas da leiteria de Crick”, que superficialmente pode parecer a voz do homem do campo, mas é na verdade a do observador distanciado e pouco interessado. Quanto mais Hardy

utiliza os recursos do idioma, como observador meticuloso, mais competente é sua prosa. Há mais força em "inconscientemente se examinavam um ao outro", que é ao mesmo tempo instruído e envolvido, do que em "dois riachos num mesmo vale", onde se vê, como em "lei inexorável", algo de sintético, o autor representando o papel de romancista rural.

O estilo maduro de Hardy é ameaçado, de um lado, pelo "latinismo" forçado da dicção ou da construção, do qual é fácil encontrar muitos exemplos (coisa que todos nós fizemos na faculdade, como uma forma de vingança), e, de outro lado, por esta artificialidade que é percebida muito mais raramente, pois é aceita com facilidade, devido à atitude de condescendência que já vimos, como a voz do homem do campo (e por vezes trata-se mesmo da voz do homem do campo, literalmente, um toque pitoresco que é uma forma de condescendência do autor em relação a seus personagens rurais). O estilo maduro em si é claramente um estilo instruído, em que a extensão do vocabulário e a complexidade da construção são necessários à intensidade e precisão da observação que constitui a posição e o atributo essenciais de Hardy.

Os tons acinzentados da alvorada não são as tonalidades acinzentadas do pôr-do-sol, ainda que a intensidade seja a mesma. No crepúsculo matutino a luz parece ativa, a escuridão passiva; no crepúsculo vespertino é a escuridão que é ativa e crescente, e a luz, seu reverso modorrento.⁷

Eis o observador instruído, ainda profundamente envolvido com o mundo que está observando, e o sabor local desta prosa é o tom decisivo de suas obras maiores.

O que complica a situação é que Hardy está numa posição muito difícil e vulnerável. Sem as intuições da história conscientemente aprendida e da compreensão instruída da natureza e do comportamento, ele simplesmente não consegue observar, num nível de respeito humano sustentado por mais tempo. Até mesmo a percepção do chamado "atemporal" — que na verdade nada mais é do que o senso histórico, a observação dos túmulos antigos, das ruínas romanas, da ascensão e queda das famílias, as placas e monumentos das igrejas — é, como já afirmei, uma função da educação. A verdadeira percepção da tradição é algo a que só tem acesso aquele que já leu a respeito dela, ainda que o que esteja em questão seja sua terra natal, à qual ele já está profundamente ligado através da memória e de experiências de outro tipo: uma família e uma

infância; uma intensa associação de pessoas e lugares, que formam sua história pessoal. Ver a tradição dessas duas maneiras é, de fato, o dom peculiar de Hardy: a terra natal e a experiência dela, mas também a instrução, a investigação consciente. Mas ver, depois disso, as pessoas concretas, no contexto desta complexa visão do passado e do presente, é outro problema. Hardy vê com olhos de participante e observador ao mesmo tempo; é esta a fonte de tensão. Pois o processo que lhe permite observar é claramente, na época de Hardy, um processo que inclui, em seu apego a sentimentos de classe e divisões de classe, uma alienação decisiva.

Se estes dois percebiam a inépcia social crescente de Angel, ele percebia suas limitações mentais crescentes. Felix lhe parecia puramente Igreja; Cuthbert, puramente Universidade. Para um, o mundo girava em torno de sínodos e visitas episcopais; para o outro, de Cambridge. Cada um dos irmãos reconhecia abertamente a existência de alguns milhões de pessoas sem importância na sociedade civilizada, que nem pertenciam à Universidade nem à Igreja; contudo, bastava tolerar tais pessoas, não sendo necessário nem levá-las em conta nem respeitá-las.⁸

Temos aí um exemplo do que é visto às vezes como ressentimento da parte de Hardy, mas que na verdade é apenas observação fria e precisa. O que Hardy vê e sente a respeito do mundo instruído de seu tempo, preso a seus preconceitos sociais arraigados e, conseqüentemente, a sua alienação humana, é tão evidentemente verdadeiro que a única coisa a causar espanto é a constatação de que os críticos atuais ainda se identificam suficientemente com tal mundo — o mundo que, fria e grosseiramente, se fechava para Jude e milhões de outros homens — a ponto de realizar, na literatura, a mais desgastada das táticas políticas: a transferência de ressentimento, de uma mentalidade puramente classista, daqueles que excluem para aqueles que protestam. Mas o isolamento que pode advir da posição do observador que adota procedimentos instruídos, mas não consegue sentir empatia pela classe instruída existente, é um isolamento profundo. Temos aqui não o homem do campo pouco à vontade com suas roupas citadinas, e sim a tensão mais relevante — a qual, naturalmente, vem acompanhada de mal-estar e surtos de ressentimento e nostalgia — do homem envolvido por sua história pessoal na crise geral das relações entre educação e classe, relações essas que, na prática, são entre inteligência e solidariedade. Observa Hardy, em relação aos irmãos Clare:

Talvez, tal como ocorre com muitos homens, as oportunidades de observação que tinham não fossem tão boas quanto as de expressão.⁹

Tais oportunidades, afinal, são inexistentes, numa época em que a educação é usada para formar membros de uma classe e separá-los dos outros homens tão completamente quanto de suas próprias paixões (pois há interconexões profundas entre os dois processos). Assim, Hardy vê este processo nos outros, enquanto formadores de uma classe, mas a história verdadeira de suas obras revela que ele conhecia pessoalmente a experiência da separação: uma separação paradoxal, pois uma experiência mais comum ainda era próxima e real.

Devemos ter em mente essa complexa pressão ao examinarmos o meio rural que Hardy estava descrevendo. Se ele era tão sensível e esse meio, era porque sua própria mobilidade situava-se numa sociedade também móvel e em mutação. Era deste modo que ele via os outros, em seu excelente ensaio a respeito do trabalhador de Dorsetshire, *Dorsetshire labourer* (que pode ser comparado com o que Jefferies escreveu sobre o de Wiltshire, em *Wiltshire labourer*):

Eles estão perdendo a individualidade, porém estão ampliando o âmbito de suas idéias e ganhando liberdade. Seria demais querer que eles permanecessem estagnados e antiquados para o deleite de espectadores românticos.¹⁰

Este movimento duplo, de perda e libertação, de vulnerabilidade e vantagem, é a característica que ele tem em comum com o mundo rural em que vive.

Um Wessex moderno de ferrovias, correio, máquinas de ceifar e colher, oficinas sindicalizadas, fósforos de fricção, trabalhadores alfabetizados e crianças em escolas públicas.¹¹

A questão não é o fato de que Hardy reconhece essas inovações modernas, e sim o de que praticamente todas as que ele menciona já existiam antes de seu nascimento (a estrada de ferro chegou a Dorchester quando Hardy tinha sete anos). Os efeitos dessas mudanças certamente continuaram, e os efeitos complexos da tendência geral da economia, com impactos contrastantes em diferentes áreas e seções de uma sociedade rural na qual ainda havia um movimento de migração em direção às cidades, iam se fazendo sentir gradativamente. O campo não era atemporal, mas também não era

estático; de fato, foi porque o processo de transformação mostrou-se demorado (o que Hardy sabia) que a crise assumiu suas formas específicas. Foi de modo detalhado, vendo os efeitos gerais na sociedade como um todo, mas também os processos internos e seus complicados efeitos sobre a estrutura social rural, que Hardy registrou e explicou esse processo, como por exemplo neste trecho de Tess:

Todas as mutações cada vez mais visíveis ocorridas nas aldeias não se originavam exclusivamente da agitação do campo. Havia também um processo de perda de população. Na aldeia havia antigamente, ao lado dos trabalhadores agrícolas, uma classe interessante, mais bem-informada, que era nitidamente superior à daqueles — a classe à qual haviam pertencido os pais de Tess — e na qual se incluíam o carpinteiro, o ferreiro, o sapateiro, o fruteiro, juntamente com outros trabalhadores que não os de fazenda; um grupo de pessoas que gozavam uma certa estabilidade de objetivos e conduta graças ao fato de terem posse vitalícia da terra, como o pai de Tess, ou eram *copyholders* ou, por vezes, pequenos *freeholders*. Porém, quando expiravam os velhos contratos, as terras raramente eram alugadas para arrendatários do mesmo tipo, e as casas eram normalmente demolidas, quando o proprietário não as pedia para seus próprios empregados. Os trabalhadores que não trabalhavam diretamente na terra eram malvistas, e a expulsão de uns implicava a falência das lojas de outros, que, desse modo, eram obrigados a ir embora também. Essas famílias, que antes formavam a espinha dorsal da vida da aldeia, que guardavam as tradições da aldeia, eram levadas a buscar refúgio nos centros maiores; tal processo, que recebia dos estatísticos o nome jocoso de “tendência da população rural a migrar para as cidades grandes”, era na verdade a tendência da água a fluir para o alto dos morros quando forçada a fazê-lo por máquinas.¹²

Temos aqui coisa bem diversa da visão simplista e sentimental do campo como vítima indefesa da cidade. As pressões surgidas dentro da própria sociedade rural são vistas com precisão, e lhes é atribuída uma dimensão humana e social, e não mecânica.

De fato, não vemos quase nada do que Hardy tem para nos mostrar se impomos às relações por ele descritas uma convenção neobucólica que mostra o homem do campo como uma figura anti-quíssima, ou uma visão de um interior próspero sendo desintegrado pela revogação da Lei do Trigo, ou pelas estradas de ferro, ou pelas maquinarias industriais. Assim, a questão não se limita apenas ao fato de que a revogação da Lei do Trigo e as importações baratas

de trigo tiveram menos impacto sobre Dorset, um condado onde predominavam a pecuária e a policultura, onde a chegada das estradas de ferro foi comercialmente vantajosa para a venda de leite para Londres; é o processo econômico que Hardy descreve, com sua precisão característica, em *Tess*:

Chegaram à luzinha débil, a qual provinha do lampião fumacento de uma pequena estação ferroviária; uma mísera estrela terrestre, porém num certo sentido mais importante para a Leiteria Talbothays e para a humanidade do que os astros celestiais com os quais fazia um contraste tão humilhante. Os latões de leite fresco foram descarregados na chuva; Tess encontrou abrigo parcial sob um pé de azevinho. [...]

[...] — Amanhã este leite será bebido por gente de Londres no jejum, não é? — perguntou ela. — Gente estranha, que nunca vimos [...] que nada sabem a nosso respeito, nem sabem de onde ele vem, nem pensam nas duas milhas que viajamos hoje pela charneça, na chuva, para que ele chegasse até eles a tempo.¹³

A nova ligação concreta e, no entanto, dentro dela, as descontinuidades de conhecimento e de situação são as formas específicas desse mundo rural moderno. O que acontecia então na economia global, num mercado urbano e industrial cada vez mais organizado, tinha seus efeitos em parte cegos — uma nova demanda aqui, colapso e queda de preços ali — sobre uma economia rural essencialmente subordinada e, agora, apenas em parte doméstica. Mas as forças de mercado que influíam e atuavam à distância estavam também profundamente arraigadas na própria economia rural: no sistema de arrendamentos e comércio; nos problemas dos proprietários e arrendatários; nas diferentes condições de trabalho nas terras boas e nas más, ou em aldeias socialmente diferentes (como no contraste entre Talbothays e Flintcomb Ash); e no que acontecia com pessoas e famílias dentro da interação entre forças gerais e histórias de vidas individuais — a área complexa de ruína ou sobrevivência, vulnerabilidade ou continuidade. Era essa a sociedade concreta em que Hardy vivia, e não podemos aboli-la em favor de uma “forma de vida rural” abstraída e uniforme.

É verdade que havia continuidades além dessa situação social dominante, nas vidas de comunidades específicas (embora duas ou três gerações, ainda vivendo numa cultura parcialmente oral, muitas vezes pudessem manter uma ilusão de atemporalidade). Do mesmo modo, é óbvio que na maioria das paisagens rurais existem características físicas muito velhas e muitas vezes inalteradas, que man-

têm uma escala temporal bem diferente. Hardy dava muita importância a elas, o que não surpreende quando levamos em conta toda a sua estrutura de sentimento. Mas todos esses elementos — como não podia deixar de acontecer num romancista desse tipo — ficam em segundo plano em relação aos relacionamentos interpessoais imediatos e concretos, que se desenrolavam dentro das pressões da época e eram, no máximo, modulados e interpretados pelas continuidades existentes.

Assim, as pressões às quais são submetidos os personagens de Hardy provêm do interior de um sistema de vida, o qual, por sua vez, já se incorporou totalmente a um sistema mais amplo. Não se trata de um contraste simples entre interior rural e exterior urbano. Não é a urbanização, e sim os riscos da situação de um fazendeiro de pouco capital, que transforma Gabriel Oak, fazendeiro independente, primeiro em trabalhador e depois em administrador de uma fazenda. Henchard não é destruído por um novo tipo de comércio, diferente do que já existia, mas sim pelos desdobramentos de seu próprio ramo que ele próprio estimulou. Em Casterbridge, é Henchard quem especula com cereais do mesmo modo como antes especulava com gente; ele é, em todos os sentidos, dentro de uma forma de vida observada, um comerciante, e um comerciante destrutivo, o que compromete sua força. Grace Melbury não é uma jovem interiorana “seduzida” pelo mundo elegante, e sim a filha de um próspero comerciante de madeira que, nesse momento de sua trajetória de ascensão, está interessado em dar à sua filha uma educação refinada. Tess não é uma jovem camponesa seduzida pelo proprietário; ela é filha de um arrendatário vitalício e pequeno comerciante que é seduzida pelo filho de um industrial aposentado, o qual pôde comprar uma mansão senhorial e um nome tradicional. O pai de Tess e, sob pressão, a própria Tess são prejudicados por um processo semelhante, no qual um nome tradicional e o orgulho constituem uma das faces da moeda, e a vulnerabilidade daqueles que a eles estão sujeitos representa a outra. A queda de uma família e a ascensão de outra constituem a história geral — e cruel — da propriedade e de suas conseqüências para aqueles que a ela eram sujeitados, um processo secular. As migrações sazonais, as feiras de contratação de trabalhadores, o pároco intelectualmente arrogante, o homem de posses que é fazendeiro nas horas vagas, a proprietária rural que gasta seu dinheiro fora da fazenda: todos estes personagens fazem parte da “forma de vida rural” tanto quanto o artesanato dedicado, o grupo de trabalhadores e os aldeões

a dançar nas terras comunais. A questão não é apenas que Hardy vê as realidades do trabalho, as mãos de Marty Buth segurando as vigas e Tess na plantação de rutabagas. É também o fato de que ele enxerga a aspereza dos processos econômicos, na herança, no capital, no arrendamento e no comércio, dentro da continuidade dos processos naturais e persistentemente interpondo-se entre eles. O processo social criado nessa interação é um processo de classe e separação, bem como de insegurança crônica, à medida que vão se desenvolvendo a agricultura e o comércio capitalistas. As perturbações profundas que Hardy registra, portanto, não podem ser vistas dentro da ótica sentimental do neobucolismo: o contraste entre campo e cidade. Os indivíduos desprotegidos e isolados que Hardy coloca no centro de sua ficção são apenas os casos mais desenvolvidos de uma situação geral de desproteção e isolamento. No entanto, eles jamais se reduzem a meras exemplificações dessa mudança sofrida por uma forma de vida. Cada um tem sua história pessoal dominante, a qual, em termos psicológicos, está diretamente relacionada ao caráter social da mudança.

Um dos efeitos mais imediatos da mobilidade, dentro de uma estrutura que está ela própria em transformação, é a dificuldade na escolha de um cônjuge. Esta situação reaparece em termos ao mesmo tempo pessoais e sociais: Bathsheba tendo de escolher entre Boldwood e Oak; Grace, entre Giles e Fitzpiers; Jude, entre Arabella e Sue. O elemento especificamente de classe e os efeitos sobre ele exercidos por uma economia insegura fazem parte da escolha pessoal — que, afinal, é basicamente a escolha de uma forma de vida, de uma identidade na identificação com esta ou aquela pessoa. E aqui, de modo significativo, o casamento falso (assunto abordado por Hardy com tanta frequência e tanta profundidade) pode se dar tanto para um lado como para o outro: ou com a frieza polida de Fitzpiers ou com a rudeza de Arabella. É aqui que a situação do migrante interno se revela de modo mais dramático. A alienação social penetra a personalidade e destrói sua capacidade de conseguir qualquer forma de realização amorosa. O casamento de Oak com Bathsheba é um caso de estabilidade atingida após muita perturbação, mas mesmo essa estabilidade tem um ar de resignação inevitável e parece ter chegado tarde demais. É bem verdade que Hardy, sob pressão, por vezes generalizava de modo a projetar estes fracassos muito específicos num fatalismo para o qual o pensamento decadente de sua época dispunha de muitas frases feitas. Do mesmo modo, vendo que a íntima ligação entre homem e terra

estava sendo destruída pelos problemas de trabalhar a terra, ele por vezes projetava sua ênfase na proximidade e na continuidade em imagens negativas de uma natureza vazia e de um passado tribal simbolizado pelas pedras de Stonehenge e pelos túmulos antigos, onde o observador isolado podia ao mesmo sentir um fluxo direto de saber. Mesmo esses monumentos, porém, com sua dureza deliberada — a charneca incultivável, as relíquias de pedra nua — confirmam os negativos humanos, no que é aparentemente uma inversão deliberada do bucólico. Neles a alienação geral tem seus monumentos característicos, ainda que muito distantes, no tempo e no espaço, da perturbação imediata e determinante.

Contudo, o que há de mais significativo em Hardy, nestas dificuldades e apesar delas, é o fato de que, mais do que qualquer outro romancista de peso surgido desde o início dessa difícil mobilidade, ele conseguiu, apesar de todas as pressões, centrar seus principais romances nos processos cotidianos de vida e trabalho. É isto que perdemos quando, devido a uma visão global alienante — uma abstração das forças rurais em oposição às urbanas —, o que Hardy deliberadamente interligou é deliberadamente dissociado. O caso mais conhecido é a famosa descrição da debulhadora, em *Tess*, uma passagem com frequência abstraída para servir de argumento em favor da tese de que o movimento essencial da ficção de Hardy é a oposição entre o industrialismo alienígena e a humanidade rural:

Logo ao pé da meda, e por enquanto quase invisível, ficava o tirano vermelho que as mulheres estavam ali para servir — uma estrutura de madeira, com correias e roldanas —, a debulhadora que, enquanto estava ligada, impunha exigências despóticas à resistência dos músculos e nervos das trabalhadoras.

A pouca distância via-se outra figura indistinta; esta era negra e emitia um silvo constante que denotava uma força muito controlada. A longa chaminé que se elevava ao lado de um freixo e o calor que se irradiava daquele local explicavam, apesar da pouca luminosidade, que ali achava-se a máquina que funcionaria como *primum mobile* daquele pequeno mundo. Ao lado dela havia uma criatura escura e imóvel, coberta de fuligem e sujeira, extraordinariamente alta, numa espécie de transe, com um monte de carvão a seu lado. O isolamento causado por seu porte e sua cor faziam-na parecer uma criatura de Tofet,* que havia se aventu-

(*) *Tophet*: no Antigo Testamento, santuário de Moloch, divindade semita à qual eram oferecidos sacrifícios humanos. (N. E.)

rado naquela região de ar puro e translúcido, de trigo amarelo e terra pálida, com a qual ela nada tinha em comum, para assustar e perturbar os nativos.¹⁴

Mas esta visão impressionante de uma máquina alienígena não nos deve fazer esquecer o fato de que se trata também de uma ação numa história — a ação de uma debulhadora concreta. Ela está naquele campo, funcionando durante todo aquele tempo, porque foi alugada — não pelo industrialismo, mas por um fazendeiro. E há seres humanos concretos tentando acompanhar a máquina e o fazendeiro:

E assim a tarde ia passando. A pilha de trigo ia baixando, a de palha ia crescendo, e as sacas de cereal eram levadas embora pelas carretas.

As seis horas a pilha de trigo chegava mais ou menos até a altura dos ombros. Porém os feixes não debulhados e intatos ainda pareciam inumeráveis, apesar da quantidade imensa deles que fora engolida pela máquina insaciável, enfiados em sua goela pelo homem e por Tess, cujas mãos jovens haviam manuseado a maior parte dos feixes. [...]

[...] Uma dor latejante percorria todos. O homem que trabalhava com Tess estava exausto, e ela percebeu que sua nuca avermelhada estava coberta de crostas de sujeira e palha. Ela permanecia em seu posto, o rosto corado e suarento coberto de pó de trigo, seu gorro branco escurecido. Era a única mulher das que trabalhavam com a máquina cujo corpo era sacudido por sua trepidação, e a diminuição da pilha agora a separava de Marian e Izz, impedindo-as de trocar de função com ela, como antes. O tremor incessante, do qual participavam todas as fibras de seu corpo, a deixavam num devaneio entorpecido, e seus braços trabalhavam independentes de sua consciência.¹⁵

Vemos que há uma relação com Crabbe, na atenção dada aos rostos e corpos dos trabalhadores, mas vemos também o que mudou: a passagem decisiva para uma individuação que, no entanto, não exclui a situação comum. Pois temos aqui Tess enquanto moça e enquanto trabalhadora: o hiato entre sua consciência e seus atos faz parte tanto de sua vida emocional quanto de sua vida de trabalhadora. É enquanto trabalha — neste episódio e em outros — que Tess toma suas decisões emocionais críticas; é em meio à dor e ao pó da debulhadora que ela vê Alec outra vez. Assim, Hardy atinge uma plenitude que é inteiramente nova, com esta profundi-

dade, em toda a literatura rural: o amor e o trabalho, as dores do trabalho e da escolha, colocam-se numa única dimensão.

E não se trata apenas da ênfase na pressão ou na dor. Com frequência Hardy vê o trabalho, com uma percepção arguta, como uma forma central de aprendizagem e relacionamento:

Haviam plantado juntos, e juntos haviam derrubado; juntos, com o passar dos anos, haviam mentalmente recolhido aqueles signos e símbolos mais remotos que, vistos em pequeno número, são de uma obscuridade rúnica, mas que, todos reunidos, formavam um alfabeto. Com o toque leve dos galhos que lhes roçavam os rostos quando passavam por eles no escuro, sabiam a que espécie de árvore pertenciam; com o murmúrio do vento ao atravessar um ramo, sabiam identificar a árvore a uma distância grande.¹⁶

Neste trecho de *The woodlanders* temos a linguagem da apreensão imediata da "natureza"; mas temos também, mais especificamente, a linguagem do trabalho compartilhado, "com o passar dos anos". Sentindo com muita intensidade a longa crise da separação, no fim chegando a catástrofes mais tragicamente isoladas do que qualquer outro escritor dentro dessa tradição, Hardy conseguiu, não obstante, criar continuamente a força e o afeto de pessoas vivendo juntas: no trabalho e no amor; na realidade física de um lugar.

Estar trabalhando lentamente num campo e sentir a lenta penetração da água da chuva, primeiro nas pernas e nos ombros, depois nos quadris e na cabeça, depois nas costas, na frente e nos lados, e não obstante continuar trabalhando até a luz plúmbea diminuir e indicar que o sol já se pôs — isto exige uma quantidade pequena, mas perceptível, de estoicismo, até mesmo de bravura. Porém elas não sentiam tanto a umidade quanto se poderia imaginar. Ambas eram jovens, e falavam dos tempos em que viviam e amavam juntas na Leiteria Talbothays, aquele lugar verde e feliz, onde o verão fora pródigo em suas dádivas: substancialmente para todos, emocionalmente para elas.¹⁷

A estrutura geral de sentimentos de Hardy seria muito menos convincente se não houvesse nada além de alienação, frustração, separação e isolamento, catástrofes finais. O que é derrotado, mas não destruído, no final de *The woodlanders*, ou no de *Tess*, ou no de *Jude*, é um calor humano, uma persistência no amor e no trabalho que constituem a definição necessária do que Hardy reconhece e lamenta como perda. O que é vital — e distingue Hardy de Lawrence, como veremos; uma diferença de geração e história pessoal,

mas também de caráter — é que Hardy não celebra o isolamento e a separação. Ele os lamenta e, no entanto, o faz sempre com a coragem de encará-los de frente, com firmeza. As verdades são reais e dilacerantes porque os desejos eram reais, o trabalho compartilhado era real, os impulsos insatisfeitos eram reais. Trabalho e desejo estão muito profundamente relacionados na totalidade de sua imaginação. A paixão de Marty, ou a de Tess, ou a de Jude, é uma força positiva que emerge de um mundo de trabalho e relacionamentos, buscando, de modos diferentes, sua realização viva. O essencial da ação é a frustração de todos: frustração causada por processos muito complicados de divisão, separação e rejeição. As pessoas escolhem mal, porém o fazem sob pressões terríveis: em meio às confusões de classe social, os mal-entendidos por elas gerados, as rejeições calculadas de um mundo dividido e divisor.

O fato de Hardy ater-se a um mundo cotidiano como base de suas principais obras de ficção por si só já é importante. As pressões no sentido de afastá-lo desse mundo, aceitar uma vida mais negociável, por ser menos combativa e menos dividida, eram sem dúvida muito fortes. E é mais importante ainda, como ato de pura afirmação, que Hardy permaneça fundamentalmente do lado de seus personagens centrais; mais ainda, aproxima-se deles cada vez mais à medida que se desenvolve, de modo que a afirmação de Tess e de Jude — uma afirmação através e apesar das derrotas por ele relatadas e lamentadas — é a mais forte de toda a sua obra.

“Desprezado e resistindo”: não a história do homem tal como era, distante, limitado, pitoresco; porém desprezado em sua luta para crescer — para amar, para trabalhar com um sentido, para aprender e ensinar; resistindo na comunidade deste impulso, que se impõe a separações e derrotas específicas. É a continuidade não apenas de uma terra, mas de uma história e um povo.

CIDADES DE TREVAS E DE LUZ

Londres — escreveu Hardy, em 1887 —

parece incapaz de *se ver*. Cada indivíduo tem consciência *de si próprio*, mas ninguém é consciente da coletividade como um todo, fora, talvez, um ou outro basbaque que olha a seu redor, boaquiaberto, com ar um tanto parvo.¹

Esta visão de Londres claramente mantém uma certa continuidade com a de Wordsworth de *The prelude*, se bem que agora é mais enfática. Além disso, com a idéia contrastante de “consciência coletiva”, ela foi alterada e estendida pela experiência democrática e industrial do século XIX e pela linguagem a ela associada. Mas ainda permanece a sensação de paradoxo: na própria cidade grande, o lugar e o instrumento da consciência coletiva — ou, pelo menos, assim seria de se esperar —, é a ausência de sentimento comum, o excesso de subjetividade, que parece característico.

Este sentimento não é encontrado apenas em Hardy. Uma crítica social diferente, mais penetrante, também derivada de Wordsworth, havia se iniciado com Carlyle. Em Coleridge e em Southey, a revolução urbana e industrial fora vista como um instrumento da atomização social. Em 1831, Carlyle escrevera, a respeito de Londres:

Como os homens são apressados aqui; como são caçados, perseguidos de modo terrível, impelidos a andar a toda velocidade! Assim, por uma questão de autodefesa, eles *não podem* parar para olhar uns para os outros!²

E, em seguida, ele faz um diagnóstico do isolamento das pessoas na cidade, um isolamento situado no que agora era sintomaticamente chamado de “aglomeração”:

Ali, em suas pequenas celas, separados por paredes de tijolo ou madeira, permanecem estranhos. [...] É um imenso aglomerado de pequenos sistemas, cada um dos quais, por sua vez, é uma pequena anarquia, cujos membros não *trabalham* juntos, e sim *engalfinham-se*.³

E, se isto é rapidamente rotulado, dentro da tradição comum, de antiurbanismo romântico, é relevante ressaltar a continuidade que o liga ao Engels de *A situação da classe operária na Inglaterra em 1844*:

O próprio burburinho das ruas tem algo de repulsivo, algo contra o qual a natureza humana se rebela. As centenas de milhares de pessoas de todas as classes e condições que passam umas pelas outras na multidão, não serão todas elas seres humanos com as mesmas qualidades e potenciais, e com o mesmo interesse em ser felizes? E não terão elas, em última análise, de buscar a felicidade do mesmo modo, através dos mesmos meios? E no entanto elas continuam passando umas pelas outras como se nada tivessem em comum, como se uma nada tivesse a ver com a outra, e o único acordo que observam, tacitamente, é o que faz com que cada um fique em seu lado da calçada, para não perturbar o fluxo da multidão que vem em sentido contrário, e não ocorre a ninguém dirigir sequer um olhar ao outro como forma de consideração. A indiferença brutal, o isolamento insensível de cada um em seu interesse pessoal, torna-se mais repelente e ofensiva quanto mais esses indivíduos são amontoados dentro de um espaço limitado. E, por mais que se tenha consciência de que este isolamento do indivíduo, este egoísmo estreito, é o princípio fundamental de nossa sociedade em toda parte, em nenhum lugar ele se exhibe de modo tão desavergonhado, tão consciente, quanto aqui, na multidão da cidade grande. A dissolução da humanidade em mônadas, cada uma das quais com seu princípio separado, o mundo de átomos, é levado aqui a suas últimas conseqüências.⁴

Temos aí um tipo novo de argumento. A confusão e a ambivalência perceptivas que Wordsworth explicitou foram simplificadas e desenvolvidas de modo a gerar uma imagem da condição humana dentro do capitalismo urbano e industrial. Dickens, observando esta situação, havia trabalhado no sentido de revelar uma ligação subjacente prática, no amor e na solidariedade entre os homens. Engels e Marx, prosseguindo em suas observações, trabalharam para revelar uma outra situação subjacente: uma nova consciência — uma autoconsciência — proletária coletiva, que transformaria a sociedade a partir de suas bases na indústria e nas cidades. O que ainda

era normalmente visto, na experiência imediata, era uma dissolução social no próprio processo de aglomeração.

Naturalmente, persistiam maneiras mais antigas de ver a cidade. Hardy via Londres como “um monstro cujo corpo tinha 4 milhões de cabeças e 8 milhões de olhos”⁵ e escreveu esta admirável descrição de uma multidão, na cerimônia de posse do prefeito, em 1879:

À medida que a multidão vai se tornando mais densa, ela perde o caráter de aglomerado de uma infinidade de unidades e transforma-se num todo orgânico, uma criatura negra, semelhante a um molusco, que nada tem em comum com a humanidade, que assume as formas das ruas nas quais se coloca e estende horrendas excrescências e membros nos becos vizinhos; uma criatura cuja voz emana de sua superfície escamosa, que tem um olho em cada poro de seu corpo. As sacadas, plataformas e passarelas sobre as ferrovias são ocupadas por pequenas formas destacadas do mesmo tecido, porém de movimentos mais suaves, como se fossem ovas do monstro maior.⁶

O distanciamento do observador, que agora não está mais nas ruas e sim física ou espiritualmente acima delas, é um elemento novo, mas o evidente medo da multidão, com a persistência da imagística do inumano e do monstruoso, representa uma continuação daquela reação à turba que já se evidenciava havia tantos séculos, e que foi tão intensificada pelo tremendo desenvolvimento da cidade. No início do século XX, uma das principais atitudes em relação à cidade — que se manifesta, ainda que com nuances variadas, tanto num Dickens ou num Hardy quanto no mais reacionário político ou magistrado — ainda identificava a aglomeração excessiva da cidade como uma fonte de perigos sociais: desde a perda dos sentimentos humanos comuns até o acúmulo de uma força poderosa, irracional e explosiva.

Em meados do século XIX, a população urbana da Inglaterra já excedia a rural — pela primeira vez em toda a história da humanidade. Como marca divisória da passagem para um novo tipo de civilização, a data é da maior importância. No final do século XIX, a população urbana já chegava a três quartos do total. Além do mais, não se tratava apenas de uma redistribuição interna da população. Na verdade, a população total estava aumentando de modo extraordinário. Em 1801, havia 9 milhões de habitantes; esse número já havia dobrado em 1851 e dobrou novamente até

1911. No entanto, para chegar a uma compreensão mais aprofundada de todo esse processo, é necessário ir além da classificação geral de "urbanização". Isto é particularmente importante para compreender o que representa a cidade. Em 1871, mais de metade da população ainda morava em aldeias ou em cidades de menos de 20 mil habitantes. Só pouco mais de um quarto vivia nas cidades maiores, e por "cidades maiores" entendemos, nesse contexto, as com no mínimo 100 mil habitantes: em comparação com o que veio a ocorrer posteriormente, o limite ainda é relativamente baixo. Quando, na década de 1840, os escritores começaram a dizer que viviam numa "era de grandes cidades" (é este o título de um livro de Robert Vaughan, publicado em 1843), estavam aludindo à importante novidade que as cidades representavam e a seu papel dominante na economia; a expressão não tinha um sentido absoluto. A vida urbana, até a chegada de nosso século, mesmo numa sociedade altamente industrializada, ainda era uma vivência minoritária, porém já encarada por muitos — e com razão — como uma experiência decisiva, cujos efeitos sobre o caráter da sociedade como um todo eram desproporcionais.

Ao mesmo tempo, devemos ter em mente as etapas em que se deu o processo de urbanização, à medida que acompanhamos o desenvolvimento da literatura oitocentista. Boa parte dela ainda tematizava o campo e a cidade pequena (observou Hardy em relação a George Eliot: "ela jamais falara na vida dos campos: ela também achava que a gente do campo de seus romances mais pareciam habitantes de cidades pequenas do que campônios"). A persistência do campo e da cidade pequena como cenários torna-se compreensível quando temos em mente o processo real, ainda que seja necessário levar em conta a força da tradição. Mas ao mesmo tempo, e guardando certa proporção com o crescimento das cidades grandes, um novo tipo de literatura estava também se desenvolvendo rapidamente.

A literatura a respeito de Londres no início do século XIX enfatizava a variedade do meio londrino; temos, por exemplo, uma visão da miscelânea urbana e de prazeres peripatéticos em *Life in London*, de Pierce Egan (1821). Há um interesse acentuado por profissões estranhas e personagens excêntricos, dando continuidade às tradições da literatura popular mais antiga e encontrando seu equivalente urbano organizado nas edições dominicais dos jornais. Dentro do mesmo espírito, há um interesse pelo crime: encontramos

a tradição "Newgate",* em obras como *St. Giles and St. James's*, de Jerrold. É fácil ver quantos destes elementos populares aparecem como matéria-prima dos romances de Dickens: seu desenvolvimento artístico é, essencialmente, a transformação de tais materiais. Sua influência, porém, é mais ampla. Há, por exemplo, uma relação direta entre a observação amena de Egan e a observação que Henry Mayhew faz dos milhares de trabalhadores londrinos, em *London labour and the London poor* (1861) e seus outros artigos publicados no *Morning Chronicle*. Mas tanto em Mayhew quanto em Dickens existem, ao mesmo tempo, tradição e transformação: os trabalhadores e pobres tornam-se mais que "camaradas alegres"; embora falem por si próprios nos incomparáveis registros de conversações de Mayhew, ainda parecem saltar da página, com uma vivacidade extraordinária:

Eu compro três *pence* de agrião, aí eu amarro eles numas trouxinha, o máximo que der. Tem que parecer grandinha, senão as pessoas não compra, tem gente que incha elas até não poder mais. O dinheiro todo que eu ganho eu guardo e só tiro pra comprar roupa. É melhor que gastar tudo em bala, pra quem tem que ganhar a vida. Também porque isso de gostar de bala é coisa de quem é criança e não de quem tem que ganhar a vida e comprar comida. Eu não sou criança não, e só sou mulher quando estiver com vinte anos, mas eu já passei dos oito, isso já.⁷

Todas as casa que a gente limpa diz que é o melhor sistema que há, o nosso. "Nunca mais que a gente vai chamar limpador de latrina", é o que eles sempre diz. O senhor sabe, é que o nosso sistema incomoda muito menos o pessoal da casa, e também não tem cheiro não — eu pelo menos nunca que senti cheiro nenhum, e é barato também. Os limpador de privada vai tudo acabar mudando de profissão; isso não tem dúvida, vivem inventando novidade, tem sempre uma profissão de trabalhador que está deixando de existir. Quando não é a máquina a vapor é outra coisa que deixa eles sem ganha-pão.⁸

Não é apenas a reprodução convincente da língua falada; é também a abrangência da visão de Mayhew, seu interesse por detalhes de tantos tipos de trabalho, dinheiro e a maneira de gastá-lo, diferentes estilos de vida. É também sua consciência de fatos como o seguinte:

(* Newgate era uma famosa prisão londrina (demolida em 1902), cenário de inúmeras histórias de crime. (N. T.)

a moralidade, para quem ganha 5 mil libras por ano e mora em Belgrave Square, é coisa muito diferente do que é para quem ganha um salário de fome em Bethnal Green.⁹

Porém Dickens foi o único que realmente conseguiu transformar esse tipo de experiência em romance. O irmão de Mayhew, Augustus, escreveu diversos romances sobre a vida londrina — *Kitty Laimere* (1855), *Paved with gold* (1858), *The finest girl in Bloomsbury* (1861) —, e Henry escreveu com ele, a quatro mãos, *The greatest plague of life* (a respeito de uma senhora procurando uma criada, 1847) e *Living for appearances* (1855). Mas, se a precisão de detalhes está presente nestes livros, a transição para a tematização — quanto ao enredo e à construção dos personagens — é limitada por modelos e estruturas do passado. *Alton Locke* (1850) de Kingsley é bem diferente. É uma diatribe, indignada e de grande impacto, contra as confecções que exploravam seus empregados, e sua visão geral dos becos londrinos é enojada e apocalíptica, como Dickens falando de Coketown. É a mesma postura retórica, de um observador externo, que Disraeli adota em *Coningsby* e *Sybil*, retratando as cidades industriais do norte; um cenário social generalizado com personagens representativos cujo destino é determinado por uma moralidade política abstrata. Sintomaticamente, é em *Hard times* que Dickens mais se aproxima desta postura. Nos romances londrinos, como já vimos, sua visão é mais acurada e mais complexa: os elementos de rejeição dependem, fundamentalmente, dos elementos de aceitação; e isto se aplica tanto às pessoas quanto às cenas mais gerais das ruas e da cidade.

O único romancista dos meados do século XIX que chega tão perto dos detalhes e paradoxos da experiência urbana quanto Dickens é Elizabeth Gaskell. Sua obra, no entanto, é diferente porque sua cidade é diferente — Manchester situa-se no centro dos conflitos industriais explícitos, ao contrário de Londres. Naturalmente, não se quer dizer com isso que não houvesse conflitos industriais em Londres; mas, devido à variedade de profissões e de funções da capital nos campos da administração, justiça e finanças, havia uma perspectiva diferente, menos isoladora. As destrições do trabalho em Dickens — e há quem diga que este é um assunto que Dickens ignorou — pertencem a esse quadro complexo. Elizabeth Gaskell escreve numa cidade em que a produção industrial e um mercado dominante constituem os fatores determinantes, e na qual, de modo bem diferente do que se dá em Londres, aparece a nova linguagem áspera do conflito entre classes. *Mary Barton* (1848)

recria, num nível muito profundo, ainda que confuso, todas as conseqüências humanas de uma luta de classes. Não é bem uma história de pobres e marginalizados, e sim de trabalhadores que, com suas famílias, estão passando fome e começando a se dar conta de sua situação comum, bem como a unir-se para modificá-la. É significativo que a criadora de John Barton, “o personagem com quem eu me solidarizava completamente”,¹⁰ tenha recuado, pressionada pelos editores e influenciada por suas dúvidas compreensíveis, sem se identificar completamente com o ato de violência consciente contra o opressor: a expressão explícita e atípica do poder da nova organização da classe trabalhadora. Mas o fato de que ela consegue penetrar tão fundo num mundo em que a consciência de classe é uma necessidade, sem jamais perder contato com os indivíduos que são forçados pela exploração sistemática a aprender esta nova maneira de pensar, é algo realmente notável, e um sinal de que estão ocorrendo transformações radicais.

Pois é essa, no período em questão, a diferença visível entre Londres e as novas cidades industriais. Londres tinha uma longa tradição de radicalismo político, que não por acaso envolvia basicamente os artesãos: a classe trabalhadora mais antiga. O radicalismo industrial, com consciência de classe, estava muito mais associado às cidades que estavam sendo construídas de modo a formar uma estrutura mais unificada e visível, e na primeira metade do século essas cidades representavam a tendência dominante. As taxas de crescimento populacional de Manchester, Leeds, Bradford, Birmingham, Liverpool e Sheffield, especialmente entre 1820 e 1850, eram realmente fenomenais (algumas delas cresceram mais de 40% em dez anos). Mas não era só uma questão de número de habitantes; tais cidades haviam sido construídas para servir como lugares de trabalho: fisicamente, eram dominadas pelas fábricas e máquinas, os prédios enegrecidos pela fumaça e os rios enegrecidos pelos despejos industriais; socialmente, caracterizavam-se pela disposição das residências ao redor dos lugares de trabalho, de modo que a relação dominante estava sempre presente. Não admira, pois, que tantos investigadores e visitantes observassem a inexistência de “confiança mútua e vínculos [...] entre as classes mais elevadas e as mais baixas” e afirmassem que os empregadores, talvez até antes do surgimento dos trabalhadores especializados, consideravam-se membros de uma mesma classe, embora competissem entre si. Em Londres havia favelas tão miseráveis quanto as de Manchester, mas as relações sociais em Londres eram mais complexas,

mais mistificadas — e, portanto, não apenas eram menos acessíveis à observação geral como também podiam sempre ser interpretadas em termos mais antigos, como uma oposição entre “ricos” e “pobres” e não entre “empregadores” e “empregados”.

Esta diferença tem importância crucial para o desenvolvimento da literatura oitocentista. Para ver a Revolução Industrial e suas conseqüências, que aliás já começavam a transformar a própria Londres, os escritores iam visitar as cidades industriais do norte, o que era compreensível. Foi só mais tarde — no caso de Dickens, só em seu último romance, *Our mutual friend*, e, no caso da maioria dos escritores, só mais perto ainda do final do século — que se passou a ver mais do que os fenômenos da produção industrial e suas conseqüências sociais e físicas imediatas. O verdadeiro efeito sobre Londres — o desenvolvimento das grandes áreas portuárias e as grandes indústrias a elas associadas, a expansão das atividades bancárias, a nova importância política da Bolsa de Valores — era menos visível, enquanto totalidade interligada. Cobbett já o vira em termos de sistema político, ao denunciar o “tumor” pela primeira vez. Dickens o via como um sistema financeiro, à medida que ia compreendendo cada vez melhor as forças impessoais do dinheiro e das ações. Mas foi só no final do século que um contraponto físico que já se formava havia muito tempo tornou-se visível para todos como imagem interpretativa. Na década de 1880, aparentemente não havia mais ninguém que não percebesse o contraste entre o East End e o West End da cidade e, nas diferenças entre essas duas zonas, a forma perigosa da nova sociedade que havia sido criada em toda a nação.

No entanto, já no século XVII se falava nessa importante divisão interna de Londres. Em 1662, Petty explicava o crescimento da cidade no sentido oeste como uma tentativa de fugir — graças à predominância dos ventos vindos daquela direção — das “fumaças, emanações e fedores de todo aquele amontoado do leste”.¹¹ Um observador de 1780, Archenholz, comentou que

nos últimos vinte anos tem havido uma verdadeira migração do leste de Londres para o oeste [...] onde campos férteis e jardins agradáveis são, a cada dia que passa, transformados em casas e ruas.¹²

Nessas áreas do oeste, os padrões de propriedade da terra — grandes propriedades aristocráticas — eram diferentes do que havia no leste — propriedades menores, de diferentes tipos —, e as conse-

qüências físicas estavam sempre visíveis. Mas no século XIX houve também um acentuado deslocamento das indústrias para o leste. O East End de Londres tornou-se, na verdade, uma cidade industrial, isso mesmo sem se levar em conta a transformação sofrida pela zona portuária entre 1800 e 1850, juntamente com a construção de canais e ferrovias. A divisão social entre East End e West End, que já fora percebida por observadores do início do século, foi se aprofundando e tornando-se cada vez mais óbvia. Em meados do século, já se dizia que as condições de vida no East End eram “desconhecidas” e “inexploradas” (isto é, por aqueles que tinham acesso à imprensa), e nas décadas de 1880 e 1890 já se utilizava a expressão “Darkest London” (“a Londres tenebrosa”). Obras como *Ragged London in 1861*, de John Hollingshead, a *A night in a workhouse* (1866) e *The wilds of London* (1874), de James Greenwood, foram seguidas por *How the poor live* (1883), de George Sims, *Children of Gibeon* (1886), de Walter Besant, e *Tales of mean streets* (1894), de Arthur Morrison. As pesquisas da Social Democratic Federation (publicadas no *Pall Mall Gazette* em 1885) foram seguidas pelos estudos exaustivos de Charles Booth, iniciados com o primeiro volume de *Life and labour of the people in London* em 1889 (um levantamento com bases estatísticas, que Booth resolveu fazer por questionar os relatos anteriores, de autoria de radicais), e pelo trabalho do Exército de Salvação, relatado por William Booth em *In darkest England* (1890). A imagem da escuridão e da pobreza da cidade, tendo como exemplo simbólico a zona leste de Londres, passou a ocupar uma posição central na literatura e no pensamento social.

Trata-se de um memorável reconhecimento de uma realidade terrível. Justamente por isso, porém, é importante ver as maneiras muito diferentes de como este reconhecimento foi abordado na literatura. Já constatamos uma mudança quando passamos, por exemplo, de *London labour and the London poor*, de Mayhew, obra escrita em meados do século, para *Life and labour of the people of London* de Charles Booth. Hoje em dia é comum preferir-se Mayhew, e sem dúvida sua leitura é mais agradável e acessível. Seus estudos baseavam-se em contatos diretos com pessoas que contavam suas histórias com suas próprias palavras; e, embora ele pretendesse cobrir todo o campo de modo sistemático e muitas vezes submetesse suas conclusões à apreciação daqueles sobre os quais estava escrevendo, sua abordagem fazia parte de um mundo mais antigo, anterior ao momento que a própria magnitude do

problema e o demorado exame de soluções sistemáticas propostas alterassem a visão social a respeito. A impessoalidade proposital de Booth — a preparação de mapas e escalas antes da pesquisa de campo, a tabulação sistemática — torna sua leitura menos agradável e interessante, porém ela faz parte de uma visão que a nova sociedade estava produzindo ela própria: aquela versão empírica da imaginação sociológica que viria a ser desenvolvida por Rowntree, por Sidney e Beatrice Webb e pelos investigadores sociais de nossa época. É deficiente sob muitos aspectos: ao reduzir intrinsecamente os pobres à condição de objetos de estudo; ao despersonalizar os indivíduos por meio de classificações e graduações; ao abster-se de elaborar concepções gerais acerca do caráter da sociedade. Contudo, apresenta duas vantagens. É uma visão em que a caridade aleatória é substituída pela noção de serviço social: os próprios serviços (realizados, na época tal como agora, a título de investigação; mas, seja como for, o fato é que eram oferecidos à população) constituem uma tentativa de solução dos problemas da cidade. Além disso, a própria abordagem estatística, que Dickens e outros humanistas do início do período vitoriano achavam destrutiva e odiosa, era uma reação necessária a uma civilização de tal magnitude e complexidade. Não admira que a utilização de estatísticas na investigação social moderna tenha começado de fato em Manchester, na década de 1830: é uma abordagem que faz parte dessa visão do mundo. Mas o fato é que, sem ela, muitas coisas que era preciso ver, no contexto de uma sociedade complexa, muitas vezes opaca e de modo geral dividida, não poderiam sequer ser vistas como base para uma experiência comum e uma ação comum.

Pois agora, para muitas pessoas, a imagem da cidade mostrava-se tão avassaladora que seus habitantes eram com frequência encarados como uma coisa única: uma multidão, as “massas” ou a “força de trabalho”. Esta imagem podia receber conotações positivas ou negativas, exprimindo solidariedade ou desprezo; seu caráter indiferenciado, porém, era persistente e poderoso. Em *Demos* (1886) e *The nether world* (1889), George Gissing via na maioria esmagadora das pessoas esta qualidade ou condição única, e sob a pressão dessa experiência o problema do indivíduo em relação à sociedade ganhou, conforme veremos, uma nova e amarga dimensão. O indivíduo era a pessoa que tinha de escapar, ou tentar escapar, daquela massa repulsiva e degradante. Gissing retomava Dickens e admitia que “ele ensinou ao povo inglês uma certa ma-

neira de encarar a cidade grande”, mas no próprio Gissing, e talvez na Londres nos anos 80, a paradoxal reação dickensiana de indignação e reconhecimento já havia se dividido de modo a formar uma estrutura mais simples: indignação ou observação horrorizada em relação aos homens em geral; reconhecimento excepcional e consciente de uns poucos indivíduos. Dentro dessa estrutura, Gissing foi um observador notável, como podemos ver neste trecho, em que ele observa o aspecto mais evidente da organização do trabalho:

Era a hora em que os homens eram desamarrados. Nas estradas e vielas de Clerkenwell acotovelavam-se trabalhadores, moços e velhos, homens e mulheres. Jorravam das fábricas e oficinas, ansiosos para aproveitar ao máximo as poucas horas que tinham para viver suas próprias vidas. Muitos ainda estavam debruçados sobre suas bancadas, e assim permaneceriam por muitas horas ainda; porém a maioria já podia voltar para seus estábulos. Pelas vias principais, as pistas eram perigosas; cada ônibus que passava sacolejando estava apinhado de passageiros; os que vinham sentados do lado de fora tinham oleados reluzentes sobre os joelhos. Em ambas as direções, as luzes tornavam-se indistintas, num clarão nevoento; o céu era de um negror total, de onde descia a chuva em bategas. Espirrava-se lama constantemente; havia obstruções do tráfego, acompanhadas de chistes grosseiros e imprecações raivosas; na calçada repleta os transeuntes entrecrocavam-se. Os bares começavam a iluminar-se, preparando-se para o movimento da noite. Ruas que fervilhavam de atividade desde manhã cedo agora estavam sendo abandonadas ao silêncio; à escuridão, ao vento impetuoso.¹³

No entanto, esta não é a mesma multidão que aparecia nas observações anteriores. Um movimento previsível, por mais caótico que seja, substituiu a impressão de aleatoriedade e variedade. E as pessoas passam a ser vistas em termos de sua condição geral: “a maioria já podia voltar para seus estábulos” é uma denúncia irônica, mas é também uma maneira de enxergar um movimento geral desesperançado e avassalador.

A cidade enquanto objeto físico também é vista de modo diferente: não a variedade de uma Londres mais antiga, e sim uma uniformidade opressiva e utilitária.

Que terríveis alojamentos, os Farrington Road Buildings! Amplas paredes nuas, sem sequer uma tentativa de ornamentação; fileiras e mais fileiras de janelas na superfície pardacenta, subindo, subindo, olhos mortos, fendas escuras que traduzem o vazio, a desordem, o desconforto do interior. [...] Ruas e mais ruas com edifí-

cios assim, o tom da sujeira que os recobre indicando a antigüidade relativa de cada um; milhões de toneladas de tijolo e argamassa brutos, esmagando o espírito do observador. Alojamentos, sim, moradias para o exército do industrialismo, um exército em conflito interior, posto contra posto, homem contra homem, em que o sobrevivente terá o que comer.¹⁴

Esta observação interpretativa e sistemática da realidade relativamente nova de uma Londres industrial está tão distante da imagem anterior de caos e variedade que Gissing chega a observar, no meio de sua descrição, um tipo mais antigo de prédio:

É-se tentado a dizer que os Shooter's Gardens constituem uma residência preferível. Um pátio interno, asfaltado, bem varrido [...]

Mas mesmo isto foi enquadrado no sistema:

[...] olhando para o céu como se do fundo de uma prisão.

Ao mesmo tempo em que reconhece o poder da visão dickensiana da cidade, Gissing altera o efeito geral:

[...] Londres enquanto lugar de esqualidez, mistério e terror, do grotesco sinistro, da obscuridade labiríntica e do lúgubre fascínio.¹⁵

Isto lembra mais Reynolds ou Augustus Mayhew, por exemplo, do que Dickens, mas trata-se assim mesmo da velha Londres, de "mistério" e "obscuridade". A visão do próprio Gissing, mesmo quando está falando de Dickens, é mais unificada e organizada:

uma grande cidade lúgubre, espécie de teia tecida por uma enorme aranha venenosa;¹⁶

ou, num estado de espírito diferente, "a Londres tenebrosa, pululante, putrefaciente". Mesmo as variações de situação social exemplificam a desesperança geral, e não diferenças positivas:

Ao sul fica Hoxton, região de ruas de feira, malcheirosas, de fábricas, depósitos de madeira, armazéns imundos, de becos onde fervilham pequenas lojas e oficinas, de travessas infectas que levam a uma escuridão pestilenta; por toda parte o trabalho em suas formas mais degradantes; as vias tropejando de carroças superlotadas, as calçadas pisadas por trabalhadores da espécie mais grosseira, as esquinas e recantos exibindo a mais feia miséria. Caminhando em direção ao norte, o explorador vai encontrar um ar mais limpo, ruas mais amplas, num bairro estritamente resi-

dencial; as estradas parecem entregues aos leiteiros, vendedores de carne de gato e fruteiros. Aqui encontram-se ruas em que há placas anunciando quartos para alugar em cada janela; outras proclamam uma respeitabilidade superior, casas recuadas por trás de pequenos jardins, de vez em quando exibindo pilares recobertos de gesso e uma sacada. É a passagem da desavergonhada luta pela subsistência para o lazer mesquinho e aviltado; é aqui que se refugiam os mais bem-pagos membros do grande exército de escravos quando têm liberdade de comer e dormir.¹⁷

São dois destinos diferentes, mas um não é melhor do que o outro. A única saída é reservada ao indivíduo excepcional; seu destino, contudo, é uma mobilidade árdua e ambígua, na qual, na maioria das vezes, ele ou sucumbe após anos de esforço (Reardon ou Biffen em *New Grub Street*), ou prospera, porém deteriora moralmente (Mortimer em *Demos*, Milvain em *New Grub Street*), pois as únicas maneiras de chegar ao sucesso partindo de uma situação geral destrutiva levam à exploração do trabalho ou das mentes dos outros, e esta exploração só é possível graças à estupidez, indiferença ou brutalidade dos explorados.

Trata-se de uma visão amarga e sombria, atenuada apenas já perto do fim quando são entrevistadas outras formas de vida mais antigas: a vida intelectual e a vida no campo, que são explicitamente formas de refúgio e salvação. Gissing relata a história do migrante de modo tão poderoso quanto Hardy, porém com mais acrimônia. O Mortimer de *Demos* pode ser comparado com o Clym Yeobright de *Return of the native*,¹⁸ mas há uma distância em termos de tempo e mentalidade que, em parte, é a distância real entre a cidade e o campo, nessa sociedade em rápida transformação; uma distância que vai reaparecer quando Jude se muda de Marygreen para Christminster. Há mais em jogo, e mais a perder, na cidade; ali o equilíbrio é mais precário, e o perigo, maior; os breves momentos de descanso são mais difíceis de perceber; o sucesso e o fracasso manifestam-se sob formas novas e mais problemáticas. Em *Born in exile* e *The unclassified*, Gissing escreveu relatos clássicos, de uma perspectiva participante, daquela migração interna que veio a se tornar tão importante. O problema colocado por Dickens e George Eliot — em Dickens como parte de uma condição geral, em George Eliot como um desafio moral inevitável — era agora, uma geração depois, mais grave e mais confuso. Verificamos que ele se apresenta numa gama que vai do tom amargo de Gissing, passando pelo desalento de Mark Rutherford, até a tragédia de Hardy e a confian-

ça contestadora e fácil de Wells. Todas estas atitudes, formadas nessa época de estabilização, de mobilidade limitada e de transformação, teriam descendentes diretos em nosso século.

É a consciência dos problemas da mobilidade e, com base nisso, muitas vezes indiretamente, dos problemas do observador que diferencia Gissing desses outros escritores que tematizaram Londres nas décadas de 1880 e 1890 e receberam a denominação característica de "escola *cockney*":*

Billy Chope, caminhando com seu jeito torto na direção oposta, guinou de repente para o outro lado da calçada quando se aproximou dela e, tirando a mão do bolso, agarrou-lhe o braço e torceu-o, empurrando-a contra a parede.

— Ôôô — disse Lizerunt, contentíssima —, me solta. — Pois ela sabia que aquilo era amor.

— Pr'onde é que tu vai, Lizer? ¹⁹

Temos aqui um novo som da cidade. Há nele uma vivacidade, um tom direto de narração, que nos romances e, principalmente, nos contos da década de 1890 torna-se característica. O narrador consciente e autoconsciente, em qualquer das diferentes modalidades que encontramos de Jane Austen a George Eliot, de Dickens a Gissing, foi substituído pelo que passa a ser um tom padronizado de narração profissional. Elizabeth Hunt vira não apenas Liza Hunt, mas Lizerunt, nesta forma literária que valoriza a precisão documental. Ela "sabia" que o gesto de torcer o braço e empurrar contra a parede "era amor" porque estava disponível para saber, sendo ela exatamente este tipo de personagem projetado. A fala dos personagens não é qualificada nem ridicularizada entre parênteses (tal como ocorre às vezes em Gissing); agora ela aparece com uma nova legitimidade, mas uma legitimidade que depende da nova convenção geral de narração distanciada.

A cuidadosa simulação ortográfica ** é um sinal importante de mudança. A relação entre a ortografia inglesa e as muitas variedades locais da pronúncia do inglês sempre foi notoriamente problemática. Já encontramos variações ortográficas propositais no período elisabetano: o próprio Shakespeare utilizou este recurso ao reproduzir a fala de personagens galeses e franceses, e tornaram-se

(*) *Cockney* é o habitante da zona leste de Londres, que fala um dialeto característico. (N. T.)

(**) No original, a fala dos personagens é transcrita com uma grafia que tenta reproduzir sua pronúncia. (N. T.)

comuns certas versões de um suposto dialeto "rural" — na verdade, um amálgama de diversas falas regionais. Dickens captou certas variedades de fala londrina. Mas a convenção sistemática a respeito de dialetos de classes sociais origina-se no final do século XIX, numa época em que a consciência de classe, cada vez mais acentuada, estava começando a chegar a justamente estas formas de comportamento. Algumas reconstruções ortográficas eram feitas com espírito afetuoso: é o caso dos poemas de William Barnes sobre o condado de Dorset. Porém é significativo que Hardy tenha optado por não usar este recurso de modo sistemático, alegando que ele tinha o efeito de criar um distanciamento falso, reduzindo pessoas a tipos. É justamente neste sentido que se tornaram convencionais o "dialeto *cockney*" de Arthur Morrison, que escreveu *Lizerunt* em 1893, e de *The record of Badalia Herodsfoot* (1890) e das baladas de soldados de Kipling. Uma redução também está presente em Gissing — por razões que têm a ver justamente com a espécie de observação e relação a que Hardy se opunha. Os leitores destas obras aprenderam a perceber seus detalhes, com um respeito que consideravam afetuoso, e com o que supunham ser distanciamento.

"Where yer auf to, Lizer?"* Mas "where" está grafado de modo convencional, que não corresponde a praticamente nenhuma pronúncia concreta em nenhum dialeto; "yer" e "Lizer" refletem uma tendência geral na pronúncia; "auf" é uma grafia duvidosa até hoje, juntamente com sua variante "orf", pois o "o" longo, com a possibilidade de um "r" no final, é um fenômeno observado na fala de uma ampla gama de falantes, que vai desde os *cockneys* até a alta classe média. Jamais haverá consenso em relação a nenhum desses detalhes; as relações subjacentes entre grafia e pronúncia, em qualquer dialeto do inglês, são demasiadamente complexas. No entanto, é uma marca significativa de uma visão que já foi elogiada por ser naturalista e por excluir, aparentemente, qualquer forma de comentário consciente por parte do autor. Na verdade, o que ocorre é que agora o "comentário" foi completamente incorporado; faz parte de toda uma visão, que tem um distanciamento "sociológico". O jeito confiante e cativante desses narradores do final do período vitoriano e da época eduardiana depende, precisamente nos seus sucessos mais legítimos, daquele naturalismo descritivo, represen-

(*) "Where are you off to, Liza?" ("Aonde você vai, Liza?") (N. T.)

tativo, cuidadosamente observado, no qual os problemas da consciência e das idéias explícitas e polêmicas foram postos de lado. Assim é o povo: patético ou resistente; os violentos e suas vítimas: pedaços de vida disponíveis: a famosa "fatia" naturalista.

É um tom que faz parte da nova experiência urbana, mas que, quando visto com olho crítico, também se revela uma forma direta de interpretação. Em *The St. George of Rochester*, de Henry Nevinston (1894), ou em *A small talk exchange*, de Edwin Pugh (1895), existe mais continuidade com os registros do que foi ouvido e observado por Mayhew, mas em Kipling e Morrison já se tem uma atitude de apresentação, com acentuadas diferenças de efeito, e em outros escritores, como Adcock e Rook, há uma mistura de modalidades: ora registrando, ora apresentando a gente da cidade. É sintomático que Morrison — o qual de início tinha tanto em comum com Gissing — em suas observações gerais desse tanta atenção, em *A child of the Jago* e *The hole in the wall*, ao crime e à violência. Esses elementos eram muito comuns na cidade nova, tal como já o haviam sido na antiga; contudo, eles se mostravam, caracteristicamente, mais apresentáveis, mais coerentes como narrativa, do que a textura integral, mais variada. Esta seletividade em relação à violência na ficção urbana remonta, em uma dimensão, à longa tradição literária que explora a figura do "malandro"; porém, com sua predominância crescente, faz mais sentido vê-la como uma maneira de vivenciar a vida urbana que apreende, em áreas e incidentes isolados desta vida, não apenas uma espécie compreensível de interesse respeitável (fascínio e horror, num distanciamento único) mas também a forma mais explícita e isolável de ação, em que não uma sociedade, e sim uma população, está sendo observada e descrita.

Com sua atenção persistente, porém, a ficção de Morrison tem uma substância que, em última análise, é muito diferente da de Kipling, este criador de mitos; ou, para tomar um termo de comparação significativo e contemporâneo dentro de Londres, da de Conan Doyle. Nas histórias de Sherlock Holmes, Londres torna-se mais uma vez a cidade "da obscuridade labiríntica e do lúgubre fascínio". De fato, o detetive urbano, até certo ponto prefigurado em Dickens e Wilkie Collins, agora começa a emergir como figura significativa e ratificadora: o homem capaz de orientar-se em meio à neblina, capaz de penetrar os labirintos das ruas. A complexidade opaca da vida urbana moderna é representada pelo crime; o explorador de uma sociedade é reduzido à figura do descobridor de

causas, únicas, o agente isolável e, acima de tudo, sua técnica. A Londres de Conan Doyle adquiriu, com o tempo, uma atmosfera romântica que desperta em alguns leitores sentimentos de nostalgia tão evidentes e sistemáticos quanto os evocados por qualquer retrospecto rural: a neblina, os lampiões de gás, os fiacres, os moleques de rua e, passando por tudo isso, aquela mente aguçada e excêntrica, aquela inteligência quase desencarnada, mas familiarizada com os detalhes locais, capaz de desemaranhar a complexidade, determinar agentes locais e em seguida — pois nesse ponto termina a investigação — entregar a questão à polícia e à justiça: o sistema abstrato e límpido que há por trás do caos e da neblina.

Era uma visão que tinha um poder local intenso. Em autores como Gissing, Morrison e outros, ela nos legou muitas imagens memoráveis daquela cidade específica. Porém há outras imagens, e há outra história. A cidade das trevas, da opressão, do crime e da sordidez, de uma humanidade aviltada, era, naturalmente, vivenciada de modo diferente: não apenas na vitalidade de histórias como *Billy the snide* (1899), de Rook, mas também, de modo particularmente notável, em Wells — que sob esse aspecto, entre outros, faz parte de uma história reduzida ou excluída pelas imagens mais facilmente lembradas.

Pois a cidade ainda podia ser vista como uma cidade de luz. E, de fato, era isto, no sentido físico mais imediato. Já em 1780, Archenholz comentara:

Os lampiões, que têm dois ou quatro galhos, são encerrados em globos de cristal e fixados em postes, um a pequena distância do outro. São acesos ao pôr-do-sol no inverno tanto quanto no verão, haja luar ou não. Só em Oxford Road há mais luzes do que em toda a cidade de Paris. Até mesmo nas grandes estradas, dentro de um raio de sete ou oito milhas da cidade, há uma grande concentração de luz, cujo efeito é extraordinariamente grandioso.²⁰

Desde o início do século XIX a iluminação de gás era usada tanto para fazer efeito e impressionar quanto para realmente iluminar, e muitos habitantes e visitantes tinham a mesma impressão registrada, em meados do século, por Hans Christian Andersen:

a grande metrópole mundial cujo mapa se desenhava em fogo a meus pés.

No final do século, Le Gallienne escrevia:

Ó Londres, Londres, esta flor enorme
Que só se abre quando o sol já dorme.

Cidade onde a vida se inicia
Só no momento em que termina o dia.

Primeiro um, depois outro lampião
Vão-se acendendo em longa sucessão,
De um lado e do outro, a luz se expande
Em torno dos férreos lírios da Strand.^{21*}

Esta luz era uma imagem óbvia para a impressionante civilização da capital, cuja riqueza e cujo impacto público iam crescendo a olhos vistos. Acontecesse o que acontecesse no East End — e muitas vezes numa relação consciente com o que lá se passava —, o West End estava sendo remodelado e melhorado: Trafalgar Square, um novo palácio, as novas Casas do Parlamento, novos parques e estradas. Um visitante americano, Colman, enfatizou os contrastes visíveis:

No meio da mais extraordinária abundância, vemos homens, mulheres e crianças morrendo de fome; e ao lado da esplêndida carruagem, ornada de ouro, forrada de seda, com laçoi de libré, correm miseráveis desamparados, abandonados, seminus, meros fragmentos de humanidade.²²

A ostentação e a magnificência das mansões senhoriais do século XVIII, superpondo-se à pobreza evidente da maioria, estavam agora sendo repetidas, em escala muito maior, nessa cidade opulenta e dividida. Enquanto centro do comércio e da influência política, a capital também estava atraindo, num processo já conhecido, talentos de todos os tipos, oriundos dos quatro cantos do mundo. A impressão de uma “Londres tenebrosa”, na quase isolada zona leste, era causada pela forte luminosidade daquela parte da cidade que era uma capital nacional e internacional. É significativo que Conan Doyle — o qual havia criado, no personagem de Sherlock Holmes, uma versão de inteligência pura penetrando a obscuridade que confundia os homens comuns — reunisse evidências estatísticas da preeminência intelectual de Londres, resultado tanto da presença de talentos nativos quanto da centralização dos “mais brilhantes intelectos de todas as áreas”.²³ Esta visão de uma cultura metropolitana reluzente e dominante tinha uma base empírica sufi-

(*) “London, London, our delight,
Great flower that opens but at night,
Great city of the midnight sun,
Whose day begins when day is done,
Lamp after lamp against the sky,
Opens a sudden beaming eye,
Leaping a light on either hand,
The iron lilies of the Strand.”

ciente para sustentar uma visão tradicional da cidade enquanto centro de luz e cultura, só que agora num grau sem precedentes. A essa altura, a centralização cultural da Inglaterra já estava mais acentuada, em todos os níveis, do que em qualquer outra sociedade comparável. Mesmo para combater e rejeitar a cidade, os homens vinham para a cidade; não havia outra saída.

Mas esse efeito, ainda que importante, era relativamente superficial. A cultura metropolitana muitas vezes confunde sua preeminência — enquanto agente ou consumidora de talentos humanos — com suas fontes, que em muitos casos são diferentes e mais variadas. O que se pode afirmar com mais seriedade, quando se pesa a nova civilização urbana, é que novas formas distintas de pensamento social e organização social estavam sendo criadas dentro dela, ou como reação ao caos ou como aguçamento das faculdades causado pelos estímulos mais evidentes nela encontrados. Hardy criticara a ausência de “consciência coletiva” em Londres, mas era a partir das cidades da Inglaterra — tanto das cidades industriais quanto da capital — que se espalhavam, de modo decisivo, as novas formas e idéias democráticas. Vemos um aspecto desse processo em Wells. Também ele, como qualquer outro, horrorizava-se com a situação social das cidades e, especialmente, com a questão habitacional, esta “catástrofe contínua [...] verdadeiro massacre, degeneração e inutilização de vidas”. Como Gissing, ele via

as calçadas sempre com uma fina camada de lama oleosa e escorregadia, sob céus cinzentos que não continham nenhuma promessa de esperança para [uma multidão infinda de miseráveis], e sim de miséria até a morte.²⁴

Para Wells, o East End era uma “selva sórdida”, onde as pessoas tinham uma “pele branquenta e baça, que parecia degenerada e sinistra a um observador do West End”. A população não era trágica, e sim débil, ansiosa, necessitada. A alternativa para essa vida sórdida e limitada, tanto no East End como nos subúrbios mais respeitáveis e ansiosos, era muitas vezes concebida em termos do refúgio rural, ou de um refúgio alegre idealizado. Mas Wells via também, particularmente em *Tono-Bungay*, a realidade da ordem rural: a Inglaterra das mansões senhoriais que ele retratou em *Bladesover*:

A mansão, a igreja, a aldeia, os trabalhadores e criados em seus lugares devidos [...] um sistema social fechado e completo. A nossa volta havia outras aldeias e grandes propriedades, e de casa

em casa, entrelaçando-se, inter-relacionados, os Fidalgos, os Olimpianos, iam e vinham.²⁵

Apesar de todas as transformações das revoluções industrial e urbana, esse sistema social predominante sobrevivera. As mudanças concretas não representavam mais que pequenas intrusões ou glosas. No centro de Londres, suas características essenciais ainda permaneciam tão acentuadas quanto nas aldeias. O sistema havia impedido um crescimento verdadeiro. O que aconteceu, em vez disso, foi que a cidade tornou-se mesmo uma excrescência, uma projeção, daquela ordem mais simples. Era, portanto, um câncer:

a substância desorganizada e abundante de um processo canceroso, um processo que chega a romper os contornos do organismo doente.

É esta a forma doentia de uma cidade e uma civilização. Mas agora o monstro é menos satânico; tem uma forma mais humana. É

semelhante a um lacaio gofdo e orgulhoso, semelhante ao orgulho, à indolência, a tudo que é escuro, pesado e obstrutivo na vida. É matéria e escuridão, é a antialma, é o poder reinante desta terra, a Estupidez.²⁶

Ver a cidade desta forma é dar uma ênfase muito diferente. Wells, com mais clareza do que qualquer antecessor seu, enxergou a ligação entre o poder governante da cidade e o das mansões senhoriais. E, se os fatores comuns deste poder eram orgulho, indolência e estupidez, era possível combatê-los de modo diverso — não por meio da inocência retrospectiva, e sim pelo progresso consciente: através da educação, da ciência e do socialismo.

Assim, Wells reúne e funde tradições que haviam permanecido, no decorrer do século, bem distintas e até mesmo contraditórias. Se a feiúra e a mesquinhez do industrialismo e do urbanismo eram resultados cancerosos de um sistema ultrapassado, porém ainda rígido e estúpido, havia uma nova maneira de opor-se à cidade que não apenas não dependia de uma visão idealizada de uma ordem rural como também via justamente aquela ordem como parte da doença. Além do mais, se isto era verdade, existiam forças ativas disponíveis para combatê-la: forças liberadas pelas novas energias civilizadoras, mas contidas por uma ordem social falsa.

Esta visão de Wells, que não pode ser reduzida a uma simples proposta de uma tecnologia ilimitada e cega (muito embora esta idéia estivesse sempre latente e, em meio à tensão das dificuldades

sociais concretas, fosse por vezes abstraída), está ligada à visão socialista que vinha se desenvolvendo progressivamente. Pois não eram apenas as realizações da ciência e da produção material que prometiam uma nova civilização. Era também o surgimento de novas formas de organização social nas cidades. Este fator, na verdade, vinha sendo ignorado na maioria das críticas gerais à cidade. Era bem verdade que havia muita aglomeração, muita atomização na cidade, conforme afirmavam Carlyle e outros. Mas a coisa não se resumia a isso. Havia uma luta no sentido de criar novas formas de governo local: uma reação à superpopulação e ao caos, mas que gerava algo bem melhor que o antigo poder arbitrário dos proprietários rurais — o único sistema existente até então. Lutava-se também pelo direito de voto e pela reforma do Parlamento, outra luta concentrada nas cidades. Lutava-se pela educação, principalmente nas cidades, uma luta que terminou sendo levada com muita dificuldade às áreas rurais, ainda governadas pelos proprietários e seus dependentes, interessados em manter o povo na ignorância. Desenvolvia-se ativamente uma cultura municipal ao lado da metropolitana: era a luta pelas novas comodidades — as bibliotecas e os institutos — no contexto das novas necessidades das cidades menores. E ainda havia outra coisa, numa dimensão diferente desses importantes melhoramentos liberais: a organização crescente da própria classe trabalhadora, a grande reação civilizadora à tirania e à anarquia da indústria, a criação dos sindicatos a partir da rede de sociedades fraternais e beneficentes das cidades e, além dessa manifestação de uma nova e ativa solidariedade, a visão da reciprocidade como uma nova forma de sociedade: as cooperativas, o socialismo, também nas novas cidades. Crescendo apesar de toda a oposição, no decorrer do século, este movimento já atingira, nos anos 80, até mesmo o East End de Londres, aquela selva simbólica descrita por Gissing e outros. Para Engels, ela estava mudando:

Aquele imenso antro de miséria não é mais a poça estagnada de seis anos atrás. Já se libertou daquele torpor de desespero, voltou à vida e tornou-se a sede do chamado "Novo Sindicalismo", ou seja, a organização da grande massa de trabalhadores "não qualificados".

Essa era a época da organização do sindicato dos trabalhadores do gás, da greve das vendedoras de fósforos, da grande greve dos portuários de 1889. E, como argumentava Engels, esses novos sindicatos e essas novas lutas situavam-se numa dimensão diferente do sindicalismo de artesão do período anterior:

A fé na eternidade do sistema de salários foi seriamente abalada; os fundadores e promotores do movimento eram socialistas, quer conscientemente, quer na índole.²⁷

Com base no próprio caos e miséria da nova metrópole, e difundindo-se a partir dela para renovar um sentimento nacional, a força civilizadora de uma nova visão da sociedade fora criada na luta e combinara os sofrimentos e esperanças de gerações de oprimidos e explorados — e, dessa forma desafiadora e inesperada, dava-se a reação humana da cidade à antiga desumanidade da cidade e do campo.

Wordsworth vislumbrara na cidade, em suas circunstâncias que constantemente se dissolviam e transformavam, uma nova possibilidade de atingir a “unidade do homem”. Sob muitos aspectos, esta consciência de formas mais elevadas de organização e cooperação social havia sobrevivido e encontrado novas formas de expressão justamente nas cidades, onde a exploração e a desumanidade eram mais concentradas e mais evidentes. Apesar dos muitos fracassos e períodos de desesperança, havia persistido e crescido: educação, cooperação, democracia, socialismo — idéias e instituições que lentamente ganhavam força. Gissing, que conhecia esse processo e de início o apoiou, acabou achando — o que era até compreensível — que ele terminaria dominado e corrompido pela imensa massa de ignorância e deformidade que as cidades estavam multiplicando. Ele via “aquelas formas brutas de sociedade que enchem de destroços o abismo do mundo infernal”. Neste abismo também haveriam de desaparecer os sonhos de transformação. *Demos*, uma “narrativa de socialismo inglês”, prova, com uma acrimônia clássica, a impossibilidade do idealismo socialista. É esta segunda etapa da infelicidade, não apenas o sofrimento material, mas também a morte de tais esperanças, que o leva de volta ao sonho de ficar a “ler Homero dentro de uma cabana”. Wells, mais vigoroso e confiante, percebia este perigo e outros: o triunfo de uma demagogia comercial, no mundo de *Tono-Bungay*, tal como Gissing vira o triunfo de uma imprensa e uma literatura comerciais em *New Grub Street*. As novas liberdades e a nova educação podiam ser corrompidas ou assimiladas, e a cidade geraria seus substitutos degradados numa escala inimaginável. Até mesmo os novos movimentos sociais e políticos, os arautos da civilização, podiam ser confundidos, corrompidos, assimilados: o tumor canceroso podia derrotá-los.

Mas ao menos em Wells, como no novo socialismo, ainda

restava a esperança em uma possibilidade: a história podia caminhar para um lado ou para o outro; a única alternativa a uma nova ordem social era um caos crescente, cidades que terminariam por despedaçar-se. Quase um século depois, a luta ainda não terminou. É preciso voltar a examiná-la. Com a chegada do novo século, no entanto, as palavras de Hardy podem ser evocadas, embora num sentido modificado. As novas organizações do movimento operário e as novas instituições educacionais e democráticas representavam a nova visão que Londres e as outras cidades, bem como a nação que elas agora dominavam, começavam a ter de si próprias: estavam se tornando autoconscientes e começavam a ver, justamente nesta consciência — uma consciência coletiva —, as formas de uma sociedade diferente.

A FIGURA HUMANA NA CIDADE

No entanto, a percepção das novas qualidades da cidade moderna vinha associada, desde o início, à imagem de um homem caminhando, como se sozinho, pelas ruas. Já a encontramos no início, em Blake:

Caminho pelas ruas registradas,
Junto ao Tâmis registrado e lento.^{1*}

E em Wordsworth:

Quantas vezes, em ruas apinhadas,
Em meio à multidão, disse a mim mesmo:
"Mas cada rosto que passa por mim
Encerra algum mistério insondável!" [...] [
...] Até que as formas visíveis
Tornavam-se visões, como as que fluem
Sobre montes imóveis, ou nos sonhos.^{2**}

Nos romancistas urbanos, essa experiência era muitas vezes recriada num personagem, como a Florence Dombey de Dickens:

[...] os ruídos discordantes, cada vez mais altos, da luta do dia
[...] surpresa e curiosidade nos rostos que por ela passavam rapidamente [...] sombras alongadas voltando pela calçada [...] vozes que lhe eram estranhas a perguntar-lhe aonde ela ia [...]

(*) "I wander thro' each charter'd street/ Near where the charter'd Thames does flow."

(**) "How often in the overflowing Streets/ Have I gone forward with the Crowd, and said/ Unto myself, the face of everyone/ That passes by me is a mystery [...] / [...] Until the shapes before my eyes became/ A second-sight procession, such as glides/ Over still mountains, or appears in dreams."

Aonde ir? Sempre a algum lugar, qualquer lugar! sempre adiante; mas aonde? Pensou na única vez anterior em que se vira perdida na grande selva de Londres [...]³

Em Elizabeth Gaskell, o isolamento está relacionado a um contraste social:

É belo caminhar por uma rua de lojas iluminadas; a luz de gás é tão brilhante, os produtos exibidos aparecem com muito mais nitidez do que de dia, e de todas as lojas a farmácia é a que mais se assemelha àquelas histórias que conhecemos na infância, desde o jardim de frutas encantadas de Aladim até a encantadora Rosamunda com sua jarra roxa.

Barton não fazia tais associações; e no entanto sentia o contraste entre as lojas bem-sortidas, bem-iluminadas, e o porão escuro e sombrio, e aborrecia-o pensar que contrastes assim existiam. Não é ele o único a ver nisso o problema misterioso da vida. Ele se perguntava se alguém, em meio àquela multidão apressada, estaria saindo de uma dessas casas enlutadas. Todas as pessoas lhe pareciam alegres, e ele irritava-se com elas. Mas ele não tinha como — ninguém tem como saber a sorte das pessoas que passam pela rua.⁴

É este o estado de espírito de Dickens, se bem que menos complexo e menos dramático: uma ênfase insistente na solidariedade humana justamente porque os obstáculos, as contradições, os mistérios são vistos com tanta clareza. Isto também se aplica, de modo geral, àqueles episódios que encontramos com tanta frequência, de Dickens a Wells, em que um personagem entra numa cidade adormecida e é dominado pela idéia de que há uma infinidade de vidas ocultas tão perto dele. No entanto, essa experiência, evidentemente, podia ser vivida de duas maneiras opostas: ou como uma afirmação da humanidade comum, ultrapassando as barreiras da estranheza da multidão; ou como uma ênfase no isolamento, no mistério — uma sensação comum que pode tornar-se terrível. Wordsworth explorou ambas as reações, e a literatura oitocentista estendeu essa exploração nos dois sentidos.

Na literatura mundial, em Balzac, Baudelaire e, de maneira diferente, Dostoiévski, a imagem da cidade tornou-se, de certo modo, dominante. Balzac havia demonstrado a complexidade social da cidade e sua mobilidade constante; como seu objetivo era justamente descrever este aspecto, a imagem resultante, embora complexa, é clara. Dostoiévski, por outro lado, enfatizava os elementos de mistério e estranheza e perda de conexão; de modo comparável

a Dickens, porém partindo de reações fundamentalmente diferentes, trabalhava no sentido de criar reconhecimentos. Ele difere de Dickens na medida em que a fonte de reconhecimento não reside numa consciência social sufocada, e sim num reconhecimento espiritual, situado além do desespero do isolamento. Baudelaire, por sua vez, inverteu ambos esses valores. O isolamento e a perda de conexão passaram a ser as condições de uma nova e viva percepção:

Multidão e solidão: termos que, para um poeta ativo e fecundo, podem tornar-se iguais e conversíveis.⁵

A cidade era uma "orgia de vitalidade", um mundo instantâneo e transitório de "êxtases febris", que ensinava a alma a

entregar-se completamente, com toda sua poesia e caridade, ao inesperado que surge, ao desconhecido que passa.⁶

Havia uma nova espécie de prazer, um novo engrandecimento da identidade, naquilo que Baudelaire denominou "banho de multidão".⁷

No século XX, essa reação viria a tornar-se importante. Esse caráter social da cidade — no que tem de transitório, inesperado, na procissão de homens e eventos, e no isolamento essencial e inebriante — era visto como a realidade de toda existência humana. Nem sempre se reagia com a aceitação extática de Baudelaire; mas numa atitude de fatalismo religioso tardio, num distanciamento estético ou num deleite cotidiano com a variedade e o momentâneo, tal visão difundiu-se, chegando até a predominar em boa parte da literatura ocidental. Ainda havia um contraste entre cidade e campo, baseado nas concepções mais antigas de estabilidade e inocência rurais. Porém o contraste se daria em sentido oposto: entre consciência e ignorância, vitalidade e rotina, entre o que é presente e concreto e o que é passado ou desaparecido. A experiência urbana se generalizava tanto, e um número desproporcional de escritores estava tão profundamente envolvido nela, que qualquer outra forma de vida parecia quase irreal; todas as fontes de percepção pareciam começar e terminar na cidade, e, se havia alguma coisa além dela, estaria também além da própria vida.

É importante levantar os componentes muito diversos dessa tendência. Em Gissing, como já vimos, a figura solitária que caminhava pelas ruas sente-se esmagada pela multidão, pela feiúra a sua volta. Observou ele, numa passagem mais reveladora de si próprio do que de Dickens, do qual pretende estar falando:

A Londres tenebrosa, pululante, putrefaciente, uma maravilhosa recriação da impressão sentida por qualquer pessoa imaginativa que, num momento da melancolia, já teve oportunidade de perambular pelas ruas londrinas.⁸

Nos trechos que citei anteriormente, em que Gissing descrevia Londres, omiti esta ênfase no isolamento, para que ela agora fosse vista com mais clareza. Após a viagem através de Hoxton em direção ao norte, relata Gissing:

Caminhar por um bairro como este é a mais dura tarefa que um homem pode se impor; o coração é esmagado pela uniformidade de miséria apresentável; o observador lembra-se de que cada uma daquelas fachadas mortas, e em muitos casos cada janela cega, representa um "lar"; e as associações desta palavra sussurram-lhe um desespero vazio.⁹

Leia-se esta descrição dos cortiços de Farringdon Road:

Passe por lá à noite e faça um esforço de imaginação para visualizar a massa confusa de exaustão humana, de bestialidade, de sofrimento imerecido, de esperança desesperançada, de capitulação esmagada, tudo misturado dentro daquelas paredes ameaçadoras.¹⁰

Porém Gissing, tal como o otimista Wells, nela estava diretamente envolvido na observação social de uma cidade concreta. Mas, antes mesmo que ele começasse a escrever, um desespero semelhante havia encontrado expressão numa modalidade literária diferente: aquela em que a cidade aparece como símbolo.

Havia muito tempo a cidade já possuía uma dimensão simbólica, a mais poderosa das quais era a imagem religiosa da Cidade Sagrada, a Cidade de Deus. Numa variante desta modalidade, William Blake via Londres e a Inglaterra e queria construir Jerusalém. Agora, no entanto, ocorria uma alteração acentuada. Na literatura inglesa, ela se torna mais clara nos poemas de James Thomson: *The doom of a city*, escrito em 1857, e *The city of dreadful night*, escrito entre 1870 e 1873. Quando lemos esses poemas notáveis, percebemos as ligações substanciais entre eles e algumas das outras obras literárias que já examinamos. Com frequência somos levados a pensar em Dickens, e às vezes também na visão mais conhecida, e posterior, da destruição de uma cidade que aparece em *After London*, de Richard Jefferies (1885). De formas diversas, nestes escritores muito diferentes, uma estrutura de sentimentos comum estava se formando. Mas o que distingue Thomson, observadas todas as ligações com

outros autores, é o fato de que sua cidade é projetada e é significativamente completa: trata-se de uma visão simbólica da cidade como a própria condição da existência humana.

The city of dreadful night é o poema mais conhecido, mas há uma força impressionante em *The doom of a city*, escrito quando o autor tinha apenas 23 anos. Neste poema, de modo mais consciente, Thomson passa de uma cidade concreta para uma cidade visionária, a Cidade dos Mortos. Ele sai da casa onde estava enjaulado:

A grande Cidade, em silêncio imersa,
Em sonhos esquecia seu tumulto;
Mas não a mim os sonhos confortavam,
A mim, maldito, a quem a dor e o medo
De mil ânsias frustradas torturavam [...]
[...] E impeliam qual alma possessa.^{11*}

Era uma nova visão da caminhada solitária pelas ruas da cidade:

À luz dos lampiões, a caminhar
Solitário na rua abandonada [...]
[...] Labirinto da Cidade enterrada,
Onde habitam mortos, sempre a sonhar
Com nascimento e morte — com uma vida
Em que dias, meses, anos
São cheios de alegrias, desenganos;
E lutam contra seus próprios destinos,
Vencendo ou perdendo a luta renhida,
E jazem em seus túmulos, supinos.^{12**}

Ele atravessa o “mar deserto”, “sem mapa ou estrela”, e chega a uma cidade, a qual é aquela visão concretizada, uma cidade agitada e malévola que foi transformada em pedra:

Estátuas de pedra em todas as vias,
Umás em grupos, outras isoladas;

(*) “The mighty City in vast silence slept,/ Dreaming away its tumult, toil and strife;/ But sleep, and sleep’s rich dreams were not for me,/ For me, accurst, whom terror and the pain/ Of baffled longings, and starved misery [...]/ [...] Drove forth as one possess.”

(**) “I passed through desert streets, beneath the gleam/ Of lamps that lit my tumbling life alone [...]/ [...] Within a buried City’s maze of stone;/ Whose peopling corpses, while they ever dream/ Of birth and death—of complicated life/ Whose days and months and years/ Are wild with laughter, groans and tears,/ As with themselves and Doom/ They wage, with loss or gain, incessant strife,/ Indeed, lie motionless within their tomb.”

Algumas mostrando mercadorias
A uma freguesia petrificada.^{13*}

Esta é a cidade silenciosa, que o poeta foi obrigado a encontrar:

Do meu mundo comum em que vivia,
Por semelhantes cercado e tolhido,
Angústia e medo expulsaram-me um dia,
Pra que eu buscasse o Desconhecido.^{14**}

É a “larga e populosa solidão” do reino da Morte, porém trata-se de uma morte que é a imobilização de uma vida turbulenta:

O vasto mar de vida a meu redor,
A vida feroz, ruidosa, incessante [...]
[...] Imobilizada em meio ao furor.^{15***}

Estamos, por fim, em COSMÓPOLIS. Chega-se lá através do isolamento:

As cordas que deviam vincular-me
À humanidade em doce comunhão
Puxei a meu redor, a apertar-me,
Estrangulando minha vida em vão.^{16****}

É a “Solidão em meio a uma grande Cidade”, onde cada ato, palavra, gesto e olhar” se espalha entre os incontáveis habitantes, afetando a todos; mas a união misteriosa foi destruída, e a consequência é a cidade da morte. O que ele vê então é a destruição da cidade, causada pelo fogo, pela tempestade e pela chegada das feras. Os homens de pedra, que constituem toda a população, são destruídos juntamente com os prédios com os quais se confundem:

(*) “Stone statues all throughout the streets and squares,/ Grouped as in social converse or alone;/ Dim stony merchants holding out rich wares/ To catch the choice of purchasers of stone.”

(**) “In my old common world, well fenced about/ With myriad lives that followed well my own,/ Terror and deadly anguish found me out/ And drove me forth to seek the dread Unknown.”

(***) “The whole vast sea of life around me lay,/ The passionate, heaving, restless, sounding life [...]/ [...] Arrested in full tumult of its strife.”

(****) “The cords of sympathy which should have bound me/ In sweet communication with earth’s brotherhood/ I drew in tight and tighter still around me./ Strangling my lost existence for a mood.”

Do orgulho palaciano da Cidade,
De todos os feitos da humanidade [...]
[...] Nada restava.^{17*}

Quando o poeta retorna a sua cidade,

Recuei daquela vida, horrorizado;
O próprio ar não parecia livre,
Porém espesso, quente, dominado
Por incontáveis hálitos humanos;
As casas e os navios, feios, informes,
Eram nuvens de tempestade, enormes,
Capazes de eclipsar o sol.^{18**}

A tempestade também chegará aqui. A Cidade afirma ser "rica e forte [...] sábia, boa e livre", mas sua maldade é tão evidente quanto seu poder; sua culpa, tão clara quanto sua riqueza. O legado da Cidade é imenso e rico, porém nela

As leis sociais parecem feitas pra manter
Uns no luxo, outros sem ter o que comer;
Tuas orgulhosas mansões e templos veneráveis
Estão sitiados por cortiços miseráveis [...]

E mais:

As ruas à noite, afrontam os céus tolerantes
Com blasfêmias, pecados, crimes revoltantes.^{19***}

Assim, esta cidade, esta Londres, está condenada, a menos que se arrependa.

Em *The city of dreadful night*, a projeção é mais completa.

A Cidade é da Noite, mas não dorme;
Não traz o sono à mente sua doçura.
As horas se arrastam, lentas e enormes,

(*) "Of the City's vast palatial pride/ Of all the works of man on every side [...] / [...] Remained no vestige."

(**) "Its awfulness of life oppressed my soul;/ The very air appeared no longer free,/ But dense and sultry in the close control/ Of such a mighty cloud of human breath,/ The shapeless houses and the monstrous ships/ Were brooding thunderclouds that could eclipse/ The burning sun of day."

(***) "Chief social laws seem strictly framed to secure/ That one be corruptingly rich, another bitterly poor,/ And another just starving to death; thy fanes and mansions proud/ Are beleaguered with filthy hovels wherein poor wretches crowd [...] / [...] flaring streets each night affront the patient skies/ With a holocaust of woes, sins, lusts and blasphemies."

A noite não tem fim. E, se a tortura
Da consciência cessa por um instante,
Logo volta ainda mais angustiante
E, mais que a própria dor, leva à loucura.^{20*}

É uma cidade projetada, onde um modo de ser específico, "a tortura da consciência", foi concretizado.

Ninguém sabe como chegou a ela [...]
[...] Mas, ao chegar, se sente cidadão [...]
Pobre infeliz, que chega e não imagina
Que esta cidade é agora a sua sina.^{21**}

Eis a condição comum dos habitantes desta Cidade da Noite:

São racionais, porém enlouquecidos
De uma loucura externa, incontável;
Enquanto a razão, num ponto esquecido
No centro do cérebro, inalcançável,
Vê a loucura, prevê a destruição
À sua frente, enquanto tenta, em vão,
Recusar-se a encarar o inevitável.^{22***}

Todos eles, ricos ou pobres, são

Os mais tristes e cansados da Terra.^{23****}

Mas seria possível fazer com que "nossas unidades isoladas [...] agissem juntas por um fim comum"? Chega à catedral uma longa procissão, com representantes de todo tipo de atividade humana, e lá todos aprendem uma nova visão da vida, que é a percepção da ilusão:

(*) "The City is of Night, but not of Sleep;/ There sweet sleep is not for the weary brain;/ The pitiless hours like years and ages creep,/ A night seems termless hell. This dreadful strain/ Of thought and consciousness which never ceases,/ Or which some moment's stupor but increases,/ This, worse than woe, makes wretches there insane."

(**) "How he arrives there none can clearly know [...] / [...] But being there one feels a citizen [...] / Poor wretch, who once hath paced that dolent city/ Shall pace it often, doomed beyond all pity."

(***) "They are most rational and yet insane/ An outward madness not to be controlled;/ A perfect reason in the central brain/ Which has no power, but sitteth wan and cold,/ And sees the madness, and foresees as plainly/ The ruin in its path, and trieth vainly/ To cheat itself refusing to behold."

(****) "The saddest and the weariest men on earth."

Ó melancólicos Irmãos da treva!
[...] Era a ilusão de um sonho negro apenas [...]
[...] Só nos cabe esta existência mesquinha [...]
[...] As leis que nos comandam, universais,
Não nos abriram exceções jamais.^{24*}

Agora, a perda da crença nos sonhos falsos de Deus, ou da imortalidade, ou de qualquer objetivo convincente para a existência, é a condição da cidade e a condição humana. Porém a perda do objetivo da existência se dá no contexto de uma aglomeração humana sem precedentes:

Onde quer que haja homens reunidos
O ar está cheio de pensamentos,
Preces e maldições, risos, gemidos,
E todos os tipos de sentimentos
Deixam gravadas suas vibrações;
E mesmo as mais recônditas paixões
Penetram-nos, trazidas pelo vento.

Assim, o próprio ar que respiramos
Não é como o dos montes ou do prado;
Com ele, vida e morte inspiramos,
O bem e o mal, prazer e desgosto,
Saúde, doença, estupidez, saber;
E aquele que lá vive, sem querer,
Afeta tanto quanto é afetado.

A atmosfera da Cidade é densa,
Ainda que poucos sejam os exilados
Que nela exercem sua má influência,
Envenenando o ar envenenado;
Vertendo germes de tristeza pura,
Vertendo germes de raiva e loucura,
Do desespero mais alucinado.^{25**}

(*) "O melancholy Brothers, dark, dark, dark!/[...] It was the dark delusion of a dream [...]/ [...] This little life is all we must endure [...]/ [...] We bow down to the universal laws/ Which never had for man a special clause."

(**) "Wherever men are gathered, all the air/ Is charged with human feeling, human thought;/ Each shout and cry and laugh, each curse and prayer,/ Are into its vibrations surely wrought;/ Unspoken passion, wordless meditation,/ Are breathed into it with our respiration;/ It is with our life fraught and overfraught.// So that no man there breathes earth's simple breath,/ As if alone on mountains or wide seas;/ But nourishes warm life

Esta visão poderosa reúne, numa estrutura tremendamente influente, embora pouco reconhecida, a realidade da cidade e a da nova consciência angustiada. A luta, a indiferença, a perda de objetivo, a perda de significado — elementos da experiência social oitocentista e de uma interpretação comum da nova visão do mundo proposta pela ciência — encontraram na Cidade uma moradia e um nome. Pois a cidade não é apenas, dentro dessa perspectiva, uma forma da vida moderna; é a concretização física de uma consciência moderna decisiva.

Podemos encontrar exemplos dessa visão em diversas contextos na literatura do século XX; um exemplo direto é T. S. Eliot.

Cidade irreal,
Numa fria manhã de névoa pardacenta,
Na London Bridge a multidão é tamanha,
Eu não sabia que a morte era tamanha.
Suspiros, breves, raros, exalavam-se,
E cada um fitava o chão a sua frente.
Desceram, foram por King William Street
Até Saint Mary Woolnoth, onde as nove horas
Soaram com um som morto na última batida.^{26**}

Esta é a cidade da morte na vida, tal como Thomson a era. É o *wasteland* moderno, e através dele uma poderosa convenção de imagística urbana tornou-se quase corriqueira. No início da carreira de Eliot, suas imagens são mais particularizadas e mais isoladas, porém a continuidade é evidente:

Os dias fumacentos que se esvaem ao fim.
E agora vem o vento úmido
Envolver restos imundos
De folhas secas em torno de teus pés
E jornais vindos de terrenos baldios [...]

or hastens death/ With joys and sorrows, health and foul disease,/ Wisdom and folly, good and evil labours,/ Incessant of his multitudinous neighbours;/ He in his turn affecting all of these.// That City's atmosphere is dark and dense,/ Although not many exiles wander there,/ With many a potent evil influence,/ Each adding poison to the poisoned air;/ Infections of unutterable sadness,/ Infections of incalculable madness,/ Infections of incurable despair."

(*) "Unreal City,/ Under the brown fog of a winter dawn,/ A crowd flowed over London Bridge, so many,/ I had not thought death had undone so many./ Sighs, short and infrequent, were exhaled,/ And each man fixed his eyes before his feet./ Flowed up the hill and down King William Street,/ To where Saint Mary Woolnoth kept the hours/ With a dead sound on the final stroke of nine."

[...] A manhã vem à consciência
 De vagos cheiros rançosos de cerveja
 Vindos da serragem da rua
 Com todos os seus pés enlameados
 Que nos cafés se juntam.
 Com todas as outras imposturas
 Pelo tempo retomadas,
 Vem a imagem de mãos mudas
 Suspendendo estores ímundos
 Em mil e um quartos mobiliados.^{27*}

No fim, temos algo tão recorrente e convencional quanto o bucolismo. De fato, encontramos aqui uma imagística neo-urbana, do mesmo tipo literário que o neobucólico isolado. Uma paisagem urbana selecionada veicula um desespero geral do observador isolado. Sintomaticamente, veicula também um desprezo social ainda mais azedo que o de Gissing:

Pratos retinêm nas cozinhas dos porões,
 E vou pelas margens pisoteadas da rua
 Sentindo as almas úmidas, das criadas
 Que brotam melancólicas nos portões das áreas.^{28**}

Numa fase posterior, Eliot associa a perda do significado na cidade à perda de Deus. Implícita ou explicitamente, as habitações rurais — isoladas e remotas, visitadas por quem mora na cidade — adquirem, ainda que apenas por exclusão, um significado tradicional. Esta associação regular da vida rural com o passado e a tradição, e então — por meio de uma associação simbólica e não histórica — com a fé religiosa, veio a tornar-se um lugar-comum. Assim, a cidade era o que o homem havia feito sem Deus.

Podeis guardar a Cidade que o SENHOR convosco não guarda?
 Nem mil guardas de trânsito saberão dizer-vos
 De onde vindes e para onde ides [...]
 [...] Onde não há templo, lares não haverá,

(*) "The burnt-out ends of smoky days./ And now a gusty shower wraps/ The grimy scraps/ Of withered leaves about your feet/ And newspapers from vacant lots [...]/ [...] The morning comes to consciousness/ Of faint stale smells of beer/ From the sawdust-trampled street/ With all its muddy feet that press/ To early coffee-stands./ With the other masquerades/ That time resumes./ One thinks of all the hands/ That are raising dingy shades/ In a thousand furnished rooms."

(**) "They are rattling breakfast plates in basement kitchens,/ And along the trampled edges of the street/ I am aware of the damp souls of housemaids/ Sprouting dependently at area gates."

Ainda que tenhais asilos e instituições,
 Precárias moradas onde se paga aluguel,
 Porões que afundam, onde procriam ratos,
 Ou casas higiênicas, com números nas portas,
 Ou uma casa um pouco melhor que a do vizinho;
 Quando o Estranho perguntar: "Que significa esta cidade?
 Viveis apinhados porque vos amais?"
 O que responderão? "Vivemos todos juntos
 Para ganhar dinheiro um do outro"? ou "Isto é uma
 comunidade"?

E o Estranho irá embora, de volta para o deserto.^{20*}

O Estranho vem de Thomson, mas a ideologia agora está mais desenvolvida. A pergunta do Estranho nunca é colocada, por exemplo, para a aldeia de Crabbe. Implicitamente, a "Cidade regida pelo tempo" é contrastada com os ritmos naturais do sangue, do dia e noite, das estações; o passado rural é associado à fé ou à inocência: uma nova versão do bucolismo, através da ênfase nas negações urbanas. A experiência das ruas, do estranho inseguro, é então elaborada, a partir de suas originais confusões sociais e perceptuais, criando-se uma analogia com o purgatório:

Na hora-incerta antes da manhã
 Perto do fim da noite interminável
 Ao final recorrente do infindo
 Depois que a pomba preta de língua rápida
 Cruzou o horizonte de sua volta,
 As folhas mortas tinindo como lata,
 No asfalto onde não havia outro som
 Entre três bairros fumacentos, vi
 Alguém que andava, com um pressa lenta,
 Como as folhas metálicas levadas
 No vento urbano e matinal, passivas.
 E ao fixar no vulto cabisbaixo
 O olhar firme com que desafiámos

(*) "Can you keep the City that the LORD keeps not with you?/
 A thousand policemen directing the traffic/ Cannot tell you why you come
 or where you go [...]/ [...] Where there is no temple there shall be no
 homes,/ Though you have shelters and institutions,/ Precarious lodgings
 while the rent is paid,/ Subsiding basements where the rat breeds/ Or sani-
 tary dwellings with numbered doors/ Or a house a little better than your
 neighbour's;/ When the Stranger says: 'What is the meaning of this city?/
 Do you huddle close together because you love each other?/ What will you
 answer? 'We all dwell together/ To make money from each other'? or 'This
 is a community'?/ And the Stranger will depart and return to the desert."

O primeiro estranho do amanhecer
 Súbito vislumbrei um mestre morto
 Que eu conhecera, olvidara e agora
 Quase lembrava, uno e múltiplo, as feições
 Queimadas de um fantasma conhecido,
 Plural, íntimo, inidentificável.
 Assumindo um papel duplo, gritei
 E ouvi outro gritar: "Você está aqui?!"
 Embora não estivéssemos. Eu era
 O mesmo, mas sabia ser um outro —
 E ele, um rosto em formação; mas as palavras
 Enfim forçaram o reconhecimento.
 Cedendo ao vento, tão mutuamente estranhos
 Que nenhum mal-entendido era possível,
 Concordando, naquela interseção,
 Não haver encontro, antes nem depois,
 Seguimos juntos, em patrulha morta.^{30*}

O pessimismo cético de Thomson, o pessimismo social de Gissing, o pessimismo religioso de Eliot: cada um deles encontrou uma paisagem na cidade. Mas a imagística típica da consciência urbana também se desenvolveu de outras maneiras. Em Virginia Woolf, a descontinuidade, a atomização da cidade eram vivenciadas esteticamente, como um problema de percepção que levantava problemas de identidade — e que era resolvido, de modo característico, com a chegada ao campo:

(*) "In the uncertain hour before the morning/ Near the ending of interminable night/ At the recurrent end of the unending/ After the dark dove with the flickering tongue/ Had passed below the horizon of his homing/ While the dead leaves still rattled on like tin/ Over the asphalt where no other sound was/ Between three districts where the smoke arose/ I met one walking, loitering and hurried/ As if blown towards me like the metal leaves/ Before the urban dawn wind unresisting./ And as I fixed upon the down-turned face/ That pointed scrutiny with which we challenge/ The first-met stranger in the waning dusk/ I caught the sudden look of some dead master/ Whom I had known, forgotten, half recalled/ Both one and many; in the brown, baked features/ The eyes of a familiar compound ghost/ Both intimate and unidentifiable./ So I assumed a double part, and cried/ And heard another's voice cry: 'What! are you here?'/ Although we were not. I was still the same,/ Knowing myself yet being someone other—/ And he a face still forming; yet the words sufficed/ To compel the recognition they preceded./ And so, compliant to the common wind,/ Too strange to each other for misunderstanding,/ In concord at this intersection time/ Of meeting nowhere, no before and after,/ We trod the pavement in a dead patrol."

Old Kent Road estava muito cheia na quinta-feira, 11 de outubro, 1928. Gente transbordava das calçadas. Havia mulheres com sacolas de compras. Crianças corriam. Nas lojas de fazendas havia liquidações. As ruas alargavam-se e estreitavam-se. Longas perspectivas diminuíam e fundiam-se. Aqui, um mercado. Aqui, um funeral. Aqui, uma procissão, com bandeiras onde se lia "Ra-Uh", mas o que mais? A carne estava muito vermelha. Os açougueiros esperavam às portas dos açougues. As mulheres quase perdiam os calcanhares, cortados. Amor Vin — escrito sobre uma sacada. Uma mulher à janela de um quarto, profundamente contemplativa, absolutamente imóvel. Applejohn e Applebed, Agentes Fun... Nada podia ser visto por inteiro nem lido do início ao fim. O que se via iniciar — como dois amigos que se encontravam, um de cada lado da rua — nunca se via terminar. Depois de vinte minutos o corpo e a mente ficavam semelhantes a pedaços de papel rasgado caindo de um saco, e de fato a impressão que se tem quando se sai de Londres num carro em alta velocidade lembra tanto o esfacelamento da consciência que precede a inconsciência e talvez a própria morte que não está claro até que ponto se pode dizer que Orlando estava existindo naquele instante exato. E teríamos mesmo substituído Orlando por uma pessoa inteiramente desmontada, não fosse o fato de que aqui, por fim, um painel verde levantou-se à direita, e contra esse fundo os pedacinhos de papel caíam mais lentamente; e depois outro levantou-se à esquerda, de modo que agora era possível ver os pedacinhos individuais revirando-se por si só no ar; em seguida, os painéis verdes tornaram-se contínuos nos dois lados, de modo que sua mente retomou a ilusão de conter coisas dentro de si, e ela viu uma cabana, um pasto e quatro vacas, todas elas exatamente em tamanho natural.³¹

Esta experiência fragmentária — agora acelerada pelo "carro em alta velocidade" — permanece até hoje como uma condição perceptiva. Está intimamente relacionada a diversas formas características de imagística moderna, sendo particularmente evidente na pintura e, mais ainda, no cinema, um meio que contém boa parte de seu movimento intrínseco. Há, de fato, uma relação direta entre o cinema, especialmente o corte e a montagem, e o movimento característico do observador no ambiente denso e heterogêneo das ruas. Isto, porém, deve alertar-nos para o fato de que a experiência perceptual em si não implica necessariamente algum estado de espírito específico e, menos ainda, alguma ideologia. Essa experiência do movimento urbano já foi usada, nos mais diversos níveis de seriedade e jocosidade, para exprimir toda uma gama de senti-

mentos, do desespero ao prazer. A visão monocórdia da imagística de Eliot, de fumaça, coisas rasgadas, sujeira, sordidez, revelou-se muito poderosa, porém não avassaladora. É o que podemos ver, com mais clareza do que em qualquer outra obra, no *Ulysses* de Joyce, a mais extensa e memorável realização, na literatura inglesa, desses modos de percepção e identidade fundamentalmente alterados.

Wordsworth, ainda no início, havia perdido suas referências tradicionais:

Tudo que rege o ato, o pensamento,
A fala, para mim tornou-se incógnito.^{32*}

Contudo, à medida que a experiência foi se prolongando, tornou-se claro que o que “regia” tais coisas não eram propriamente leis, e sim convenções. Gerações de homens e mulheres aprenderam a ver de novas maneiras, embora fosse necessário o gênio de Joyce para que essas novas maneiras fossem incorporadas pela substância mais profunda do próprio método literário. Em Joyce, as leis e convenções da observação e da comunicação tradicionais aparentemente desapareceram. A consciência resultante é intensa e fragmentária, basicamente subjetiva — mas inclui, na própria forma de sua subjetividade, os outros que agora, juntamente com os prédios, os ruídos, as vistas e cheiros da cidade, fazem parte desta consciência única e acelerada. É justamente desta experiência que participamos quando Bloom caminha por Dublin:

Atravessou para a calçada mais clara, evitando a tampa solta do porão do setenta e cinco. O sol estava chegando ao pináculo da igreja de Jorge. Acho que hoje vai fazer calor. Mais ainda com essa roupa preta. O preto conduz, reflete (ou será que refrata?) o calor. Mas eu não podia ir com aquele terno claro. Como se fosse a um piquenique. A toda hora as pálpebras baixavam discretamente enquanto ele caminhava no calor gostoso. O carro do pão de Boland entregando em bandejas o nosso de cada dia mas ela prefere crostas de pão da véspera torradinhas em coroas quentes. Faz a pessoa se sentir remuçada. Lá para os lados do leste: manhã cedo: sair ao nascer do sol, seguir à frente dele, roubar-lhe um dia de caminhada. Se não parar nunca a rigor nunca envelhece nem mais um dia. Caminhar por uma praia, terra estranha, chegar a um portão de uma cidade, uma sentinela, velho sargento, os

(*) “All laws of acting, thinking, speaking man/ Went from me, neither knowing me nor known.”

bigodões do velho Tweedy apoiados numa espécie de lança comprida. Vagandô por ruas toldadas. Rostos sob turbantes que passam. Cavernas escuras de lojas de tapetes, homenzarrão, Turko o Terrível, sentado de pernas cruzadas fumando um narguilê comprido. Gritos de mascates pelas ruas. Beber água perfumada com funcho, frutas. Perambular o dia inteiro. Talvez esbarrar num ou dois ladrões. Paciência. Quase hora do entardecer. As sombras das mesquitas ao longo dos pilares: sacerdote com pergaminho enrolado. Estremecer de árvores, sinal, o vento do entardecer. Sigo em frente. Dourado do céu morrendo. Parada à porta a mãe olha para a rua. Chama os filhos para casa em seu idioma, escuro. Muro alto: atrás tangem cordas. Céu noturno lua, violeta, cor das ligas novas de Molly. Cordas. Ouvir. Uma jovem tocando esse instrumento como é mesmo que chama: saltério. Eu passo.³³

Aqui, a fantasia da cidade oriental parte do cheiro de pão do carro de Boland, mas cada coisa que Bloom vê, cada som que ouve, cada cheiro que sente desencadeiam em sua consciência uma de suas preocupações íntimas. Sob a pressão de suas necessidades, uma cidade é tão real quanto a outra.

Esta é a alteração profunda. As forças da ação tornaram-se interiores, e de certo modo não se tem mais uma cidade, mas apenas um homem caminhando por ela. Lembremos que Elizabeth Gaskell passava da vitrine da farmácia para o “jardim de frutas encantadas de Aladim”, porém dentro de uma estrutura objetiva rigidamente controlada: as “histórias que conhecemos na infância” — uma lembrança comum a escritora e leitor; “Barton não fazia tais associações” — o personagem visto objetivamente, separado em termos de situação e de cultura, torna-se nitidamente distinto. Em *Ulysses* a relação entre ação e consciência, mas também a relação entre narrador e personagem, foi modulada a ponto de alterar toda a forma da linguagem:

Aproximou-se da loja de Larry O'Rourke. Da grade do porão subia o odor flácido de cerveja preta. Da porta aberta do bar brotavam cheiros de gengibre, pó de chá, massa de biscoito. Mas o ponto é bom: exatamente onde acaba o trânsito da cidade. Por exemplo, o M'Auley logo ali: como ponto, péssimo. Claro que se abrem uma linha de bonde pela North Circular ligando o mercado de gado ao cais do porto o valor dispara.

Cabeça calva na janela. Velho esperto. Perda de tempo pergunta se ele quer botar anúncio. O fato é que ele entende do negócio dele como ninguém. Lá está ele, esse Larry, encostado na lata de açúcar, em mangas de camisa, vendo o empregado de

avental limpando o chão com balde e esfregão. O Simon Dedalus imita ele igualzinho, os olhos revirados. Sabe o que eu vou lhe dizer? O quê, sr. O'Rourke? Sabe o quê? Esses russos, os japoneses traçam eles no café da manhã.

Entrar e trocar umas palavrinhas: sobre o funeral talvez. Que coisa, coitado do Dignam, não é, sr. O'Rourke.

Virando em Dorset Street disse com voz alegre pela porta aberta:

- Bom dia, sr. O'Rourke.
- Bom dia pro senhor também.
- Beleza de dia.
- É mesmo.³⁴

Aqui o contraste entre as dimensões é direto: a substância das observações de Bloom, de suas especulações e lembranças — sustentadas por um mínimo fio narrativo —, é um intercâmbio ativo, uma comunhão, mesmo, dentro da fala imaginada, enquanto na realidade o que é dito quando ele chega ao bar é vazio e externo: aquilo em que as convenções tradicionais se transformaram. A realidade substancial, a variedade viva da cidade, está na mente do caminhante:

Ele caminhava ao longo do meio-fio. Rio da vida [...]

[...] Plenacidade sumindo, outra plenacidade surgindo, sumindo também: outra surgindo, sumindo. Casas, fileiras de casas, ruas, quilômetros de calçadas, tijolos, pedras empilhadas. Trocando de dono. Este, depois aquele. Proprietário não morre nunca, diz-que. Outro ocupa o lugar dele quando ele recebe a notificação do despejo. Compram o lugar com ouro mas continuam com todo o ouro na mão. Alguma trapaça aí. Empilhadas nas cidades, desgastando-se com o passar dos séculos. Pirâmides de areia. Construídas à base de pão com cebola. Escravos. Muralha da China. Babilônia. Sobraram pedras grandes. Torres redondas. No mais, só entulho, subúrbios esparramados, tudo feito a tapa, as casas-cogumelos de Kerwan, feitas de vento. Abrigo para a noite.

Ninguém é nada.³⁵

A originalidade de Joyce nesses trechos de sua obra é notável. É uma inovação necessária para que esse modo de ver — fragmentado, promíscuo, isolado — possa concretizar-se nos sentidos, em uma nova estrutura de linguagem.

A genialidade de *Ulysses* está na dramatização de três formas de consciência (três personagens, três caracteres) — Bloom, Stephen e Molly. A interação entre eles, mas ao mesmo tempo a falta de conexão entre eles, é a tensão da própria composição da cidade.

Pois o que cada um representa para o outro é um papel simbólico, e a realidade à qual eles talvez venham a relacionar-se não é mais um lugar e um tempo, apesar da preocupação do autor em datar aquele dia em Dublin. É um padrão abstraído — mais exatamente, imanente — de homem e mulher, pai e filho; uma família que não é uma família, nascida do contato, da procura mútua, através de um mito e uma história. A história não está nesta cidade, mas na perda de uma cidade, a perda dos relacionamentos. A única comunidade cognoscível está na necessidade, no desejo, das formas de consciência aceleradas e separadas.

No entanto, é preciso dizer também que, tal como vemos essa nova estrutura, a comunidade humana mais profundamente sentida é a própria linguagem. Há um paradoxo no fato de que em *Ulysses*, em meio a suas situações de perda e frustração, há não apenas procura mas também descoberta: de uma linguagem cotidiana, ouvida com uma clareza jamais atingida anteriormente no romance realista; um fluxo positivo daquela fala humana mais ampla, até então filtrada pelas convenções sociais dominantes: convenções de separação e redução, na história real. A grandeza de *Ulysses* reside nessa comunidade de fala. É nisso que difere de *Finnegans wake*, em que uma voz única — a voz que se propõe a falar por tudo e todos, "Here Comes Everybody" — leva a dissolução a uma mudança em que as tensões já evidentes nas últimas seções de *Ulysses* (antes do monólogo final) são tão acentuadas que o intercâmbio de vozes — públicas e privadas, as vozes de uma cidade ouvidas e entreouvidas — é substituído por uma linguagem isolada universal, substituta. Se *Ulysses* era o clímax, *Finnegans wake* é a crise do desenvolvimento que vimos levantando: do romance e da cidade; o romance do homem em "ato, pensamento e fala".

Este desenvolvimento, porém, tem um outro significado. Ele nos leva de volta à observação de Hardy, para quem em Londres

cada indivíduo tem consciência *de si próprio*, mas ninguém é consciente da coletividade como um todo.³⁶

A intensa autoconsciência, a subjetividade perceptual, foi, como já vimos, desenvolvida de forma muito poderosa, enquanto modalidade literária. Está diretamente relacionada não apenas ao chamado "fluxo de consciência" ou "monólogo interior" mas também àquela versão modernista do "simbolismo", na qual o isolamento e a projeção de objetos significativos é uma consequência da subjetividade separada do observador. Estes processos compõem uma reação

poderosa àquilo que se entende, até mesmo convencionalmente, como experiência urbana; mas, mesmo quando mantidos em níveis que parecem ser diretamente estéticos, estão profundamente ligados aos modelos subjacentes de vida e sociedade — tão claramente, em última análise, quanto estão quando se sobrepõem de modo explícito a versões ideológicas de um isolamento, uma alienação e uma perda de comunidade essenciais. Assim, é irônico que a maioria das versões modernas do passado rural sejam elementos convencionais e subsidiários justamente desses métodos e ideologias: projeções retóricas da conexão, da comunidade ou da crença.

Porém há ainda outro tipo de desenvolvimento, mais relacionado a Joyce. Dados os fatos do isolamento, de uma subjetividade aparentemente intransponível, reaparece uma “consciência coletiva”, mas sob forma modificada. Trata-se da “consciência coletiva” do mito, o arquétipo; o “inconsciente coletivo” de Jung. Nessas subjetividades intensas, pressupõe-se uma “comunidade” metafísica ou psicológica, e caracteristicamente, ainda que apenas em estruturas abstratas, ela é universal; os termos médios das sociedades reais são excluídos, por serem efêmeros, superficiais ou — na melhor das hipóteses — contingentes e secundários. Assim, uma perda de reconhecimento e consciência sociais é, de certo modo, transformada em qualidade positiva: uma condição da compreensão e da percepção. Faz-se, então, uma ligação direta entre subjetividade intensa e uma realidade atemporal: uma é um meio para chegar-se à outra, e os termos alternativos não passam de elementos perturbadores. O problema, historicamente variável, de “indivíduo e sociedade” ganha uma definição nítida e específica, na medida em que “sociedade” torna-se uma abstração e o coletivo só flui através dos canais mais voltados para o interior. Não apenas as experiências comuns de isolamento aparente mas também toda uma gama de técnicas de auto-isolamento são então reunidas para dar sustento à experiência paradoxal de uma coletividade em último grau, além e acima da comunidade. As versões sociais da comunidade são vistas como variantes do “mito” — o significado codificado — que, sob uma ou outra de suas formas, é a única consciência coletiva a que se tem acesso. Existe uma linguagem de mente — muitas vezes, mais estritamente falando, do corpo —, e existe esta linguagem universal pressuposta. Entre elas, enquanto coisas, enquanto signos, enquanto material, enquanto agentes, ficam as cidades grandes e médias e as aldeias: sociedades humanas concretas.

No século xx, tem havido um conflito profundo e confuso; não solucionado, entre esse reaparecimento do coletivo, em suas formas metafísicas e psicológicas, e aquela outra reação, também dentro das cidades, que em novas instituições e novas idéias e movimentos sociais propõe-se a criar o que Hardy e outros julgavam nelas faltar: uma consciência coletiva capaz de ver não apenas os indivíduos mas também os relacionamentos entre eles, alterados e em processo de alteração, e de, ao ver os relacionamentos e suas causas sociais, encontrar meios sociais de transformação.

De fato, foi nas cidades que surgiram estas duas grandes idéias transformadoras modernas: o mito, em suas formas variáveis, e a revolução, em suas formas variáveis. Cada uma delas, sob pressão, propõe-se a converter a outra segundo seus próprios ditames. Porém é melhor encará-las como reações alternativas, pois em milhares de cidades, ainda que de modo confuso, elas vivem num conflito acirrado, direto e necessário.

O HOMEM DO CAMPO DE HOJE

A Inglaterra rural tornou-se subsidiária, consciente de que o era, a partir do final do século XIX. Não obstante, uma parte tão grande do passado rural, de seus sentimentos e sua literatura, estava ligada à experiência rural, e tantas de suas concepções a respeito da boa vida, desde o estilo da mansão senhorial até a simplicidade da cabana, persistiram e foram até mesmo fortalecidas, que chega quase a haver uma proporção inversa, no século XX, entre a importância relativa da economia rural atuante e a importância cultural das idéias rurais. Isso influenciou as formas de expressão e de desenvolvimento das idéias, porém trata-se de uma influência complexa, que inclui resultados positivos e negativos.

Podemos isolar três linhas principais, todas elas complexas. Temos a persistência e o desenvolvimento do que veio a ser chamado de romance "regionalista", em parte derivado de George Eliot e Hardy, mas com uma limitação de alcance significativa. Porém esse quadro é complicado, conforme veremos, pela persistência e degeneração do romance centrado na mansão senhorial. Temos, em seguida, um desenvolvimento, talvez originado em Meredith, de sentimentos a respeito da terra e da vegetação natural que, em uma de suas modalidades, dá prosseguimento à descrição de paisagens e à poesia da natureza, na linguagem verde de Clare, mas que, em outra modalidade, é uma imagística dos relacionamentos humanos, especialmente do amor e do desejo. Em terceiro lugar, e superpondo-se em parte à descrição da natureza, temos uma tendência importante representada por memórias, observações e descrições da vida rural, muitas delas dominadas pela consciência do desaparecimento do passado, neste sentido aproximando-se das coleções de relatos tradicionais ou mesmo folclóricos; outras, no entanto, destacam a utilização e a destruição da terra, as rela-

ções com um mundo natural ameaçado e as condições de um meio ambiente humano. Em nenhuma dessas três linhas podem-se fazer julgamentos simples. De fato, muitos dos problemas vão surgir porque sentimentos verdadeiros e falsos, idéias verdadeiras e falsas, visões históricas verdadeiras e falsas encontram-se um bem perto do outro, muitas vezes dentro da mesma obra.

Uma forma claramente decadente pode ser identificada de saída. Já se evidencia no mundo centrado na mansão senhorial de *Daniel Deronda* que, uma forma nova e fraca, está surgindo: um mundo centrado não na terra, mas no capital. Porém há uma transformação evidente, por exemplo, nas mansões senhoriais de Henry James, que se tornaram cenários para reuniões festivas de um grupo social metropolitano e internacional, de um drama social mais geral. E não é que Henry James force esta diferença; a vida que ele via, muitas vezes de modo crítico, de fato existia. Sua dimensão determinante não é mais a terra, e sim o dinheiro; casas, parques e móveis são, agora, explicitamente objetos de consumo e troca. As pessoas pechincham, exploram e usam umas as outras, e estas casas são o cenário de sua ambição e suas intrigas. O dinheiro adquirido fora do meio rural é um tema explícito e dominante. O cultivo social, que em Jane Austen ainda está associado ao processo geral de melhoramento, é agora um complexo processo, que decorre de uma sociedade maior. O capital isolado, a renda isolada, o consumo isolado, o intercâmbio social isolado habitam e abandonam, visitam e esvaziam estas casas convertidas, que sobrevivem por acaso. Um processo interno de capitalização, consumo e indiferença em relação aos vizinhos tornou-se externo e móvel, acentuando todos os seus vícios inerentes. As casas são locais onde ocorrem eventos preparados fora delas, e que continuam a desenrolar-se fora delas, de modo transitório e complexo.

Há quem afirme que James não conheceu nem entendeu o melhor da sociedade das mansões senhoriais inglesas, mas a meu ver ele a conhecia muito bem. Pois a superfície, a fachada, de uma forma de vida bem diferente era agora a realidade. Era possível, naturalmente, isolar esta fachada do meio exterior, concentrar-se meticulosamente em suas involuções internas, tal como fizeram Ivy Compton-Burnett e alguns outros sucessores. Na maioria das vezes, contudo, a fachada é apresentada de modo cada vez mais grosseiro, enquanto as ansiedades morais de James são reduzidas a uma transitoriedade e complexidade mecânicas. Agora, quem quisesse isolar os relacionamentos humanos podia atuar dentro

desse cenário convencional, teatral, isolado. Na nossa geração encontramos alguns exemplos ridículos de romances desse tipo que se pretendem sérios. Encontramos também algumas idealizações conscientemente reacionárias dessa classe imaginada e da sua forma de vida, como em Evelyn Waugh.

Mas o verdadeiro destino do romance da mansão senhorial foi transformar-se na história de detetive pequeno-burguesa. Foi justamente por ser uma abstração e, ao mesmo tempo, uma sobrevivente superficialmente importante do passado que a mansão senhorial pôde ser transformada no lugar onde era reunido e isolado um grupo de pessoas cujas relações imediatas e transitórias podiam ser decifradas através de um método abstrato de detecção, sem necessidade da análise plena e encadeada de uma forma de compreensão mais geral. Às vezes, a fórmula é um mero instrumento, como em Agatha Christie e outros. Às vezes, como em Dorothy Sayers, ela aparece em combinação com fantasias pequeno-burguesas a respeito da natureza humana dos habitantes tradicionais das mansões senhoriais. Fora isso, porém, a tradição reduz-se a móveis velhos, árvores velhas e um ou outro fantasma. A meu ver, é perfeitamente adequado que uma forma de análise dos relacionamentos humanos nascida em Baker Street, nas neblinas da cidade transitória, tenha encontrado uma residência temporária nessa forma de vida reduzida a uma fachada, antes de reencontrar seu lugar verdadeiro nas ruas. Pois a mansão senhorial, enquanto pôde conservar sua força emocional, era mesmo o cenário adequado para uma opacidade que pode ser penetrada numa dimensão única: todas as questões concretas de relacionamentos sociais e pessoais são deixadas de lado, a não ser por sua capacidade de instigar uma decifração instrumental. Muito recentemente, ela voltou a ser utilizada, como centro de planejamento de crimes, ou de espionagem, ou de polícias secretas. Mas a questão é que a mansão senhorial, no século xx, possui esta qualidade de disponibilidade abstrata e indiferença de função. No mundo real, essas casas podem ser qualquer coisa — escolas e faculdades, hospitais, casas de campo de empresas, escritórios de propriedades e museus públicos. Analogamente, no plano emocional, podem ser centros de um poder isolado, de suborno ou intriga, ou dos chamados “símbolos de *status*” — isto é, as abstrações — do sucesso, do poder e do dinheiro adquiridos em outro lugar, que, de modo conveniente, não são enfocados. Não caberia lamentar o triste fim das mansões senhoriais; pelo contrário, é um fim adequado. As características essenciais sempre existiram, e boa parte do

processo histórico que transformou estas casas teve origem nelas, em sua função original e duradoura de centros de dominação e alienação.

Em Meredith, a mansão senhorial já está em situação precária: a imagem tradicional interage com o reconhecimento crescente da confusão e da culpa. O radicalismo genuíno de Meredith começou e terminou dentro dessa dimensão. Mas em suas margens desenvolveu-se um fenômeno mais interessante: uma versão das virtudes da “gente simples”. Desde o início, essa postura era ambígua, como havia sido em trechos de George Eliot. Meredith foi muito influenciado por uma das vires coisas que ela escreveu: um ensaio publicado em 1856, intitulado *The natural history of German life*, que tem recebido atenção na crítica recente. Analisando Riehl, George Eliot passa para uma descrição do “camponês” que veio a ter uma influência interessante.

Para ele, o costume substitui o sentimento, a teoria e, em muitos casos, a afeição. [...] O camponês jamais questiona a obrigatoriedade dos laços de família — não questiona costume algum —, mas o afeto terno, tal como é encontrado na parte mais refinada da humanidade, é para ele algo quase tão estranho quanto mãos brancas e unhas em forma de avelã.¹

A transição direta da Alemanha para a Inglaterra, onde não havia “camponeses”, já é problemática. O mais importante, contudo, é que estas frases desdenhosas dão forma a uma figura convencional que nunca mais desapareceu, com seu jeito grosseiro. Grosseiro; porém honesto — é o que normalmente se alega. Ele não é a figura simples e natural de Wordsworth; ele é algo que em breve será comparado às forças da natureza. Rude terra, rude luta com a natureza, rudes sentimentos, rude honestidade. Ainda é possível olhá-lo com desdém, do modo como Maugham viu Hardy: “rosto de camponês [...] estranho ar telúrico”. Porém, ainda que não o saiba, ele tem um destino romântico. Que representam as mãos brancas e as unhas em forma de avelã em comparação com esses braços fortes, queimados de sol, esse rosto magro, curtido pelas intempéries, esse conhecimento íntimo do crescimento apaixonado que se manifesta nos touros e no trigo?

Em seus romances, Meredith dá mais ênfase às limitações; o homem do campo é duro, teimoso, resistente, confinado. Mas as virtudes da Terra, no novo sentido fértil da palavra, estavam prestes a brotar. Quem lê *Rhoda Fleming* antevê o esboço de muitos romances posteriores, mas quem lê os poemas já ouviu o novo ritmo:

Ensina-me a sentir em mim
 A árvore e não a folha seca.
 Eu, que estou fixo, aguardo o escuro fim.
 Ó verde e frutuosa Terra!
 Mãe bacante, severa com aquele
 Que do teu seio gaio se desterra;
 Morte não temo, amando-te assim [...]
 [...] A Terra não vê desolação
 Porém presente vida nova
 No úmido odor de podridão.^{2*}

Esta passagem é da *Ode to the spirit of earth in autumn*. Esta postura, como tantas, deve muito a Wordsworth e aos primeiros românticos; no entanto, está se transformando numa ação nova e mais sugestiva, como vemos de modo significativo em *Modern love*:

Mas na amplidão da terra, ao cair da tarde,
 Nossos espíritos cresciam, lado a lado.
 O instante era mulher pra mim, pra ela amado.^{3**}

E também em sua coletânea *A reading of the earth*:

Ela peneira, ela peneira forte,
 E o escolhido afunda em sua fonte.^{4***}

Compreendemos assim o que Charles Sorley tinha em mente quando afirmou, em 1912, contemplando o passado:

Tennyson é particularmente pueril e superficial quando canta a natureza, a terra. Não demorou para que ele aprendesse nos belos espartilhos da verborragia aliterativa. Meredith foi o primeiro a romper esta barreira e descobrir a verdade da natureza.⁵

Esta relação consciente com a Terra, com sua fusão entre a imagística agrária e a sexual (ver as descrições da terra sendo arada e das vacas sendo ordenhadas no primeiro capítulo de *The rainbow*, de Lawrence), veio a tornar-se um modalidade dominante; dominante, também, no sentido específico em que a imagística é masculina; em

(*) "Teach me to feel myself the tree/ And not the withered leaf./ Fixed am I and await the dark-to-be./ And O, green bounteous Earth!/ Bacchante Mother! stern to those/ Who live not in thy heart of mirth;/ Death shall I shrink from, loving thee? [...]/ [...] Earth knows no desolation/ She smells regeneration/ In the moist breath of decay."

(**) "But in the largeness of the evening earth/ Our spirits grew as we went side by side./ The hour became her husband and my bride."

(***) "She winnows, winnows roughly; sifts/ To dip her chosen in her source."

relação à Terra feminina. A base emocional para a figura do amante camponês e rude, as paixões profundas dessa vida telúrica, encontra-se aqui, mas é apenas uma de suas facetas.

Pois havia também projeções sobre figuras rurais observadas, que eram aguçadas pelo tradicional contraste com o materialismo frenético das cidades. Uma grande distância separa a simplicidade das figuras bucólicas observadas por Wordsworth daquelas que Meredith viu:

Jane, viúva de um rude aldeão,
 Viveu um dia uma revelação:
 Estremeceu-lhe o corpo de repente,
 E transformou-se numa harpa vivente,
 Que o vento dedilhava, e ela ouvia
 Onde nem música nem voz havia.^{6*}

Mas esta consciência silenciosa do corpo físico, esta liberação de energia natural em oposição às frustrações de uma civilização mecânica, calou fundo numa imaginação confusa. Tinha-se, o ato físico simples, a vida palpitante da terra, e tinha-se também, igualmente disponível, a volta à natureza, a fusão tranqüilizadora com ela:

Imerso neste mundo mercenário,
 Onde o Dinheiro ruge qual vulcão,
 Eu só queria ter o necessário,
 Entre os simples viver com meu quinhão.^{7**}

Assim, o campo como lugar de trabalho estava voltando a ser — porém de modo diferente — um lugar de regeneração física e espiritual. Agora, tinha-se a vida palpitante da natureza isolada, ou o ritmo sazonal dos processos vitais básicos. Em si, nenhum desses sentimentos era novo. O que havia de novo era a fusão dos dois de modo a originar uma estrutura de sentimentos em que a terra e suas criaturas — animais e camponeses quase em pé de igualdade — constituíam uma afirmação de vitalidade e da possibilidade de repouso conscientemente contrastada com a ordem mecânica, as rotinas artificiais, das cidades. A versão mais forte

(*) "A revelation came on Jane,/ The widow of a labouring swain:/ And first her body trembled sharp,/ Then all the woman was a harp/ With winds along the strings; she heard/ Though there was neither tone nor word."

(**) "Imbedded in a land of greed,/ Of Mammon-quakings dire as Earth's,/ My care was but to soothe my need;/ At peace among the littleworths."

dessa atitude era um panteísmo socialmente adaptado. A versão mais estranha era um deslocamento da sexualidade, na confusa trajetória do processo de libertação no período vitoriano: uma imagística de transição, na qual o ato de arar era sexual, um canteiro de campainhas era um seio: as duas atividades não chegavam a ser descritas, os dois objetos não chegavam a ser vistos; a intensidade fazia parte do segredo confuso. Mas do lado da dúvida ficava a morbidez fria do dinheiro e da cidade; propriedade, repressão, feiúra; a frustração das convenções e rotinas mundanas.

O que veio a ser chamado de romance regionalista não é apenas isso, porém a metáfora rural-sexual é uma presença constante, ainda que subterrânea: em Lawrence, evidentemente; em T. F. Powys, embora suas fábulas situem-se numa dimensão de observação mais irônica; em toda uma série de romances de paixões submersas em paisagens; e numa vigorosa tradição de histórias rurais licenciosas. Lawrence e Powys tinham interesses mais amplos, mas nas formas mais óbvias vamos encontrar uma verdadeira dissolução, seguida da exploração, de uma realização oitocentista. Alguns dos exemplos mais vulneráveis foram vítimas da paródia óbvia de *Cold Comfort Farm*,* mas não é fácil falar sobre esta obra curiosa. Os gestos excessivos de alguns dos romances regionalistas conduziram diretamente a este tipo de sátira, mas ela também explora uma certa intransigência suburbana, uma tensão entre atração e repulsa, um humor frágil que é uma espécie de evasão através de caricaturização. *Cold Comfort Farm* é normalmente mencionado como parte de um grupo indeterminado de obras escritas por mulheres — Mary Webb e Sheila Kaye-Smith são alguns dos nomes mais óbvios — mas na verdade deveria ser lido ao lado de *Wuthering Heights*, *Adam Bede* e *Tess of the D'Urbervilles*, por exemplo. Pois, ao compararmos sintoma com sintoma — romantização com paródia — em vez de investigarmos as causas de uma perda de realidade comum aos dois, facilmente perdemos de vista os fatos.

Em parte, trata-se apenas da perda de um mundo verossímil compartilhado. O grau de isolamento que nos romances oitocentistas é uma realidade que pode facilmente tornar-se, em seus sucessores aparentes, um artificialismo. *Wuthering Heights* não seria o que é, com sua tensão verdadeira, se só existisse *Wuthering Heights* e não Thrushcross Grange. George Eliot e Hardy, com as dificuldades

(*) Obra de Stella Gibbons, publicada em 1932, em que a autora parodia as convenções do romance regionalista inglês. (N. T.)

que vimos, admitiram e exploraram a tensão de uma sociedade cada vez mais intrincada e interdependente: não apenas as transformações trazidas pela urbanização e a industrialização mas também a nova mobilidade social, bem como as idéias e a educação de uma cultura em expansão. Nos seus momentos mais fracos, que devem ser encarados como um reflexo de defesa, o romance "regionalista", ao excluir tudo que não seja a região escolhida, excluía não apenas outros lugares como também aquelas forças sociais e humanas profundas que estavam explicitamente ativas na região em questão. Havia uma tendência persistente no sentido de fugir para as extremidades da ilha, para a Cornualha ou para Cumberland, onde isso poderia parecer mais plausível. Mas, assim como o Dorset de Powys, quase duas gerações depois de Hardy, é uma abstração deliberadamente imaginada num tempo longínquo, fora do tempo, mais remoto do que qualquer coisa encontrável em Hardy, assim também, nessas paisagens observadas com mais cuidado e, muitas vezes, com mais paixão, é excluído aquilo que — para dar apoio à metáfora natural e ao contraste com a cidade — tem de ser encarado como estranho. Quando este elemento é incluído de forma clara, tal como ocorre em Francis Brett-Young, é apenas enquanto ponto de partida, uma base a partir da qual se explora o "intato"; veja-se *Mr. Lucton's freedom*. Os lugares amados são os lugares "intatos", e ninguém concorda com esta afirmação com mais veemência do que aqueles que vivem nos lugares "estragados".

Por vezes esta atitude é inocente, ao menos em intenção; de certo modo, quanto mais completa a exclusão imaginária, mais convincente a concentração simples. Mas há, em certos casos, uma posição muito diferente, que de um ponto de vista social em muito se assemelha ao modo como foram recebidas as crianças evacuadas das cidades bombardeadas durante a Segunda Guerra Mundial. Sob o fascínio das pastagens, os habitantes da cidade são encarados como grosseiros e crianças endiabradas: não apenas devido a coisas óbvias como lixo urbano, danos à natureza e barulho, mas também às formas sociais mais profundas do ódio à multidão, aos sindicatos, aos destruidores da "Velha Inglaterra". Isto seria mais aceitável se, dentro da visão rural, a exclusão de transformações reais, que ocorriam nessas mesmas pastagens, não fosse tão completa. Mas a vida rural não servia apenas como imagem das paixões naturais. Ela tornou-se também a sede do reacionarismo inconsciente e, em seguida, de modo mais agressivo, daquele reacionarismo consciente

que ou era uma atitude militante de *tory* instalado no campo ou, em um ou dois casos significativos, algo que se aproximava do fascismo ou a ele se associava.

A Inglaterra rural sobrevivente merecia coisa bem melhor que isso. De modo geral, no entanto, os romances foram decepcionantes, ainda que possamos encontrar o que há de melhor no romance regionalista em Constance Holme, em *The lonely plough*, onde vemos uma tensão significativa entre a perspectiva por ela definida como "os verdes portões da visão" — uma forma sobrevivente autêntica, porém especializada, da linguagem verde de Clare — e uma observação cortante, definidora e observada das pessoas e eventos que, embora voltada para objetos rurais, na verdade, enquanto perspectiva e tom, pertence a um outro mundo social: a linguagem do observador de classe média.

Mas a descrição de paisagens campestres e gente do interior se realizou com mais sucesso nos diários e memórias. Quando lemos *A shepherd's life* ou *Far away and long ago*, de W. H. Hudson, encontramos uma simplicidade e uma intensidade de visão vigorosas e autênticas, sempre moduladas pelo pensamento. Assim como lemos a imagística telúrica de Meredith, Forster e Lawrence, ou o animismo simples de alguns dos georgianos,* vale a pena reler o capítulo "A boy's animism" de *Far away and long ago*, em que a força do impulso, algo que é sempre vulnerável no contexto de um humor urbano forçado, é registrado, reconsiderado e modestamente pesado de modo tão convincente que o leitor, em vez de entregar-se de forma acrítica ao texto ou rejeitá-lo e parodiá-lo de modo igualmente acrítico, começa a estabelecer ligações entre o texto e experiências que em muitos casos já viveu e ainda lembra: experiências que precisam ser descritas e encaradas dentro do espírito de Hudson.

É também dessa maneira que devemos reler os georgianos. Há neles muito de vulnerável, porém a definição crítica tem de ser feita com muito cuidado. Há, naturalmente, fraquezas evidentes e memoráveis, dentro da modalidade que vimos tomar forma em Meredith. Em Abercrombie, por exemplo:

Passou por um arbusto espinhoso
E um ramo lhe cingiu o seio, ansioso

(*) Isto é, os autores — principalmente poetas — do reinado de Jorge V (1910-36). (N. T.)

Por rasgar-lhe o vestido e abrir feridas
Nas alvas virgindades escondidas.^{8*}

Os gestos maiores do arbusto espinhoso como símbolo de culpa, ou do céu como "a grande cerimônia azul", são ainda mais significativos. É o que acontece em *Moonlit apples*, de John Drinkwater, quando as maçãs enfileiradas no alto da casa se tornam, com uma certa inevitabilidade, as "maçãs enluaradas dos sonhos" e têm

em ramos de pomares
Encontros amorosos com a lua.^{9**}

Trata-se de uma conjunção específica do corriqueiro e coloquial com uma espécie de fantasia pusilânime. A observação concentrada de pessoas e coisas se dissolve, sem transição, em formas de fantasia que no final revelam-se, de fato, historicamente mais significativas. Porém é melhor observar este fenômeno na parte mais forte do movimento: em Edward Thomas, por exemplo.

Em sua prosa, Thomas deu prosseguimento — com certas modificações — a algumas das modalidades de observação que vimos em Jefferies (se bem que num contexto rural economicamente menos ativo). Ele compreendia o enfoque de Cobbett, embora estivesse mais diretamente ligado ao mundo de Stevenson e Borrow, o qual remonta, em suas formas mais simples, a Gilpin. Este amálgama de impulsos contraditórios — que, mantido por um breve instante, é a essência do georgianismo — aparece com muita clareza na prosa de Thomas.

Embora já tenha quase setenta anos, é rijo e aprumado, e passa a maior parte do tempo a cavalo, com seu rosto calmo de arenito, de feições largas. [...]

Temos aí uma observação desenvolvida; apenas "rijo" atua em sentido contrário. Porém, antes mesmo de terminar a frase, o fazendeiro

[...] traz à mente a imagem de um Centauro. [...] Trinta séculos atrás um tal homem, vivendo numa harmonia tão extraordinária com a terra, ficaria na memória dos homens como um semi-deus ou o favorito dos faunos. [...] Seus chistes banham o recinto ou a vereda na luz de uma Idade do Ouro. [...]

(*) "As an unheeded bramble's reach she crost/ Her breast a spiny sinew did accost/ With eager thorns, tearing her dress to seize/ And harm her hidden white virginities."

(**) "on orchard boughs/ They keep tryst with the moon".

Só que (mas haverá mesmo contradição?) ele

então se vira sem suspirar e sorve um grande gole de sidra no celeiro fresco. Ele levanta-se bem cedo e, no entanto, chega ao campo tão alegre quanto estava ao deitar-se.¹⁰

Neste trecho, de *The heart of England*, vemos o âmago do problema dos georgianos. A observação é muitas vezes clara e intensa, mas à medida que vai se formando a atmosfera há uma irrupção de imagens estranhas: aquele conjunto de idéias a respeito do "rural" e do "bucólico", filtradas através de uma versão da tradição clássica, tão diferente de qualquer manifestação da literatura rural clássica, mas que, nas primeiras décadas do século (com algumas extensões que sobrevivem até nossa época), representava uma convicção intelectual profunda, ainda que convencional: uma lente levada, com um gestó calculado e orgulhoso, ao olho observador e honesto. Faunos, Pã, centauros, a Idade do Ouro, pastores, Lícidas, zagais, rijos camponeses, igrejas, passado imemorial, semideuses, presenças, o ritmo atemporal das estações. Se não tivesse sido vivenciada, como parte de um processo que podemos levantar, essa extravagante justaposição seria impossível de deduzir. "Volta à terra" era o *slogan* que já vinha sendo repetido por alguns dos opositores da industrialização. Mas, quando os poetas georgianos se instalaram perto de Ledbury e começaram a publicar *New Numbers*, o que se viu foi algo diferente: uma fuga da cidade, certamente; uma apreciação honesta da beleza e tranquilidade do campo; um respeito pelo trabalho. Já houvera um caso significativo: a carreira de Edward Carpenter. Homem sensível, abandonara os privilégios de sua classe e um intelectualismo rotineiro em troca da simplicidade e de uma ligação com a vida comum: uma sensibilidade voltada para o simples e o espiritual; a democracia, o socialismo e a educação popular, que era necessário levar aos pobres; a liberdade sexual e, no mesmo movimento, uma sexualidade da natureza, deslocada.

Tais homens vieram para o campo: esta é a questão crítica. Seus nervos já estavam tensos, suas mentes já estavam formadas. Jonson vira dríades nos bosques de Kent, porém o fizera de modo convencional, livre de tensões. Esses homens de agora estavam tensos; por isso haviam ido para lá. E este impulso estava ligado, como ainda está, às vidas de tantos outros: a experiência concreta do que estava sendo rejeitado. Se eles pudessem chegar ao campo e simplesmente olhar, o que às vezes acontecia, as coisas teriam se dado de modo diferente. Contudo, trouxeram consigo das cida-

des, e das escolas e universidades, uma versão da história do campo que foi misturada, numa combinação extraordinária, com uma interpretação literária traduzida e remota. O passado honesto, o espírito pagão: esta ligação foi feita não apenas pelos georgianos mas também por duas ou três gerações de intelectuais e observadores de formação literária. E este fato não teria tido tanta importância, não teria influenciado tantos homens e tantas modalidades diferentes, se não tivesse atualizado nessa literatura — a única largamente difundida — o que se via — desta perspectiva, através e para além dela — de uma realidade rural ainda presente e atuante na Inglaterra.

O homem do campo está morrendo, e quando ouvimos sua voz, tal como ocorre no *Bettesworth book* de George Bourne, ela é para nós algo mais estrangeiro do que o francês.¹¹

Este tom melancólico, tão freqüente, é importante pela referência feita a obras como a de Bourne, que apresentam registros detalhados para o uso de terceiros. A verdadeira população campestre era realmente uma minoria; a agricultura passava a ocupar uma posição marginal. Mas esta outra modalidade elegíaca, neobucólica, foi estabelecida; era isto que os escritores diziam um para o outro, que os críticos diziam um para o outro, citando trechos de livros como o de Bourne.

Quando *New Numbers* estava sendo criada em cabanas na região de Ledbury, as pessoas da família de minha mãe trabalhavam em fazendas desta área; ouvi muitas delas falando. Para mim, suas vozes não eram "algo mais estrangeiro que o francês", nada tinham de estrangeiro naquela comunidade rural economicamente ativa. Na verdade, eram bem menos remotas do que os centauros e a Idade do Ouro. Mas, se para alguns as vozes dessa gente não passavam de fala de caipiras, os poetas de *New Numbers* as ouviam — e nem sempre de longe — com respeito, quase com reverência, um sentimento imediatamente modulado por uma esmagadora sensação histórica de perda: a perda dos bons tempos de outrora. As coisas estavam cada vez melhores, dizia sempre minha família: antigamente as coisas eram muito ruins; as aldeias de agora eram menos opressivas e menos miseráveis; agora havia sufrágio, havia trens, havia escolas. Talvez minha família estivesse enganada: algumas coisas estavam fora do alcance de sua experiência. Mas estas pessoas não eram, e não são, personagens de uma decadência. A crise da Inglaterra rural, cujas conseqüências concretas elas senti-

ram na carne, não era a crise que fora projetada com base na experiência urbana e universitária. Era uma crise de salários, condições de vida e preços; do uso da terra e do trabalho na terra. Naturalmente, tais argumentos eram ouvidos de longe, como uma reclamação vaga, e muitas vezes inspiravam solidariedade. Contudo localizavam-se numa dimensão muito diferente daquela em que se situavam a perda das dríades e da possibilidade de reencontrá-las. Na verdade — e aqui há uma perda concreta para as duas partes envolvidas —, as pessoas do campo falavam principalmente umas com as outras, e os observadores georgianos, que viajavam pelo campo e ouviam o que elas diziam umas às outras, falavam principalmente uns com os outros. Assim eram as coisas naquela sociedade.

O estereótipo histórico deixou muitos vestígios literários. Penso, por exemplo, no *Lob* de Edward Thomas. Aqui o poeta vê, de modo característico,

Um rosto de ancião, que o tempo encheu de ranhuras,
Que tem da noz a aspereza, a cor e a doçura,^{12*}

porém perde contato com o que vê. Quando tenta encontrar o homem novamente, fazendo indagações entre aqueles que talvez o tivessem conhecido, o filho de um proprietário por fim lhe fala de um velho

[...] tão inglês

Quanto este portão, essa lama, essas flores,^{13**}

que deu às flores seus nomes locais, que inventou os provérbios locais, que morreu nas batalhas de Waterloo, Hastings, Agincourt e Sedgemoor, e que foi conhecido por todos os nomes do campo, de Robin Hood e Jack Cade a Lob-lie-by-the-fire. Sem dúvida, isto é bem diferente do Estudante Cigano de Arnold *** — uma espécie de intelectual vagabundo —, mas não deixa de ser também uma projeção intelectual: uma versão da história que tem o efeito de suprimir a verdade histórica. Todos os homens do campo, de todas as épocas e condições sociais, fundem-se numa única figura len-

(*) "An old man's face, by life and weather cut/ And coloured—rough, brown, sweet as any nut".

(**) "[...] English as this gate, these flowers, this mire".

(***) No poema *The scholar gypsy*, Matthew Arnold conta a história de um estudante de Oxford do século xvii que vai viver entre os ciganos e torna-se imortal, encontrando uma existência serena e pura no seio da natureza. (N. T.)

dária. Os diferentes dialetos de diferentes comunidades rurais — as flores, por exemplo, têm muitos nomes locais diversos — são reduzidos não apenas a um único idioma rural como também têm sua criação atribuída a um inventor lendário, atemporal, visto com mais facilidade do que qualquer pessoa de carne e osso. E é neste ponto que a imaginação georgiana fracassa: o respeito pela observação autêntica é sobrepujado por uma fantasia subintelectual — um trabalhador transforma-se num velho imaginário e, em seguida, numa figura onírica em que o trabalho rural e as revoltas rurais, as guerras estrangeiras e às guerras dinásticas intestinas, a história, a lenda e a literatura se misturam de modo indiscriminado, num gesto emocional único. Lob ou Lud, o camponês, pequeno proprietário ou trabalhador rural imemorial: agora esta figura estava estabelecida, e seu nome era Velha Inglaterra. O patriotismo interesseiro do período áureo do imperialismo inglês encontrou sua forma mais adocicada e traiçoeira numa versão do passado rural.

Há uma diferença crucial entre isto e, por exemplo, Hardy:

Só uma fumaça fina a se elevar,
Sem chama, desses montes de capim;
Isto pra sempre há de continuar
Embora dinastias cheguem ao fim.^{14*}

Temos aqui a percepção da persistência do trabalho rural, apesar dos acontecimentos aparentemente remotos da história política. Mas a versão georgiana usou a Inglaterra rural como imagem de suas próprias idéias e sentimentos interiores.

Esse tipo de elaboração oblíqua era comum na época, partindo de muitas fontes aparentemente diversas. Tinha-se aquela espécie acrítica e abstraída de antropologia literária, para a qual as narrativas folclóricas e lendas tornam-se parte de um passado não localizado e não histórico; o interesse acrítico pelos mitos, que transformava a terra e as pessoas em um cenário com personagens, nos quais tudo podia ser projetado, com ou sem vestígios de uma formação classicizante. Tinha-se o desenvolvimento extraordinário de uma literatura fantástica com raízes rurais, de Barrie e Kenneth Grahame a J. C. Powys e T. H. White, chegando até nossos dias com Tolkien. Tinha-se a definição abstrata e limitadora de "canção folclórica", que em Cecil Sharp baseava-se na forma plena do mito rural dos "vestígios" do "campesinato" e excluía explicitamente,

(*) "Only thin smoke without flame/ From the heaps of couch-grass;/ Yet this will go onward the same/ Though dynasties pass."

por não fazer parte do "folclórico", as antigas canções dos trabalhadores industriais e urbanos — que não se encaixavam na imagem mas continuavam a criar, numa autêntica cultura popular, aquilo que, para essa época e para essa classe, tinha necessariamente de ser encarado como um mundo perdido. Assim, a questão não é apenas a falsificação da realidade de uma terra e de sua gente: todo um mundo rural inglês, tradicional, que ainda sobrevivia, foi coberto de garranchos, a ponto de quase desaparecer — garranchos que, na verdade, são de autoria de pessoas semiletradas dos subúrbios.

É este estrago que não pode jamais ser esquecido. E a ironia é que alguns dos responsáveis foram homens que realmente viram a realidade do campo; aprenderam com ela e, como Edward Thomas, tinham por este mundo uma afeição genuína. Disse o próprio Thomas, a respeito da primeira *Georgian anthology*:

A. antologia mostra muita beleza, força a mistério, e um pouco de magia — muita aspiração, pouco desafio, nenhuma revolta —, e traz à tona com muita inteligência muitos aspectos deste interesse contemporâneo pelo simples e primitivo, tal como é encontrado nas crianças, nos camponeses, nos selvagens, nos homens primitivos, nos animais e na Natureza em geral.¹⁵

É difícil imaginar uma formulação mais ambivalente que esta. Porém a mentalidade de uma obra como *Lob* não era uma coisa isolada; podemos até mesmo vê-la em formação. O menino da cidade é levado para o campo e lá vê uma mulher empurrando um carrinho:

Aquela mulher, seguindo alegre, e sagaz, e lenta, era tão estranha e fascinante como qualquer mulher que mais tarde eu viria a encontrar em poemas ou romances, e tão distante de meu mundo quanto uma tal personagem.¹⁶

Observando e participando do trabalho, ele vê, nas palavras de sua mulher,

os trabalhadores lentos e vividos, cujo saber lhes viera como vêm aos carvalhos as bolotas, cuja habilidade lhes viera como vêm às andorinhas sua arte, satisfeitos com a dura vida que levam tal como os carvalhos e a andorinhas com suas existências.¹⁷

Assim, o respeito genuíno transformou-se numa forma de elogio que excluía o conhecimento humano, reduzindo os trabalhadores à categoria de seres não humanos, e sim "naturais". Outro exemplo: mais tarde, em suas viagens, Thomas observa

o ceifeiro, o homem que trabalha em sua plantação de cebolas [...] a própria solidão da estrada já nos preparou para transformá-los em criaturas de sonho. [...] São tão irreais quanto os personagens das poemas bucólicos. [...] Os habitantes mais verossímeis são Mertila, Florimel, Córin, Amáris, Dorilo, Dóron, Dafne, Sílvia, Aminta e pastores cantando para seus rebanhos. [...] ¹⁸

Se isso fosse tudo, poderíamos esquecê-lo. No entanto, há também uma reação mais concreta:

A casa de fazenda e seu telhado
De telhas de brilho baço [...] *

— uma sensação de paz e estabilidade que mais uma vez, num processo aparentemente inevitável, cai no velho estereótipo:

desde o tempo em que a Inglaterra,
Já velha, tinha a alcunha de Alegre.^{19**}

Veza após veza, os poemas demonstram interesse pela maneira como uma coisa vista é captada por estas idéias preconcebidas externas:

Tirou-se a cumeeira do telhado de barro
Que cobre as rutabagas, e o sol bateu
Nas folhas alvas, douradas, roxas, enroscadas,
Virgens de sol.^{20***}

Mas, ao mesmo tempo em que esta cena é vista e lembrada, ela é comparada com a descida a um túmulo egípcio, onde "Amenotepe dorme sem sonhos seu sono milenar". Um crítico moderno comentou — e aparentemente se trata de um elogio — que "os signos sutis se acumulam, e por fim o leitor percebe que a cena externa está subordinada a um teatro interior".²¹ "Subordinada"? O que é necessário afirmar é que os detalhes observados são, veza após veza, convincentes, e são as convenções do "teatro interior" que quase chegam a destruí-los. Thomas anotou em seu caderno:

O verde da grama nova de um tom lindo após uma chuva revigorante [...] ²²

(*) "The steep farm roof,/ With tiles duskily glowing [...]."

(**) "since/ This England, Old already, was called Merry".

(***) "They have taken the gable from the roof of clay/ On the long swede pile. They have let in the sun/ To the white and gold and purple of curled fronds/ Unsunned."

Quando esta anotação é transformada em um poema, tal detalhe vem, por assim dizer, entre parênteses:

Verde perfeito lavado mais uma vez.
"A grama nova vai ser bela", disse o estranho,
Um andarilho. Eu, porém, quedei-me imóvel,
Inundado de desejo.^{23*}

Há um exemplo mais feliz que ilustra o mesmo processo de desenvolvimento, partindo de uma anotação no diário a respeito de uma trepadeira cujo nome popular é "barba-de-velho" e culminando no poema *Old man* ("Velho"), no qual a planta transforma-se em memória e perda. O "teatro interior" estava atulhado de velhas histórias e costumes, porém a observação e o sentimento resistiam o tempo todo: em *The source*; em *Haymaking*, onde é tão acurada a observação e descrição, a imagem de um mundo fora do tempo —

mais velho que Clare e Cobbett, Morland e Crome^{24**}

—, uma referência que parece inevitável, mas agora é vista e entendida como uma aspiração, a verdadeira aspiração: "Todos nós estamos além do alcance da mutabilidade". O sentimento reaparece em *As the team's head-brass*: a terra é observada com precisão; os fragmentos de conversas são convincentes:

e pela derradeira vez
Vi os torrões se desmanchando atrás
Do arado e dos bois desajeitados.^{25***}

"Derradeira vez" porque Thomas tem de voltar para a guerra, a experiência que lhe gravou na memória esta cena de trabalho cotidiano e paz.

Em *February afternoon*, ouvindo os estorninhos, o poeta experimenta uma tensão de sentimentos, entre esta consciência de atemporalidade —

Homens ouviram este rugido [...]
Tal como agora, mil anos atrás^{26****}

(*) "Drenched perfect green again. The lattermath/ Will be a fine one.' So the stranger said,/ A wandering man. Albeit I stood at rest/ Flushed with desire I was."

(**) "older than Clare and Cobbett, Morland and Crome".

(***) "and for the last time/ I watched the clods crumble and topple over/ After the ploughshare and the stumbling team."

(****) "Men heard this roar [...]/ A thousand years ago even as now".

— é a consciência da guerra, no qual, num sentido diverso, "O tempo escorre ante meus olhos". Por trás das imagens e alusões convencionais, há uma consciência de perda mais profunda, como em *I never saw that land before*: o campo imaginado e o real —

O gado, a grama, os freixos desnudos [...]
[...] Os abrunheiros com feridas vivas
De um amarelo como o do açafraão
Deixadas pela foice precisa
Que ontem os cortou *

— e, através de tudo isso, a incerteza real:

Eu nada esperava
Nem lembrava; mas atingi
Alguma meta [...]^{27**}

Tem-se a consciência de ser levado de volta a uma linguagem oculta, que "não deve ser traída", uma alienação inexprimível. Este sentimento mais profundo e mais complicado está presente, por fim, em *For these*, em que as imagens convencionais do refúgio rural georgiano — "um acre de terra entre costa e serra", a casa, o jardim — são esboçadas, mas terminam sendo rejeitadas:

Tais coisas não peço; mas não é cedo nem tarde
Pra que eu almeje apenas o contentamento.
Quero ter o bastante para contentar-me;
Nenhuma ambição maior eu acalento.^{28***}

Numa situação-limite, é esta a aspiração mais difícil e mais necessária.

A estrutura subjacente torna-se então clara. Uma crítica de toda uma dimensão da vida moderna era expressa, juntamente com muitas questões gerais necessárias, mas ao mesmo tempo era reduzida a uma convenção, assumindo a forma de uma versão detalhada de uma Inglaterra rural em parte imaginada, em parte observada.

(*) "The cattle, the grass, the bare ash-trees [...]/ [...] The blackthorns down along the brook/ With wounds yellow as crocuses/ Where yesterday the labourer's hook/ Had sliced them cleanly."

(**) "I neither expected anything/ Nor yet remembered; but some goal/ I touched then [...]"

(***) "For these I ask not, but, neither too late/ Nor yet too early, for what men call content,/ And also that something may be sent/ To be contented with I ask of fate."

Trata-se de uma convenção que, desde então, vem determinando a forma de muitas vidas. Em todo o decorrer do presente século encontramos escritos a respeito do campo que oscilam — às vezes de modo ostensivo, às vezes imperceptivelmente — entre o registro e a convenção, entre a convenção e o registro, até que as duas coisas chegam a parecer inextricáveis. Isto se dá até mesmo nos textos do tipo aparentemente mais simples: as memórias e os diários. O leitor de George Bourne percebe esta fusão de registro detalhado, como em *The wheelwright's shop*, em que todas as minúcias de um ofício são observadas, com uma versão convencionalmente simplificada da história, como em *Change in the village*. Há alguns documentos insubstituíveis, como *Lark Rise to Candleford*, de Flora Thompson, e uma obra mais recente, *Akenfield*, de Ronald Blythe. Há relatos pessoais mais limitados, como as obras de Adrian Bell, *Corduroy*, *Silver Ley* e *Cherry tree*. Contudo, temos também livros convencionais, em que há duas partes de ideologia para cada parte de registro, dos quais o exemplo mais óbvio é *The English countryman*, de Massingham. Pouquíssimos escritores que abordaram o campo em nosso século conseguiram escapar dessa estranha mistura em que observação, mito, registro e pseudo-história aparecem tão intimamente entrelaçados. Um dos melhores observadores, George Ewart Evans, é o autor do livro do qual extraí o comentário sobre a continuidade que viria desde os tempos de Virgílio, e a ironia deste fato é, para mim, profundamente melancólica. Escritores com quem tenho tanta coisa em comum, em termos de experiência e memória, passam a ser, no instante de uma alusão, os estranhos que não deveriam ser. E a ironia mais profunda reside no fato de que a história verdadeira, na medida em que a conhecemos, viria corroborar de modo muito mais enfático as observações concretas, os sentimentos autênticos, que estes escritores mantêm vivos.

Podemos realizar um teste simples. Se lemos qualquer número de *The Countryman*, esse extraordinário periódico cuja circulação por si só já é um índice significativo, encontramos, numa única convenção, estes diferentes elementos que foram aglutinados. É impossível ler um número qualquer sem aprender algo a respeito de árvores, aves, animais; e não apenas história natural como também muitos fatos a respeito do trabalho rural. Porém vamos encontrar, juntamente com essas coisas, algo muito diferente: uma compilação pequeno-burguesa de pitorescos ditos de roceiros, escritos naquela ortografia convencionalmente deturpada que caracteriza a voz do nativo ouvida de longe. Quem, portanto, são os homens do

campo, dentro desta convenção? Os que contratam trabalhadores e criados, observam os comportamentos dos texugos e produzem frutas. Trata-se, evidentemente, do construto de uma classe, uma classe que quase se apropriou do conceito de campo. Há uma antologia, *The countryman book*, o exemplo mais perfeito que conheço daquilo em que se transformou a literatura rural dentro dessa convenção: observações e registros precisos; reminiscências rurais de primeiros-ministros; histórias de comunidades; receitas antigas; histórias de bruxas e superstições; cabanas rústicas de escritores; ditos engraçados de roceiros; belas fotografias e pinturas. Em face dessa extraordinária mixórdia, somos tentados a entregar os pontos. O campo teria, por fim, sido absorvido por uma classe, justamente com todas as coisas reais nele incluídas.

Mas isto não é tudo. Havia também outras vozes. Em Swindon, Alfred Williams escrevia a respeito do campo ao mesmo tempo em que trabalhava numa estação ferroviária. Suas observações eram mais concretas e mais gerais; em relação ao "dialeto rural", ele comentou:

A gente da cidade não o fala, porém gosta de lê-lo [...] a gente da aldeia o fala, mas não gosta de lê-lo.²⁹

Mais importante ainda é a autobiografia de um trabalhador rural moderno, uma verdadeira preciosidade: *Brother to the ox*, obra de Fred Kitchen de 1939. Porém, por solicitação da editora, o livro contém, à guisa de prefácio, uma absurda carta de recomendação assinada pelo duque de Portland — à maneira dos antigos protetores nobres dos poetas camponeses. O que é mais notável na obra, para o leitor já habituado às convenções rurais da classe média, é o registro direto de todos os tipos de trabalho rural e de condições de vida no campo, o autêntico amor aos campos e aos seres vivos, sem nenhum dos gestos estereotipados a respeito do passado ou do bucolismo. Fred Kitchen mora em cabanas rurais e fala sobre elas do modo como fala a maioria das pessoas do campo, mencionando inclusive a umidade e as ratazanas. Vive em sua propriedade, numa aldeia onde a mineração é a principal atividade, e apresenta uma visão astuta e positiva de uma comunidade urbana moderna. Descreve o trabalho na estrada de ferro e numa fábrica de coque; embora ele opte pelo trabalho agrícola, mais uma vez sente-se uma continuidade entre os diferentes tipos de trabalho, que foi obscurida pela convenção. E vê os observadores de seu ângulo: num desses episódios ele diz a um pároco que gosta de ler; o pároco

lhe faz algumas perguntas e depois lhe diz, de modo não muito simpático, que ele deve ler os clássicos; Kitchen tenta encontrar na biblioteca uma obra intitulada *Os clássicos*, mas acaba lendo mesmo o que encontra por lá, inclusive Dickens e George Eliot. Em outra passagem, quando se refere ao mundo da cultura, observa:

Os artistas fazem pinturas agradáveis que mostram o pastor conduzindo seu rebanho por uma encosta gramada, ou contemplando, pensativo, o sol poente, mas não há quadros que mostrem o pastor numa plantação de nabos cheia de lama; o pastor, acompanhado de um garoto, andando na lama do cercado de carneiros, com cestos cheios de nabos cortados; ou o garoto, abaixando-se para limpar as gamelas, levando uma galante chifrada no traseiro, de um bode brincalhão. [...] É esta, pois, a imagem que tenho do pastor, tal como o vi; e, embora haja também uma cabana nesta imagem, ela só pode ser usada como abrigo na hora das refeições.³⁰

Com sua veracidade, apresentando os dias difíceis juntamente com os dias bons, as frustrações com as satisfações, *Brother to the ox* representa a voz autêntica do homem do campo de hoje, que sobrevive num mundo basicamente urbano e industrial, que entra e sai desse mundo sem perder os vínculos concretos do trabalho e da comunidade. O que desperta admiração não é apenas a ausência de mitos, alusões e pseudo-história, e sim a percepção do contexto, das maneiras como homens sem terra e sem dinheiro trocam de emprego, numa economia em mutação, sentindo na carne o que normalmente é abstraído, mesmo numa visão histórica verdadeira. Esse é o mundo reconhecível do trabalhador moderno observador e inteligente, no caso um trabalhador rural durante a maior parte de sua vida, mas não toda ela. O mineiro, o trabalhador industrial, o estivador caminham a seu lado, observados com argúcia, sem idéias preconcebidas oriundas de uma outra classe. Neste contexto, é significativo que, após anos de leitura não dirigida, Fred Kitchen fosse incentivado a escrever numa turma da Associação Educacional dos Trabalhadores, a qual, visando a servir homens como ele, nas minas, fábricas e fazendas, havia iniciado suas atividades nas cidades.

Brother to the ox, um dos pouquíssimos relatos diretos e imediatos da vida de um trabalhador rural a que temos acesso, precisou, neste sentido, aguardar a chegada do século XX e de um processo histórico diferente. Mas é assim, afinal de contas, que a maioria dos trabalhadores rurais ainda vêem sua própria história; desde

as feiras de contratação de trabalhadores de que Kitchen participou ainda menino, e das quais não guardará nenhuma saudade, até as leis que regulamentaram os salários dos trabalhadores rurais e a luta incessante por uma existência condigna no campo que caracteriza a maioria da população rural, que não possui terra nem capital. Uma história individual, meticulosamente observada, funde-se com uma história comum, tal como deve ser.

DE NOVO A FRONTEIRA

É fácil separar o campo da cidade e, em seguida, distinguir as modalidades de literatura correspondentes: a rural ou regional e a urbana ou metropolitana. A própria existência destas formas diversas, no século XX, em si já é significativa, como reação a uma história concatenada. Mas há sempre alguns escritores que enfatizam as conexões, e entre eles há uns poucos que vêem a transição em si como algo decisivo, na complexidade de uma interação e de um conflito de valores.

Neste sentido, é interessante traçar uma comparação entre D. H. Lawrence e Lewis Grassie Gibbon. A obra de Lawrence é tão mais abrangente e difundida que, sob certos aspectos, é difícil fazer tal comparação. Porém cada um se entregou, com entusiasmo, a uma versão do movimento do meio rural para o urbano, e ambos revelaram estar ativamente conscientes de uma crise: da existência de uma problemática terra fronteiriça e de fronteiras que era necessário cruzar.

Lawrence foi criado numa atmosfera por ele caracterizada como "uma mistura estranha da velha Inglaterra com a nova": as aldeias de mineiros inseridas em um meio agrícola.

A vida era um curioso cruzamento de industrialismo com a velha Inglaterra agrícola de Shakespeare, Milton, Fielding e George Eliot.¹

É interessante e característico o fato de Lawrence ver a "velha Inglaterra" em termos de escritores. Mas ele vivia numa fronteira que não separava apenas as fazendas das minas. Em seu próprio desenvolvimento, que retoma vez após vez em seus escritos, Lawrence estava numa fronteira cultural. A escolha não era apenas

entre a fazenda e a mina, mas também entre as duas, de um lado, e o mundo da arte e da educação que se abria, do outro. Nisso ele é um sucessor direto de George Eliot e Thomas Hardy, mas a crise da mobilidade e o processo histórico do qual ela faz parte são, em última análise, vistos de modos bem diferentes.

Em *Sons and lovers*, as duas paisagens, os dois tipos de trabalho, as duas formas de vida, são evocadas de modo direto, porém dentro delas o conflito é interno e subjetivo; é a história de um personagem que cresce e vai embora, que luta no sentido de afirmar sua identidade e adquirir a capacidade de estabelecer relacionamentos dentro do contexto do conflito entre seus pais e o mundo que os frustra. O relacionamento difícil e absorvente com a mãe é tão intenso que termina por sobrepujar a situação mais geral que também foi evocada. No romance seguinte, *The rainbow*, Lawrence parte da situação geral, mas numa versão específica, a qual jamais pode ser separada inteiramente daquilo que aprendeu em sua própria família. Ele acompanha a trajetória da família Brangwen através de diversas gerações até chegar, em Ursula, à velha crise de educação, relacionamento e identidade. Contudo, as formas assumidas por esta crise exercem uma pressão que influencia a maneira como a história é vista.

O capítulo inicial de *The rainbow* é uma leitura muito comóvete; mais, se o leitor tem consciência da maneira como o processo histórico havia transcorrido e das abordagens anteriores, ele se dá conta do quanto o capítulo é original e surpreendente. Temos a famosa invocação da vida natural nas gerações de uma família de agricultores:

O céu e a terra pululavam a seu redor, e como poderia aquilo terminar? [...] Eles conheciam o intercuroso entre céu e terra, o sol sorvido pelo seio e pelas entranhas, a chuva sorvida durante o dia, a nudez que é causada pelo vento no outono. [...] Assim eram suas vidas e inter-relacionamentos: sentir o pulso e o corpo da terra, que se abria para o arado e para o grão, e tornava-se macia e maleável depois, e aderiu-lhes aos pés com um peso que puxava feito desejo. [...] Eles montavam em seus cavalos e prendiam a vida entre os joelhos. [...] ²

Esta modalidade é reconhecível. É a imagística sexual da terra e do trabalho agrícola, que vai de Meredith aos romancistas regionalistas. Porém, mais especificamente, é uma imagística sexual masculina, e esse é um fator decisivo nessa versão da história.

Para os homens, bastava que a terra arfasse e abrisse seus sulcos para eles. [...] Porém a mulher queria uma outra forma de vida que não essa, alguma coisa que não fosse intimidade de sangue. [...] Ela pôs-se em pé para ver o mundo longínquo de cidades e governos, domínio ativo do homem. [...] Virou-se para o lado de fora, para onde os homens moviam-se, dominadores e criativos, tendo eles dado as costas para o calor latejante da criação.³

Assim, a vida agrícola já é uma metáfora, mas uma metáfora com uma situação histórica, para um tipo específico de ser: ativo, físico, inconsciente; o corpo em oposição à mente, inseparável dos processos da natureza. Outros homens adotaram essa forma de vida, o "mundo das cidades e governos", "para ampliar seu âmbito, seu alcance, sua liberdade". Olhando para fora do que ela considera um meio natural limitado, a mulher incentiva seus filhos a estudar:

Era isto, esta instrução, esta forma mais elevada de vida, que a mãe queria dar aos filhos, para que eles também pudessem viver a forma suprema de vida na terra.⁴

Este sentimento, contudo, já está emaranhado com uma perspectiva de classe: as vidas do vigário e do cura, da esposa do proprietário, são consideradas superiores pela mulher:

Seus filhos, pelo menos os de seu coração, possuíam aquela natureza completa que devia ocupar seu lugar em pé de igualdade com a gente viva e vital da terra, e não ficar estagnada, na obscuridade, entre os trabalhadores.⁵

Isso é apresentado sob a forma aparente de uma narrativa histórica, embora seja difícil não vê-la como uma projeção das atitudes da mãe, tais como Lawrence as descrevera diretamente em *Sons and lovers*. Mas o mais interessante é que muitas das tensões reais da história são retrabalhadas criativamente, de modo a assumirem esta forma específica. A vitalidade é vista em ambas as direções ao mesmo tempo: na vida de trabalho físico ativo, sem reflexão, e na mente exploradora. A vocação que leva a esta exploração é irresistível, mas para segui-la é necessário enveredar por uma terra inóspita, feia e vazia: o sistema industrial e seus hábitos mentais mecânicos. O que terminará por substituí-lo será uma nova forma de vida, que há de surgir deste mundo áspero, desintegrado e alienado:

corpos nus, novos e limpos, nasceriam para uma nova germinação, um novo crescimento.⁶

Porém o que Lawrence tem a dizer jamais pode ser reduzido a uma argumentação. Para ele, o esquema histórico tem importância e é reintroduzido constantemente sob várias formas, mas o que ele tem a dizer diz respeito sobretudo à vida e à morte nos relacionamentos, em que as forças sociais e históricas estão presentes porém são retrabalhadas, transformando-se em formas de vida e morte. Repetidamente, contudo, o industrialismo e as formas de propriedade e posse a ele associadas são encarados como sinais de morte. No entanto, o que se opõe a elas não é, na trajetória de sua obra, uma comunidade agrícola, e sim um primitivismo, às vezes com alguma base social ou histórica, como no caso dos índios do Novo México, porém na maioria das vezes, e de modo mais significativo, acessível como uma forma de vida em contato direto com os processos naturais — animais, aves, flores, árvores, mas também o corpo humano, explorado em sua nudez, e os relacionamentos físicos.

Assim, a reação aparentemente convencional à "velha Inglaterra agrícola" deve ser encarada como um tema menor, ainda que presente. Foi sob esta forma convencional que a história chegou, mas trata-se apenas da forma, por vezes enganadora, de uma ênfase essencialmente diversa que caracteriza a visão de Lawrence. Isto fica particularmente claro no que ele diz acerca da cidade:

A cidade grande significa beleza, dignidade e um certo esplendor. É este o lado do inglês que tem sido frustrado e traído de uma maneira chocante.

Outro exemplo:

Vivemos em cidades por opção, quando aceitamos nossa grande forma civilizada. A nostalgia pelo campo não é tão importante assim. O importante é que nossas cidades são falsas — cada rua é um soco, cada esquina uma punhalada.⁷

Tais passagens devem ser colocadas ao lado desta, na qual ele exprime uma insistência mais convencional:

A verdadeira tragédia da Inglaterra, a meu ver, é a tragédia da feiúra. O campo é tão lindo: a Inglaterra feita pelo homem é tão horrenda.⁸

Pois o sintoma da feiúra não é a cidade, e sim a cidade falsa, e a raiz de sua falsidade é o sistema e o espírito do individualismo possessivo, que

frustra aquele instinto comunitário que nos faria unir em orgulho e dignidade no gesto maior do cidadão, não do camponês.⁹

Seu elogio da cidade, a queixa de que “o caráter inglês não conseguiu desenvolver o verdadeiro aspecto *urbano* do homem, o lado cívico”, não se limita às cidades italianas que cita, com tanta frequência, como exemplos. Lawrence chega a dizer:

As novas cidades da América são muito mais genuínas como cidades, no sentido romano, do que Londres ou Manchester.¹⁰

E sua acusação às cidades inglesas segue um modelo oitocentista tradicional:

Nottingham é um lugar enorme, espalhado, aproximando-se da marca do milhão, e não passa de um aglomerado amorfo. Nottingham não *existe*, no sentido em que existe Siena.

A conclusão é uma proposta de reconstrução:

Que seja demolida minha aldeia nativa, até o último tijolo. Que se planeje um núcleo e se estabeleça um foco. Que se esboce um gesto belo de irradiação a partir do foco. E então construam-se grandes prédios, imponentes, em torno de um centro cívico.¹¹

É significativo que um dos periódicos no qual este programa apareceu pela primeira vez foi a *Architectural Review*. Mas naturalmente é difícil conciliar esta ênfase na reconstrução e no urbanismo com a insistência com que Lawrence reafirma a necessidade de recuperar o contato físico natural, os processos vivos mais simples. A dificuldade desta conciliação decorre do fato de que não se tem aqui, em última análise, uma argumentação, uma posição, e sim o registro criativo de inúmeros impulsos, sofrendo as pressões contraditórias da época. Lawrence via quase tudo com uma insistência apaixonada, porém dilacerante. Estava profundamente dividido entre um compromisso com o físico, que ele abordou de modo mais intenso e convincente do que qualquer um em sua geração, e um compromisso com o intelecto, que o fazia reagir e argumentar dentro de um mundo crítico. Tem-se o mundo da flor, que ele descreveu tantas vezes, mas tem-se também o mundo da célula vista ao microscópio, trazendo novas perspectivas para a visão dos processos vivos mais profundos. As contradições sociais — ser inconsciente, comunidade consciente — são intensas e sérias.

Pode-se dizer que Lawrence reduziu essas contradições a uma ênfase na descoberta do relacionamento primal, mas em *Women in*

love, em que este fato parece mais evidente, as pressões de outras dimensões ainda estão próximas, e a descoberta, conseqüentemente, é até o fim problemática. *Lady Chatterley's lover* é uma descoberta física necessária, ligada a uma rejeição da feiúra da cidade industrial e a um interesse pelo cultivo direto da vida natural. No entanto, a descoberta não é o clímax, e o problema continua a ser o modo como esta chama de vida pode ser mantida acesa, num mundo em que o trabalho é necessário. Num fragmento autobiográfico escrito já bem no final de sua vida, Lawrence, adotando uma das modalidades de sua época, voltou-se para uma visão do futuro. Ele vê a aldeia de mineiros onde nasceu transformada:

Eu sabia, ao olhar para ela, que aquela era a cidadezinha onde eu nascera, aquele feio vilarejo de mineiros, feito de sujos tijolos vermelhos. Criança ainda, vindo de Moorgreen para casa, eu via as casas quadradas dos mineiros — construídas pela Companhia, elevando-se do alto do morro à luz da tarde como os muros de Jerusalém — e desejava que fosse uma cidade dourada. [...] ¹²

É uma visão bem semelhante à de Morris, em *News from nowhere*, e o que é significativo — e contraditório — até o fim é que se trata de uma cidade mas também, ao mesmo tempo, de uma aldeia rural: uma ênfase física, “suave e dourada como a carne dourada de uma cidade”.

O que Lawrence concentrou em sua obra foi aquele complexo não resolvido de impulsos e apegos que, no século XX, tinha como forma mais imediatamente acessível a relação entre campo e cidade, enquanto estados mentais e sentimentos. O leitor que passa de Lawrence para *A Scots Quair* encontra muitas semelhanças; em última análise, porém, existe uma diferença importante; na verdade, uma diferença crucial para o desenvolvimento subsequente justamente dessas idéias. O que Lawrence rejeita vez após vez — ainda que o fato de ser constantemente atraído por essa possibilidade seja igualmente significativo — é a idéia e a prática dos agentes sociais da mudança. Lawrence hesita sempre entre um conceito de regeneração e um de revolução. Ele dá muito mais ênfase ao futuro do que ao passado e antevê uma mudança absoluta, da raiz à folha. Contudo, encara os movimentos revolucionários existentes como simples disputas a respeito de propriedade; quer uma visão diferente, uma nova apreensão da vida, para que possa se comprometer; senão não será regeneração, e sim um colapso final.

A Scots Quair, de Grassie Gibbon, é uma trilogia que percorre

o processo histórico clássico de campo à cidade. Começa numa fazenda e termina nas ruas, nas passeatas contra a fome. O primeiro livro, *Sunset song*, é, à sua maneira, uma abordagem clássica do que é entendido como a dissolução do campesinato. E é significativo que Grassie Gibbon tenha enxergado a história através dessa perspectiva. O longo processo de transformação da Inglaterra rural — que, antes de qualquer outro país, ocasionou a dissolução de um campesinato autêntico, substituindo-o pelas estruturas de aluguéis e salários de uma agricultura capitalista — havia deixado para trás, em regiões marginais, áreas socialmente distintas: na Irlanda, em partes da Escócia, em partes do País de Gales. Se lemos a literatura da Irlanda, da Escócia e de Gales, já em pleno século XX, encontramos formas de vida que praticamente não existiam mais nas aldeias inglesas após as mudanças ocorridas no século XVIII. Não se deve, porém, exagerar essa diferença. Ela tem tanto a ver com um sistema de proprietários ausentes e estranhos à região e com a sobrevivência de um forte espírito nacional e comunitário quanto com as diferenças econômicas acentuadas pela situação marginal. O que nunca chegou a se realizar plenamente nessas três regiões — embora na Escócia e em Gales a penetração tenha sido maior (e a extensa industrialização de partes dessas áreas ocasionou certas mudanças) — foi a integração social da ordem rural capitalista inglesa, por mais conflituosa que tenha sido. Diferentes versões do espírito comunitário persistiram por mais tempo, nutridas por sentimentos nacionalistas específicos que eram, por sua vez, nutridos por elas. Não se trata exatamente de um campesinato, e sim de uma comunidade rural subordinada e relativamente isolada, consciente, em formas antigas e novas, de sua vida difícil, mas independente. Quem lê os escritores rurais irlandeses e galeses, cobrindo toda a gama emocional que vai do pitoresco ao ressentimento, encontra, em cada uma de suas formas, criativas e destrutivas, uma auto-suficiência espiritual, a qual representa, muito mais do que o sistema de propriedade, a modalidade social decisiva.

É também isso que Grassie Gibbon mostra, num sistema agrícola que segue o padrão tradicional de arrendamento, aluguel e propriedade da fidalguia. De fato, ele inicia com uma visão histórica que demonstra esta evolução padrão. Mas dentro dele há uma idéia social diferente: “a raça austera dos sitiantes, descendentes dos pictos de outrora”,¹³ e é o espírito dessa gente que sobrevive nos pequenos policultores daquela terra rude. Esta versão de uma história espiritual, uma continuidade que remonta à pré-história, evocada

no sentimento experimentado diante de monolitos, é emocionalmente predominante no delineamento de uma comunidade de nosso século que é considerada extinta já na época da Primeira Guerra Mundial. As amargas lembranças dos desmatamentos, os lamentos da Alta Escócia, as lendas pré-históricas — tudo isso é incorporado a um tecido que cobre a pobreza e, ao mesmo tempo, a desafia. Trata-se de uma típica ênfase nacionalista: uma autodefinição, motivada por razões contemporâneas, baseada em quaisquer elementos, por mais implausíveis que sejam, que possam ser encarados como inerentes a uma terra específica. Aqui ela funciona por ser veiculada por uma prosa muito específica e poderosa, que utiliza um ritmo e um vocabulário locais. Desse modo cria-se um mundo contemporâneo cheio de vida, ainda espiritualmente auto-suficiente, no decorrer do próprio processo de absorção de elementos tradicionais da retrospectiva rural mais dependente. Até mesmo a Idade do Ouro está presente:

Os caçadores um dia vagaram por esses morros, nus e alegres, numa Idade do Ouro, sem medo, nem esperança, nem ódio, nem amor, vivendo intensamente na corrida do vento e na corrida da vida.¹⁴

É o que Lawrence imaginava e queria recriar, em oposição ao que Grassie Gibbon denomina “todas as esperanças sombrias e loucas”. Mas a força de *Sunset song* não está nesse tipo de gesto, e sim na vida dos personagens: Chae Strachan, Long Rob, Chris Guthrie. As exigências da guerra intervêm e destroem a estabilidade da comunidade, e o lamento pelo “Último dos Camponeses, o último dos Velhos Escoceses”, é uma maneira de prantear, quando prantear se torna necessário.

Mas o fascinante é que, na subsequente mudança para a cidade, o legado espiritual ainda sobrevive, apesar da alteração radical sofrida pelas condições de vida. Um novo sistema predatório levou da terra o povo para lutar nas guerras, mas

haverá alguma dúvida quanto ao partido que eles tomariam se vissemos hoje?¹⁵

Temos aqui uma estrutura de sentimento claramente diferente. O apego espiritual à terra e ao trabalho, a ênfase “pagã” sempre implícita na imagística da terra (muito semelhante ao Lawrence do início de *The rainbow*, apesar da diferença de ritmos), está presente e é salientado nas novas lutas: durante a Greve Geral, no período de *Cloud Howe*, chegando à época das passeatas contra a

fome, no período de *Grey granite*. Até mesmo as lendas reforçam a transição, pois sua ênfase espiritual possibilita a rejeição de uma Igreja que, abertamente, tomou o partido da propriedade e da opressão. Numa visão mais histórica e mais convincente, a independência radical dos pequenos agricultores, artesãos e trabalhadores é encarada como uma fase de transição, levando à militância dos trabalhadores da indústria. Nesse momento, toda uma história tem sua forma transformada de maneira decisiva.

Chris Guthrie, filha da terra, encara a mudança como destino, que “nenhum sonho humano é capaz de deter”;¹⁶ apenas a terra persiste. Seu filho, porém, é um revolucionário, visto sem idealização; as dificuldades e fraquezas são assumidas numa narrativa que, com mais clareza do que qualquer outro romance, encarna o movimento trabalhista ativo dos anos 30.

É essa transição que torna interessante a comparação com Lawrence e com toda uma vasta literatura da perda e da lembrança do campo. Pois não se trata apenas de reordenar uma idéia, e sim de uma maneira de atrair a atenção para uma fase real de nossa história, que foi muito pouco abordada mas certamente existe, uma parte do longo processo de transição. Os trabalhadores, artesãos e pequenos agricultores expulsos da terra não aprenderam a radicalizar-se quando vieram para as cidades. O que aprenderam, em circunstâncias mudadas, foi uma série de novas formas de organização, novas diretrizes, confirmando e ampliando uma velha postura de ressentimento, independência e aspirações.

Temos aqui uma divergência crítica de uma tradição geral. Os homens e mulheres que vieram do campo para as cidades não precisavam que lhes dissessem o que haviam perdido, como também não precisavam que lhes dissessem o que poderiam ganhar nesse novo mundo se lutassem para consegui-lo. Mas era de importância crucial saber se a experiência rural — em toda a sua realidade, desde o amor à terra e seus prazeres naturais até os sofrimentos impostos da privação, do trabalho pesado e mal pago, da perda do trabalho e da moradia — atuava a seu favor ou contra eles, em sua luta para reajustar-se. Uma seleção de experiências — a visão do proprietário ou a dos que vivem na terra, a descrição “bucólica” ou a “tradicional” — foi concebida e utilizada, enquanto idéia abstrata, contra seus filhos e netos: contra a democracia, contra a educação, contra o movimento trabalhista. Nesta forma moderna específica, a retrospectiva rural tornou-se explicitamente reacionária, e com a quebra de continuidade têm-se ouvido muito

poucas vozes do outro lado. Por isso Grassie Gibbon é especialmente importante, já que fala por muitas cujas vozes nunca foram registradas.

Isto também nos leva a uma pergunta relevante, em relação a Lawrence, uma pergunta importante, em função do gênio deste escritor. Conforme já vimos, suas ligações com a retrospectiva rural simples eram apenas convencionais. Lawrence a transcendeu, chegando a idéias de independência natural e renovação, e viu, com muita clareza, o sistema industrial materialista e capitalista como inimigo. Porém, num gesto bem característico seu e muito significativo, ele colocou as idéias de independência e renovação humanas — as idéias da própria natureza — em oposição à democracia, à educação e ao movimento trabalhista: uma oposição inquietada, muitas vezes contraditória, que se tornou particularmente acrimoniosa no período entre a guerra e os meados dos anos 20, e que foi repensada e de certo modo emendada, numa visão mais bem concatenada, nos ensaios reflexivos de seus últimos anos de vida. O nó de Lawrence é apertado demais para que o desatemos agora: o nó de toda uma existência vivida sob contradições e pressões esmagadoras. Mas, vendo-o transformar-se numa convicção — especialmente nos estudos literários —, eu o encaro como um insulto, numa crise persistente, numa fronteira persistente. A canção da terra, a canção do trabalho rural, a canção do amor por tantas formas de vida com as quais todos nós partilhamos nosso universo físico, é importante demais, comovido demais, para que abramos mão dela sem resistência, numa traição odiosa, e a entreguemos à arrogância dos inimigos de todas as formas significativas e concretas de independência e renovação.

A CIDADE E O FUTURO

De uma vivência das cidades nasceu uma vivência do futuro. Numa crise da experiência metropolitana, as histórias sobre o futuro sofreram uma mudança qualitativa. Havia modelos tradicionais para esse tipo de projeção. Em todas as literaturas conhecidas, sempre houve uma terra além da morte: um paraíso ou um inferno. Nos séculos de explorações e viagens, novas sociedades foram descobertas, vistas como promessas ou como alertas, em novas terras: em muitos casos, ilhas; muitas vezes, a ilha feliz, ela própria um elemento que dá forma ao mito. Mas, dentro da experiência metropolitana, esses modelos, ainda que muito utilizados, terminaram sendo transformados. O homem não atingia seu destino, nem descobria seu lugar ditoso: ele descobria, no orgulho ou no erro, sua própria capacidade de realizar uma transformação coletiva de si próprio e de seu mundo.

Já no século XVIII, Louis Sébastien Mercier escreveu, ao lado de uma obra topográfica contemporânea, *Tableau de Paris* (1782-9), uma narrativa situada num futuro laicizado, *L'an 2440* (1770). Mas foi no final do século XIX, e — sintomaticamente — em Londres, que a grande transformação ocorreu. Podemos vê-la em escritores tão diferentes quanto William Morris e H. G. Wells. Cada um à sua maneira, ambos utilizam a nova consciência coletiva que é o produto social da experiência urbana, mesmo quando seu impulso é no sentido da crítica e da rejeição. Em *News from nowhere* (1890), de Morris, o protagonista acorda, durante uma noite agitada, após uma discussão sobre política, e se descobre na Londres do século XXI. Duas características do que segue são significativas: a espécie de cidade que Morris antevê, a qual representa um salto qualitativo; e os sentimentos e as idéias sociais que a criaram, os quais mantêm uma continuidade com o movimento

socialista da época do autor. Basta olharmos para a Londres imaginada por Morris para encontrarmos o lado sonhador, muitas vezes retrospectivo, do autor:

As fábricas de sabão, com suas chaminés que vomitavam fumaça, haviam desaparecido; como também haviam sumido as oficinas mecânicas e fundições; e o vento oeste não trazia nenhum som de marteladas dos lados de Thorneycroft's. E a ponte? Talvez eu já houvesse sonhado com uma ponte assim, mas jamais vira nada semelhante senão em algum manuscrito iluminado. [...]

[...] Abri meus olhos para o sol mais uma vez, e olhei a meu redor, e exclamei, entre as árvores sussurrantes e flores odoríferas: — Trafalgar Square!¹

Trata-se de uma Londres descentralizada, que ainda mantém alguns dos trechos velhos melhores; porém os bairros miseráveis foram restaurados e transformados em cidadezinhas e aldeias separadas. As cidades industriais, “como o deserto de tijolo e argamassa de Londres, desapareceram”.² As cidades menores, em sua maioria, sobrevivem, mas seus centros foram refeitos; os subúrbios “dissolveram-se, fundindo-se com o campo”.³ Temos aqui uma combinação do que é essencialmente restauração, uma volta ao passado utilizando elementos medievais e rurais, com o que viria a manifestar-se, em termos formais, como planejamento urbano, a instauração de uma ordem e um controle urbanos. É uma Londres antiga imaginada, antes da industrialização e da expansão metropolitana, e uma Londres nova projetada, no sentido contemporâneo de uma comunidade planejada. Estes impulsos contraditórios nunca são inteiramente conciliados e não podem ser resolvidos sem que seja considerada a nova idéia social tomada como diretriz. Pois as energias que levam a tais mudanças são, no livro, a miséria da Londres oitocentista e o movimento socialista que dela se originou: energias de rejeição irada, de uma nova mentalidade de cooperação e confiança. O novo movimento social, antes apenas uma visão, foi endurecido pela luta, como, por exemplo, na experiência do “Domingo Sangrento” em Trafalgar Square,* encontrando então organizadores capazes de liderá-lo durante a guerra civil necessária, até chegar à nova sociedade pacífica.

Basta comparar isto com, por exemplo, *Doom of a city* e

(*) Manifestação socialista ocorrida a 13 de novembro de 1887 em Londres, em que William Morris liderou uma passeata até Trafalgar Square. A polícia dissolveu a manifestação com violência. (N. T.)

City of dreadful night de Thomson para se ver a mudança essencial. Os juízos morais são semelhantes, como também é a convenção narrativa. Mas o que surgiu e alterou a experiência foi justamente esta consciência histórica do crescimento de um movimento. A crítica social de Thomson é tão severa quanto a de Morris, porém seu observador permanece isolado. Em Morris, a energia negativa encontra uma causa positiva.

A visão de Wells é ainda mais severa. Ele acrescenta não apenas uma dimensão histórica como também uma outra, evolucionária. Como ele próprio comentou a respeito de *When the sleeper awakes* (1899) (que retoma a modalidade narrativa formal de Thomson ou Morris, mas a desenvolve, seguindo Edward Bellamy, no sentido de enfatizar ainda mais o componente de movimento histórico), trata-se

essencialmente de uma exacerbação de tendências contemporâneas: prédios mais altos, cidades maiores, capitalistas mais malvados e trabalhadores mais oprimidos e mais desesperados do que nunca.⁴

Mais especificamente, no entanto, como em *A story of the days to come* (1899), há uma extensão direta de uma visão mais antiga da cidade:

um enorme tumor ensandecido, gerando uma torrente cada vez mais intensa de selvageria embaixo, e em cima um refinamento cada vez mais inconsistente e ridículo.⁵

Esta é a visão que recebera uma dimensão evolucionária em *The time machine* (1899), quando a "selvageria embaixo", dos trabalhadores pobres, vai se transformar na cegueira e brutalidade dos Morlocks, e a inconsistência ridícula dos ricos resulta na infantilidade dos Eloi, que são também o alimento dos Morlocks. Tal imagem com frequência reaparece sob formas diferentes: o "mundo infernal" de Gissing passa a ser a área subterrânea dos trabalhadores escravizados. Essa visão sombria de um homem dividido entre trabalho bruto e consumo trivial, e da cidade fisicamente estruturada de modo a refletir esta divisão, é manifestada vez após vez, e virá a tornar-se muito influente. Um de seus sucessores mais notáveis é o filme de Lang, *Metropolis*, na década de 20.

A visão sombria de Wells, portanto, é o reverso da visão mais amena e mais idílica de Morris. Mas, do mesmo modo como o ideal de Morris não pode ser separado de sua consciência de um novo movimento social, assim também a visão apocalíptica de Wells não pode ser separada de sua consciência de uma nova idéia

social. Ambas as concepções, cada uma a sua maneira, tiveram origem na experiência urbana. Em Wells, a tecnologia é apenas em parte a solução, embora seja sem dúvida um componente importante: os novos meios de comunicação e transporte haverão de dissolver a horrível concentração gerada pelo desenvolvimento industrial e metropolitano do século XIX; novos padrões sociais e físicos de ocupação urbana estarão então disponíveis. Porém isto depende fundamentalmente de um novo conceito de sociedade — o que Well denomina "ecologia humana": uma nova consciência coletiva, científica e social, capaz de assumir o controle de um ambiente de modo absoluto, orientando-o no sentido da realização humana. Esta dimensão de pensamento é algo de novo, e é uma decorrência da observação do efeito de um desenvolvimento não planejado, ignorante e agressivo, sobre os seres humanos e os animais. A nova cidade, quando surgir, será um mundo novo, dirigido por uma nova espécie de ciência.

É importante ver essas posições de Morris e Wells no contexto da crise da civilização metropolitana e industrial. Com frequência as visões destes autores são encaradas como sonhos inconseqüentes ou projeções voluntaristas e arrogantes. No entanto, estavam mais próximas da realidade de uma crise concreta, que continua e se aprofunda até hoje, do que as posições de alguns escritores subseqüentes, os quais se limitaram a reagir às visões anteriores.

Brave new world de Huxley (1931) e *Nineteen eighty-four* de Orwell (1949) ainda são muitas vezes encarados como corretivos necessários em relação à visão de Wells. Não obstante, são também "corretivos" em relação à visão de Morris, e de todo aquele movimento positivo em prol das mudanças sociais. Huxley apresenta um mundo que atingiu uma espécie de prosperidade morrisiana através de meios wellsianos (técnicas científicas de procriação, progressos nas áreas de produção e transporte, drogas, uma ordem social científica). Huxley mostra o vazio desse mundo e o contrasta com uma visão primitiva: uma nova versão, algo influenciada por Lawrence, de uma vitalidade rural simples, agora não inocente e sim selvagem; os ritmos do sangue. Orwell estilhaça a visão, mostrando o clímax do movimento socialista no Ingsoc, um sistema totalitário de mentiras, torturas e policiamento do pensamento, com a cidade que o sedia reduzida à sujeira, à decadência, eternamente em guerra. O século XX deu bons motivos para essas reações, mas é importante observar que a crise central, abordada

por Morris e Wells com visões tão poderosas, é de certo modo esquecida. Os movimentos em prol das mudanças, e não a situação que a eles deu origem, passam a ser o foco do interesse crítico. Sendo as críticas muitas vezes justificadas, a crise em si pode acabar parecendo algo secundário. Orwell, aliás, sob muitos aspectos seguia os passos de Gissing: em suas explorações detalhadas da esqualidez urbana, à qual ele reagiu com uma repulsa angustiada semelhante à de Gissing, porém chegando a uma posição muito mais sutil e mais generosamente humana: uma resolução que atinge o clímax em sua homenagem a Barcelona, a cidade revolucionária. Profundamente desiludido com o desenvolvimento do socialismo, ele voltou, nas suas obras da última fase, como *Coming up for air* (1939), a uma visão do campo, o velho campo intato, encarado como lugar de refúgio e repouso, uma inocência que estava sendo agressivamente destruída pela nova civilização, fosse ela capitalista ou socialista. A cidade suja, feia, exposta e solitária de *Nineteen eighty-four* é o resultado de uma perversão da idéia de coletividade.

Essas posições constituíram reviravoltas importantes dentro de um movimento de idéias. No entanto, enquanto isso a crise ia se mostrando mais aguda e mais generalizada. O que no início do século passado era fundamentalmente um fenômeno inglês estava então se tornando internacional e, num certo sentido, universal, estendendo-se por todas as regiões industrializadas da Europa ocidental e da América do Norte no final do século XIX e início do século XX e atingindo a Ásia e a América Latina ainda na primeira metade deste século. Nos Estados Unidos, agora considerado muitas vezes como modelo de civilização metropolitana, a população rural ainda era maior que a urbana em 1910 e só foi ultrapassada por ela no período do entreguerras. No mundo em geral, a população vivendo em cidades com mais de 5 mil habitantes cresceu, entre 1850 e 1950, de 7 para quase 30%. Mais importante ainda: na primeira metade do século XX, a população morando em cidades de mais 100 mil habitantes aumentou em 250%. Em muitas partes do mundo, velhas cidades transformaram-se em metrópoles, durante um período em que a população total aumentou rapidamente. Não era apenas uma transformação fundamental dos padrões de habitação, mas também o surgimento de novos tipos de problemas: problemas de relações entre população e alimentos; problemas de utilização da terra e poluição; e, afetando a fundo a imaginação, formas de ataque massificado, como nos bombardeios da Segunda Guerra Mundial e, no caso extremo, na destruição de cidades por bombas

atômicas. James Thomson imaginara uma tempestade natural destruindo a cidade dos homens de pedra. Wells imaginara um ataque de marcianos contra Londres, com a "Fumaça Negra" e o "Raio Térmico": os habitantes paralisados da cidade expostos a esta destruição avassaladora são salvos apenas pelo acidente de uma infecção bacteriana. Numa época de guerra, crescimento populacional e crise social internacional, a imagem da cidade sofreu mais um desenvolvimento acelerado.

Isto se torna particularmente evidente no gênero que atualmente chamamos de ficção científica, o descendente direto da visão wellsiana da cidade. E havia ainda um elemento adicional, também derivado de Wells: as civilizações alternativas de outros planetas e outros sistemas solares. James Thomson, olhando para as estrelas da cidade onde se encontrava, escrevera:

Se a elas voássemos com vôo inaudito,
Veríamos mundos tão tristes quanto a Terra,
São que, como o nosso, não de ser consumidos,
Junto com os planetas que a sua volta erram.^{6*}

Na ficção científica propriamente dita, o sentimento oposto — as estrelas concebidas como a nova fronteira para a expansão e o progresso do homem — torna-se um elemento óbvio. Cidades reluzentes, dotadas de todas as maravilhas tecnológicas, já foram imaginadas em milhares de planetas. (Um exemplo representativo, diretamente derivado das idéias de Wells, é *The underprivileged*, de Brian Aldiss; outro é *The city and the stars*, de Arthur C. Clarke.) Imaginam-se também civilizações que evoluíram a ponto de ultrapassar a fase urbana e técnica, onde as pessoas vivem num meio que é claramente o velho cenário bucólico — campo aberto, pequenas aldeias — mas detêm grande poder por terem internalizado as capacidades de comunicação e produção da fase urbano-científico-industrial (um dos muitos exemplos possíveis é *Forgetfulness*, de Don A. Stuart). Todos os elementos da longa história das representações da cidade e do campo já foram projetados destes modos.

No entanto, é importante observar também uma projeção da própria cidade de caráter profundamente pessimista, que já se tornou uma convenção. Uma antologia de histórias ambientadas no futuro, organizada por Damon Knight sob o título convencional de

(*) "If we could near them with the flight unflown,/ We should but find them worlds as sad as this,/ Or suns as self-consuming as our own/ Enrined by planet worlds as much amiss."

Cities of wonder, contém alguns exemplos que são, na verdade, descendentes diretos da ficção urbana do século XIX e da forma que ela assumiu ao ser transmutada por Wells. Temos, entre elas, *Bilennium*, de J. G. Ballard, por exemplo, em que

noventa e cinco por cento da população estava permanentemente presa em enormes conurbações. [...] O campo, enquanto tal, não existia mais. Cada metro quadrado de chão produzia alguma coisa. Agora, os antigos campos e prados do mundo eram, na verdade, chãos de fábricas.⁷

Outra imagem é a da cidade quase inteiramente destruída por bombas e radiações, como em *Dumb waiter*, de Walter M. Miller: ela ainda funciona fisicamente, controlada eletronicamente pelo Coordenador Central, porém tornou-se um lugar perigoso para quem quiser recuperá-la. Temos também a cidade que, para resolver seus problemas internos de água, alimento, energia e lixo, torna-se — em *Jesting pilot*, de Henry Ruttner — “tão artificial que ninguém podia usá-la”, e a sobrevivência de seus habitantes só se torna possível através da hipnose coletiva.⁸ Estas cidades automáticas e autônomas, cujos habitantes não acreditam na existência de um mundo fora de seus muros, são reimaginadas repetidamente, muitas vezes tematizando uma tentativa de fugir delas para as terras selvagens a seu redor. Um dos exemplos mais antigos é *The machine stops*, de E. M. Forster, que termina com “a cidade inteira [...] quebrada como um favo” pela queda de uma aeronave, enquanto do lado de fora, “em meio à névoa e aos pântanos”, uma outra gente, os Sem-Lar, aguarda a hora de assumir o controle — mas não a reconstrução — da máquina destruidora.⁹ E temos também a cidade que se transformou num organismo, como em *Single combat*, de Róbert Abernethy:

Por trezentos anos a cidade vinha crescendo [...] como um câncer que começa com umas poucas células descontroladas. [...] À medida que crescia, tirava seu sustento de uma área cada vez maior de campo circunjacente — cem quilômetros, mil quilômetros; era para ela que a terra gerava sua fartura e as florestas eram derrubadas como trigais, e mesmo os homens e animais viviam para saciar sua fome cada vez maior. [...] E, enquanto comia, a cidade ia despejando seus detritos no mar e exalando seus venenos no ar, tornando-se cada vez mais imunda quanto mais poderosa ficava. Aos poucos foi desenvolvendo um sistema nervoso central de fios esticados no ar e cabos subterrâneos. [...] Foi evoluindo e, de invertebrado imenso, de crescimento descon-

trolado, transformou-se numa criatura superior, dotada de atributos objetivos correspondentes aos conceitos subjetivos de *vontade, propósito e consciência*. [...] ¹⁰

Por fim, em viagens à Utopia e a outros lugares da galáxia, temos as cidades voadoras de *Earthman, come home*, de James Blish, que vão até mundos novos, mas recapitulam, em seus meios ambientes totalizantes, todas as fases da história da humanidade.

Essas ficções de cidades do futuro interagem, na mente, com as antigas ficções bucólicas. Contudo, se no desenvolvimento do bucólico houve um afastamento progressivo das realidades da vida campestre, nesta ficção urbana há uma convergência visível com outros textos de tipo bem diferente: de sociologia e planejamento urbano; estudos a respeito da administração de cidades; estudos sobre o meio ambiente físico de uma civilização industrial e metropolitana: em todos eles, apesar das variações de ênfase, os problemas da cidade — do tráfego à poluição, dos efeitos sociais aos psicológicos — são muitas vezes considerados avassaladores e, por vezes, insolúveis.

Trata-se de uma situação estranha, porque coexiste não apenas com um crescimento metropolitano que continua rápido, e muitas vezes não planejado, mas também com planejamentos específicos em escala ainda maior: cidades lineares de mais de cem quilômetros; novas cidades concebidas e construídas de modo confiante, com base em mapeamentos e projeções. A consciência predominante é claramente heterogênea. Num certo sentido, tem-se a impressão de que se pode acreditar ao mesmo tempo em tudo que já se disse a respeito da cidade, desde as visões de esplendor até as perspectivas apocalípticas. Uma das fontes dessa heterogeneidade é a complexidade das pressões e problemas existentes. Mas há uma outra, mais difícil de perceber: a abstração da cidade, como um grande problema isolado, uma idéia muito fortalecida pelas imagens tradicionais da cidade. Pois é necessário perceber, ao contemplarmos os fatos e imagens referentes à cidade, que ambos se desenvolveram no contexto maior de um processo histórico mundial no qual, numa nova e surpreendente dimensão, tanto a cidade quanto o campo receberam definições novas, quase irreconhecíveis à primeira vista.

A NOVA METRÓPOLE

Atualmente, as grandes sociedades industriais são com frequência qualificadas de "metropolitanas". À primeira vista, pode parecer que o termo designa apenas seu desenvolvimento interno, no qual as metrópoles tornaram-se dominantes. Mas quando examinamos a questão mais a fundo, no contexto de seu desenvolvimento histórico, constatamos que o que se faz, ao empregar o termo, é estender ao mundo como um todo aquela divisão de funções que, no século XIX, se dava no interior de um determinado Estado. As sociedades "metropolitanas" da Europa ocidental e da América do Norte são os Estados "avançados", "desenvolvidos", industrializados; são centros de poder econômico, político e cultural. Contrastando de modo flagrante com esses Estados, apesar da existência de muitos estágios intermediários, têm-se outras sociedades, consideradas "subdesenvolvidas": as que ainda são basicamente agrícolas ou "subindustrializadas". Os Estados "metropolitanos", através de um sistema de comércio, mas também de todo um complexo de controles econômicos e políticos, extraem alimentos e — mais importante ainda — matérias-primas destas áreas de abastecimento, este interior que constitui a maior parte da superfície terrestre e contém a maioria de seus povos. Assim, um modelo de cidade e campo, em termos de relações econômicas e políticas, transcende as fronteiras da nação-Estado e é visto — mas é também contestado — como modelo do mundo.

É muito significativo que, em suas formas modernas, este processo tenha se iniciado na Inglaterra. Boa parte da história da cidade e do campo, dentro da própria Inglaterra, é, desde tempos antigos, um processo de extensão de um modelo dominante de desenvolvimento capitalista, de modo a abarcar outras regiões do mundo. E não se tratava, ao contrário do que às vezes se afirma agora, de

ocorrer "desenvolvimento" aqui e haver "subdesenvolvimento" lá. O que estava acontecendo na "cidade", na economia da "metrópole", determinava e era determinado pelo que acontecia no "campo", primeiro o interior inglês e depois amplas regiões fora dele, nas terras de outros povos. O que aconteceu na Inglaterra vem acontecendo posteriormente por toda parte, numa expansão crescente, com a formação de novas relações de dependência entre todas as nações industrializadas e todos os outros países, "subdesenvolvidos" porém economicamente importantes. Assim, um dos últimos modelos de "cidade e campo" é o sistema que agora denominamos imperialismo.

A expansão européia pelo resto do mundo já tivera o efeito, nos séculos XVI e XVII, de trazer para a Europa uma riqueza considerável, que passou a fazer parte do sistema interno. Partes importantes do sistema centrado na mansão senhorial, do século XVI até o XVIII, foram construídas com base nos lucros provenientes de tal comércio. Especiarias, açúcar, chá, café, fumo, ouro e prata: esses produtos, sob a forma de lucro mercantil, introduziram-se na ordem social inglesa, ao lado dos proventos obtidos com a agropecuária inglesa. Nessa etapa, era ainda basicamente um ganho proveniente do comércio, da atividade de trazer produtos de um tipo de economia para outro, se bem que muitas vezes a força física fosse utilizada para dar apoio ao processo. As mansões senhoriais que representavam o ápice de um sistema local de exploração tinham, pois, muitas ligações com essas terras distantes. Já havia, no entanto, um outro processo em andamento: um outro tipo de "melhoramento". A demanda desses produtos valiosos e exóticos aumentava progressivamente, e as sociedades européias e seus colonos emigrantes começavam a organizar o aumento da produção. Para esse fim, nas regiões tropicais, começaram a organizar a "mão-de-obra", um eufemismo para referir-se ao comércio de escravos africanos — indo de 3 milhões de indivíduos no século XVII a 7 milhões no XVIII. A nova economia rural das plantações tropicais — açúcar, café, algodão — fundamentava-se neste comércio de homens, e mais uma vez os lucros foram engordar o sistema nas mansões senhoriais: não apenas os lucros oriundos dos produtos mas também, até o final do século XVIII, os derivados do tráfico de escravos. Em 1700, 15% do comércio inglês se dava com as colônias; em 1775, a proporção já subira para um terço. Num complexo processo de interação econômica, sustentado pelas guerras entre as nações comerciantes, que disputavam o controle das áreas de abastecimento, um sistema colo-

nial organizado e o desenvolvimento de uma economia industrial transformaram a natureza da sociedade britânica.

Os eventos sem precedentes do século XIX, que fizeram da Inglaterra uma sociedade predominantemente industrial e urbana, com a agricultura transformada em atividade marginal, seriam inexplicáveis e impossíveis sem este desenvolvimento colonial. Havia uma exportação em massa da nova produção industrial. Boa parte do comércio mundial utilizava a navegação e outros serviços da Inglaterra, que ocupava uma posição dominante nas áreas de transportes, operações bancárias e seguros: era a nova *City* de Londres. Explorando esses ramos lucrativos, em muitos casos a ponto de excluir outros que teriam sido possíveis, a economia já chegara, em meados do século XIX, a uma situação em que a população britânica não podia ser alimentada com base apenas na produção nacional. O tradicional relacionamento entre cidade e campo foi então completamente reestruturado em escala internacional. Terras distantes passaram a atuar como áreas rurais para a Inglaterra industrializada, com um impacto devastador sobre o interior da Grã-Bretanha. Ao mesmo tempo, a busca de mercados industriais e de matérias-primas fez com que metade do mundo fosse abarcada pelo sistema britânico. Já no século XVIII as mais importantes das colônias, situadas na América do Norte, haviam atingido a independência, e algum tempo depois seguiriam pelo mesmo caminho da ex-metrópole, de modo ainda mais enfático. A partir da década de 1870, em particular, as sociedades industriais emergentes começaram a disputar de modo acirrado os mercados, as matérias-primas e as áreas de influência. Esta luta se manifestava no comércio e em muitas guerras coloniais. Na Inglaterra, ela deu origem ao estabelecimento formal de novas formas de controle político sobre as áreas coloniais: o Império Britânico no sentido político do termo. No século XX, a mesma rivalidade levou a disputa ao próprio território europeu: foi a Primeira Guerra Mundial.

Os efeitos de tais processos sobre a imaginação inglesa são tão profundos que é difícil localizá-los. E ao mesmo tempo, no contexto deles, prosseguia a interação entre campo e cidade, da qual já vimos tantos exemplos. Mas, pelo menos a partir de meados do século XIX, e até com importantes exemplos anteriores, toda idéia e toda imagem era consciente e inconscientemente afetada por esse contexto maior. Nos romances de temática industrial de meados do século passado, vemos de que modo a idéia de emigração para as colônias foi considerada uma solução para os problemas da pobreza

e da superpopulação das cidades. Milhares de trabalhadores rurais expulsos da terra já haviam seguido este caminho. *Mary Barton*, de Elizabeth Gaskell, termina no Canadá, numa atmosfera idílica de refúgio rural tão poderosa quanto qualquer imagem inglesa anterior. Em *Wuthering Heights*, *Great expectations*, *Alton Locke* e muitos outros romances da época, a ida para essas terras longínquas é sempre uma maneira viável de abandonar os conflitos da sociedade inglesa, uma saída que não é apenas a fuga para uma terra nova mas, como aconteceu em alguns casos reais, também é a aquisição de uma fortuna que possibilite a volta ao conflito, numa situação mais favorável. Alexander Somerville e alguns dos Mártires de Tolpuddle, vítimas da crise da sociedade rural, terminaram suas vidas no além-mar. Muitas das vítimas da crise urbana, entre elas alguns dos líderes do movimento cartista, tiveram o mesmo fim. As terras do Império eram refúgios idílicos; recorria-se a elas para fugir das dívidas ou do opróbrio, ou para tentar fazer fortuna. A classe média, em expansão, passou a encontrar oportunidades de fazer carreira regular no estrangeiro, à medida que a guerra e a administração de terras distantes foram se tornando atividades mais organizadas. Novas sociedades rurais entraram para a imaginação inglesa, à sombra do controle político e econômico: as *plantations* da ficção de Kipling, Maugham e do jovem Orwell; o mundo comercial de Conrad e Joyce Cary.

A partir de cerca de 1880, portanto, ocorreu essa expansão vigorosa da paisagem e das relações sociais. Houve também um desenvolvimento acentuado da idéia da Inglaterra como "lar", no sentido especial em que "lar" representa uma lembrança e um ideal. Algumas das imagens desse "lar" são do centro de Londres: a capital poderosa, prestigiosa e consumidora. Porém muitas imagens são de uma Inglaterra rural: uma paz verdejante que contrasta com as paisagens tropicais ou áridas em que se trabalha; o espírito de vizinhança, de comunidade, idealizado no contraste com as tensões do domínio colonial e o isolamento numa sociedade estranha. Podemos sentir a força desta idéia em muitas imagens da Inglaterra rural de nosso próprio século. Afinal, a sociedade de onde vieram essas pessoas era a mais urbanizada e industrializada do mundo, e normalmente era precisamente em nome dessas coisas que elas haviam partido de lá. Talvez isso tivesse apenas o efeito de intensificar a saudade e a idealização. Além disso, em termos práticos, a recompensa pelo serviço, se bem que antevista com mais frequência do que recebida na realidade, era a volta a um cenário rural dentro

dessa Inglaterra urbana e industrial: a Inglaterra rural "residencial", a "casinha no campo"; a menos que o serviço fosse lucrativo o bastante para possibilitar uma alternativa mais antiga, a "mansão senhorial" autêntica. Os pássaros, as árvores, os rios da Inglaterra; os nativos falando uma língua não tão diferente: eram estes os elementos deste cenário real ou imaginário. O campo, agora, era um lugar para onde ir depois da aposentadoria.

É fácil perceber tal fenômeno nas gerações de oficiais coloniais, funcionários públicos, administradores de fazendas e comerciantes. Mas, dentro de sua classe, esses eram os menos bem-sucedidos. A aristocracia rural havia perdido boa parte de sua identidade específica de seu poder político no decorrer do desenvolvimento industrial e imperialista. Sua imagística social, porém, continuava a predominar. A estrutura de renda proveniente de propriedades e da especulação era agora não apenas industrial mas também imperial. E, como já ocorrera tantas vezes antes, era utilizada numa forma de exibição explicitamente rural. As mansões senhoriais dos últimos romances de George Eliot, de Henry James e de seus sucessores anêmicos representam, como já vimos, mais o capital do que a terra. De modo mais significativo e ritualizado do que jamais ocorrera antes, desenvolveu-se uma modalidade rural, enquanto superestrutura cultural, com base nos lucros do desenvolvimento industrial e imperial. Era uma espécie de jogo — uma concretização fácil da velha imagística de Penshurst: esportes, pescarias e, acima de tudo, cavalos; muitas vezes um interesse marginal pela conservação da natureza e "os velhos costumes do campo".

Enquanto isso, ainda havia, no interior da Grã-Bretanha, um pequeno proletariado rural, e os fazendeiros, como já vimos, estavam se tornando, em número cada vez maior, pequenos proprietários, ajustando-se — muitas vezes com dificuldade — à situação subordinada da agricultura nacional, porém utilizando com eficiência crescente os recursos de uma sociedade científica e industrial. Em tom menor, algumas das velhas imagens sobreviviam. Mas agora finalmente eram minoritários em relação às novas imagens, elas próprias transmutadas pela alteração de função que haviam sofrido. Um refúgio tranquilo para a aposentadoria, ou um lugar para se viver um estilo de vida rural: estas eram então as idéias dominantes, tanto em termos literários quanto históricos.

Enquanto isso, no entanto, havia um imenso proletariado rural, despercebido nas terras distantes. Orwell, que vira pessoalmente alguns desses proletários, escreveu em 1939:

O que nunca levamos em conta é o fato de que a maioria esmagadora do proletariado britânico não vive na Grã-Bretanha, e sim na Ásia e na África.¹

De fato, era esse o sistema que estava se desenvolvendo. Milhões de escravos; milhões de trabalhadores contratados; milhões de trabalhadores rurais recebendo salários tão baixos que mal podiam sobreviver. Foi dessas "áreas rurais" que terminaram surgindo, em meio a lutas sangrentas, movimentos a favor da independência política. Em diversas etapas, para proteger essa ordem, jovens oficiais, oriundos de mansões senhoriais, comandavam outros ingleses — e irlandeses, escoceses e galeses expropriados — em batalhas coloniais que causaram a morte de tantos. Estranho destino: os desempregados das áreas mais miseráveis das cidades, os trabalhadores sem terra tornados supérfluos, o camponês espoliado, todos eles encontraram trabalho no ofício de matar e disciplinar gente pobre no interior dos países subjulgados.

Hoje é comum dizer-se, com sentimento de culpa, que todo o povo britânico lucrou com o sistema imperialista. Se fizermos as contas da transferência de riqueza, não teremos dúvida de que isso é verdade. O aumento de padrão de vida geral dependia, em grande parte, da exploração de milhões de seres humanos encarados como nativos primitivos. Ainda restava muito desse sentimento de culpa, desse ódio e preconceito gerados através de várias gerações, quando, ironicamente, o desemprego nas colônias gerou uma migração em sentido contrário, e, seguindo um modelo antigo, os que eram deslocados das áreas do "campo" vieram — atraídos pela riqueza e pelas histórias de gente que havia conseguido enriquecer — para o centro "metropolitano", onde imediatamente se perderam no meio da massa de pobres nativos, tal como vinha acontecendo em toda a história do desenvolvimento das cidades. Porém é preciso ter em mente que o total de riqueza que vinha para a metrópole, e que continuava a vir, não era distribuído de modo uniforme. Londres vivia uma fase de glória como centro do imperialismo na época em que criou um centro desesperado de miséria e sofrimento no East End. Pois a riqueza do Império, que passava por tão poucas mãos, era uma fonte crucial do poder político e econômico que a mesma classe dominante continuava a exercer. As vantagens de se viver numa cidade industrial desenvolvida, ainda que no ponto mais baixo da escala social, eram, naturalmente, difundidas de modo mais amplo. Mesmo nessa época, internamente, esses trabalhadores estavam sendo diretamente explorados. Mas os trabalhadores britânicos

tinham de pagar por muitas dessas vantagens: com sangue, em guerras incessantes que pouco ou nada tinham a ver com seus interesses imediatos; e, num plano mais indireto, com a confusão, a falta de direção, a deformação de espírito. É a história da cidade e do campo assumindo sua forma mais brutal, e numa escala de complexidade inimaginável.

Atualmente a crença geral na Grã-Bretanha é de que este sistema não existe mais. Porém o imperialismo político sempre foi apenas uma etapa. Foi precedido por controles econômicos e comerciais, quando necessário apoiados pela força. Foi sucedido por controles econômicos, monetários e comerciais que mais uma vez, sempre que encontram resistência, são imediatamente apoiados pela intervenção política, cultural e militar. Neste sentido, as relações dominantes continuam sendo do tipo cidade—campo, e a exploração é levada ao ponto máximo.

O que se propõe enquanto idéia para ocultar esta exploração é uma versão moderna da velha idéia de “melhoramento”: uma hierarquização das sociedades humanas culminando, teoricamente, com uma industrialização universal. Todo o “campo” haverá de se transformar em “cidade”: eis aí a lógica desse desenvolvimento: uma simples escala linear, ao longo da qual podem-se assinalar graus de “desenvolvimento” e “subdesenvolvimento”. Mas a realidade é bem diversa. Muitas das sociedades “subdesenvolvidas” foram desenvolvidas justamente a fim de satisfazer as necessidades dos países “metropolitanos”. Povos que praticavam a agricultura de subsistência foram transformados, através da força econômica e política, em economias centradas em grandes fazendas, na mineração ou na monocultura. O controle dos preços, aos quais essas áreas que dependem das necessidades da metrópole têm de se adaptar, está totalmente nas mãos dos mercados de produtos situados na metrópole. O investimento concentrado nesse tipo de oferta, e na infra-estrutura político-econômica que ela pede, traz a estas áreas “rurais” especializadas um fluxo constante de riquezas, que por sua vez tem o efeito de acentuar ainda mais as inter-relações de dominação. A situação é essencialmente a mesma, seja o produto em questão café ou cobre, borracha ou estanho, cacau, algodão ou petróleo. E a chamada “ajuda” concedida aos países pobres é, com raras exceções, uma acentuação desse processo: o desenvolvimento de suas economias de modo a se adaptarem às necessidades da metrópole; a preservação de mercados e esferas de influência; ou a perpetuação do controle político indireto, mantendo no poder um

regime dócil; opondo, pela intervenção militar se necessário, todo e qualquer processo que vise proporcionar a essas sociedades um desenvolvimento independente, basicamente voltado para os interesses locais. A história do mundo, em meados do século XX, é em grande parte a história desse relacionamento crucial e de suas consequências turbulentas. A esse conflito sobrepõe-se uma camada ideológica: o conceito abstrato de “desenvolvimento”, segundo o qual o país pobre está caminhando no sentido de tornar-se um país rico, do mesmo modo como, na Inglaterra industrial do século XIX, o homem pobre era encarado como alguém que, se tivesse a mentalidade correta e se esforçasse, poderia caminhar no sentido de tornar-se um homem rico, mas no momento ainda estava numa etapa inicial de seu desenvolvimento. O fato, porém, é que o abismo entre nações ricas e nações pobres está aumentando, com consequências tão importantes que estão determinando o futuro do mundo.

Dentro desta perspectiva ampla, as imagens mais antigas da cidade e do campo parecem obsoletas. Algumas, contudo, ainda são relevantes; a história e as idéias ainda são relevantes. Ainda podemos, a qualquer momento, encontrar literatura rural, em suas formas mais tradicionais, só que cada vez é preciso ir mais longe para achá-la. Encontramos histórias sobre terras distantes, mas nelas podemos reconhecer algumas de nossas vivências tradicionais. Os detalhes locais são diferentes, o que é natural em se tratando de povos diferentes, porém muitas das experiências históricas são essencialmente semelhantes. Se lemos o belo romance de Yashar Kemal sobre os colhedores migrantes da Anatólia, *The wind from the plain*, nos defrontamos com um tipo de experiência vivida por muitos em nossa terra: uma comunidade que se transformou em mão-de-obra disponível para trabalhos sazonais especulativos numa outra terra; as dificuldades da longa caminhada; no final, a constatação, tão comum, de que se foi ludibriado. Encontramos um conflito entre dois tipos de gente, duas formas de vida rural, em *The river between* (1965), de James Ngugi. Temos o mundo aldeão em *The concubine* (1966), de Elechi Amadi, e os arrozais da Guiana em *The far journey of Oudin* (1961), de Wilson Harris. Vemos a vida rural da Índia meridional em *Swami and friends* (1935), de R. K. Narayan, e os conflitos rurais em *The village* (1939), de Mulk Raj Anand.

Muitas destas narrativas contêm temas internos característicos: lutas com proprietários; perdas de safras e dívidas; a penetração do capital em comunidades camponesas. São estas, com todas as

variações encontradas em diferentes sociedades e tradições, as tensões internas que reconhecemos como formas características, em diversos casos referentes a etapas muito antigas de nossa história. Porém o que nelas há de mais interessante para nós é a visão da experiência imperialista e colonialista nela refletida. Na própria Grã-Bretanha, o processo de colonização situa-se num passado tão remoto que não há nenhum registro dele, ainda que algumas de suas conseqüências tardias apareçam na literatura rural da Escócia, de Gales e, principalmente, da Irlanda. Ele já se tornou parte do sistema milenar idealizado como a "Velha Inglaterra" ou a "economia natural": o resultado de séculos de penetrações e dominações sucessivas. O importante nesta literatura moderna dos povos colonizados é que nela vemos a história acontecendo, se construindo, a partir de uma Inglaterra que, na nossa própria literatura, é apresentada de modo muito diferente.

Assim, existe todo um cabedal de lembranças amargas nos povos às custas dos quais foram criadas as fortunas que, na Inglaterra, converteram-se em mansões senhoriais e no estilo de vida correspondente: vivências nas plantações de cana-de-açúcar e no tráfico de escravos. Há muitos relatos diretos desse processo, em sua etapa mais organizada e expansiva. Todos conhecem as obras dos ingleses que viveram as tensões de tal sistema: *A passage to India*, de E. M. Forster; *Burmese days*, de Orwell; os importantes romances africanos de Joyce Cary — *Aissa saved*, *The African witch*, *Mister Johnson*. De modo característico, estas obras exemplificam a visão liberal da vivência, da geração crítica e autoquestionadora que sucedeu a de Kipling. Porém vamos encontrar, nos autores indianos, africanos e antilhanos, uma perspectiva diferente e necessária. A fazenda de chá é vista do outro lado por Mulk Raj Anand em *Two leafs and a bud* (1937). *Things fall apart* (1958), de Chinua Achebe, termina com um branco recolhendo material para um livro sobre "A pacificação das tribos primitivas do Baixo Niger", e a força desta ironia está no fato de que já lemos muitos relatos semelhantes, só que agora vemos o processo do ponto de vista da comunidade rural à qual chegam os homens brancos — missionários, oficiais —, juntamente com seus soldados mercenários e sua polícia. O que é notável em *Things fall apart* é que neste romance, tal como em alguns romances ingleses que tematizam as mudanças sofridas pelo meio rural (como ainda são os de Hardy), as tensões internas da sociedade são reveladas com clareza, de modo que compreendemos as modalidades de penetração que ine-

vitavelmente viria a ocorrer, em seu processo de expansão. Os primeiros a se converterem à religião estrangeira são os indivíduos marginalizados pela sociedade tradicional. A lei e a religião dos estrangeiros despertam ressentimento e resistência, mas o posto comercial de azeite-de-dendê é bem-recebido, pois representa um acréscimo a uma agricultura de subsistência centrada na produção de inhame e no método dos desmatamentos e queimadas. O mais forte dos homens, Okonkwo, é destruído num processo muito complexo de contradições internas e invasão externa.

Vamos encontrar a mesma complexidade, numa etapa posterior e em sociedades diferentes, nos movimentos de resistência da gente do campo contra o poder inglês, no Quênia de *Weep not, child* e *A grain of wheat*, de James Ngugi, ou na Malásia de *An the rain my drink*, de Han Suyin. O processo que é oficialmente apresentado para os leitores ingleses como selvageria seguida de terrorismo é aqui mostrado em termos reais: inúmeras sociedades rurais, não idealizadas, cada uma com suas próprias tensões, invadidas e transformadas por um sistema estrangeiro, que nada compreende e muitas vezes age com brutalidade. É significativo que a idealização do camponês, na moderna tradição inglesa de classe média, não foi estendida, numa época em que isto poderia ter sido importante, aos camponeses, aos trabalhadores e cules destas sociedades ocupadas. Entretanto, num sentido novo e universal, isto representava a penetração, transformação e subjugação do "campo" pela "cidade": comunidades rurais havia muito estabelecidas desarraigadas e reestruturadas pelo poder militar e econômico de um imperialismo metropolitano em desenvolvimento. E não se trata de um processo limitado ao passado ou ao passado recente; para se convencer do contrário, basta ler os escritos do sul-africano Ezekiel Mphahlele.

Mas então o que vemos também é o processo secundário, mais complicado. No sentido mais geral — por trás da visão de que as nações imperialistas são a "metrópole" —, a imagem do campo penetrado, transformado e subjugado pela cidade, aprendendo a resistir de maneiras velhas e novas, ainda vigora. Mas um dos efeitos da dominação imperialista era o desencadeamento, dentro das sociedades dominadas, de processos que passam a seguir, internamente, padrões estrangeiros de desenvolvimento. Uma história interna de oposição campo—cidade ocorre, às vezes de forma exacerbada, dentro das comunidades coloniais e neocoloniais. Este fato é particularmente irônico, pois a cidade, no pensamento ocidental, está

agora intimamente associada às formas mais modernas de desenvolvimento — enquanto na verdade, em escala mundial, o crescimento mais espetacular de grandes cidades em nosso século vem ocorrendo nos continentes “subdesenvolvidos” e “em desenvolvimento”. Dentro das sociedades industrializadas, a urbanização prossegue, se bem que em países como a Inglaterra há algum tempo as proporções tornaram-se relativamente estáveis. De fato, vem ocorrendo um movimento importante de afastamento da cidade em sua acepção mais antiga, com as grandes demolições no centro das cidades para a construção de centros comerciais e administrativos e a construção de subúrbios, cidades planejadas e centros industriais em áreas rurais ou semi-rurais, como resultado de uma política de descentralização relativa. A cidade concentrada está sendo substituída, nas sociedades industriais, por uma verdadeira rede de transportes: a conurbação, a região metropolitana, o eixo Londres—Birmingham. Assim, a cidade chega à terceira etapa de seu desenvolvimento, quando se torna uma verdadeira província, ou mesmo um Estado.

Enquanto isso, na outra extremidade do processo imperialista, cidades intensamente superpovoadas estão se formando como resultado direto do desenvolvimento econômico imposto e suas consequências internas. Atuando inicialmente como centros do comércio e da administração coloniais, essas cidades atraíram, tal como aconteceu em nossa história, as pessoas supérfluas e os trabalhadores deslocados das áreas rurais. Trata-se de um processo a longo prazo, que ainda continua, intensificado pelo rápido crescimento da população global. Os velhos problemas típicos da cidade que se expande caoticamente vão se repetindo, em todo o mundo, em muitos dos países mais pobres. Quem fala na crise da cidade pensando em Londres, Nova York ou Los Angeles deveria pensar também nas crises ainda mais sérias que afetam Calcutá, Manilha ou dezenas de outras cidades da Ásia, da África e da América Latina. Uma população rural deslocada vai sendo atraída pelos centros de uma economia financeira dirigida por interesses muito diferentes dos da população. A última imagem da cidade, no mundo ex-colonial e neocolonial, é a da capital política ou porto comercial, cercada de favelas, que em muitos casos crescem com uma velocidade extraordinária. No momento em que escrevo, no Peru, uma pequena extensão de deserto transformou-se, em duas semanas, numa “cidade” com 30 mil habitantes; e isto é apenas um exemplo da longa interação entre comunidades rurais alteradas e destruídas e um pro-

cesso de agricultura e industrialização capitalistas, por vezes comandado internamente, na maioria das vezes externamente.

Assim, é tarde demais para que as sociedades industriais ricas alertem o resto do mundo para os efeitos desse processo dramático. Há uma tendência falsamente conservacionista e reacionária que gostaria, na verdade — tal como Hardy observou em relação à Inglaterra rural —, de manter as sociedades em desenvolvimento eternamente tal como são, pobres e pitorescas, para deleite dos observadores. Mesmo quando esta posição se reveste de um caráter mais razoável, como quando dá ênfase às consequências humanas do desenvolvimento, ela peca por má-fé, se argumenta que o processo deveria cessar nos níveis atuais de vantagem e desvantagem relativas. Pois é necessário admitir, não apenas como fato histórico mas também como realidade atual, que as linhas de desenvolvimento, em seus resultados previstos e imprevistos, se originam nos centros de poder imperialista — econômico, político e militar. Entre as sociedades rurais destruídas incluem-se não apenas as economias latino-americanas mas também a devastação do Vietnã, causada por bombas e incêndios. Assim, o desenvolvimento independente, que exige uma luta renhida, oferece a única oportunidade de crescimento possível no interesse da maioria. E, embora seja verdade que, ao somarmos todos os desenvolvimentos e subdesenvolvimentos, a crise global é algo terrível, o fato é que se trata de um processo que não pode ser detido em um de seus setores. De fato, as mudanças decisivas, para que possam acontecer, terão de se originar nos países “metropolitanos”, cujo poder atual distorce todo o processo e torna impossível qualquer sistema genuíno de interesse e controle comuns. Mas quando contemplamos o poder e o ímpeto dos impulsos metropolitanos, muitas vezes acelerados pelas crises internas, não há como não ver que, para encontrar uma direção diferente, será necessário fazer mudanças revolucionárias. A profundidade da crise e o poder daqueles que continuam a dominar são tão grandes que nenhuma solução mais fácil ou mais simpática seria viável.

Dentro desta ampla mobilidade, que é a história cotidiana de nosso mundo, a literatura continua a corporificar a variedade quase infinita de experiências e interpretações. Relembramos nossa antiga literatura da mobilidade e do efeito corruptor das cidades, e vemos muitos de seus temas reaparecerem nas literaturas africana, asiática e antilhana, escritas, o que é característico, em idiomas metropolitanos que são eles próprios consequências dessa mobilidade. Lemos

sobre as aldeias inquietas de muitos países distantes, em obras como *Danda*, de Nkem Nwankwo; *In the castle of my skin*, de George Lamming. Uma linguagem mista, aprendida no processo de mobilidade, transparece em *New day*, de V. S. Reid. E Chinua Achebe, que em *Things fall apart* e *Arrow of God* mostrava a chegada do sistema estrangeiro nas aldeias, mostra-nos o complicado processo de mobilidade educacional e novos tipos de trabalho urbano em *No longer at ease* e *Man of the people*. Porém estamos tão acostumados a pensar em experiências comuns através dos filtros alienantes proporcionados pelas diferenças de nacionalidade e raça que com frequência encaramos a particularidade dessas histórias como simples exotismo. Um processo social está acontecendo, numa sociedade à primeira vista estranha, e é isto que importa. Mas, à medida que vamos adquirindo uma perspectiva, com base na longa história da literatura do campo e da cidade, vemos o quanto, em lugares e épocas diferentes, há um unificador numa história que, em última análise, deve ser encarada como comum a todos.

CIDADES E CAMPOS

I

O campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações. Temos uma experiência social concreta não apenas do campo e da cidade, em suas formas mais singulares, como também de muitos tipos de organizações sociais e físicas intermediárias e novas.

No entanto, as idéias e imagens do campo e da cidade ainda conservam sua força acentuada. Esta persistência é tão significativa quanto a grande variedade, social é histórica, das idéias em si. O contraste entre campo e cidade é, de modo claro, uma das principais maneiras de adquirirmos consciência de uma parte central de nossa experiência e das crises de nossa sociedade. Isto, porém, dá origem à tentação de reduzir a variedade histórica de formas de interpretação aos chamados símbolos e arquétipos, ou seja, de abstrair até mesmo estas formas tão evidentemente sociais e dar-lhes um *status* basicamente psicológico ou metafísico. Muitas vezes, tal redução acontece quando constatamos que certas formas, imagens e idéias importantes persistem durante períodos de grandes transformações. Mas, se percebemos que a persistência depende das formas, imagens e idéias em mudança — ainda que muitas vezes de modo sutil, interna e, por vezes, inconscientemente —, podemos ver também que a persistência indica alguma necessidade permanente ou praticamente permanente, que se reflete nas diferentes interpretações que vão surgindo. Creio que há, de fato, uma tal necessidade, e ela é criada pelos processos de um desenvolvimento histórico específico. Contudo, se não vemos esses processos, ou se só os vemos por acaso, recaímos em formas de pensamento aparentemente capazes de criar a permanência sem a história. Isto pode

nos proporcionar satisfação emocional ou intelectual, mas então só teremos encarado metade do problema, pois em todas estas grandes interpretações é a coexistência de persistência com transformação que é realmente impressionante e interessante, e que é preciso explicar sem que uma seja reduzida à outra. Ou, em termos mais teóricos, devemos saber explicar, em termos relacionados, tanto a persistência quanto a historicidade dos conceitos.

As idéias da cidade e do campo estão entre os casos mais importantes a que este problema se refere. Está claro, por exemplo, que uma idéia derivada da experiência de uma cidade medieval não pode ser encarada, em termos de uma continuidade meramente nominal, como uma idéia a respeito de uma metrópole do século XX, da mesma forma como uma concepção bucólica da Beócia rural não pode ser tomada como uma interpretação relevante do interior da Inglaterra moderna. Do mesmo modo, porém, não podemos dizer que o ideal de inocência bucólica ou o da cidade como agente civilizador, que surgem em tantas épocas e sob tantas formas, representem meras ilusões, sendo suficiente denunciá-las ou negá-las. A denúncia e a negação muitas vezes são de importância crucial, mas basta ter em mente as idéias em si para termos consciência deste fato, na persistência comparável de idéias a respeito da idiotice do campo ou da corrupção da cidade. Assim, somos levados a formular outras perguntas: que tipos de experiência essas idéias parecem interpretar, e por que certas formas ocorrem ou recorrem nesse ou naquele momento?

Para responder a estas questões, precisamos levantar, histórica e criticamente, as diversas formas assumidas pelas idéias. No entanto, vale a pena também parar em determinados momentos e realizar cortes transversais específicos: perguntar não apenas o que está acontecendo, num dado período, com as idéias do campo e da cidade, mas também a que outras idéias, dentro de uma estrutura mais geral, elas estão associadas. Por exemplo, temos de observar que a cidade está associada, nos séculos XVI e XVII, ao dinheiro e à lei, e, no século XVIII, à riqueza e ao luxo; que há uma associação persistente, chegando ao auge no final do século XVIII e no XIX, à imagem da turba, das massas; que, nos séculos XIX e XX, a cidade é associada à mobilidade e ao isolamento. Cada uma dessas idéias tem uma certa persistência, mas o isolamento, por exemplo, só aparece com tema importante durante a fase de desenvolvimento metropolitano, enquanto a associação entre cidade e dinheiro vai desde a constatação de atos isolados de corrupção e intriga até a

visão de um sistema comercial e político. Também há diferenças radicais como estas nas idéias relacionadas ao campo: a idéia de estabilidade, por exemplo, em oposição ao conceito de refúgio rural, que implica mobilidade. Cada idéia pode ser encontrada em períodos muito diferentes e parece depender de variações de classe, enquanto o outro contraste óbvio — entre uma idéia de campo cultivado, no qual o cultivo representa o crescimento honesto, e a idéia de terra selvagem ou intata, em que se tem a natureza isolada em vez de cultivo — tem uma perspectiva histórica mais clara, por envolver, de modo evidente, uma atitude em relação a toda uma forma de vida determinada, em grande parte, por fatores estranhos a ela. O grau em que a realidade do trabalho humano se inclui na observação de um meio rural economicamente ativo é também, como já vimos, historicamente condicionado. Porém, dentro de um mesmo período podemos ver que numa idéia — como a da Idade do Ouro — uma semelhança aparente, ao ser examinada, acaba revelando-se um aglomerado de idéias diferentes, dependendo de seu usuário ser um aristocrata, um pequeno proprietário ou um trabalhador sem terra. Frequentemente, nesses casos de associação e variação interna, é mais importante saber que outras coisas estão sendo ditas do que saber o que se diz sobre o campo — do mesmo modo como, nos séculos XIX e XX, muitas vezes é mais importante saber que outras coisas estão sendo ditas do que saber o que está sendo dito, de modo convencional, a respeito da cidade.

Esta complexidade se dá em níveis muito profundos. Assim, por exemplo, faz sentido examinar três períodos em que são particularmente comuns lamentos campestres evocando explicitamente um passado mais feliz: o final do século XVI e início do XVII; o final do século XVIII e início do XIX; o final do século XIX e início do XX. E então fica bem claro que cada um desses períodos corresponde a uma época de mudanças excepcionais na economia rural, cujos reflexos diretos podemos ver de diversas formas. Mas a questão não é apenas que cada um destes reflexos encerra outras idéias sociais ou metafísicas, mas também que a convenção que vê a vida no campo como uma existência tranqüila perturbada por mudanças indesejáveis vindas de fora vem se tornando mais complexa, no nosso século, devido ao surgimento de idéias muito semelhantes acerca das cidades. Reclamam das transformações ocorridas no campo os pequenos proprietários ameaçados, os habitantes das terras comunais ou mesmo, no século XX, os membros de uma classe de proprietários rurais, mas é fascinante ouvir as mesmas queixas

— referentes à destruição de uma comunidade local, à expulsão dos que não têm muitas propriedades, à indiferença em relação aos costumes tradicionais — nas inúmeras campanhas a respeito dos efeitos da erradicação de bairros miseráveis, do planejamento urbano e das construções de aeroportos e auto-estradas em muitas cidades de nosso século, inclusive Londres. Certa vez ouvi uma defesa de Covent Garden,* em oposição aos planos de reurbanização da área, que em praticamente todos os detalhes era idêntica às defesas das terras comunais no tempo dos cercamentos realizados por ordem do Parlamento. Sem dúvida, as idéias a respeito do campo e da cidade têm conteúdos e desenvolvimentos históricos específicos, mas também está claro que, em determinados momentos, elas representam formas de isolamento e identificação de processos mais gerais. É muito comum dizer-se “a cidade” para se referir ao capitalismo, à burocracia ou ao poder centralizado; e “o campo”, como já vimos, em cada época tem um significado diferente, associado a idéias tão diversas quanto a independência e a pobreza, o poder da imaginação ativa e o refúgio da inconsciência. A cada momento, é necessário confrontar estas idéias com as realidades históricas, que por vezes as confirmam, outras vezes as negam. Contudo, precisamos também, ao ver o processo como um todo, confrontar as realidades históricas com as idéias, pois há ocasiões em que estas exprimem — não apenas de modo disfarçado e deslocado, porém mediando ou tentando, e às vezes conseguindo, transcender — interesses e objetivos humanos a que não temos como nos referir de outro modo. O problema não é apenas a dificuldade ou impossibilidade de encontrar outros termos e conceitos mais específicos; a questão é que no campo e na cidade, fisicamente presentes e substanciais, a experiência encontra um material que corporifica os pensamentos.

Fiz, portanto, um levantamento dos processos que julgo mais importantes, com suas principais variações, dentro de uma determinada literatura e de uma determinada sociedade: uma literatura, a inglesa, que é talvez mais rica do que qualquer outra em termos da gama de temas referentes ao campo e à cidade; e uma sociedade que atravessou um processo de desenvolvimento histórico — primeiro numa economia e numa comunidade rural, depois num contexto urbano — muito cedo e de modo muito completo; em última análise, é apenas uma história específica, mas ela tornou-se, sob

(*) O antigo mercado de Londres, que nos anos 70 de nosso século foi demolido e transformado num centro comercial e cultural. (N. T.)

alguns aspectos importantes, um modo de desenvolvimento dominante em muitas partes do mundo. Cada uma das fases desta história pode ser examinada com mais profundidade isoladamente, e há formas alternativas de encarar a seqüência, a interação e o desenvolvimento. Evidentemente, seria necessário realizar mais estudos comparativos: já existe muito material no campo da literatura francesa e da russa, nas quais tanto o campo quanto a cidade têm significados relacionados, porém específicos; do pensamento e da literatura alemãs, em que a idéia da cidade como centro cultural seguiu um curso particularmente positivo; da literatura e da cultura norte-americanas, em que a velocidade e a magnitude do processo geraram idéias e imagens muito poderosas, por vezes unívocas; da cultura italiana, não apenas como fonte, mas também no caráter dramático de sua transição contemporânea; e, como já vimos, das literaturas do mundo em desenvolvimento, nas quais outras maneiras de ver um processo relacionado estão encontrando expressão literária. Espera-se que tudo isso venha a ser estudado de modo específico e comparativo, e esta esperança provavelmente se concretizará.

II

Mas a questão não é, como nunca foi, apenas estudar. O próprio fato de o processo histórico, em alguns de seus aspectos principais, ter se tornado internacional significa que agora dispomos de algo além de simples material para comparações interessantes. Estamos lidando — e sabemos que o estamos fazendo — com formas de uma crise geral. Contemplando a história da Inglaterra, principalmente no momento em que ela culmina com o imperialismo, vejo neste processo de transformação das relações entre campo e cidade a força motriz de um modo de produção que efetivamente transformou o mundo. Assim, concordo em ver a cidade como representação do capitalismo, tal como muitos estão fazendo agora, desde que possa afirmar também que este modo de produção teve origem especificamente na economia rural da Inglaterra e lá produziu muitos dos efeitos característicos — aumento de produção; reorganização física de um mundo totalmente disponível; deslocamento de comunidades tradicionais; a formação de um resíduo humano que veio a se transformar numa força, o proletariado — que foram posteriormente encontrados, em diversas formas, em cidades e colônias e em todo um sistema internacional. E não me

surpreende ver que os protestos referentes à destruição de Covent Garden refletem as queixas feitas pelos moradores das terras comunitárias, já que as forças do melhoramento e do desenvolvimento, sob estas formas específicas — uma combinação de poder financeiro e poder político com objetivos diferentes dos de qualquer comunidade local, mas com sua própria lógica interior específica — são, sob um aspecto fundamental, semelhantes, enquanto fases do empreendimento capitalista.

O que as companhias de petróleo e de mineração fazem é o mesmo que faziam os proprietários de terras, o mesmo que faziam e fazem os donos de grandes fazendas coloniais. E muitos, seguindo seu exemplo, passaram a encarar a terra e suas propriedades como objetos de exploração com fins lucrativos: um lucro tão nítido que as necessidades muito diversas das diferentes comunidades locais são ignoradas, muitas vezes de modo brutal. Por mais difícil e complexo que seja esse processo, já que os aumentos de produção e a formação de novas formas de trabalho e riqueza são indubitavelmente reais, normalmente é mais necessário ver este tipo de contraste — entre formas de comunidades e formas de exploração — do que ver o contraste mais convencional entre desenvolvimento agrícola e desenvolvimento industrial: o campo seria um empreendimento em cooperação com a natureza, a cidade e a indústria seriam empreendimentos que se sobrepõem à natureza e a transformam. Há uma diferença qualitativa visível entre os resultados da agricultura e os resultados da mineração, mas, se só vemos este contraste, só vemos alguns dos resultados. Os efeitos sobre as comunidades humanas, bem como sobre formas de vida tradicionais e com peculiaridades locais, são em muitos casos bem semelhantes. A terra, encarada em termos de fertilidade ou de riqueza mineral, em ambos os casos é vista abstratamente. Ela é utilizada num empreendimento que, durante certo tempo, deixa de lado todas as outras considerações. Após as radicais transformações físicas ocasionadas pela Revolução Industrial, tornou-se fácil para nós não ver como foram profundas as alterações que a agricultura causou na terra, de modo visível até hoje. Alguns dos mais antigos e notáveis efeitos ambientais, tanto negativos quanto positivos, decorreram de práticas agrícolas: em alguns casos, a terra tornou-se mais fértil, mas em outros lugares a utilização excessiva de um prado como pasto reduziu a terra a um deserto; por vezes os desmatamentos criaram terras boas para o cultivo, mas em outras circunstâncias a derrubada das árvores destruiu a terra e provocou a erosão. Alguns

desses efeitos são mais antigos que a ordem capitalista, porém o modo de produção capitalista continua a ser, em termos de história do mundo, o agente mais eficiente e poderoso de todos estes tipos de transformação física e social. A cidade é apenas uma maneira convencional de se ver essa espécie de transformação; e o campo, como agora quase todos sabem, é sem dúvida outra. De fato, a mudança da atitude mais antiga de admiração pela terra cultivada para o amor intenso aos lugares em que a natureza permanece "intata" é um registro preciso deste processo persistente, e de seus efeitos em uma de suas etapas mais ativas.

Mas neste caso também é preciso traçar uma distinção entre tais técnicas de produção e o modo de produção que é sua forma social específica. Damos a estas transformações técnicas os nomes de melhoramento e progresso, aplaudimos alguns de seus efeitos e criticamos outros, e acabamos nos sentindo indiferentes ou divididos, um estado mental em que, repetidamente, as idéias mais abstratas e ilusórias a respeito de uma forma natural de vida no campo nos tentam ou, ao menos, nos fascinam. Ou então acabamos dizendo que é esta a condição humana: a escolha irresolúvel entre um materialismo necessário e uma humanidade igualmente necessária. Muitas vezes tentamos resolver o dilema estabelecendo uma divisão entre trabalho e lazer, ou sociedade e indivíduo, ou cidade e campo, não apenas mentalmente mas também em subúrbios e cidades planejadas, casas de campo e apartamentos na cidade, na distinção entre dias úteis e fins de semana. Neste ponto, contudo, normalmente constatamos que os iniciadores dos melhoramentos, os comandantes das transformações, já chegaram há mais tempo e estabeleceram raízes mais profundas — já realizaram uma divisão bem-sucedida, em proveito próprio. A mansão senhorial, como já vimos, foi uma das primeiras formas que esta solução temporária assumiu, e, no século XIX, ao mesmo tempo que os novos senhores da produção capitalista construíam mansões novas, recuperava-se igual número de mansões antigas, outrora dos antigos senhores — por vezes ancestrais dos novos — da velha ordem rural. É notável o grau em que este padrão tem sido fisicamente imitado, resultando até em casas de campo geminadas e modos de lazer de fim de semana. Em todas as suas etapas, um capitalismo imensamente produtivo ampliou tanto os recursos quanto os modos de produção que, ainda que de modo desigual, criam e reprimem reações a seus efeitos.

Assim, muitas vezes é difícil, diante desse processo contínuo que contém a substância de uma parte tão substancial de nossas

vidas, reconhecer de modo adequado o caráter específico do modo capitalista de produção, o qual não consiste na utilização de máquinas nem de técnicas de melhoramento, e sim no fato de que a propriedade de tais coisas está concentrada nas mãos de uma minoria. De fato, à medida que a concentração de propriedade, primeiro da terra, depois de todos os meios de produção importantes, foi dando forma a um sistema e um Estado, com muitos tipos de mediação política e cultural, foi natural que a percepção diminuísse, embora a realidade se intensificasse. Muitos ruralistas modernos, muitos conservacionistas urbanos vêem "o Estado" e "o planejamento central" como seu principal inimigo, embora seja evidente que o que o Estado está administrando e os planejadores estão servindo é um sistema econômico capitalista em todos os seus objetivos, procedimentos e critérios mais importantes. O sistema rodoviário, as demolições de prédios decadentes, a substituição de bairros compostos de residências e pequenas lojas por grandes edifícios comerciais e supermercados podem aparecer sob a forma de um plano social, mas não se conhece um caso em que as prioridades de um sistema capitalista não tenham sido consideradas desde o início. Pode tratar-se de um simples projeto industrial ou de mineração: neste caso, a decisão original foi tomada e será por fim determinada por proprietários interessados no lucro. O sistema rodoviário levará em conta suas necessidades e preferências quanto a modos de distribuição e de transporte, e são essas preferências que determinam as prioridades, seja no caso do favorecimento ao caminhão em detrimento do trem, ou na situação mais geral em que a própria terra é encarada, abstratamente, como uma rede de transporte — do mesmo modo como, num outro contexto, pode ser vista, de modo igualmente abstrato, como uma oportunidade para a produção. As demolições e o déficit habitacional estão igualmente relacionados às modificações sofridas pelos padrões de habitação em consequência de uma série de decisões, tomadas por uma minoria, a respeito de onde serão oferecidos empregos, seguindo-se critérios de lucro e conveniência interna. As chamadas políticas regionais são tentativas de remediar as consequências destas prioridades, e não de atuar de modo decisivo contra elas. O equilíbrio entre indústria e agricultura, sob todas as suas manifestações físicas nas relações entre cidade e campo, é o produto, ainda que mediado por outros fatores, de um conjunto de decisões sobre o investimento de capitais tomadas pela minoria que controla o capital e determina a sua utilização mediante cálculos de lucratividade.

Quando vivemos há muito tempo no contexto de um sistema assim, é difícil não cair no erro de ver nele uma realidade prática necessária, ainda que censurável sob diversos aspectos. Mas a questão é que não foram apenas as histórias específicas do campo e da cidade e de suas inter-relações imediatas que foram determinadas, na Inglaterra, pelo capitalismo. A questão é que o caráter global do que denominamos sociedade moderna também foi determinado do mesmo modo. A indiferença competitiva e a sensação de isolamento nas cidades grandes têm uma relação profunda com as formas de competição social e alienação que são promovidas exatamente por este tipo de sistema. Estas experiências nunca são exclusivas, já que, no contexto destas pressões e limitações, as pessoas encontram outras soluções, formam outras ligações e tentam viver com base em outros valores. Porém o impulso central permanece.

Do mesmo modo, a maioria das pessoas já vive em cidades há tanto tempo que se tornaram necessárias novas formas de comunicação, as quais por sua vez revelam tanto a extensão quanto a mobilidade do processo urbano e industrial e apropriação e exploração destes mesmos meios para fins capitalistas. Não me refiro apenas à publicidade, embora ela seja uma deformação específica da cidade capitalista. Também não me refiro apenas à concentração minoritária da propriedade dos órgãos da imprensa, com a consequente especialização de seus objetivos. Refiro-me à conversão de um modo social necessário em formas específicas. É muito surpreendente o fato de que, em reação à cidade e a uma sociedade e um mundo mais profundamente inter-relacionados, desenvolvemos hábitos específicos concernentes à informação, num sentido modificado. O jornal matutino, o programa de rádio da hora do café da manhã, a programação noturna da televisão são, neste sentido, formas de orientação nas quais nosso senso social fundamental é ao mesmo tempo visado e, de modos específicos e limitados, confirmado.

Wordsworth percebeu que, quando nos sentimos inseguros num mundo de pessoas aparentemente estranhas, mas que exercem um efeito comum decisivo sobre nós, e quando a nosso redor circulam forças que irão alterar nossas vidas de modos aparentemente externos e irreconhecíveis, podemos buscar segurança recuando para uma subjetividade profunda, ou então podemos procurar no mundo que nos cerca imagens sociais, signos sociais, mensagens sociais, com as quais possamos nos identificar enquanto indivíduos, mas de modo a descobrir, de alguma forma, um senso comunitário. Boa

parte do conteúdo das comunicações modernas consiste nesse tipo de sucedâneo de relações com o mundo diretamente encontráveis e transitivas. Pode ser corretamente relacionado à escala e complexidade da sociedade moderna, cujo exemplo mais evidente é sempre a cidade, porém generalizou-se, atingindo as mais remotas regiões rurais. É uma forma de consciência compartilhada, mais do que um mero conjunto de técnicas. E, enquanto forma de consciência, não pode ser entendida através de analogias retóricas como "aldeia global". Nada poderia ser mais diferente de qualquer espécie de aldeia ou comunidade ativa estável. Pois, em suas utilizações principais, as comunicações modernas constituem uma forma de consciência desigualmente compartilhada de eventos persistentemente externos. Trata-se do que parece acontecer, transmitido e mediado através destes veículos poderosos, num mundo com o qual não temos quaisquer outras ligações perceptíveis, mas que sentimos ser ao mesmo tempo um elemento central e um fator marginal em nossas vidas. Este paradoxal conjunto de relação unilaterais, que por si só determina o que consideramos informações e notícias relevantes, é, portanto, uma forma específica de consciência, inerente ao modo de produção dominante, no qual, de modos curiosamente semelhantes, nossas habilidades, nossas energias, nossa organização cotidiana de nossas vidas, nossas conceitualizações da forma de toda uma vida são em grande parte definidas e determinadas por formulações externas de uma realidade necessária: aquela realidade externa, conscientemente produzida — externa porque seus meios são controlados por uma minoria —, com a qual, numa parte muito grande de nossas vidas, aparentemente somos obrigados a aprender, por falta de opção.

Com frequência manifestam-se relações sociais subjacentes destes modos habituais e convencionais. O sistema de comunicações não é constituído apenas pela rede de informações, mas também pela rede de transportes. A cidade, evidentemente, sempre foi associada a uma concentração de tráfego. Nos sistemas de transportes modernos, isso continua a acontecer, e o problema chega a parecer insolúvel em muitos casos. Mas o tráfego não é apenas uma técnica; é também uma forma de consciência e uma forma de relações sociais. Não estou me referindo apenas ao fato evidente de muitos dos problemas do tráfego decorrerem de uma série de decisões quanto à localização dos lugares de trabalho e à centralização do poder político; decisões que, na verdade, jamais foram tomadas socialmente, e sim impostas pelas prioridades de um modo de produ-

ção. Refiro-me também às formas do tráfego moderno. É impossível ler as primeiras descrições de movimentadas ruas de metrópoles — as pessoas vistas como átomos isolados, fluindo nesta ou naquela direção; uma corrente comum de identidades e direções separadas — sem ver, ao lado delas, este modo de relação representado pelo automóvel: privado, fechado, um veículo individual num fluxo comum que o pressiona e é apenas um aglomerado de indivíduos; certas convenções subjacentes de controle externo, mas dentro delas uma rápida sucessão de sinais de alerta, proibição, concessão, irritação, enquanto seguimos, cada um o seu caminho individual, porém num modo comum. E isto não é mais apenas um traço da cidade, embora seja mais evidente nela. Em toda uma rede que se estende sobre a terra, é assim que, num determinado nível, nos relacionamos; mais ainda, é uma forma de comunidade, entremeadada com aquilo que, numa concepção mais antiga, entendemos como comunidades — cidades grandes e pequenas, aldeias — e muitas vezes as influencia de modo crucial.

Em todas essas relações sociais concretas e formas de consciência, concepções do campo e da cidade, muitas vezes de um tipo mais antigo, continuam a atuar como intérpretes parciais. Mas nem sempre percebemos que, em seu direcionamento geral, elas representam posicionamentos em relação a um sistema social global. Particularmente a partir da Revolução Industrial, mas a meu ver já desde os primórdios do modo capitalista de produção agrícola, as poderosas imagens que temos da cidade e do campo constituem maneiras de nos colocarmos diante de todo um desenvolvimento social. É por isso que, em última análise, não podemos nos limitar a contrastá-las; precisamos também examinar suas inter-relações e, através destas, a forma concreta da crise subjacente.

Por exemplo, é significativo que a imagem comum do campo seja agora uma imagem do passado, e a imagem comum da cidade, uma imagem do futuro. Se as isolarmos deste modo, fica faltando o presente. A idéia do campo tende à tradição, aos costumes humanos e naturais. A idéia da cidade tende ao progresso, à modernização, ao desenvolvimento. Assim, num presente vivenciado enquanto tensão, usamos o contraste entre campo e cidade para ratificar uma divisão e um conflito de impulsos ainda não resolvidos, que talvez fosse melhor encarar em seus próprios termos.

Neste ponto, podemos ser auxiliados por aspectos da história das idéias. Já vimos que com frequência uma idéia do campo é uma idéia da infância: não apenas as lembranças localizadas, ou

uma lembrança comum idealmente compartilhada, mas também a sensação da infância, de absorção deliciada em nosso próprio mundo, do qual, no decorrer do processo de amadurecimento, terminamos nos distanciando e nos afastando, de modo que esta sensação e o mundo tornam-se coisas que observamos. Em Wordsworth e Clare, bem como muitos outros escritores, esta estrutura de sentimento é expressa de modo poderoso, e já vimos de que modo ela freqüentemente é em seguida convertida em idéias ilusórias do passado rural: temos aquelas sucessivas, sempre retrospectivas, "Inglaterra felizes da minha infância". Mas agora o interessante é que já temos um número suficiente de histórias e memórias de infâncias urbanas para perceber este mesmo padrão. A velha comunidade urbana proletária: o prazer das lojinhas de esquina, lampiões de gás, fiacres, bondes, quiosques, tudo isso — é a impressão que se tem — vem desaparecendo em gerações sucessivas. Estes costumes e objetos urbanos parecem ter, na literatura, a mesma substância emocional concreta que têm os riachos, as áreas comunais, as sebes, as cabanas e os festivais no cenário rural. E ao dizer isto não se quer negar nem denegrir esse tipo de sentimento, e sim perceber o verdadeiro processo de mudança descrito nesses textos de memórias, à medida que descobrimos o processo comum a todos eles.

Pois o que está em questão, em todos esses casos, é um crescimento e uma alteração da consciência: um processo histórico repetido em muitas vidas e muitos lugares que é, fundamentalmente, uma alteração da percepção e dos relacionamentos. O que antes era fechado, absorvente, familiar, percebido internamente, torna-se separado, distinguível, crítico, mutável, observado externamente. Este processo se dá nas terras comunais e nas ruelas tranqüilas, na aldeia ou no bairro. Podemos, é claro, dizer que se trata de um processo inevitável; que esta formação da consciência adulta é profundamente necessária, mesmo que seja apenas para constatar que estes mundos a que se tem apego eram, e são, criações do homem. Mas temos de dizer também que a aldeia ou ruela da criança não é e não pode ser a aldeia ou ruela do adulto contemporâneo, que trabalha. Projetar lembranças de infância, ainda que verdadeiras, como representações da história, sem qualquer ressalva, gera grandes confusões. Finalmente, o que temos a dizer é que vivemos num mundo no qual o modo de produção e as relações sociais dominantes ensinam, inculcam e se propõem a normalizar, e mesmo a petrificar, modos de percepção e ação distanciados, separados e

externos: modos de usar e consumir, em vez de aceitar e desfrutar, pessoas e coisas. A estrutura de sentimento das memórias é, portanto, significativa e indispensável enquanto reação a esta deformação social específica. No entanto, esta importância só pode ser reconhecida após realizarmos o julgamento histórico de que estas memórias representam visões infantis, que a experiência adulta contemporânea contradiz ou ressalva, e que um processo de crescimento humano foi ele próprio deformado por estas determinações internas profundas a respeito do que deve ser uma consciência adulta, neste mundo de uso, consumo e abstração. Não é tanto a aldeia antiga ou a ruela de outrora que é significativa, e sim a percepção e a afirmação de um mundo onde o sujeito não é necessariamente um estranho e um agente, onde ele pode ser um membro, um descobridor, numa fonte de vida compartilhada. Naturalmente, por si só isto não basta. Mais ainda: quando elaboradas em fantasias a respeito das aldeias e ruelas do passado, estas lembranças podem mesmo perder sua relevância imediata. A construção de um mundo adulto e produtivo desse tipo exigiria uma consciência crítica arguta e uma prolongada atividade. Contudo, podemos ver aqui, num exemplo central, a verdadeira etiologia de algumas das imagens poderosas do campo e da cidade, quando a experiência não alienada é o passado rural, e a experiência realista é o futuro urbano. Se tomamos apenas as imagens, podemos passar de um para o outro, mas sem nada entendermos. Pois o que é necessário é realmente examinar, tanto no caso do campo quanto no da cidade, os processos sociais concretos de alienação, separação, exterioridade e abstração. E temos de fazer isto não apenas de modo crítico, na história necessária do capitalismo rural e urbano, mas substancialmente, afirmando as experiências que, em muitos milhões de vidas humanas, são descobertas e redescobertas, muitas vezes sob pressão: experiências de relações diretas, recíprocas, cooperativas; e é somente através delas, em última análise, que poderemos definir qual foi a verdadeira deformação.

III

No final dos anos 40 percebi que finalmente havia me separado da aldeia onde me criei. Comecei a escrever a respeito de minha visão desta experiência, nas sete versões que acabaram formando o romance *Border country*. Através destas versões, descobri-

me relacionando a minha experiência a um processo histórico mais geral de mobilidade física e social e, além disso, a uma crise de instrução e classe — que explorei e, em seguida, retomei ao ler, como se pela primeira vez, os romances de George Eliot, Hardy e Lawrence. Também fui obrigado a olhar para a aldeia mais uma vez, estabelecendo uma certa tensão entre minhas lembranças de infância e a experiência adulta da geração de meu pai. Mas mesmo isso não era bastante. Muitos leitores acham que o personagem Harry Price, o sinaleiro que cuida de seus jardins, é um retrato de meu pai; mas isto não é bem verdade. Constatei que, para captar o movimento geral, eu teria de distinguir e afrontar o que vira em meu pai como impulsos e modos conflitantes. Precisei imaginar outro personagem, Morgan Rosser, político e comerciante, cujo relacionamento com Harry Price permitisse exprimir e elaborar o que me parecia um conflito interior. Os modos de contemplação e de ação, de absorção no trabalho e de transformações no sentido da mobilidade e da crítica, teriam de ser expressos num relacionamento para que o complexo desenvolvimento da vida da aldeia fosse integralmente representado. Além disso, havia o filho, o observador, mais especificamente distanciado; ligado a estes dois modos, estas duas figuras paternas, e prolongando a ação em seu trabalho na cidade.

Utilizei o mesmo método, de dividir e depois ligar, para exprimir esta crise interna, num romance urbano, *Second generation*, que era essencialmente o mesmo movimento, num meio diferente. Tratava-se de uma imagem de tráfego, de relacionamentos enquanto tráfego e de tentativas de encontrar outros relacionamentos, tão claramente quanto em *Border country*, com sua forma mais simples da ferrovia e das mudanças por ela introduzidas no campo. É deste modo que, de uma forma mais geral, venho encarando todo o problema desde então. A experiência utilizada nos romances transformou-se nas questões que coloquei à tradição.

Mas houve uma ocasião, enquanto eu escrevia *Border country*, em que senti uma tristeza súbita, aparentemente dissociada de meu tema. Senti, creio que porque alguém me dissera isto, que a experiência rural, o campo economicamente ativo, havia morrido; que na Grã-Bretanha ele não passava de algo marginal; e que com o tempo isto se tornaria uma realidade em todo o mundo. Aceitei esta idéia, em um determinado nível, por um tempo que agora me parece impossível. Vejo agora que era um dos impulsos que constantemente me faziam voltar à literatura rural e à história do

campo. E já não sei exatamente quando, de repente, me dei conta de que isto simplesmente não era verdade. Mesmo enquanto eu estava mostrando nos romances uma experiência diferente e persistente, esta idéia se mantinha em minha consciência. Quando por fim percebi que era falsa, concluí que devia procurar suas origens. Estas não eram apenas, como se poderia pensar, os ruralistas sentimentais, embora minha própria experiência pessoal me obrigasse a encará-los. Eram também — e isto tinha mais importância — os progressistas da metrópole, muitos deles supostamente internacionalistas e socialistas, cujo desprezo pelas sociedades rurais só podia ser comparado à confiança que depositavam num futuro industrial urbano que eles iriam converter, de um modo ou de outro — através da modernização, da tecnologia de ponta, da revolução —, em socialismo. Ainda há tantos escritores e pensadores de cada um desses tipos que é preciso muito tempo e esforço para se olhar ao redor e afirmar que a idéia de uma economia rural perdida que todos eles aceitam é falsa.

Então não seria ela falsa? Não seria óbvio que na Grã-Bretanha a agricultura tornou-se uma atividade marginal? Foi este o primeiro tipo de erro que aprendi a perceber: uma persistência, que passa despercebida nos velhos países imperialistas, de uma espécie de chauvinismo abstrato: a idéia de que o que acontecia com eles era o que estava acontecendo, ou viria a acontecer, com todos os outros países. A maioria das nações do mundo ainda era predominantemente rural, mas dentro da divisão do mundo estabelecida pelo imperialismo estes países não contavam; era como se não existissem. Mesmo aqueles que viam estas nações sendo exploradas, dentro da divisão imperialista do mundo, não entendiam necessariamente que, dentro desta situação e das lutas a ela implícitas, uma agricultura ativa, uma economia rural em uma de suas formas possíveis, teria forçosamente de persistir — nos próprios países explorados e, para que alguns elementos da exploração pudessem ser diminuídos, naqueles países que já eram abstraídos como países metropolitanos desenvolvidos. Talvez hoje em dia mais pessoas já tenham consciência disto. As realidades da crise de alimentos e de população vêm sendo ampla e corretamente divulgadas. Para que possamos sobreviver, teremos de desenvolver e ampliar a agricultura. Assim, a idéia comum de um mundo rural perdido não é apenas uma abstração desta ou daquela etapa de um processo histórico contínuo (e muitas destas etapas já vão tarde): está em contradição direta com qualquer visão efetiva do futuro, no qual o trabalho agrícola

deverá se tornar mais importante e central, e não menos. É uma das mais impressionantes deformações do capitalismo industrial o fato de uma de nossas atividades mais centrais, urgentes e necessárias ter sido tão deslocada, no espaço, no tempo ou em ambos, que só é associada ao passado ou a terras distantes.

Em parte, esta atitude agora está mudando, mesmo na nossa velha Europa imperialista. Mas o futuro da agricultura ainda é visto, aqui e no Terceiro Mundo, basicamente sob formas capitalistas, envolvendo especialmente um deslocamento social em massa. No entanto, há maneiras muito diferentes de realizar isso, que estão sendo postas em prática em outros lugares. E a urgência de fazê-lo de maneiras não capitalistas está vinculada a um outro aspecto complementar da crise: a situação e o futuro das cidades e da indústria. Um dos méritos de alguns escritores rurais, que muitas vezes não é reconhecido por haver outros elementos presentes, é a ênfase que dão à complexidade do meio ambiente natural. Agora que as ameaças a esse meio ambiente se tornaram mais óbvias, nossas idéias mais uma vez são forçadas a mudar. Algumas das imagens mais negras da cidade têm de ser encaradas, literalmente, como futuros possíveis. Um excesso patológico de confiança nos poderes especializados do industrialismo metropolitano nos levou a uma situação em que, por maior que seja a precisão com que avaliamos esses poderes, a ameaça à sobrevivência humana está se tornando evidente, e mesmo se sobrevivermos, como acredito que vamos conseguir, será claramente impossível continuar do modo como estamos.

É necessário dizer isto, à medida que se aprofunda a crise da vida moderna metropolitana e industrial, juntamente com a crise ainda mais séria da miséria persistente e insolúvel do resto do mundo, ainda que tenhamos consciência de que isto pode facilmente levar a mais um lamento bucólico ou a uma atitude de fatalismo cético. É importante ter em mente o grau de destruição do meio ambiente que foi e continua sendo causada pelo modo progressista de agricultura capitalista; não se trata de uma crise causada apenas pela indústria. Analogamente, devemos assumir que o reconhecimento da crise e quase todas as soluções possíveis são funções da conscientização de uma capacidade de observar e intervir flexível e altamente móvel, lançando mão de técnicas e modos de planejamento e conservação, mas atuando também — o que é ainda mais crítico — na área que realmente determinará nosso futuro: a das decisões. À medida que vamos percebendo o meio ambiente como

uma totalidade e registrando as conseqüências de tantas atividades abstraídas e separadas, começamos a ver que todas as decisões importantes dizem respeito a modos de interesse e controle social. Começamos a ver que os poderes ativos do capital, concentrado nas mãos de uma minoria, sob todas as suas formas possíveis, constituem nossos inimigos mais ativos, e que será necessário não apenas persuadi-los, mas sim derrotá-los e ultrapassá-los. A magnitude e o inter-relacionamento das decisões necessárias exigem poderes sociais e recursos sociais que são negados, atacados e alienados pelo capitalismo em todas as suas formas. A consciência social diferente dos trabalhadores espoliados e dos trabalhadores urbanos, fruto do protesto e do desespero, tem de se manifestar de novas formas, como uma sociedade coletivamente responsável. Nem a cidade irá salvar o campo, nem o campo, a cidade. Em vez disso, a velha luta travada em ambos se tornará um conflito generalizado, o que num certo sentido ela sempre foi.

Temos mais com que trabalhar do que normalmente pensamos. A Inglaterra rural costuma ser considerada algo do passado, e sem dúvida as mudanças são evidentes. Mas, se comparamos a idéia com o campo real, vemos o quanto dele ainda está presente, mesmo nesta nação excepcionalmente industrializada e urbanizada. Quatro quintos da superfície de nossa terra: a terra cultivada, boa parte dela mais bem-tratada do que jamais foi no passado; a terra inculta, agora mais acessível, por meio de um complicado processo de pressões e abertura. A maior parte das experiências naturais e vivências de trabalho, recriadas de modo tão poderoso pela nossa literatura rural, ainda continuam à nossa disposição. Em muitos lugares o campo ainda é belo, e em muitos casos podemos atuar, de diversas maneiras, no sentido de conservá-lo e embelezá-lo. Já tive oportunidade de desmoitar um bosque e depois ver as primulas, as campainhas e as dedaleiras voltarem; de consertar e reconstruir velhos muros de pedra; preparar sebes e cavar valas em lugares havia muito tempo abandonados, aprendendo a fazer estas coisas com homens competentes. E, se compararmos a idéia da cidade com a realidade urbana, veremos que, apesar das extraordinárias pressões, muito pode ser feito, com dedicação e inteligência, no sentido de tornar as cidades mais limpas e melhores, de realçar e desenvolver o que elas têm de melhor. Saber estas coisas em primeira mão também implica saber da constante ameaça de destruição, fruto de ação deliberada ou da indiferença. Mas cada processo é um fato; nem nos melhores nem nos piores temos causas ganhas ou perdidas

— o que temos é uma luta ativa, imediata e persistente. É também, como veremos, uma luta muito complicada, que atinge todos os setores de nossas vidas.

IV

Venho afirmando que o capitalismo, enquanto modo de produção, é o processo básico por trás da maior parte da história do campo e da cidade que conhecemos. Ao longo de séculos, seus impulsos econômicos abstratos, suas prioridades fundamentais no campo das relações sociais, seus critérios de crescimento, lucro e prejuízo vêm alterando nosso campo e criando os tipos de cidades que conhecemos. Em suas manifestações finais, sob a forma de imperialismo, ele alterou o mundo.

Encarando a história desse modo, naturalmente estou convicto de que a resistência ao capitalismo é a forma decisiva de defesa humana necessária. Muitas posturas específicas de defesa não chegam a perceber este processo decisivo, e torna-se necessário desafiá-las a levar as idéias e os sentimentos até as últimas conseqüências. Muitas outras, porém, afirmam-se integralmente como posturas defensivas, como formas de oposição ao que denominam “mundo moderno”, no qual o capitalismo ou a tecnologia podem até ser incluídos, mas sem especificidade: trata-se de uma reação fundamentalmente defensiva, sem depositar nenhuma confiança em qualquer forma alternativa de vida, ou substituindo esta confiança por visões utópicas ou apocalípticas, que não podem associar-se a nenhuma prática ou movimento social imediato. Mas que movimento — pergunta-se — realmente poderia ser levado a sério? Vejam-se o socialismo e o comunismo: historicamente são os inimigos do capitalismo, mas quanto aos detalhes, e em muitos casos mesmo quanto aos princípios, no que diz respeito ao campo e à cidade, dão prosseguimento ou mesmo intensificam alguns dos mesmos processos fundamentais.

Trata-se de uma dificuldade histórica e política real. Trótski afirmou que a história do capitalismo era a história da vitória da cidade em detrimento do campo.¹ Mas ele próprio, nos anos cruciais que se seguiram à Revolução Russa, esboçou um programa que visava exatamente esse tipo de vitória, em grande escala, com o fim de derrotar o capitalismo e preservar o socialismo. Stálin pôs em prática este programa, levando-o às últimas conseqüências, e

com tamanha brutalidade que esta “vitória”, ou seja, a derrota dos camponeses, constituiu uma das fases mais terríveis de toda a história da sociedade rural. As necessidades e prioridades locais eram desesperadoras: uma economia destruída e uma terrível escassez de alimentos; era o capitalismo rural, ainda que adotando formas novas, que se espalhava. Mas a maneira como o processo se deu, e o espírito dentro do qual foi concebido, não eram apenas brutais: tinham origem em uma ambigüidade do marxismo que, por sua vez, veio a ter conseqüências importantes para o caráter da sociedade como um todo.

Como já vimos, Engels foi um dos primeiros a ver na cidade moderna uma conseqüência social e física do capitalismo, construída e vivida em termos capitalistas. Mais tarde, ele acrescentou a idéia decisiva de que os próprios processos de perturbação e empobrecimento, sob estas formas específicas, haviam dado origem a um movimento proletário e socialista capaz de pôr fim ao capitalismo e criar relações sociais diferentes e tipos diferentes de comunidades humanas. No *Manifesto comunista*, Marx e Engels afirmavam que “a burguesia sujeitou o campo ao domínio das cidades [...] criou cidades enormes [...] fez com que países bárbaros e semibárbaros se tornassem dependentes dos civilizados”;² a já conhecida história do capitalismo e do imperialismo. Afirmavam que estas relações de centralização e dependência haviam criado condições favoráveis à revolução, e num certo sentido tinham razão.

Más havia uma ambigüidade no âmago desta argumentação. Marx e Engels denunciavam o que estava sendo feito no progresso dilacerador do capitalismo e do imperialismo; insistiam em que era necessário que os homens lutassem no sentido de suplantá-los e nos indicaram alguns caminhos. No entanto, nesta denúncia estava implícito um outro conjunto de julgamentos de valor: a burguesia havia “salvado uma parte considerável da população da idiotice da vida rural”; as nações subjugadas eram “bárbaras e semibárbaras”; as potências dominantes eram “civilizadas”.³ Assim, com base neste tipo de confiança nos valores singulares de modernização e da civilização, foi criada uma distorção fundamental na história do comunismo. O proletariado urbano empobrecido aprenderia e criaria novas formas de sociedade, superiores à existente: se a mensagem fosse apenas isto, tudo teria sido muito diferente. Mas, se as formas de desenvolvimento burguês continham, apesar de suas contradições, valores superiores à “idiotice rural” e à “barbárie”, então praticamente qualquer programa, em nome do proletariado urbano,

podia ser justificado e imposto. A ironia terrível disto tudo é que os processos concretos da prioridade absoluta dada à cidade e à indústria, bem como a conseqüente prioridade dada às nações avançadas e civilizadas, tiveram o efeito de prejudicar não apenas os "idiotas rurais" e "bárbaros e semibárbaros" coloniais, mas também os próprios proletários urbanos, bem como as sociedades avançadas e civilizadas sobre as quais, por sua vez, as prioridades exerceram sua dominação, numa estranha distorção dialética. Ver que a pobreza gerava a revolução era uma coisa; achar que mais pobreza geraria algo completamente diferente era, na melhor das hipóteses, uma esperança apocalíptica.

Esta dificuldade se resolveu de modo surpreendente em nosso século. As revoluções ocorreram não nos países "desenvolvidos", e sim nos "subdesenvolvidos". A Revolução Chinesa, derrotada nas cidades, foi para o campo e lá ganhou a força que a levou à vitória. A Revolução Cubana foi da cidade para o campo, onde sua força se formou. Numa era de lutas de libertação nacional e social, as populações exploradas rurais e coloniais tornaram-se as principais fontes de revolta constante. Na famosa frase chinesa a respeito da revolução mundial, o "campo" cercava as "cidades". Assim, os "idiotas rurais" e os "bárbaros e semibárbaros" vêm sendo, há quarenta anos, a principal força revolucionária do mundo.

Podemos então olhar para trás, com base na perspectiva dada por essa experiência histórica, e reexaminar uma das formas subjacentes da idéia de revolução. Em alguns dos pensadores fundamentais da tradição socialista, inclusive em Marx e Engels, encontra-se uma formação que é ao mesmo tempo a mais empolgante, a mais relevante e, no entanto, a menos desenvolvida em toda a história da argumentação revolucionária. Engels escreveu que o socialismo viria "abolir o contraste entre cidade e campo, que foi levado ao grau extremo pela sociedade capitalista atual". Marx e Engels escreveram que a questão habitacional jamais poderia ser resolvida enquanto as "cidades grandes modernas" fossem conservadas e que somente com o socialismo seria possível restabelecer "a íntima conexão entre produção industrial e produção agrícola". Os socialistas utópicos haviam formulado inúmeras propostas de novas formas de comunidades e sociedades equilibradas; William Morris, conforme já vimos, continuava defendendo uma posição assim. Mas devido a muitas pressões, no século XX, desde o impulso desenvolvimentista do capitalismo e do imperialismo até os hábitos mentais de classe dos intelectuais socialistas das metrópoles,

esta ênfase extraordinária praticamente morreu. Suas palavras de ordem ainda eram lembradas, porém como um velho sonho, idealista e infantil. Agora, contudo, esta ênfase está voltando à baila. A Revolução Chinesa a afirmou como linha política a ser adotada. E, entre os socialistas revolucionários ocidentais, a idéia foi retomada como reação à crise da civilização industrial e ao surgimento da noção de megalópole.

Podemos reformular a proposta em termos teóricos. A divisão e oposição entre cidade e campo, indústria e agricultura, em suas formas modernas, representa a culminação crítica do processo de divisão e especialização do trabalho que, embora não tivesse início com o capitalismo, foi desenvolvido dentro do capitalismo a um grau extraordinário e transformador. Esta divisão fundamental se manifesta sob outras formas: a separação entre trabalho mental e trabalho braçal, entre administração e execução, entre política e vida social. Os sintomas desta divisão podem ser encontrados em todos os setores da vida que, agora, é comum a todos nós: na idéia e na prática das classes sociais; nas definições convencionais de trabalho e educação; na distribuição física de comunidades; e na organização temporal do dia, da semana, do ano e da existência. Boa parte do pensamento criativo de nossa época representa uma tentativa de reexaminar cada um desses conceitos e práticas. Baseia-se na convicção de que o sistema que os gera e deles se compõe é intolerável e não sobreviverá. Em diversos casos, este pensamento constitui uma atitude não apenas analítica mas também programática, incluindo propostas de novas formas de processos decisórios, novas formas de educação, novas definições e práticas de trabalho, novos tipos de comunidades e de utilização da terra.

Lembro que, uma geração atrás, nos anos imediatamente depois da guerra, eu tinha a impressão de que, fora algumas formas simples de retrospectão idealizante, não havia mais nenhuma corrente de pensamento importante no mundo que não tivesse sido incorporada às formas fundamentais do sistema capitalista e imperialista. Mesmo o comunismo ortodoxo e a social-democracia ortodoxa — os adversários tradicionais do capitalismo e do imperialismo — continham muitas características deste sistema em suas formulações mais poderosas, o que era particularmente perigoso na medida em que estas características vinham fundidas com as antigas aspirações de libertação e desenvolvimento social. Mas ter esta impressão era ser pressionado em direção aos extremos de subjetivismo e fatalismo que dominavam nosso pensamento, um domínio

que durou toda uma geração. Muitas visões de nossa crise atual eram, e ainda são, baseadas nessas formas subjetivistas e fatalistas.

Agora, no entanto, uma transformação mais profunda tornou-se evidente. Todas as prioridades convencionais voltam a ser questionadas. Outros tipos de propostas e análises sociais são elaboradas, até apresentarem uma certa iniciativa, se bem que muitas vezes sob formas confusas e ainda inacabadas. A confiança teórica — ainda que não prática — dos defensores do atual sistema já desapareceu. A posição em termos de idéias voltou a ser bem aberta — ironicamente — numa época em que as pressões práticas são quase esmagadoras.

Esta mudança de idéias e questionamentos básicos, especialmente nos movimentos socialistas e revolucionários, constitui para mim a conexão que venho procurando há tanto tempo, através das formas específicas de crises individuais e pessoais, e por meio de uma investigação extensa que assumiu diversas formas, mas culminou neste estudo sobre o campo e a cidade. Trata-se de uma série de questões que antes reduziam-se a uma, que antes moviam-se com a velocidade da luz: uma experiência pessoal, pelos motivos que apontei, mas agora também uma experiência social, a qual, cada vez mais vem me vincular a muitas outras pessoas. É esta a posição, a consciência de forma, pela qual venho trabalhando. No entanto, mesmo agora ela ainda está começando a se formar. É o que está sendo feito e está por fazer, e não algo que esteja já feito.

Pois no momento nada é mais urgente do que tomar a idéia fundamental, o problema de ultrapassar a divisão de trabalho, e testá-la através de análises rigorosas, propostas rigorosas e práticas rigorosas. Isto só pode ser feito sob as novas formas do esforço cooperativo. Se queremos de fato realizar o que já se delineia como um novo movimento, com o entendimento e a força necessários, teremos de explicitar em detalhe o que pode ser feito na prática, desde uma ampla gama de planejamentos regionais e de investimentos até mil e um processos de trabalho, educação e comunidade. Os efeitos negativos continuarão a se manifestar, numa pressão poderosa e aparentemente irresistível: efeitos físicos sobre o meio ambiente; uma crise simultânea das cidades superpovoadas e de um interior despovoado, não apenas no nível nacional mas também no internacional; tensões físicas e nervosas associadas a certos tipos característicos de trabalho e de carreira; o abismo crescente entre os ricos e os pobres do mundo, no contexto de uma crise de população e de recursos; o abismo semelhante entre as ocupações

das pessoas e as decisões dos governos, num mundo em que as conseqüências militares, técnicas e sociais são todas, mais cedo ou mais tarde, inevitáveis. E ver os efeitos negativos, com menor ou maior urgência, pode ter o efeito de paralisar a vontade. O último refúgio da divisão de trabalho está dentro de nós, na divisão aparentemente intransponível entre o que queremos e o que nos julgamos capazes de fazer.

Só podemos vencer a divisão nos recusando a ser divididos. Esta é uma decisão pessoal, mas em seguida é uma ação social. Só posso registrar o que eu próprio aprendi. Outros haverão de aprender de modo bem diferente. Porém, como já disse, fui criado num lugar em que a divisão era visível, numa terra e numa família. Mudei-me do campo para a cidade, e agora moro e trabalho em ambos. Aprendi, sob muitas formas, os aspectos dessa história, as idéias e as imagens, na sociedade e na literatura que foram as primeiras a experimentar, mais a fundo, uma mudança que depois se tornaria universal, ou pelo menos seria proposta como modelo de desenvolvimento universal. Isto deixou em minha mente toda espécie de questionamento e complexidade, e precisei recriar esta experiência lentamente, em mim mesmo e na literatura, a fim de recuperar o presente e o futuro através de uma compreensão diferente de um passado que nos deu forma e nos fascina.

A investigação foi sempre limitada: o campo e a cidade dentro de uma única tradição. Porém ela me levou a um ponto em que posso propor a outras pessoas seus significados, suas implicações e suas interligações, para fins de discussão e revisão, de muitas formas de trabalho cooperativo — mas, acima de tudo, para enfatizar uma experiência e as maneiras de transformá-la, nos muitos campos e cidades em que vivemos.